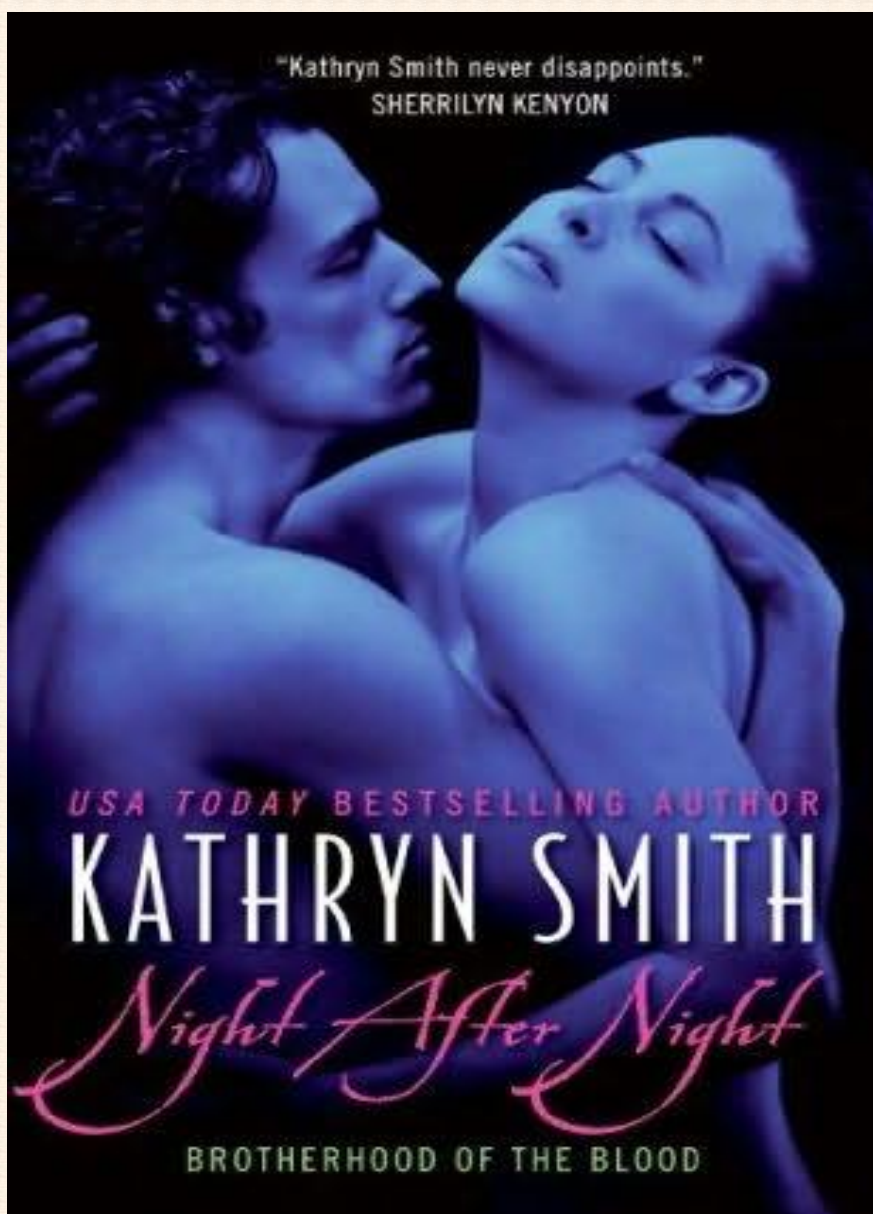


Te amar é meu destino

Irmandade de Sangue 5
(Night After Night)

Kathryn Smith





Te amar é meu destino

Sou Temple, guardião do Graal de Sangue...

Séculos atrás, este magnífico cálice selou meu destino como vampiro, e agora sou seu protetor. Muitos me perseguiram para consegui-lo, mas só Vivian conseguiu me alcançar. Forte, encantadora e atormentada... Sinto-me mais atraído por ela do que deveria, mas sua lealdade é de um homem decidido a me destruir. Entretanto, não pode me prender em uma jaula tão facilmente, e agora a captora se converteu em cativa.

Embora seus turbulentos olhos me tentem, há muito em jogo; não simplesmente minha vida, mas as de meus irmãos vampiros. E não descarto utilizar Vivian para obter meus propósitos, mesmo que isso signifique renegar meu próprio coração. A batalha para acabar com a guerra acaba de começar, e devo lutar... Oxalá pudesse condenar meu desejo.

Comentário da Revisora Sandra: esse livro é massa!!! Todos os vampiros estão nele. E constantemente citam os outros livros.

Comentário do revisor André: o livro tá muito bom. O melhor de todos. Muita ação, com todos os personagens. É surpreendente até o final, impossível parar de ler. Fico triste que tenha sido o ultimo, mas o final é muito bom, duvido que pudesse ser melhor.



Capítulo 1

Em algum lugar da Europa, 1899

—Deveria matá-la. Que pudesse ou não fazê-lo não o preocupava; o que o preocupava era por que não o havia feito ainda.

Deitado na cama daquela escura cela, Temple ouviu as pisadas no andar superior. Seu visitante se dirigia, com passos longos e firmes, para a porta que conduzia ao porão onde o tinham encarcerado desde não sabia quando. Nessas alturas, conhecia esses passos quase tão bem como os seus próprios. Esse som destacava sempre entre a neblina em que o mantinham; uma neblina que ia desaparecendo à medida que transcorriam os dias, embora ele continuava fingindo que as drogas faziam efeito.

Sim, agora que tinha recuperado sua força, estava mais que tentado a matar sua doce carcereira.

Estava tentado a fazer um monte de coisas.

Quando o apanharam, administraram-lhe algum tipo de droga, um veneno que adormeceu seus sentidos até deixá-lo inconsciente, e o mantiveram sedado durante todo o caminho. Quando por fim chegaram a seu destino, estivesse onde estivesse esse maldito lugar, substituíram a droga por ópio, enormes quantidades de ópio, e deixaram que quem o administrasse fosse a única pessoa capaz de lutar com ele. A única pessoa que acreditavam que, se fosse o caso, poderia enfrentá-lo:

Vivian.

Sempre que ia vê-lo, o coração dela pulsava descontrolado. Temple sabia porque podia ouvi-lo. Deitado em sua cama, naquela prisão de

prata, podia ouvi-la aproximar-se, e ouvir seus batimentos acelerados.

Ser um vampiro tinha suas vantagens, e uma delas era saber quando uma mulher se sentia fisicamente atraída por ele. Vivian estava. E também o temia com igual ou maior intensidade. Não era nada pessoal, devia-se a sua condição de vampiro. Mas por mais que tivesse medo, o coração não acelerava por esse motivo.

Graças a Deus, ela não podia ouvir como o coração do próprio Temple reagia ao vê-la.

Podia cheirar o suave aroma de pêssego que desprendia sua pele enquanto descia a escada. Ficou deitado. Depois de sofrer a dor de suas feridas durante três dias, tinha aprendido a lição. O chão estava recoberto com bolinhas de prata que tinham queimado as plantas dos pés ao tentar escapar. E se por acaso as queimaduras e o ópio não bastassem, cada hora aparecia um guarda que borrifar água benta nas trancas.

Apesar de tudo, nem sequer recordar as feridas diminuiu o prazer de voltar a vê-la. E agora que podia distingui-la com clareza, observou-a em detalhes. OH, poderia matá-la só por ser um deles, mas era inegável que aquela mulher era em si mesma um pedaço de céu.

No mínimo, devia medir um metro e oitenta; era difícil precisar pois não tinha tido o prazer de estar de pé ao seu lado. Ia vestida com camisa, calças, colete e botas, mas ninguém a confundiria com um homem. Tinha coxas esbeltas, quadris marcados, uma cintura estreita e uns seios... Digamos que encheriam suas mãos, e Temple tinha as mãos muito grandes.

E esses eram só seus encantos mais evidentes; tinha uma pele cor de nata que parecia sedosa ao tato, suas bochechas e lábios recordavam um sensual pêssego. Seus olhos eram da mesma cor que o mar numa noite de tormenta, e a ele sempre o tinham fascinado os temporais. Mas era seu cabelo o que mais gostava. A mãe natureza tinha agradado Vivian com uma cabeleira espessa e brilhante e de um vermelho vivaz.

E também a via muito forte. E rápida. Mais do que esperaria de uma mulher. Que outras habilidades possuiria para que Villiers a tivesse deixado a cargo de um corpulento e malvado vampiro?

Pertencia à Ordem da Palma de Prata, disso estava seguro, e obedecia a um tal Rupert Villiers, que devia ostentar uma posição muita elevada na Ordem, ou ser inclusive seu máximo representante. Vivian não estava entre as pessoas que o envenenaram e capturaram em seu esconderijo em Cornualles, mas após o tinha atormentado diariamente com sua cabeleira cor fogo e seu doce aroma.

Sim, deveria matá-la. Poderia fazê-lo naquele mesmo instante. Beber diretamente da jugular que corria pelo esbelto pescoço da moça e escapar. Deveria fazê-lo.

Deveria.

—Está acordado? —perguntou ela com um marcado acento inglês.

Temple gemeu no mais profundo de sua garganta e ao ouvir que a chave se deslizava no ferrolho, girou devagar a cabeça para a porta. Não abriu muito os olhos, para que a jovem não pudesse ver que estava limpo e descobrisse assim que seu corpo se acostumou ao ópio; de fato, já não produzia mais efeito que um copo de vinho.

Que Vivian e seu chefe não soubessem que o corpo de Temple era uma máquina tão perfeita era uma vantagem para ele, porque era evidente que sabiam que não deviam matá-lo de fome e despertar assim à besta que havia nele.

Aqueles tipinhos da Ordem da Palma de Prata eram muito escorregadios. No último par de décadas, o número de adeptos tinha aumentado, e o interesse que tinham pelos vampiros, em especial por ele e seus amigos, tinha crescido no mesmo ritmo. Temple não sabia o que queriam, mas sua curiosidade o tinha impulsionado a permitir que o capturassem. Deveria haver oposto mais resistência, mas queria saber o que pretendiam.

E tinha cometido o engano de subestimá-los. Só tinha matado a um

par deles quando o resto se jogou sobre ele e o deixou inconsciente com aquele veneno.

—Hora do jantar —murmurou Vivian enquanto fechava a porta atrás dela e guardava a chave no bolso. Levava uma garrafa que certamente continha sangue, e uma bacia—. E aproveitaremos também para te banhar.

Banhá-lo? Temple tinha uma vaga lembrança de alguém passando um pano úmido. Tinha sido ela? Falava-lhe cada vez que ia vê-lo? Essas lembranças permaneciam ainda perdidas na neblina.

Ao vê-la ali, de pé, em ponto de caramelo, o vampiro sentiu um comichão nas gengivas. Seguro que devia ter sabor de uísque, suave e aveludado, com aroma de madeira que lhe acariciaria a língua e turvaria seu cérebro.

Por isso não a tinha matado. Ela o atraía como o canto das sereias aos marinheiros. Era algo mais que pura atração física; era como se o tivesse enfeitiçado. Sim, isso era: uma feiticeira.

A cada passo que dava para ele se voltava mais precavida. Enquanto se aproximava, não deixava de olhá-lo. Não era estúpida, fazia bem em ter medo. Como teria terminado com alguém como Villiers? Se a tivesse conhecido em outra época, em outro lugar, Temple teria se apresentado, a teria cortejado e a faria dele. Estava acostumado a fugir das relações sentimentais por muitos motivos; Lucinda era sem dúvida o principal. O segundo era que, ao beber o sangue de uma pessoa, estabelecia-se com ela um vínculo muito especial, que aumentava cada vez que se repetia o gesto até que essa pessoa terminava por converter-se em parte da gente mesmo. Seus irmãos não pareciam sofrer do mesmo mal, e isso enfurecia Temple mais que estava disposto a reconhecer.

Mas nesse preciso instante, estava tentado a usar esse «dom» com Vivian, e ver se podia apoderar-se de seu coração, de sua alma. Como se não a tivesse já bastante colocada dentro.

A jovem se aproximou do travesseiro do catre. Temple se manteve

imóvel enquanto lhe rodeava primeiro o pulso esquerdo e logo o direito com umas algemas. Não tinha nenhuma dúvida que essas algemas deviam ter impedido que se movesse durante os primeiros dias, quando estava débil e drogado, mas naquele momento... poderia rompê-las sem muito esforço.

Temple sempre tinha sido diferente dos outros, mais forte, mais rápido. Brownie dizia que seu sangue tinha algo mágico que o convertia no vampiro perfeito. Estava acostumado a negá-lo, porque outros já o consideravam seu líder sem necessidade disso, mas agora se alegrava disso.

Quando o teve imobilizado, Vivian sentou na cama. O aroma da moça alagou os sentidos de Temple, e o nauseou muito mais que o ópio. Cheirava a esperança e liberdade, e a tudo que tinha que bom no mundo. Isso não tinha sentido.

Sentiu um comichão nas gengivas ao vê-la lhe levantar a cabeça e aproximar a garrafa aos lábios. Sangue. Estava mesclado com ópio, mas isso já não tinha importância. Tragou enquanto ela seguia inclinando a garrafa, permitindo que o quente líquido se deslizesse por seus lábios, e se esforçou por não suspirar de prazer ao sentir como seus músculos despertavam com força e uma enorme calma se instalava em sua alma.

Essa calma se converteu em algo completamente diferente quando a jovem começou a lhe desabotoar a roupa. Quando o capturaram, estava vestido com uma camisa presa por fora das calças com um cinturão. Ainda a levava, mas era evidente que estava em muito mal estado. Por sorte, os vampiros não suavam tanto como os humanos, assim não fedia como qualquer mortal. Por estranho que parecesse, não queria que ela enrugasse seu precioso nariz ao cheirá-lo.

O frio ar lhe acariciou a pele quando a moça tirou o fino tecido. Apesar de que tinha os olhos quase fechados, Temple observou como Vivian contemplava seu torso nu. Os dedos dela vacilaram uns segundos

antes de pousar sobre o esterno do vampiro. Com a outra mão, percorreu a velha cicatriz que lhe cruzava as costelas. Seu tato era suave, delicado, e suas carícias transmitiam uma doçura tão inesperada que ele sentiu um nó na garganta.

—Sei que é um monstro —disse ela com uma voz que parecia um sussurro—. Mas não parece isso. —Então riu com amargura—. Fico me perguntando se você achará o mesmo de mim.

Temple reprimiu o impulso de franzir o cenho. Manteve o rosto tão relaxado como foi possível para que a jovem não soubesse que estava acordado. Suas palavras não tinham sentido. Acaso se considerava a si mesmo um monstro?

Viu-a molhar um pano na água e escorrê-lo antes de passá-lo sobre o torso, para logo deslizá-lo por seus braços e seu estômago. Durante um instante, enquanto o lavava, Temple quase acreditou que lhe importava.

Quase.

Ao terminar, Vivian secou sua pele com uma toalha meio áspera, mas antes de voltar a lhe colocar a camisa, descansou suas elegantes mãos em cima dele uma vez mais, como se sentisse fascinada pelo tato de sua pele. Temple ficou tão quieto como pôde, mas quando acariciou sua bochecha com a palma da mão já não pôde mais. Aquilo era muito... muito terno.

Apanhou-lhe o pulso e afastou a mão de seu rosto. Não queria lhe machucar, mas tampouco podia seguir suportando aquela tortura por mais tempo.

A moça gemeu assustada. Foi o súbito movimento que fez que lhe acelerasse o coração, ou sentir que ele a tocava? Fosse o que fosse, não tentou soltar-se, o que era bom sinal. Não se moveu o mínimo, igual a um cervo assustado.

Ou um predador que sabe manter-se imóvel quando enfrenta a outro.

O olhar de Vivian se fixou na seu, e Temple soltou uma maldição ao ver que ela abria os olhos de par em par. Seguro que se deu conta que estava completamente desperto e tinha as presas descobertas. O vampiro podia cheirar o leve aroma do medo, mas o que destacava por cima de qualquer outro era o perfume da excitação feminina; o aroma de uma pele cuja temperatura aumentava por causa do desejo o rodeou como água morna.

Vivian o olhou com seus olhos brumosos. Estava excitada. Seus seios subiam e baixavam a cada baforada de ar e os botões do colete se esticavam com cada movimento. Temple poderia arrancar sua roupa como se fosse de papel.

Não recordava a última vez em que se deitou com uma mulher, não recordava a sensação de ter uns seios entre suas mãos, ou umas coxas lhe rodeando a cintura. Tinha passado muito tempo.

—Não me parece um monstro —murmurou ele, meio em brincadeira, mas olhando-a com intensidade.

Ela tratou de soltar-se com tanta força que o surpreendeu. Parece que havia tocado seu calcanhar de Aquiles.

—Me solte.

Que mandona! E que forte para ser humana, e em especial mulher. Temple apertou mais os dedos e a atraiu para ele.

—Que classe de monstro é? —perguntou, colocando de novo a mão da jovem sobre sua bochecha, apesar que teve que fazer um esforço para resistir a tentação de lançar-se sobre ela como um animal no cio.

Vivian já não tinha os olhos tão abertos, e seu coração já não pulsava tão frenético.

—Do tipo que assusta aos homens crescidinhos.

Temple sorriu ao escutar a provocação que se escondia em sua voz. Em outra vida, teria gostado de verdade daquela mulher.

—Então temos algo em comum.

Ela desviou o olhar até os lábios do vampiro, e ele se excitou

imediatamente. Acaso não tinha idéia da tentação que era? Estava seguro que não.

—Não acredito —replicou a moça. Durante um segundo, ele acreditou que tinha lido sua mente - Eu não mordo aos homens que me têm medo.

Temple lhe sorriu, esquecendo que estava preso e sujo, e que ela tinha tido um importante papel em tudo isso.

—A mim pode morder se quiser.

As pupilas de Vivian se dilataram e ele sentiu que estava perdendo o controle. Inclinou a cabeça e lhe capturou o pulso com a boca. Percorreu-lhe a veia com a língua, sentindo como estremecia sob a carícia, e então separou os lábios e deixou suas presas descobertas, que se cravaram no braço feminino como uma faca quente na manteiga. A jovem gritou, mas não de dor. Com a mão que tinha livre, golpeou o colchão junto à cabeça de Temple, e a seguir seu corpo caiu para frente e seus seios descansaram sobre o torso do vampiro.

Ele podia sentir sua cabeleira contra sua testa, seu fôlego acariciando sua bochecha enquanto retirava as presas e permitia que o morno sangue dela se deslizesse por sua boca. Com o primeiro gole se arrepiou. Foi como saborear um bom conhaque depois de passar a vida bebendo vinho barato. O segundo foi ainda mais sublime: chocolate, prazer, um banho de água morna... tudo isso estava no sangue de Vivian.

Tinha gosto de... esperança.

Os olhos de Temple se encheram de lágrimas e afastou a cabeça, incapaz de beber nem mais uma gota. Nem sequer pôde lambe a ferida para a fechar pois estava muito tentado em seguir bebendo apesar de que sentia um estranho comichão por todo o corpo. Afastou-a, lutando por recuperar o controle, e agradecendo pelas algemas, por ridículas que fossem.

—O que é? —perguntou-lhe com voz rouca e o coração pulsando com força. Deus santo, o sangue daquela mulher ia matá-lo?

O rosto de Vivian se contraiu em uma careta de dor, e seus preciosos olhos se turvaram. Segurando o pulso ferido com uma mão, deu meia volta e se levantou, e, depois de lutar com o ferrolho, saiu dali e o deixou de novo só em sua cela.

Correu escada acima, abandonando-o com seu sabor na boca e sua essência lhe correndo pelas veias. Temple passou a língua pelos lábios e tratou de respirar.

Ela era consciente da sorte que tinha que não pudesse persegui-la?

Vivian correu para fora da casa, igual fazia sempre que visitava Temple em sua cela. Odiava jaulas, odiava tudo que a fizesse sentir como um animal exposto.

“O que é?” A pergunta doeu mais que nunca por ser ele quem a tinha formulado. Uma parte dela estava convencida que o vampiro a entenderia, que ficaria a seu lado. Mas em vez disso, tinha-a olhado como todo mundo.

Doeu inclusive mais que se o houvessem feito outros, porque tinha bebido seu sangue. Fosse o que fosse que tivesse em seu interior, agora também estava dentro dele.

Sentou-se em um banco do terraço que havia na parte de trás, e afrouxou os dedos com que segurava o pulso. Insegura, tocou as marcas da dentada. Por ter segurado o braço, e o mantido levantado, tinha deixado de sangrar, e sua normal «anormalidade» se encarregou de cicatrizar a ferida. Estaria completamente curada em um abrir e fechar de olhos, e apenas ficaria uma marca como lembrança.

Tinha-a mordido um vampiro. Não um vampiro qualquer, mas Temple. E tinha gostado.

Um intenso sentimento de vergonha a invadiu por completo. Apesar que não tinha pedido que a mordesse, tinha permitido que a

atração que sentia lhe nublassem o bom julgamento. Deveria haver-se dado conta que o ópio já não fazia efeito. Como era possível? Ela mesma tinha servido cada dia o sangue com o opiáceo. Inclusive o tinha dado a beber minutos antes que a mordesse.

Sentir suas presas sobre a pele! Deus santo, sacudiu a cabeça ao recordar a sensação. Temple a tinha fascinado desde o primeiro dia. Rupert permitia que se encarregasse dele porque ela era muito mais forte que qualquer um de seus homens. Ao longo dos anos, tinham lhe ensinado a temer e respeitar os vampiros em partes iguais. Tinha lutado contra eles, convencida que eram monstros; algo exceto humanos.

Mas estar perto de Temple punha em cheque suas crenças. Jamais a tinha ferido; limitava-se a olhá-la com seus nublados olhos pálidos. Essa noite, ver aquele olhar tão limpo e sagaz fixo nela a desconcertou. Durante um segundo esteve tentada a deixar-se levar, e nem sequer tinha tentado lutar quando segurou seu pulso.

Ao reagir assim traiu Rupert.

E Rupert Villiers a tinha tratado sempre como uma princesa, diferente de seu verdadeiro pai, que, quando tinha quatorze anos, a tinha vendido a um circo como se fosse um macaco de feira. Não fosse pela bondade de Rupert, só Deus sabia o que teria sido dela. A tirou daquele circo, resgatou-a de seu pai, e a levou a viver numa mansão como Vivian nunca antes tinha visto, já que sempre viveu em um dos bairros mais pobres de Londres.

Rupert se assegurou que nunca lhe faltasse nada, e, em troca, ela se esforçava para aprender tudo que ele considerava pertinente ensinar. E quando pediu que utilizasse seus talentos, quer dizer, sua força e sua velocidade, que antes a envergonhavam, fez sem duvidar. Afinal, Rupert a tinha salvo, e Vivian faria tudo que pedisse. Inclusive morrer.

Assim, quando ouviu abrir as portas do salão, a jovem baixou a manga da camisa para cobrir o pulso e ocultou o braço atrás das costas.

Rupert saiu e sorriu, coisa que sempre a fazia sentir-se apreciada e

agradecida.

—Olá, pequena.

Ela também sorriu, e esteve tentada a lhe dar um abraço, mas logo recordou suas maneiras e se absteve. Talvez lhe permitisse passear por ali vestida com calças e com uma adaga no cinturão, mas certamente esperava que se comportasse como a dama que a tinha ensinado a ser.

Os brilhantes olhos do homem resplandeceram ao vê-la. Com quarenta e oito anos, estava em seu momento de plenitude; era atraente, rico, seguro de si mesmo e do que queria na vida. Tinha o cabelo negro e espesso, mas nas têmporas começavam a aparecer os primeiros cinzas, atribuindo um ar distinto a seu rosto por si juvenil.

Não fosse ele, ela jamais teria conhecido a palavra «juvenil». Lhe devia muito, talvez inclusive sua própria vida, mas mesmo assim...

A imagem de Temple se desenhou em sua mente. Podia ver com total claridade seu comprido cabelo escuro, sua forte mandíbula e sua boca implacável. Em seu rosto anguloso, e ainda moreno, uns penetrantes olhos verdes que pareciam capazes de ver a alma, de despi-la e deixar a descoberto todos os seus segredos. Era como se a conhecesse, como se soubesse o que ocultava em seu coração. Ao longo de todas as semanas que tinha estado preso nunca havia dito uma palavra desagradável... até essa noite.

Era um homem muito alto, mais que ela. Sua corpulência conseguia que Vivian se sentisse miúda e delicada, embora sempre estava deitado em sua cama. Antes, quando a pegou, mesmo podendo não a machucou. Tinha-a seguro com delicadeza, e, quando lhe percorreu a pele com a língua, o prazer tinha sido quase insuportável.

Talvez por isso parecia tão tentador. Excetuando Rupert, nunca ninguém tinha sido tão compreensivo e paciente com ela, e era realmente raro que um homem conseguisse fazê-la sentir-se pequena e feminina. Sempre que estava perto de Temple, Vivian se sentia toda uma mulher.

Seu tutor, seu amigo, observou-a em silêncio durante uns segundos.

—Foi ao porão, sim?

—Sim. —Cravou o olhar nos francos olhos de Rupert e se esforçou para não afastá-los—. Explique de novo por que o prendemos aqui, Rupert.

—Porque me será muito útil. —O homem entrecerrou um pouco os olhos—. Tentou falar com você? Te tocou? É uma criatura muito perigosa, Vivian.

—Não —mentiu ela, mantendo o braço oculto nas suas costas—. E realmente deixaria que me aproximasse dele se de verdade fosse tão perigoso?

Rupert sorriu com amabilidade, quase roçando a condescendência, outra palavra que tinha aprendido dele.

—É muito forte, querida, mas não tanto como Temple. Deixo que se ocupe do vampiro porque estou convencido que seu sentido de honra o impedirá de te machucar.

—Fala como se o respeitasse, mas mesmo assim o tem preso em uma cela.

Ele franziu o cenho diante do tom desafiante de Vivian, mas a careta desapareceu rapidamente, e logo recuperou o bom humor. Maldito fosse por não discutir com ela e mostrar uma saída a seu confundido cérebro. A mordida de Temple a tinha deixado alterada, vazia e inquieta. Uma briga era justo o que necessitava, mas, pelo visto, aquele homem tampouco estava disposto a satisfazê-la.

—Respeito-o. É uma criatura surpreendente, capaz de muitas coisas, entre elas, nos degolar com o dedo mindinho. Quer que o convide para tomar chá?

Vivian não tinha nenhuma dúvida que Temple era capaz de fazer o que ele dizia.

—Não tem intenção de me dizer para que o quer, me engano? —

Pela primeira vez em sua vida, teve a sensação que não conhecia Rupert, e que possivelmente era tão perigoso e tão pouco digno de confiança como o vampiro a que tinha preso no porão.

Rupert esboçou de novo seu sorriso amável e condescendente, mas as rugas ao redor de seus olhos indicavam que tinha acabado sua paciência.

—Ele atrairá para aqui aos de sua espécie.

Vivian estremeceu. Não tinha esperado que fosse responder.

—Por que?

—Porque é seu líder. Seguiriam-no a qualquer parte. De fato, ouvi dizer que a maioria já se encontra a caminho da Itália. Está contente? Está mais tranqüila?

Como estaria? Fechou com força o punho que mantinha oculto e a ferida de seu pulso a recordou que tinha que mostrar-se tranqüila.

—O que quer dele?

Vivian recordava uma história que Rupert tinha contado anos atrás sobre um vampiro que tinha seduzido à mulher com quem planejava casar-se, mas isso não justificava essa operação em grande escala, e muito menos tendo em conta que Temple não era esse vampiro.

—Não vou responder isso no momento, querida. Nem sequer a você. Mas me acredite quando digo que você sairá quase tão beneficiada como eu.

Essa frase lhe doeu mais do que teria imaginado.

—Como posso acreditar no que me diz quando vejo que não confia em mim?

Pôs uma mão em cima do seu ombro.

—Dei algum motivo para que duvide de mim?

—Não. —De novo se sentiu envergonhada. Rupert sempre tinha sido bom para ela.

O homem sentou a seu lado no banco e, sem deixar de sorrir, rodeou-lhe os ombros com um braço.

—Tem a sensação que não confio em ti porque não te disse quais são meus planos, mas quanto menos saiba, melhor. Me acredite, querida, quando chegar o momento, contarei tudo. Até então, tenha certeza que poria minha vida em suas mãos.

A jovem assentiu. Suas cabeças estavam tão perto que se produziu uma estranha sensação de intimidade. Durante todos os anos que levava vivendo com ele, Vivian nunca teve a impressão de que Rupert a olhasse como mulher, mas ultimamente já não tinha tanta certeza, e em momentos como aquele, estava convencida que se sentia atraído por ela.

Quando a resgatou, Vivian ficou enamorada dele, mas Rupert sempre a tinha tratado como uma filha. Agora, ela só o via como um pai e amigo, e que seus sentimentos houvessem mudado a fazia sentir como se uma aranha gigante lhe subisse pelas costas.

—Já sabe como é importante para mim, verdade, Vivian? —por cima da camisa, Rupert lhe massageou o ombro com os dedos—. Minha vida estaria vazia sem você.

—Sem você, eu talvez não estivesse viva —murmurou a moça, reconhecendo o que ambos sabiam mas poucas vezes falavam.

Era sua imaginação, ou ele tinha se aproximado mais? O que era aquele brilho que resplandecia em seus olhos?

Ia beijá-la. Soube com a mesma certeza que sabia seu nome. E a única coisa que podia pensar era em Temple. Saberia o vampiro que Rupert a tinha beijado?

Sim. Com certeza saberia. Por que importava isso a Vivian não sabia, mas lhe importava.

—Tenho que ir —disse, e, ficando em pé, afastou-se de seu mentor e de seu beijo. Aquilo teria sido ruim, não só porque ele a tinha criado, mas sim porque não era o homem que Vivian desejava. Rupert não era quem queria abraçar, não eram suas mãos que queria sentir sobre sua pele. Não era o homem que invadia seus sonhos e fazia pulsar

descontrolado seu coração.

Esse homem era Temple.

Capítulo 2

Tinha ouvido tudo que haviam dito.

Temple estava deitado na cama, observando a desgastada pintura do teto de sua cela, e não pôde evitar sorrir. Só uma coisa podia explicar esse fenômeno: o sangue de Vivian. Ainda podia sentir o batimento da jovem deslizando-se por suas veias, enchendo-o de um poder e de uma força que fazia muito tempo não sentia.

Como se por fim tivesse alcançado seu destino.

Seus sentidos se aguçaram. Ele, que por si já via melhor que um gato, notou que nesse instante seus olhos eram ainda mais perceptivos. Sua pele sentia o toque de cada fibra do tecido que o cobria. Podia saborear Vivian em seus lábios... e escutar sua voz nos ouvidos. Tinham falado quase em sussurros, mas Temple tinha podido ouvi-los com tanta clareza como se tivesse encostado a orelha na porta. Estavam fora da casa, e, em circunstâncias normais, o vampiro não teria captado nada, mas nessa noite percebia inclusive o ranger do cascalho sob os pés da jovem enquanto se afastava de Villiers.

Vivian o tratava como se fosse seu pai, mas quanto demoraria o homem em decidir que já não queria seguir sendo o «papai» da moça? Quanto demoraria para tratar de meter-se entre suas fortes coxas e reclamá-la como dele? E seguro que não o faria com nenhuma delicadeza.

Bom, e o que? Ela era sua inimiga. A Temple não deveria importar o

que Villiers fizesse... nem tampouco deveria atormentar-se pensando se Vivian aceitaria com prazer estes cuidados. Não deveria desejá-la tanto. Deveria odiá-la.

E uma parte dele o fazia... uma parte muito pequena. Não confiava na jovem, e odiava tudo que esta representava, mas não podia evitar a sensação que também a estavam utilizando. Villiers não teria dispensado tantos cuidados se não pudesse obter algum benefício em troca.

Mas não deveria estar pensando nisso. Villiers havia dito que tinha intenção de utilizar Temple como chamariz para apanhar os outros. Chapel, Bishop, Saint e Reign, seus amigos, seus irmãos, estavam em perigo por sua culpa. Quando fundiu o Cálice do Sangue e enviou um medalhão feito com ele a cada um deles, com instruções que se dirigissem a Itália, não tinha nem idéia que sem querer estava ajudando à ordem. Tinha-os mandado a uma armadilha mortal.

Tinha chegado o momento de escapar. Não tinha tempo a perder. Sua única esperança era conseguir sair dali, avisar os outros que não fossem a sua vila e mandá-los para outro lugar. Quando voltassem a estar juntos, encontrariam o melhor modo de destruir a Ordem, e talvez, de passagem, averiguar o que pretendiam obter deles aqueles assassinos.

Sentou-se e puxou as correntes que o seguravam. Romperam-se imediatamente, e golpearam com um ruído seco contra a parede. Deus, sentia-se invencível. Flexionou os dedos e olhou ao sua redor em busca de uma saída.

O muro era muito grosso para atravessá-lo, e, além disso, estavam embaixo da terra, assim o descartou. Poderia tentar romper as barras, mas, enquanto isso, a prata queimaria seus pés, e se sacudisse a porta toda a casa balançaria. Não, se queria escapar tinha que ser algo rápido, algo que os pegasse de surpresa. Talvez tivesse uma força e velocidade sobre-humanas, mas os homens que o tinham aprisionado sabiam, e

também sabiam como combatê-lo. Não sabia quantos eram, mas se Villiers era inteligente, e parecia, teria o suficiente para derrotar Temple.

E também tinha Vivian, que por certo lideraria a luta.

Voltou a olhar para o teto, que rangeu sob os passos de alguém.

Tinha encontrado sua saída.

Levantou-se e ficou de cócoras sobre o colchão. Encolheu os ombros, dobrou os joelhos, balançou os pés e... saiu disparado para cima.

A madeira se pulverizou contra seu corpo. Os ladrilhos saíram disparados para todos lados quando o vampiro rompeu o teto de sua cela e atravessou o chão da mansão.

Como era de se esperar, não pôde evitar o ruído. Estava sacudindo o pó do cabelo e dos ombros quando notou que a porta se abria e ouviu os primeiros gritos de surpresa.

Temple não perdeu tempo em observar os destroços que tinha causado. Só se fixou em um enorme salão e três filas de grandes janelas. Correu para a mais próxima e saltou, lançando milhares de cristais por todos lados, como pequenas lágrimas geladas. Poderia ter ido pela porta, isso teria sido mais civilizado, mas aquela janela dava para a rua, e dali seria mais fácil escapar e passar inadvertido. Além disso, gostava da idéia e que Villiers tivesse que limpar tanto desastre.

O ar da noite o envolveu em seu quente abraço como uma mulher recém saída da banheira. Do alívio que sentiu lhe tremeram os joelhos, a atmosfera era limpa e acolhedora. Mil aromas maravilhosos alagaram seus sentidos e desfrutou com a sensação da lua lhe acariciando a pele, iluminando o mundo com resplendor prateado.

O instinto o guiou para a parte traseira da casa, onde cresciam as flores e o aroma de erva era mais forte. Um jardim que se assemelhava a um pequeno bosque rodeava o edifício, e nele seria mais difícil encontrá-lo, a não ser que tivessem cães. Da segurança das árvores

poderia empreender vôo, mas antes tinha que assegurar-se que não iam disparar-lhe.

Sentiu como o chão estremecia sob seus acelerados passos. O vento fazia ondear seu cabelo e lhe ardia nos olhos, mas saltou por cima de uma cerca que quase lhe chegava à cintura. A liberdade estava muito perto, já quase podia saboreá-la.

Mas então, o vislumbre de um cabelo avermelhado captou sua atenção, e cravou os pés no chão com um movimento tão brusco que quase caiu de bruços.

Vivian estava de pé junto a uma fonte que representava umas ninfas. Parecia quase tão surpreendida quanto ele por vê-lo ali. E também estava assustada, mas isso não impediu que procurasse com a mão uma pistola que levava no quadril.

Por que não tinha utilizado essa arma na cela?

A Temple bastou um rápido movimento para segurar as mãos da moça por trás de suas costas, e apertá-la assim contra seu torso. Tinha os seios suaves, e seu coração pulsava tão rápido que ele podia ouvi-lo dentro de sua cabeça.

Sua amazona não se moveu. Não resistiu, mas o vampiro não se permitiu baixar a guarda.

—Se for me matar —sussurrou ela—, faça logo.

—Te matar? —repetiu ele como um tolo—. Se eliminasse do mundo uma criatura tão valiosa como você, cometeria um delito contra a natureza.

Vivian piscou confusa. Entreabriu os lábios, o suficiente para que ele pudesse ver uns pequenos dentes brancos, e franziu o cenho, como se não entendesse o que acabava de dizer. E tinha motivos. Nem Temple mesmo sabia o que estava acontecendo.

—Não vou te machucar—disse. E logo suavizou—: A não ser que me obrigue.

Ela manteve o cenho franzido, mas desviou a vista para os lábios do vampiro e logo para seu pescoço, para depois deter-se na parte do torso que estava descoberta por entre a camisa. Acelerou seu coração e se estremeceu entre os braços dele.

Deus, cheirava tão bem, tão doce. Morria de vontade de voltar a prová-la. O aroma de sua pele, de seu sangue, o fazia pensar no perfume da casa de sua avó quando assava bolachas, em quentes tardes de outono, em feno recém cortado. Aquela mulher despertava nele algo muito profundo, um instinto animal que desejava um lar e ser feliz com as coisas mais simples.

Temple seria capaz de matar para conseguir, para obter essa promessa de algo que jamais poderia obter.

Mas com ela ali, olhando-o com seus olhos cor de neblina, com as bochechas rosadas, o pulso acelerado e sem ocultar que se sentia tão tentada quanto ele, Temple decidiu que o melhor que podia fazer seria beijá-la.

—Quero te saborear de novo, doce Vivian —murmurou, e ao ver que ela abria os olhos ainda mais, continuou—: Mas terei que me conformar com um beijo.

Antes que pudesse protestar, e por que não tinha gritado ainda?, Temple capturou sua boca com a dele. Ela entreabriu os lábios sem opor resistência e todo seu corpo se relaxou entre seus braços. Nesse instante, Vivian não queria lutar, e tampouco tinha medo. Dele nunca teria. E quando Temple se deu conta disso, sentiu um desejo assustador, um desejo tão forte que a cabeça lhe deu voltas.

Ela gemeu. O som a percorreu inteira, e o vampiro pôde sentir como se estremecia contra seu torso. As gengivas começaram a doer e notou que as presas se alargavam. Temple se permitiu saborear um pouco mais da doce boca de Vivian, a úmida quentura do interior da mesma. Respirou fundo e inalou seu aroma, deixando que lhe turvasse o cérebro e ansioso por descobrir o que aconteceria se tivessem tempo

para seguir os ditames da natureza.

A jovem estremeceu, apesar da morna noite de verão. Temple sorriu e seus lábios se curvaram sobre os dela. Saber que Vivian o desejava tanto como a desejava, enchia-o de satisfação, embora era só o que podia levar dali. Se não se conformasse com isso, teria que lutar contra a tristeza que ameaçava instalar-se em seu coração, e, dado que não estava disposto a expor o porquê desses sentimentos, preferiu pensar que se devia ao sangue da garota, que era o mais doce que jamais tinha bebido.

Não fosse por ela, e porque seu inimigo estava mais que preparado, teria matado Villiers para não ter que voltar a vê-lo nunca mais. Porque voltaria a vê-lo. Homens como esse não se rendiam nem se amedrontavam. Seguiam lutando até vencer ou morrer.

Temple não tinha intenção de perder aquela batalha, e, ao compreendê-lo, interrompeu o beijo e abandonou o paraíso dos lábios de Vivian. Se não se fosse em seguida, não conseguiria. Os disparos que retumbavam na escuridão soavam cada vez mais perto. E vinham acompanhados de cães... Maldição!

Apesar de ter perdido já um tempo precioso, ficou uns segundos contemplando o rosto da jovem. Sua lembrança o acompanharia nos anos vindouros, embora sabia que acabaria desvanecendo-se. Após quinhentos anos, todas as lembranças o faziam.

—Adeus, doce Vivian —murmurou, lhe segurando ainda as mãos atrás das costas. Talvez ela tenha se rendido ao beijo, mas Temple não era tão idiota para soltá-la sem mais. A moça tinha uma força surpreendente para um ser humano, e, embora não era rival para a potência e a rapidez do vampiro, podia lhe fazer mais dano do que ele podia permitir-se naquelas circunstâncias. E não queria correr o risco de feri-la.

—Te encontrará —se limitou a dizer ela a meia voz. O sorriso de Temple se encheu de tristeza, mas não por si mesmo.

—Se sentir um pouco de carinho por ele, reza para que não seja assim.

Com esse conselho, soltou-lhe os pulsos ao mesmo tempo que dava um passo atrás. Suas suspeitas resultaram acertadas, pois logo que a soltou, a jovem se dispôs a atacar, mas quando se jogou sobre ele, Temple já tinha elevado vôo.

Ficou perto, e viu que dois homens armados com rifles entravam no jardim. O teriam pego em questão de segundos. Devagar, foi subindo para o céu.

Vivian ficou olhando-o, tornando-se menor à medida que ele se aproximava mais e mais das estrelas. Temple lhe lançou um beijo justo quando o primeiro homem disparava a primeira bala, que passou roçando seu ombro. Riu e se propulsou mais acima e com mais rapidez. Não houve mais disparos.

Era livre.

—Aonde irá? —perguntou-se Vivian correndo para os estábulos. Nessa ocasião, alegrou-se da longitude de suas pernas, que fazia com que pudesse deslocar-se de um lugar a outro com tanta rapidez—. Quem lhe dará proteção?»

Tudo aquilo era culpa dela. Se houvesse dito a Rupert que a tinha mordido, ou que o ópio já não fazia efeito... mas tinha ocultado toda essa informação de propósito, e agora de nada servia lamentar-se.

Se ao homem lhe custava seguir o ritmo, não se queixou o mínimo. O rosto de Rupert, que estava costumava estar relaxado, era agora uma máscara de raiva e frustração.

—A Irlanda —respondeu com uma voz que mais parecia um grunhido—. Irá para Clare.

—Clare? —Que o nome dessa mulher a enfurecesse tanto era porque já estava de mau humor, só isso—. Quem é Clare?

Rupert a olhou de soslaio, como se pudesse ler sua mente e visse o

que estava pensando.

—É um lugar, não uma pessoa. A ilha de Clare está na costa oeste da Irlanda. É muito pequena... e remota.

Contente que Clare fosse um ponto geográfico e não uma mulher, ao chegar aos estábulos Vivian tratou de fixar sua mente em questões mais importantes.

—E vai para lá? Se esse lugar é na verdade tão pequeno, não será difícil o encontrar.

—Ali tem amigos. Saberá que chegamos logo que ponhamos um pé na ilha.

Vivian desprendeu uma cadeira de montar da parede e se dirigiu para o estábulo onde estavam seus arreios.

—Se isso for certo, por que está tão contente? —Se tudo aquilo era verdade, que sentido tinha ir atrás dele?

Desta vez, Rupert a olhou de frente, e Vivian viu que tinha recuperado suas maneiras usuais.

—Porque eu também tenho amigos ali.

O humor de Vivian piorou, e se concentrou em colocar a sela em cima da manta que já tinha jogado sobre o lombo de seu cavalo, mas antes se deteve um instante e deu meia volta para o homem que tinha sido de uma vez seu amigo, pai e mentor.

—Amigos? Então, por que tenho que ir atrás dele? —Bastante duro tinha sido ter que deixá-lo escapar, mas persegui-lo depois daquele beijo... Seus lábios ainda retinham o sabor de Temple. Se o perseguia, pareceria uma amante despeitada, uma mulher sem orgulho, e incapaz de dizer adeus sem mais.

Rupert a olhou como se estivesse louca. E se realmente estava pensando em Temple como seu amante, talvez fosse verdade que tinha perdido a cabeça; e entretanto, não era a primeira vez que esses pensamentos vinham a sua mente.

—Diferente de você, meus amigos não têm nem sua força nem seus conhecimentos sobre Temple e os de sua espécie para poder retê-lo.

O estômago de Vivian se revolveu. Quase tinha conseguido esquecer que era um inseto raro. Nos braços de Temple havia se sentido como uma mulher desejada por um homem, e não como uma caricatura feminina. A maioria desconhecia a existência dos vampiros, enquanto que ela não só sabia como se enfrentar a eles, mas também tinha mantido a um prisioneiro durante semanas.

E o tinha deixado escapar por culpa de um estúpido beijo.

De novo ficou furiosa, e uma vez colocada a sela, saltou sobre seus arreios. Encontraria Temple e o arrastaria ali de novo; isso, ou morreria na tentativa.

Rupert lhe passou o casaco e ela o pôs enquanto ele se assegurava que os alforjes de pele estivessem bem presos de ambos os lados dos arreios. Vivian tinha empacotado um par de roupas e o necessário para seu asseio pessoal, junto com um pouco de comida e água para a viagem. Levava uma adaga atada à coxa, e outra escondida na bota. E, em um compartimento secreto costurado dentro do sutiã, levava dinheiro de sobra se por acaso o necessitava, assim como uma passagem para a Irlanda.

—O convença que me abandonou —sugeriu Rupert. Vivian se moveu incômoda. Disse-o como se eles dois fossem amantes—. Conte meus segredos, faça-o acreditar que está do seu lado.

Ela ficou olhando-o com a boca aberta.

—E como saberei que coisas não devo contar?

—Não te disse nada que ele não possa saber.

É obvio que não. Por um lado, isso explicava a atitude tão reservada de Rupert. Mas por outro, deu-se conta que ele nunca tinha acreditado totalmente nela, e isso lhe gelou o sangue.

O homem seguiu falando sem notar que a jovem estava rígida como um pau, ou que, emocionalmente, estava se distanciando dele em alta

velocidade.

—Quando o vampiro a acolha a seu lado, entra em contato comigo. —Pôs uma mão na sua coxa—. Conto com você, pequena. É a única em quem confio para cumprir esta missão.

Foram as palavras perfeitas. Como podia ter duvidado dele? É obvio que Rupert confiava nela. Não a estava jogando aos leões, mas sim de verdade acreditava que era a única que podia encontrar Temple e convencê-lo que tinha trocado de lado. Todo o projeto de Rupert dependia de que ela fosse capaz de fazer isso. Tinha que ir a Clare.

Vivian nunca antes tinha viajado sozinha. Desde o dia que Rupert a resgatou do circo, sempre tinha estado com ela. Não obstante, olhou seu mentor e lhe ocultou o medo que sentia.

—Encontrarei-o —jurou. E o dizia a sério. Encontraria Temple. Faria o que fosse necessário para conseguir que o vampiro confiasse nela. O porquê não queria nem saber. Só importava que o faria, e que assim compensaria Rupert por tudo que havia feito por ela.

Os ardilosos e claros olhos dele se cravaram nos seus.

—Faz todo o possível para que acredite em você.

Vivian ficou sem fôlego. Estava sugerindo o que ela estava pensando?

—Quer que me converta em sua puta? —A jovem tinha ouvido falar de mulheres que ofereciam seu corpo e seu sangue aos vampiros. De fato, sabia que um dos amigos de Temple possuía um bordel em Londres. Mas por muito... atraente que fosse a idéia de compartilhar essa intimidade com ele, Vivian sabia que opinião tinham Rupert e seus sócios sobre essas mulheres; uma mescla de asco e lástima que não desejavam a ninguém.

Por outra parte, Rupert sempre havia dito que, apesar de suas características físicas tão especiais, sua virtude era sua posse mais apreciada, e que tinha que conservá-la a qualquer preço.

As bochechas do homem se tingiram de rubor, mas não afastou o

olhar.

—É obvio que não. Mas Temple é um homem, e muito matreiro. Sua melhor arma são seus encantos de mulher.

—Não é um homem —respondeu Vivian, enquanto guiava seu cavalo fora do estábulo, recordando desnecessariamente algo que ele sabia muito melhor que ela—. E não tem que preocupar-se —continuou, segurando as rédeas com força—. Eu também posso ser matreira.

Dito isto, inclinou-se para frente e cavalgou para a noite, longe do homem que a tinha convertido no que era. Para ir atrás do que bem poderia terminar com sua vida.

Uma chuva imprevista a obrigou a deter-se a poucos quilômetros da fronteira francesa. Era a típica tormenta de verão, mas os relâmpagos assustaram o cavalo de Vivian e esta ficou encharcada. Cobrindo-se com seu casaco, e a fim de assegurar-se que sua montaria estava seca e bem alimentada, saiu do estábulo e se dirigiu à hospedaria com a esperança de poder desfrutar de um banho quente e uma comida decente.

O taberneiro lhe disse que tinha visto um homem que respondia à descrição de Temple, mas essa foi a única informação que pôde obter, ou que o homem quis oferecer. Fosse como fosse, pediu um quarto; faltava pouco para que amanhecesse, e ela estava exausta. Em qualquer lugar que estivesse, Temple não demoraria muito a procurar proteção, se é que não o havia feito já, e, como conhecia seu destino final, Vivian pensou que podia descansar um momento.

—Suba um pouco de vinho e pão com um pouco de queijo, por favor —disse ao homem, que apenas chegava ao seu queixo.

Ele assentiu e entregou uma chave brilhante que tirou detrás do balcão.

Faltava pouco para que pudesse tirar aquelas roupas molhadas. A comida tampouco demoraria para chegar, pensou ao instalar-se no pequeno mas cômodo quarto. Quando subiram a comida, pagou um

pouco mais para que levassem também uma banheira. Não seria grande coisa, mas a promessa da água quente a manteve hipnotizada enquanto devorava um pouco de pão e queijo.

Pendurou a roupa em cima do biombo de madeira pintado com rosas e se meteu na banheira com uma taça de vinho em uma mão e um pedaço de queijo na outra.

Gemeu de prazer ao sentir como a água quente a cobria, afastando o frio de seus ossos, e recostou a cabeça, tomando um gole de vinho para aumentar o prazer. Terminou o queijo, bebeu um pouco mais e começou a relaxar.

Pela manhã, tomaria um trem que a levaria a Burdeos e, dali, partiria para a Irlanda. Uma vez na ilha, só teria que encontrar um modo de chegar a Clare e encontrar Temple.

Ao pensar nele, se arrepiou, e por seu sangue correu de uma só vez a raiva e o desejo. O que sentia pelo vampiro se contrapunha a sua lealdade a Rupert, algo que jurou nunca aconteceria. Sentir falta de Temple era ruim, era ruim e retorcido. Sua mente se empenhava em sentir-se unida a Temple, uma espécie de vínculo imaginário entre dois monstros.

Lamentava que o vampiro tivesse escapado. Não só pelo fato de ter permitido, mas também porque quis ir. E o que esperava? Que ficasse e permitisse que Rupert fizesse com ele o que quisesse? Se a situação tivesse sido inversa, Vivian teria atuado exatamente igual; teria aproveitado o primeiro descuido para fugir. Só estava doída em seu orgulho, nada mais.

Não ia permitir sentir outra coisa.

Uma mão áspera e firme a tocou na testa.

—Não deveria preocupar-se tanto, carinho.

Vivian abriu os olhos de repente e se inclinou para a frente na banheira. Reconheceria essa voz tão sensual em qualquer parte. A água salpicou por toda parte, mas antes que pudesse levantar-se, seguraram-

na pelos ombros e viu diante dela aqueles saudosos olhos verdes.

Temple. De cócoras junto à banheira.

—Eu se fosse você pensaria duas vezes antes de me levantar — murmurou o vampiro, com um tom o bastante zombador para que Vivian começasse a ferver o sangue. Estava nua, indefesa e sem nenhuma arma ao seu alcance. Maldição. Quanto tempo fazia que a estava observando? Espreitando.

—O que quer? —espetou-lhe, esperando que contasse por que tinha optado por ir procurá-la em vez de afastar-se o máximo possível. Era evidente que a tinha estado seguindo. Por que? Por que não tinha fugido a Clare sem mais?

Temple a percorreu com o olhar, atrasando-se naquelas zonas de seu corpo que estavam descobertas sob o frio ar da noite. O torso da jovem sobressaía da água, e ele se recreou em sua beleza. Os seios, já tensos, excitaram-se ainda mais. Era vergonhoso que sentisse tanto prazer estando em uma posição tão vulnerável.

—Poderia responder tantas coisas. —Os dedos com que segurava os ombros começaram a massageá-la, aliviando a tensão que ainda sentia nos músculos. Mas Vivian não queria relaxar. Não queria dar-se conta que, entre o beijo do jardim e esse encontro, ele tinha tido tempo para encontrar uma roupa limpa, embora não de seu tamanho. Ainda precisava se barbear e cortar os cabelo, mas aquele ar desalinhado só o fazia mais atraente.

—Escolhe uma —disse ela, desafiando-o com o olhar—. Deduzo que se queria me matar, já estaria morta, equivoco-me?

Temple sorriu, mostrando seus fascinantes dentes brancos.

—É valente. Eu gosto disso numa mulher; que enfrente o medo.

Vivian levantou o queixo.

—Não tenho medo.

—Não. —Foi só o que disse—. Não do tipo que deveria ter.

«De nenhum tipo», quis dizer ela, mas sabia que não serviria de

nada. O vampiro podia cheirar a verdade. Certamente podia cheirar também como seu corpo reagia com sua presença, como se umedecia entre as pernas. Por que, de todos os homens, tinha que ser o único capaz de fazê-la sentir assim? Como se atrevia a fazê-la sentir algo por ele, algo que fazia que duvidasse do homem que tinha sido como um pai para ela.

Estavam a sós, cara a cara, sem barras que os separassem nem guardas que pudessem escutá-los. Estava nua, e o vampiro poderia ficar em questão de segundos. Vivian poderia sentir seu forte corpo colado ao dela. Poderia acolhê-lo em seu interior e descobrir o prazer da luxúria. Podia fazer isso e muito mais; sentir por exemplo suas presas sobre sua garganta. Só tinha que pedir-lhe.

Seu orgulho dizia que esse era um preço muito alto. Não poderia viver com a culpa. Mas Rupert havia dito que fizesse todo o necessário...

Deus Santo.

—Por que não fugiu ainda? —Evitou mencionar a Irlanda de propósito. Não precisava revelar as suspeitas de Rupert.

—Tinha que te ver. —Soltou-lhe um ombro, mas antes que ela pudesse levantar uma mão para defender-se, Temple a rodeou com o braço de modo que os seios de Vivian ficassem colados a seu antebraço, com as costas contra o torso dele; a jovem podia sentir o fôlego do vampiro junto ao seu pescoço, e era tão quente.

—Me ver? —Vivian riu zombadora, apesar dos batimentos descontrolados de seu coração. Queria reclinar-se para trás e imaginar que ele podia protegê-la de tudo, em vez de ser sempre ela a encarregada de proteger a outros—. Antes de você ter tempo suficiente para fugir de mim.

—Fugir dessa cela não é o mesmo que fugir de você, Viv.

Ela fechou os olhos ao escutar o carinhoso diminutivo; esse som foi como uma carícia sobre sua pele. A suas costas, ouviu que ele afundava algo na água.

—Deveria me temer mais que a qualquer um dos homens que lhe capturaram. —Não o disse para se vangloriar, mas sim porque era a pura verdade. Era óbvio que o vampiro também se sentia atraído por ela. Era consciente do fácil que resultaria a Vivian aproveitar-se disso? Realmente queria fazê-lo?

Era ela a mesma mulher que só umas poucas horas antes tinha acusado seu mentor de querer que se prostituísse por ele? Porque agora estava quase fazendo-o por vontade própria.

—Sei. —Um pano molhado se deslizou por seus ombros, fazendo-a estremecer. Estou convencido que é a pessoa mais perigosa que jamais conheci.

—O que quer dizer? —Não podia mover nada exceto a cabeça, e o fez com os olhos entrecerrados—. Está zombando de mim, vampiro?

—Não. —Seguiu esfregando as costas, negando a satisfação de um simples olhar—. E estou seguro que embora explicasse isso melhor, tampouco me acreditaria.

—Ainda não me disse por que está aqui. —por que a estava banhando como se fosse uma menina pequena, ou uma delicada criatura que necessitasse de seus cuidados? Ela não era nenhuma dessas duas coisas, e o odiava pela ânsia que a fazia sentir de aconchegar-se contra seu torso e dormir na segurança de seus braços.

—Quero que me deixe ir.

Ao princípio acreditou que não tinha entendido bem. Que o deixasse ir? Era ele quem tinha ido procurá-la. Com certeza tinha averiguado que tinha a intenção de segui-lo e apanhá-lo.

—Não posso.

—Tem que fazê-lo, por seu próprio bem.

Vivian rodeou o musculoso antebraço com os dedos. Era tão forte e quente, tão firme.

—Não me dá medo, Temple. Se fosse me machucar, já teria feito isso—replicou presunçosa, consciente que aquele poderoso vampiro era

incapaz de feri-la.

E isso a fez voltar a perguntar por que Rupert queria mantê-lo enjaulado como um animal selvagem.

Então sentiu as pontas de suas presas acariciando o ombro, e recordou que Temple era realmente selvagem. Perigoso. Estremeceu ao notar sua boca beijando a pele, percorrendo-a. Acariciava-a com seu fôlego, e Vivian arqueou as costas ao perceber como sugava com cuidado os lugares onde com as presas tinha arranhado a pele. Aquele gemido de prazer tinha saído dos lábios dela?

Deus, era como se estivesse se colocando sob sua pele, como se Temple estivesse se convertendo em uma extensão de si mesma. Era maravilhoso, incrivelmente maravilhoso.

Muito maravilhoso.

E então o vampiro se afastou, lambeu a pele com sua língua ardente e se afastou tão depressa que ela cambaleou.

—Quero que vá —disse então, roçando suas costas com a mandíbula mal barbeada—.Esqueça de mim e de Villiers e começa uma nova vida em outro lugar.

Vivian inclinou a cabeça devagar. Só pôde ver o pescoço de Temple, sua clavícula nua pelo pescoço aberto da camisa. Se o mordesse, despertaria as mesmas sensações que lhe provocava?

—Quer que lhe traia?

O vampiro levantou a cabeça e voltou a olhá-la nos olhos. Não restava dúvida que era sincero, e que a desejava.

—Sim, antes que ele traia a você.

Vivian abriu a boca. Não sabia o que dizer. Temple já não a segurava com tanta força e ela levantou uma mão para aproximá-la de sua bochecha. Era a oportunidade perfeita para lhe dar um murro. Ele nem o veria vir, mas seria impossível levá-lo com ela em seu cavalo. Estando tão perto do amanhecer, nem louca podia sair com o vampiro para nenhum lugar.

Optou por acariciá-lo. Se aproximou e roçou os lábios com os seus, encontrando restos de sabor de cobre de seu próprio sangue. Deveria lhe dar asco, mas não foi assim. De fato, para sua surpresa, descobriu que gostava.

Temple se afastou antes que ela pudesse aprofundar o beijo e lhe deixar de passagem a camisa molhada. Vivian se tombou para trás na banheira e ele se levantou.

—Agora forma parte de mim —disse enquanto se aproximava da janela—. É minha. Vêm atrás de mim e pode ser que resolva reclamar o que me pertence.

Havia algo sinistro, embora estranhamente erótico, nas palavras do vampiro, mas Vivian não teve tempo de analisá-lo. Estava muito ocupada lutando contra a vontade que tinha de deitar-se em seus braços e suplicar que voltasse a mordê-la. Estava tremendo. Tremendo.

E estava sozinha. As cortinas balançando na janela aberta, e a leve ardência que sentia no ombro eram o único sinal que Temple tinha estado ali.

OH, e o sabor de seu próprio sangue nos lábios. Levou os dedos à boca, ainda tremendo, pois, enquanto ela tratava de apagar o fogo de seu interior a água tinha começado a esfriar.

«Vêm atrás de mim e pode ser que resolva reclamar o que me pertence.»

Temple não deixava outra opção, e Vivian se viu obrigada a enfrentar-se com a triste realidade; tinha que recordar seu sentido de dever e a quem devia lealdade. Pela manhã, ocuparia-se de tudo. Cumpriria com seu dever com Rupert, mas se fosse honesta consigo mesma tinha que reconhecer que estava impaciente por descobrir o que ocorreria na próxima vez que cruzasse com Temple.

Porque ia persegui-lo. E se o vampiro cumprisse sua promessa, Vivian não teria mais remédio que reclamar a ele também em contrapartida.

Capítulo 3

Umas poucas noites mais tarde...

A mulher estava apontando um rifle para ele. Não tremeu, nem sequer um pouco, apesar que era miúda e ia vestida só com uma camisola. Segurava a arma com mão firme e pulso seguro, deixando claro que não estava de brincadeira, e que não duvidaria em disparar se ele ameaçasse de algum modo seu pequeno santuário.

Devagar, Temple deu meia volta e empurrou o reluzente canhão para baixo, deixando que a luz da lua iluminasse seu rosto.

—Não vai disparar em um velho amigo, não Brownie?

Kimberly CooperBrown, Brownie, soltou o ar exasperada e afastou a arma uns milímetros.

—Jesus e Maria! É um idiota; poderia ter te matado.

Rindo-se, Temple afastou o rifle de tudo.

—Mas não o fez, e, a não ser que o tenha carregado com balas de prata, duvido que houvesse feito muito dano.

A mulher riu também e afastou uma mecha de cabelo loiro acobreado dos olhos.

—Com a cabeça tão dura que tem, duvido muito. —Deixou a arma no chão, junto a ela—. Me abraça, bruto.

Temple obedeceu, e rodeou à miúda mulher com seus braços, que quase lhe davam uma volta inteira na cintura. Brownie talvez fosse pequena, mas era tão valente como qualquer guerreiro que o vampiro tivesse conhecido, e o dobro de ardilosa.

Temple lhe confiaria a vida, seus segredos e os de seus amigos. Por isso tinha ido ali, à ilha de Clare, uma preciosa jóia nas costas da Irlanda. Era uma ilha rochosa, de difícil acesso e da que também seria

difícil fugir, a não ser que a gente pudesse voar, como Temple, ou dispusesse de um bote. Havia uma só balsa diária da ilha a terra firme, e Brownie conhecia todo mundo. Era impossível que alguém chegasse naquelas praias sem que Temple se inteirasse, e muito menos sem ajuda de algum aldeão.

Brownie vivia ali, na escola. A Academia para Senhoritas O Jardim era administrada unicamente por mulheres que pertenciam à Irmandade de Lilith, uma ordem que reverenciava à primeira mulher de Adão, a mãe de todos os vampiros, e cujo sangue corria pelas veias de Temple. Seiscentos anos atrás, ao beber daquele cálice de prata junto com seus amigos e agora irmãos, nenhum deles tinha nem idéia que o que estavam bebendo era o sangue da deusa, nem que iam converter se em imortais.

Esse sangue tinha convertido Temple em uma espécie de deus aos olhos das mulheres dessa irmandade, uma agradável circunstância que ele não tinha nenhuma vergonha de aproveitar-se.

—Não veio de visita —disse Brownie sem rodeios, olhando-o nos olhos—. O que aconteceu?

Passava muito da meia-noite, e Temple estava cansado e faminto, mas suas necessidades podiam esperar. Pôr em marcha as precauções necessárias, não.

—Necessitamos sua ajuda, querida amiga. —Não precisou que explicasse a quem se referia com esse plural. Brownie ficou tensa, e se ergueu imediatamente—. Podemos contar contigo?

A ofendeu que tivesse que perguntar.

—É obvio que podem contar comigo!

Rodeou-lhe o braço com o seu e o instigou a cruzar a janela do balcão e entrasse em seu quarto. Sua lealdade era tal que nem sequer perguntou do que se tratava.

Temple abandonou a intempérie e deslizou para o confortável dormitório de Brownie. Não tinha mudado com os anos. Seguia

decorado em tons terra, e recordava um harém cheio de amaciados almofadões e tecidos por toda parte.

A cama era muito grande, e com um travesseiro muito trabalhado. Temple recordou as noites que tinha passado nessa cama, enterrado no bem disposto corpo de Brownie. Nunca tinha havido amor entre eles, mas a mulher tinha devotado companhia quando ele a necessitava, e acreditava que deitar-se com ele era o modo mais prazenteiro de adorar sua deusa. Durante sua estadia, Temple se deitou também com outras mulheres da irmandade, resignando-se que para elas seu corpo fosse uma espécie de altar que deviam adorar. Arrogante como era, gostava que, para aquelas mulheres, o sexo com ele fosse uma experiência religiosa.

Afinal continuava sendo um homem.

Das paredes penduravam vários quadros, todos retratos de Lilith em diferentes posturas. Entre eles, havia inclusive um pintado por Collier anos atrás, no que se via Lilith nua no jardim do Éden, com uma serpente ao redor de seu corpo.

Outro era muito antigo, tinha inclusive mais anos que Temple, mas apesar de sua antigüidade era só uma cópia do original, podia inclusive ser uma cópia de uma cópia. Nele, uma sensual mulher de pele branca como a neve, vestida com uma túnica vermelha, combinando com sua cabeleira, estava sentada em um tamborete, com um precioso querubim a seus pés.

Alguns o chamavam a Madonna. Outros, equivocadamente, acreditavam que era Eva, mas Temple sabia que não. Era Lilith, a autêntica, e não a versão imaginada por algum pintor. A imagem o atraía sem remédio, despertava algo em seu interior que só poderia descrever-se como amor. Era impossível, claro, ele não tinha conhecido à mulher, mas a emoção que provocava era inegável.

Aquela mulher era sua mãe.

A sensação que sentiu dessa vez foi inclusive mais intensa, mais

aguda. Era algo que ia além do sentimento já conhecido; quando olhou à mulher do quadro, sentiu uma pontada no peito. De repente entendeu e sentiu um salto no coração.

Tudo fazia sentido, tanto que até se assustou.

Uma pequena mão em seu braço o tirou de sua concentração. Temple deu meia volta e viu que sua amiga o olhava com desejo.

—Quer compartilhar o leito comigo, milord?

Temple sentiu uma repentina irritação. Odiava quando Brownie falava como se ele fosse um ser superior, como se fosse melhor que ela; e que se comportasse como servente e não amiga. Apesar de tudo, o convite era tentador. Fazia muito que não sentia a doçura e a força de uma mulher.

Mas sua língua retinha o sabor de outra, e sabia que nem todos os truques eróticos de Brownie poderiam afastar a lembrança de Vivian. Nada poderia. A mulher se tinha metido sob sua pele, e embora Temple mesmo dissesse que se afastasse, uma parte dele desejava que o perseguisse; embora isso poria em perigo Brownie e toda a escola.

Se Vivian vinha buscá-lo, não seria só porque Villiers tivesse pedido, embora não punha em dúvida a lealdade que ela sentia por esse bastardo. Iria atrás dele porque era incapaz de esquecê-lo, igual Temple havia feito naquela noite na hospedaria. Tinha tido que recorrer a toda sua força de vontade para não levá-la nos braços até a cama e deixar que seus corpos se fundissem em um. Havia algo entre eles dois, algo que tinha nascido no dia em que se conheceram e que tinha aumentado agora que o sangue dela corria por suas veias.

Tinha um grande carinho por Brownie, mas não podia competir com essa conexão. Com essa necessidade.

—Obrigado, minha amiga —respondeu Temple, acariciando a bochecha com as gemas dos dedos. Não devolveu a carícia, mas sim se limitou a sorrir—. Mas só necessito agora de sangue e um banho, nessa

ordem.

Soube que Brownie não se ofendeu o mínimo, e sua reação confirmou que tinha tomado a decisão correta.

—Então, posso me oferecer como alimento e não como companheira de cama?

«Sim», pensou ele ao ver que ela jogava a cabeça para trás e oferecia o pescoço. As gengivas se retraíram, e suas presas se alargaram. A boca lhe fez água da fome que tinha.

—Não. —Deu um passo para trás. Era tão incapaz de beber dela como de afundar-se entre suas pernas. Foi incapaz de explicar o motivo, mas era assim. Não podia fazê-lo—. É tarde. Quero ir à cama, e você tem que dormir. —Para suavizar o rechaço, deu-lhe um beijo na testa antes de desejar boa noite.

Como era habitual entre os de sua espécie, o quarto de Temple ficava no porão, em um subterrâneo da escola, para ser mais preciso. No passado, acreditava-se que estes quartos, que por meio de túneis se conectavam com os escarpados e a praia, tinham servido de refugio a contrabandistas e piratas. Na atualidade, protegiam a Temple dos raios do sol e permitiam acessar à escola uma vez que ofereciam também uma rota de fuga. Cumpriam com os mesmos requisitos que seu esconderijo na Inglaterra. Embora este tinha deixado de ser útil quando a filha dos Ryland decidiu ficar e escavar em busca de tesouros e a Ordem da Palma de Prata o encontrou.

Que diabos queriam? Não era a primeira vez que se fazia essa pergunta, pensou enquanto descia a escada até o frio subsolo. Que papel representavam ele e o resto dos vampiros nos planos da Ordem? Como tinha sido capaz de averiguá-lo? Por que não tinha aproveitado a oportunidade de interrogar Vivian na hospedaria? Porque tinha estado muito ocupado olhando seus seios para formular qualquer pergunta coerente. Era um idiota. Deveria ter matado Villiers então. Só Deus sabia o que tinha planejado esse bastardo, e se as ações de Temple o tinham

ajudado em algo.

Disse-se que não servia de nada lamentar-se e levantou o pesado ferrolho de seu esconderijo. Teria tempo de sobra para isso mais tarde. Sabia por experiência que, para isso, sempre havia tempo.

Ali embaixo não havia eletricidade, mas o candeeiro e os fósforos continuavam no lugar de sempre e Temple acendeu o pavio. Uma cálida luz dourada banhou imediatamente o quarto.

Havia pó e estava fria, mas acendendo a chaminé e com um pouco de limpeza se solucionariam ambas as coisas. Naqueles momentos, só precisava de uma cama e um banho. Abriu a válvula para afugentar às aranhas e outros insetos da banheira e, enquanto a enchia, sacudiu a cama.

Lavou-se e esfregou até que sentiu que a sujeira da viagem, e das semanas que tinha passado na prisão de Villiers, desaparecia de seu corpo e de seu cabelo. Sabia que muita dessa sujeira estava só em sua mente, mas o banho o fez sentir-se muito melhor. Aproveitou também para barbear-se, suspirando de alívio ao livrar-se daqueles pelos tão molestos.

Resolvido o problema do asseio pessoal, deixou a roupa que tinha comprado em Londres no chão para pedir que a lavassem e procurou uma muda limpa. Colocou alguns carvões acesos no braseiro para esquentar a cama e deslizou o velho artefato por debaixo dos lençóis.

Depois, sentou-se nu na frente do fogo, espelho na mão, e cortou o cabelo com uma tesoura que encontrou no vestiário. Igual às outras casas que os vampiros utilizavam como refúgio, esta se tinha conservado em condições se por acaso algum deles aparecia. Era um privilégio que a maioria deles dava por certo.

Finalmente, limpo, barbeado e recém penteado, tirou o braseiro da cama e se deslizou entre os lençóis quentes; foi incapaz de reter o suspiro de alívio que escapou de seus lábios. Tinha passado muito tempo vivendo em condições espartanas.

Então, a sós na escuridão, seus pensamentos voltaram a centrar-se em Vivian, e no aspecto que tinha a última vez que a viu. Sua pele brilhava sob a luz do abajur, branca e dourada, e seus seios eram firmes e rosados. Deus, tinha uns seios preciosos, redondos e firmes. Excitou-se só de pensá-lo; os imaginou em suas mãos e se perguntou que sabor teriam.

Não deveria pensar nela. Não deveria sentir sua falta. Até no caso que não estivesse aliada com seu inimigo, e como se isso não fosse suficiente, ela era mortal e ele não, e Temple sabia muito bem que não queria voltar a passar por isso.

Mas apesar de tudo, sua mente se negou a cooperar, e seguiu lembrando o sensual corpo de Vivian, suas coxas fortes e sua entreperna. Quase podia cheirar o atraente aroma de sua pele, do sangue correndo debaixo dela, o indiscutível aroma de seu desejo. Seguro que estava úmida, quente...

Com um gemido, levou a mão a seu sexo, que tinha começado a levantar os lençóis, exigindo que o aliviasse. Temple afastou a roupa com tanta força, que derrubou no chão quatro cobertores.

Deslizou os dedos acima e abaixo de seu membro sem deixar de pensar em Vivian. Nela em cima dele. Debaixo dele. Nos lábios de Vivian rodeando seu sexo com a mesma intensidade que agora o fazia sua mão. Foi esse pensamento, o de sua boca ao redor de seu sexo, com sua língua percorrendo a pele, que o fez estalar, com tanta violência que gritou e inclusive perdeu fugazmente o sentido.

Ficou ali deitado por longo tempo, deixando que a escuridão apaziguasse a luta que travava em seu interior. Por fim, o líquido pegajoso que tinha sobre o estômago o obrigou a levantar-se e a lavar-se de novo. Ao terminar, já podia dormir. Com sua luxúria razoavelmente satisfeita e seu corpo relaxado, deitou-se de barriga para baixo e, ao sentir a chegada do amanhecer, rendeu-se e dormiu.

Mas a última imagem que viu em sua mente foi a de Vivian e seus

olhos brumosos, e soube que, diferente de seu corpo, suas outras necessidades não se sentiam muito satisfeitas.

Depois de seu encontro com Temple na hospedaria, o humor de Vivian vinha piorando cada vez mais à medida que passavam os dias; agora que estava só a uns quantos quilômetros de distância da ilha de Clare, era muito pior.

De fato, ali de pé, no bote que tinha alugado para que a levasse até a outra borda, só queria dizer ao guia que desse a volta e retornasse para terra firme.

Não queria lutar com Temple. Naqueles momentos, não queria capturá-lo e entregar a Rupert. De fato, o que de verdade queria era seguir o conselho do vampiro e fugir; não só dele, mas também de seu mentor. Mas o pior de tudo não era querer fugir, mas sim desejar voltar a ver Temple.

Queria averiguar se realmente era capaz de cumprir sua ameaça de demonstrar que era dela. E que Deus a ajudasse, queria sê-lo, apesar de que o pouco que ficava de juízo a advertia que isso era um engano. Que era pecado.

Ao longo dos anos, Rupert tinha repetido constantemente a importância que para uma mulher tinha sua virtude, mas Vivian estava disposta a entregar-se ao vampiro sem pensar nas conseqüências. O que dizia isso dela? Estava mal sentir assim? Ou era a reação natural de uma mulher sã ante um homem atraente?

O problema era que Temple não era um homem. Talvez nisso estivesse a atração. O vampiro era uma negação das regras da natureza, e Vivian tinha visto nele um espírito semelhante. Afinal, quando ela tinha quatorze anos, era muito mais forte e veloz que todos os homens e mulheres de seu povo. E também corria muito mais rápido que um cavalo.

Seu pai se aproveitou disso; e, agora, a seu modo, Rupert fazia o

mesmo. Já não se iludia sobre a ter acolhido por pura bondade, entretanto, tinha-a tratado bem, e merecia sua lealdade.

Não ia decepcioná-lo. Não queria defraudar Rupert, não depois de tudo que ele havia feito por ela.

Limitaria-se a não voltar a pensar no que experimentou quando Temple a abraçou, ou na maravilhosa sensação de sentir seus lábios contra sua pele. Só pensaria na missão, e, logo que conseguisse localizar o vampiro, diria ao Rupert ou o capturaria ela mesma. Se fosse precavida, podia fazê-lo.

Repetindo uma e outra vez que isso era o correto, que o dever era muito mais importante que o que estivesse começando a sentir, ergueu os ombros e se manteve firme na coberta. O mar estava tranqüilo, era como flutuar sobre uma lagoa à luz da lua. O ar cheirava a chuva, e a brisa levava consigo um aroma de sal que a fez sentir melancólica. De noite, o mar era magnífico, parecia inclusive selvagem.

A pequena ilha ia se aproximando. Já podia ver as casas e suas mornas e caseiras luzes nas janelas; parecia um quadro. Chegou-lhe um aroma de lenha queimada e erva recém cortada, e Vivian quase pôde saborear sua doçura.

Nunca antes tinha estado na Irlanda apesar que sua mãe era dali, mas sentia como se conhecesse o lugar. Seu coração estava mais alegre, sua mente mais limpa, e uma sensação de bem-estar a alagou por completo, apesar que estava aproximando-se de algo muito perigoso.

Parte dela se horrorizou ao compreender que essa maravilhosa sensação se devia mais ao homem que seguia do que ao lugar.

—Já chegamos, senhorita —disse o marinheiro jovialmente enquanto atracava no porto—. Sã e salva, tal como prometi.

Vivian sorriu agradecida e recolheu suas coisas.

—Conhece alguma hospedaria na ilha? —perguntou enquanto deslizava umas moedas na sua mão.

A olhou entre a risada e o assombro.

—Não, não há nenhuma. Nesta ilha só vivem os aldeãos, e não precisam de nenhuma hospedaria. —Olhou-a nos olhos—. Quer dizer, senhorita, que não tem onde dormir?

O sorriso de Vivian se esticou.

—Isso é exatamente o que quero dizer, sim. Suponho que não conhecerá ninguém que esteja disposto a me alugar um quarto por um par de noites?

—Na parte oeste da ilha está a Academia O Jardim. Por certo a senhorita CooperBrown poderá oferecer algum quarto.

—Academia? —Vivian franziu o cenho ao percorrer a ilha com o olhar—. Aqui há uma escola?

—Sim. Uma escola muito refinada, para senhoritas —respondeu o homem com orgulho—. A senhorita CooperBrown é uma Santa.

Ela teve que esforçar-se para não fazer uma careta de contrariedade. Tal como o marinheiro a pintava, aquela mulher não pareceria em nada com uma jovem que viajasse sozinha e vestida com roupa de homem, mas nessas alturas, Vivian não tinha alternativa. Se tivesse mais tempo, talvez tivesse empacotado um par de vestidos, mas não tinha sido assim.

Depois do beijo de Temple e de sua fuga, sua mente não tinha funcionado muito bem.

—Obrigado —disse ao enrugado homenzinho, e sorriu quando estendeu a mão para ajudá-la a sair. Ela não necessitava ajuda. De fato, poderia ter carregado o marinheiro nos ombros e descer do barco sem maior problema, mas aceitou o gesto e saltou para terra firme.

—Os habitantes de Clare são boa gente, senhorita —disse ele com um sorriso desdentado—. Só tem que seguir o caminho principal e não demorará para encontrar os indicadores da escola. É impossível que se perca.

Vivian lhe agradeceu de novo e tomou o caminho. Era uma ligeira subida, mas tal como o homem havia dito, estava bem indicado e seguiu

andando.

Apesar das nuvens aumentarem, a lua iluminava o suficiente para poder ver por onde pisava.

Oxalá pudesse chegar à academia antes que começasse a chover. Por sorte, a ilha era pequena, assim que a caminhada não deveria ser muito longa.

Que diabos estava fazendo ali? Por que tinha decidido Rupert enviá-la e não um grupo de seus homens? OH, Vivian sabia de sobra os motivos que tinha dado; quando os disse, ela estava tão envergonhada que Temple tivesse fugido, que só queria ir atrás dele, mas agora...

Agora estava em um lugar desconhecido, sem amigos, sem nenhuma das coisas que estava acostumada a reconfortá-la, e não podia evitar pensar que aquele era um plano absurdo. E em parte suspeitava que Rupert não tinha contado toda a verdade. Que tipo de homem enviaria sua protegida para perseguir um vampiro por meia Europa? Acaso não se preocupava com sua segurança?

Não, nem o mínimo. E isso significava que, ou confiava muitíssimo em suas habilidades, ou não se preocupava com o que pudesse acontecer. E Vivian custava a acreditar em ambas as explicações.

Ou possivelmente ela só era uma manobra de distração para despistar Temple enquanto Rupert levava a cabo seu autêntico plano.

Fosse o que fosse, talvez o vampiro pudesse lhe dar alguma pista sobre por que Rupert estava tão decidido a capturá-lo. Talvez pudesse descobrir algo interessante enquanto contava a Temple o que sabia de Rupert. Ao menos, assim, essa viagem teria valido a pena.

Já que não tinha nada que fazer, Vivian começou a cantar enquanto caminhava; não muito forte, para não incomodar às pessoas das casas junto às que passava, mas sim o bastante para distrair-se e manter a mente ocupada. Se não, voltaria a pensar em Temple, e não precisamente de um modo produtivo.

Um cão ladrrou quando passou junto a uma granja e, com um sorriso, lhe sussurrou que se calasse. Interrompida sua sessão de canto, voltou a pensar no vampiro, e desta vez já não teve forças, nem vontade, para evitá-lo.

Deus, oxalá chegasse logo à academia e lhe oferecessem uma cama onde pudesse dormir e assim deixar de pensar. Esse era seu problema, que tinha muito tempo para pensar, e sua mente se empenhava em tomar caminhos que mais valia deixar tranquilos.

O caminho para a escola era íngreme, e quando estava na metade já tinha a respiração acelerada. Podia ver a sombra do edifício que agora só estava a duzentos metros. Graças a Deus que não tinha tido tempo de pegar mais bagagem, porque, do contrário, a essas alturas já teria se deitado sob a árvore mais próxima. Era forte, mas não estava acostumada a caminhar tanto, e além disso estava cansada e faminta. Que estivesse se justificando era outro sinal do muito que precisava comer e dormir. Por não mencionar que pensar em Temple constantemente a tinha esgotado. Só em saber que voltaria a vê-lo logo ficava nervosa, e não precisamente porque o considerasse um competidor mais que digno.

Ao chegar ao alto da montanha, descansou um momento. Na frente dela, além da grade, a Academia O Jardim a chamava como se fosse uma velha amiga. Era uma mansão antiga, de três ou quatro séculos, mas se via firme e confortável, com luzes em várias de suas janelas.

A grade não estava fechada, só tinha a corrente passada, e as dobradiças chiaram quando Vivian a empurrou. Ali, a noite parecia mais serena, mais quieta. De repente, foi consciente do ruído que faziam suas botas ao pisar no cascalho, e que via seu fôlego na escuridão. Uma voz interior disse que fosse precavida; apesar de que era óbvio que havia pouco movimento, os habitantes da casa ainda não se deitaram.

Ia levantar a mão para tocar a campainha quando alguém a agarrou

pelas costas. Uma morna e áspera palma cobriu sua boca silenciando assim seus gritos, e um braço musculoso a rodeou pela cintura e lhe capturou os braços de ambos os lados do corpo. Nem sequer pôde defender-se com as pernas, pois ficaram apanhadas entre duas mais largas e firmes. Um forte torso se colou a suas costas e um sensual fôlego acariciou sua bochecha, e Vivian não sentiu medo, a não ser prazer. Sabia quem era seu captor, e ela estava tão contente de que a tivesse apanhado como ele estava por havê-lo feito.

—Olá, carinho.

Capítulo 4

Vivian mordeu sua mão.

Não foi a dor que fez Temple esticar as costas e afrouxar os braços que a seguravam, foi prazer. Os pontudos dentes da jovem se afundaram em sua palma; não com suficiente força para fazê-lo sangrar, mas sim com bastante para que ele pedisse que o repetisse.

A garota tomou vantagem, e afastou a mão do vampiro enquanto jogava a cabeça para trás para golpeá-lo. Por sorte, não acertou o nariz, se houvesse acertado o teria quebrado, mas o impacto foi tão forte que Temple teve que apertar os dentes. De fato, inclusive lhe doeu, o que o surpreendeu mais do que deveria.

Mas quando ela se soltou e deu meia volta para enfrentá-lo ele já estava preparado. Ou quase.

Vivian não brigava como uma mulher. A verdade era que tampouco brigava como nenhum inglês que Temple tivesse conhecido. Seu primeiro ataque foi uma patada que sem dúvida provinha de uma arte oriental. O vampiro se agachou, mas então lhe golpeou a garganta com o

punho. Seu instinto de sobrevivência aflorou à superfície e lhe devolveu o golpe. Nem sequer teve tempo de sentir-se culpado, pois a jovem se recuperou imediatamente e se lançou uma vez mais.

Os punhos de Vivian acertaram sua bochecha e o estômago e quando ele a agarrou pelos braços, o joelho dela se levantou com alarmante rapidez. Por sorte, Temple era ainda mais rápido e conseguiu interceptar o golpe, lhe afastando as pernas com uma das suas e derrubando-a no mato. Colocou-se por cima, capturando-a contra o chão com seu próprio corpo.

A moça gemeu ao sentir o impacto, e Temple recebeu seu fôlego sobre o rosto logo que saiu dos pulmões dela. Então ficou quieta; só se movia seu peito, que subia e baixava tentando recuperar o fôlego.

O vampiro baixou a vista e a olhou no rosto. Ficaria roxa onde a tinha golpeado, mas apesar disso não tinha mau aspecto. De fato, estava magnífica, com as bochechas ruborizadas e os lábios entreabertos, e uns olhos que olhavam cheios de raiva e... de desejo.

Maldita fora, gostava de estar em cima dela. Seus voluptuosos quadris o acolhiam, suas coxas embalavam as dele, e podia descansar sua pélvis contra a de Vivian. Toda ela irradiava calor, força e doçura e Temple não podia estar mais excitado. Moveu-se para se encaixar ainda melhor, e como prêmio recebeu um suspiro enquanto as pernas da jovem o rodeavam.

Deveria agarrá-la e prendê-la na escola. Deveria escutar essa vozinha que soava em seu interior e que dizia que não a beijasse, que não a tocasse.

Mas a ele jamais tinha gostado disso de escutar.

Quando seus lábios se pousaram sobre os dela, Vivian ficou tensa. Afundou os dedos em seus bíceps, mas Temple mantinha seus braços imobilizados com os cotovelos e não pôde fazer nada mais.

Gotas de chuva lhe molharam as costas e a jovem entreabriu a boca. A água que ia caindo no mato se deslizava também por sua nuca.

Vivian era mais doce que a chuva, mais doce que a tormenta que caía sobre eles. E quando conseguiu afundar a língua entre seus lábios, ela já não resistiu. Por que ia rechaçar o que ambos desejavam? O que necessitavam.

Desde a primeira vez que se viram, sabiam que iam terminar assim. Então a moça tinha sido sua carcereira, e ele seu prisioneiro. Agora os papéis estavam trocados, mas Temple seguia estando em seu poder tanto como no princípio. O vampiro se sentia indefeso com as exigências de seu corpo, apesar de saber que fazê-la sua só complicaria uma situação já por si complicada.

A língua de Vivian se moveu junto à sua, saboreando-o sem pudor, e levantou os quadris, procurando sentir melhor seu duro membro entre as pernas. Temple não encontraria a paz até que se afundasse nela, até ficar empapado de Vivian.

Afastou os lábios e a olhou, enquanto a chuva obscurecia seu cabelo e este adquiria a cor do sangue. —Me diga que deseja fazer isto.

Vivian percebeu o desespero dessas palavras entre o som das gotas que caíam sobre o mato junto a sua cabeça. Deveria dizer que não. Deveria negar-se, mas não podia fazê-lo. Aquilo estava errado, ia contra tudo que tinham lhe ensinado, mas se não ficasse com ele, se não se rendesse aos desejos de seu corpo, jamais encontraria a paz.

Talvez quando se saciasse do vampiro, a obsessão que parecia ter se apoderado dela desapareceria e poderia voltar a pensar com clareza. Talvez assim se livraria desses sentimentos tão violentos que sentia sempre que o tinha perto.

Disse a si mesmo que o fazia pela causa, que assim ele estaria mais predisposto a contar segredos que logo poderia transmitir a Rupert, mas nesse instante, isto estava muito longe de sua mente, até mesmo o sentido da honra ou dever e coisas do gênero.

Que Deus a ajudasse, mas pela primeira vez em sua vida ia fazer o

que de verdade queria e não o que se esperava dela, e ao inferno com as conseqüências.

E seguro que as haveria.

Já não tinha os braços imobilizados. Temple tinha se erguido um pouco e se apoiava agora sobre as mãos, pressionando sua ereção, firme como o aço, contra ela. Doía. Gostava. Ele não se moveu, nem respirou sequer, esperando sua resposta. Ia obrigá-la a dizer em voz alta.

—Desejo-o —reconheceu, e sua própria voz soou desconhecida.

Os relâmpagos iluminavam o céu sobre suas cabeças e Vivian pôde ver a expressão de prazer no rosto de Temple. Era possível que fosse ainda mais bonito que recordava? Cortou o cabelo, e umas escuras e sedosas mechas penduravam de sua testa, sem ocultar os marcados ângulos de seu rosto.

Com ferocidade, o vampiro desabotoou os botões do colete e a camisa, para em seguida afrouxar os laços do espartilho. Colocou-se escarranchado sobre os quadris dela, com suas firmes coxas. Vivian não podia distinguir a expressão dos olhos de Temple. Graças a Deus, também era impossível perceber seu olhar zombador. Seguro que o tinha, como sempre, mesclado com arrogância, e com aquela honestidade que a fazia sentir que o vampiro era muito melhor pessoa do que ela jamais seria.

Um asperas mãos se deslizaram por suas costelas e separaram os extremos do espartilho. A chuva, que agora caía com mais intensidade, impactou em sua pele como o jorro de uma ducha, e pôde sentir o frio mato sob seu corpo. Vivian gemeu. A água e o ar da noite eram do mais sensuais, e se estremeceu debaixo de Temple, arqueando as costas e oferecendo os seios, que eram já dois duros montículos.

—Por que tem que ser tão formosa? —perguntou ele ao inclinar-se. E então capturou um mamilo entre seus lábios e o lambeu... com ardor.

Vivian se aproximou dele com um gemido, respondendo tanto a suas carícias como a suas palavras. O vampiro a achava formosa.

Tratou de segurar-se aos ombros de Temple, mas tinha a roupa enrolada nos braços. Frenética, sacudiu-os para soltar-se, e a seguir afundou os dedos no cabelo, puxando suas mechas empapadas. Queria que parasse, e ao mesmo tempo não queria que o fizesse.

A opressão que sentia no peito se afrouxou, e a ferocidade do abraço masculino foi substituída por umas lentas carícias com a língua que quase eram mais difíceis de resistir. Uma terrível e maravilhosa sensação nasceu entre suas pernas, estendendo-se por todo o corpo da jovem a tal velocidade e com tanta profundidade que acreditou que permaneceria ali para sempre.

—Quero te sentir —disse a Temple, percorrendo com as mãos a camisa que tinha colada à costas.

Levantou a cabeça, e manteve o olhar fixo no dela enquanto desabotoava os botões. Vivian o observou, com a boca seca de vontade de tocá-lo, então, outro relâmpago rasgou o céu iluminando o torso musculoso e coberto de pêlos do homem. O trovão retumbou, ocultando o forte batimento do coração da jovem quando aproximou as mãos para ele e começou a acariciá-lo.

Notava a pele quente sob seus dedos, escorregadia por causa da chuva. Era como se o céu se abrisse para tratar de acalmar o fogo que corria pelas veias de ambos. Inutilmente.

Com mão tremente, Temple desabotoou sua calça, e a deslizou pelos quadris. Vivian se levantou um pouco, cravando os pés no chão, facilitando assim a tarefa de despi-la. O vampiro tirou inclusive suas botas, como se temesse que fosse escapar.

Não ia a nenhuma parte. Ainda não. Ia chegar até o final, porque o desejava. Desejava-o mais que tudo no mundo. Desejava Temple. O amanhã traria consigo o que quisesse, mas essa noite não eram mais que um homem e uma mulher rendendo-se à atração que sentiam um pelo outro.

Ela não era completamente inocente. Embora por sorte no circo que tinha estado ninguém tinha arrebatado sua virgindade, sua visão infantil do mundo desapareceu logo. Nos trailers dormiam três ou quatro pessoas, isso se era afortunado. Uma das mulheres estava sempre com seu amante, e embora Vivian fingia dormir, não demorou para saber o que acontecia entre um homem e uma mulher.

Assim, quando Temple a teve nua sobre a relva, ela separou as pernas para tentá-lo.

O vampiro se levantou, afastando-se. Ia partir? Ia deixá-la ali, humilhada sem remédio? Esse pensamento a deixou aniquilada.

Mas seu medo durou só uns instantes. Temple se aproximou dela, com a água escorrendo por todo o corpo, como um deus iluminado pela luz que provinha da escola. Qualquer um podia vê-los, mas a Vivian não importava. O vampiro estava tirando as calças e nem sequer um raio a obrigaria a mover-se dali.

Nu e excitado, voltou a inclinar-se sobre seu corpo, colocando-se entre as pernas da jovem, já separadas. Toda ela tremia de desejo.

—Depois —murmurou ele sob a chuva—, irei mais devagar, mas agora já não posso esperar mais.

«Depois.» Se não estivesse tão nervosa talvez teria se assustado. Mas sua excitação estava no limite, e Vivian se alegrou que Temple não tivesse o bastante com uma só vez.

O vampiro se apoiou sobre os calcanhares e, lhe colocando um braço atrás das costas, suspendeu-a até colocá-la escarranchada sobre seu colo. Deslizou a outra mão entre os dois e guiou a ponta de sua ereção até a entrada do corpo dela.

Vivian empurrou, ajudando que ele a penetrasse, e ambos gemeram. Por entre os lábios de Temple teve um vislumbre de suas presas, e estremeceu ao recordar como a tinha mordido umas noites atrás, na hospedaria.

A rodeou pela cintura com os braços e a empurrou para baixo, até

ficar completamente enterrado em seu interior. Uma ardente sensação a atravessou inteira. Doeu, mas também lhe deu prazer, e quando gritou não soube se o fazia por um ou pelo outro.

Temple fixou o olhar no seu, com os olhos totalmente abertos com o descobrimento. Nem sequer tinha suspeitado que pudesse ser virgem e Vivian não o culpava por isso. Por que deveria havê-lo previsto?

Moveu-se junto com ele, e o prazer começou a superar o incômodo que ainda sentia.

—Já me fez sua —disse, recordando em voz alta a promessa que o vampiro havia feito—. Agora não se atreva a parar. —Tremeu-lhe a voz, tanto quanto o resto de seu corpo.

Possivelmente Temple tinha tido intenção de rir, mas o que saiu de sua garganta se assemelhou mais a um gemido. —Não vou parar —assegurou.

Vivian sabia que se referia a muito mais do que acontecia entre eles naquele mesmo instante, mas não se importou. Ela tinha um único objetivo e não se envergonhava. Estava decidida. Desejava-o e agora que o tinha, nenhum pretexto nem desculpa iram fazê-la renunciar a ele.

O vampiro se moveu com suavidade, inclusive com ternura. As lágrimas se amontoaram nos olhos de Vivian ao pensar que talvez Temple estivesse se retendo para não a machucar. Não queria sua ternura. Não queria que fosse doce ou considerado, não quando ela tinha ido ali para derrotá-lo. Ele era sua presa, não seu amante.

—Se quisesse que me fizessem amor, teria escolhido outro —soltou, lhe cravando as unhas nos ombros justo antes de morder seu lábio inferior. Não lhe fez sangue, não se arriscou; não sabia o efeito que seu sangue podia lhe causar, mas o mordeu com suficiente força para que o vampiro lhe segurasse os quadris com força e os levantasse para cima, afundando-se com força em seu interior.

Vivian ficou sem fôlego, e gemeu contra os lábios de Temple, baixando seu corpo para o dele. OH, Deus santo, senti-lo dentro,

movendo-se, acariciando-a. Firmou as plantas dos pés na molhada relva e compassou seus quadris às investidas do homem, com cada movimento retumbando em seu interior. Jamais havia sentido nada igual. Jamais havia se sentido tão viva.

A boca dele soltou a de Vivian, e com os dentes lhe arranhou os lábios, o queixo e a mandíbula à medida que abria caminho para seu pescoço. Enredou uma mão entre a cabeleira e jogou sua cabeça para trás. Embora quisesse, sabia que não poderia detê-lo, não quando estava decidido a obter o que queria.

E ela queria dar-lhe.

De novo voltou a sentir a doce pontada que anunciava que suas presas tinham transpassado a barreira de sua pele. Vivian gemeu e Temple bebeu desesperado da ferida. O que sentiria se a mordesse nos seios? E na coxa? Como seria notar esses dentes acariciando sua parte mais íntima? O pensamento bastou para lhe fazer perder todo o controle e estremeceu entre os braços do vampiro, movendo uma e outra vez até que ele a abraçou com força e a cabeça começou a lhe dar voltas devido ao prazer e à falta de sangue. O orgasmo a sacudiu como se tivesse sido fulminada por um raio; como se fosse sua paixão e não a mãe natureza que controlasse a tormenta. Um trovão cobriu os gritos de prazer de ambos e Temple se esticou debaixo dela, abraçando-a com tanta ferocidade que Vivian temeu que lhe rompesse alguma costela, embora tampouco se importasse o mínimo.

Os ombros dele sangravam pelas unhas que Vivian tinha afundado neles em meio da paixão. A chuva levava os rastros de sangue e ela observou como as pequenas feridas se faziam quase imperceptíveis até desaparecer por completo. Temple podia curar-se assombrosamente rápido. Ou era só sua imaginação? A cabeça lhe dava voltas...

—Isto não muda nada —disse ao vampiro, arrastando as palavras. Separou-se de seus braços e ele a deixou ir. Lhe nublou a vista ao levantar-se. Muito rápido.

Uns tranquilos olhos verdes se cravaram nos seus, mas Vivian não podia enfocar a vista. Temple tinha sangue nos lábios. Quanto tinha bebido?

—Isto muda tudo.

A jovem abriu a boca para protestar, mas então o mundo se desvaneceu e tudo ficou às escuras.

«Não deveria ter bebido tanto sangue», pensou Temple enquanto levava Vivian e as roupas de ambos para o porão e seus aposentos. Graças a Deus, a maioria das estudantes estavam em suas casas para passar as férias do verão, senão, teria corrido o risco de assustar uma delas se acaso o via passeando nu sob a tormenta. Por não falar que levava nos braços uma mulher tão nua como ele.

Uma mulher com a que não tinha nem idéia do que fazer.

Uma mulher que era virgem até que ele a tinha violado.

Não, não ia pensar nisso. Não ia assumir nenhuma culpa nem ter nenhum remorso pelo que tinha acontecido. Talvez terminasse por revelar-se como um gravíssimo engano, mas no momento era uma das experiências mais maravilhosas que tinha tido ao longo de sua longa, longa vida.

A amante mais maravilhosa que tinha tido era marionete de um homem que queria destruir todos os de sua espécie. Porque isso tinha que ser o que queria Villiers; nada mais tinha sentido.

Por que teria mandado a jovem para ali? Para o distrair? Teria ordenado seu mentor que o seduzisse? Não. Temple tinha percebido a luxúria presente na voz do muito bastardo cada vez que falava com Vivian, e, sendo assim, não ia mandá-la aos braços de outro.

Sorriu enquanto segurava Vivian com uma só mão e com a outra abria a porta de seu quarto. Adoraria ver a cara desse filho da puta quando descobrisse quem tinha sido o primeiro em saborear aquela amazona.

Deus santo, ela era na verdade especial. Apenas a tinha beijado e

acariciado porque a moça parecia não querê-lo nem necessitá-lo. Seu corpo estava úmido e apertado, preparado para ele. Vivian tinha dado tanto como tinha recebido. Enfrentaria a todos os outros aspectos da vida com o mesmo descaramento e desafio que ao sexo? Se fosse assim, seria uma oponente mais formidável do que tinha acreditado. Essa idéia resultava de uma vez excitante e adúladora.

Mas não importava o muito que a desejasse ou admirasse, seguia sem confiar nela. Ter se deitado com ela mudava as coisas, mas nem tanto.

Por esse motivo, depois de deitá-la na cama e cobri-la com as mantas, Temple examinou o conteúdo de sua espartana bolsa de viagem, mas não encontrou nada ameaçador nela.

Claro que aquela mulher era uma arma em si mesmo, assim para que ia incomodar se em levar uma pistola?

De repente, descobriu a adaga oculta no interior de uma bota e sorriu. Era toda uma guerreira.

Temple pegou uma camisa que encontrou no armário e saiu do quarto com a roupa e os pertences de Vivian. Levou a roupa à lavanderia, e a bolsa a escondeu.

Logo, retornou a seus aposentos e puxou a corda que fazia soar uma pequena campainha no quarto de Brownie.

Esta apareceu ali minutos depois. Enquanto a esperava, tinha ficado sentado em uma cadeira, observando Vivian enquanto dormia. A via pálida e tranqüila, como um anjo caído, e o coração do vampiro pulsava de um modo incômodo ao vê-la.

Não podia se permitir apego, e muito menos apaixonar-se por ela, ela não; isso sim que seria uma estupidez.

—O que aconteceu? —Perguntou Brownie bocejando quando abriu a porta—. O que aconteceu?... Temple, há uma mulher em sua cama.

A fechou para ter certa intimidade, afinal as paredes tinham ouvidos, e sorriu ao ver a cara de surpresa de sua amiga. Sua expressão

não era de ciúmes nem de despeito, só de mera curiosidade.

—Mandou-a o homem que te falei.

Brownie fez um som de desdém com a boca e o olhou incrédula.

—Mandou uma simples mulher para enfrentar você?

—Não é uma simples mulher. —E se Temple fosse mortal, teria várias feridas no corpo para demonstrá-lo.

Esse crítico comentário obteve como resposta uma sobrancelha arqueada; Brownie deu a volta na cama nas pontas dos pés, como se tivesse medo de despertar uma princesa, e se aproximou para contemplar a jovem dormida.

O vampiro observou sua amiga com atenção, tratando de não perder nenhum detalhe de sua expressão, esperando que se desse conta que...

Brownie abriu os olhos como pratos. Separou os lábios e suas bochechas se ruborizaram. Cobriu a boca com a mão e o olhou atônita.

—Temple, ela é... —deteve-se, incapaz de pronunciar as palavras.

O assentiu, satisfeito de ver confirmadas suas suspeitas.

—Isso acredito. Tem sentido, e me preocupa, sendo quem é o homem a que ela entregou sua lealdade.

A pequena irlandesa voltou a olhar para a cama, com o olhar fixo na cabeleira avermelhada de Vivian.

—O que vai fazer? E por que está nua?

Apesar das circunstâncias, Temple não pôde evitar rir.

—Vou pedir aos outros que venham aqui, e está nua porque não pode escapar se não estiver vestida.

Brownie assentiu, e era óbvio que ainda estava estupefata.

—Eu gostaria de falar com ela.

É óbvio. Estava convencido que queria fazê-lo.

—Mais tarde. No momento não podemos confiar nela, querida.

—Mas...

—Esta jovem não tem idéia de quem é. Não pode dizer-lhe Brownie.

Me prometa que não dirá.

A mulher pôs os olhos em branco mas lhe deu sua palavra.

—O que quer que faça?

—Quero que me ajude a ganhar sua confiança.

—Quer dizer te ajudar a retê-la aqui.

—Questão de semântica —replicou ele com um sorriso.

Brownie o olhou preocupada.

—Temple, não quer utilizá-la para se vingar, não?

—Não o tinha pensado —respondeu ele, mas ao fazê-lo-se deu conta que ter presa à pupila de Villiers lhe dava certa posição de poder.

—Temple —o repreendeu séria Brownie e ele se ofendeu. Por que tipo de monstro o tomava? De verdade acreditava que era capaz de machucar uma mulher inocente?

A uma mulher inocente não o faria, mas Vivian não era inocente, e o vampiro não sabia se sentia algo por ele ou se seria capaz de matá-lo caso Villiers o ordenasse.

—Não a utilizarei para me vingar. —Manteve o olhar fixo na moça que jazia em sua cama—. Mas isso não quer dizer que não possa tirar proveito da situação.

Capítulo 5

Vivian sabia que haveria conseqüências. O que não lhe tinha ocorrido pensar era que chegariam tão cedo.

Na manhã seguinte, despertou tarde, um pouco dolorida mas estranhamente descansada, e viu Temple dormindo a seu lado. Nu.

Por muito que tivesse vontade de contemplá-lo, de estudar cada centímetro de seu corpo, não era tão idiota para fazê-lo. Não a tinha

encadeado nem atado à cama. A porta nem sequer estava fechada. Era impossível que o vampiro fosse tão idiota para deixá-la sair para passear. Talvez estivesse convencido que ela era incapaz de escapar. Ou possivelmente acreditava que, depois de passar uma noite com ele, não quereria ir-se. Essa última opção era em realidade a que mais se aproximava da verdade. Aconchegar-se a seu lado, despertá-lo e deixar que voltasse a fazê-la sua era mais que tentador.

Tinha entregue sua virgindade a um vampiro, a seu inimigo. E dar-se conta disso não a incomodou como deveria. Tinha desfrutado de cada minuto. De fato, o que mais a preocupava era que não se sentia absolutamente culpada. Estava ganhando sua confiança, disse-se. Por isso não se sentia mal. Sim, era isso.

No momento, só tinha que encontrar um modo de comunicar-se com Rupert. Havia dito que tinha amigos em Clare. Conseguiria algum deles entrar em contato com ela? Seguro que para Vivian seria muito mais difícil fazê-lo.

A questão era que não tinha tempo a perder. Quanto mais informação pudesse reunir, melhor. Ali estava em desvantagem. Temple tinha todo o poder, e a jovem não se sentia cômoda com essa divisão. Saiu de entre os cômodos lençóis e começou a procurar sua roupa. Não estava em nenhuma das gavetas do vestiário, nem no armário... onde sim havia em troca objetos de Temple. Soube que eram dele com apenas um olhar, e pelo aroma de baunilha e a cravo que desprendiam. O vampiro cheirava tão bem que dava vontade de lhe comer.

Meu deus. Vivian se deteve e teve que apoiar-se na porta do armário para não cair.

—O que fiz?

Desviou a vista para o homem que jazia entre os lençóis brancos. Podia repetir-se até não poder mais que havia feito o que devia, mas a verdade era que poderia ter mostrado um pouco mais de resistência. Mas não quis. Um instante de debilidade e se rendeu sem mais, ansiosa

por sentir o que seu corpo lhe prometia. Talvez acabasse revelando-se como um grave engano, mas tinha sido uma das experiências mais maravilhosas de toda sua vida. Jamais havia sentido tal abandono, tais emoções.

Nunca antes havia se sentido tão feliz. Sabia que ia sentir prazer, mas não imaginava que fosse experimentar o resto das emoções. Nem tampouco que ia ter essa conexão com ele.

Estava um pouco dolorida e sentia certo desconforto entre as pernas. Entretanto, o golpe que Temple lhe tinha dado na mandíbula a incomodava mais que isso. Inconscientemente, acariciou-se o hematoma que tinha no lado esquerdo da boca. As marcas que tinha causado a ele tinham desaparecido fazia muito. Devia ser maravilhoso sanar com tanta rapidez.

Temple poderia havê-la matado. por que não o tinha feito? Parecia ter a intenção de utilizá-la, igual a ela.

—Ficou embevecida me olhando.

Vivian gritou assustada. Maldito fosse por convertê-la em uma estúpida e temerosa fêmea. Ocultou-se atrás da porta do armário para fugir de seus zombadores olhos verdes. Não só a fazia sentir-se como uma tola, mas sim também a fazia passar vergonha. Olhou por cima da madeira.

Temple estava sentado na cama, com os lençóis formanda redemoinhos ao redor de seus quadris, com o torso descoberto. Era tão forte e poderoso, cheio de cicatrizes que provinham de batalhas de séculos passados, e tinha a pele morena graças a um sol que se pôs muito tempo atrás.

Ainda não tinha decidido sobre seu novo corte de cabelo. Gostava de comprido, mas mais curto, como o levava agora, destacava suas angulosas feições. Já não era seu vampiro selvagem. Era mais fácil vê-lo como perigoso quando se mostrava como tal...

Agora só sentia que era perigoso.

Seu largo e musculoso peito não tinha tanto pêlo como Vivian tinha acreditado, mas tampouco era imberbe. Tinha o suficiente cabelo para que ela morresse de vontade de deslizar suas palmas por cima e sentir a pele sedosa que se escondia debaixo.

Desviou a vista para seus largos ombros, e seguiu pelo pescoço até alcançar sua poderosa mandíbula. Seus lábios esboçavam uma meio sorriso em consonância com o brilho divertido de seus olhos claros.

—Segue embevecida —recordou.

A jovem se ruborizou. Maldito fosse de novo. Vivian contava que ia zombar dela, ou desprezá-la, mas não contava que pudesse ser carinhoso. Era um sentimento que não parecia conter nem um ápice de maldade.

—Onde está minha roupa? —exigiu saber com a voz mais altiva que pôde.

—Gostaria de um banho? —replicou ele sem responder, afastando os lençóis para levantar-se da cama.

Vivian sabia que tinha que afastar o olhar, e o fez, mas não sem antes lançar uma boa olhada a aquela parte dele que tinha estado em seu interior na noite anterior. Essa parte que parecia disposta a repetir a experiência.

—O que fez com minha roupa? —perguntou, com o olhar fixo na cara dele, o lugar mais seguro que lhe ocorria.

Temple sorriu e caminhou para ela. Vivian fechou a porta do armário e retrocedeu até tropeçar com o móvel.

—Vou abrir a água.

—Não quero me banhar.

Outro sorriso, desta vez inclinado. Deus, tinha um traseiro espetacular!

—Não me importa. Precisa de um banho.

Miúdas costas. Afastou a vista e se obrigou a olhá-lo nos olhos.

—É um cretino.

Temple riu e Vivian girou a cabeça enquanto ele abria a válvula.

—Comporte-se, ou não devolverei sua roupa.

O que era que mais a incomodava, que tivesse conseguido sair-se com a sua, ou que ela não estivesse tão zangada como deveria? Temple a tinha estado esperando. Era óbvio que tinha estado vigiando sua chegada, e isso fazia que Vivian não se sentisse tão mal porele a ter abandonado dias atrás.

Abandonado? De onde diabos tinha saído isso? O vampiro não a tinha abandonado, tinha fugido de sua prisão. Ela não tinha nada a ver. Mas que ele se fora doeu, e por muito que quisesse não podia negar a verdade. O melhor seria que seguisse zangada. O aborrecimento era mais fácil de agüentar.

Temple a tinha convertido em uma idiota, e isso a punha furiosa; e não só estava zangada com ele, mas também consigo mesma. A situação em que se encontrava era completamente culpa dela.

—E agora o que? —perguntou, com mais raiva que sentia—. Vai me utilizar para se vingar?

O vampiro se ergueu e, enquanto a banheira enchia, dirigiu-se a ela, gloriosamente nu.

—Isso não seria jogar limpo, não acha?

Vivian manteve o olhar fixo no rosto dele. Queria golpeá-lo, mas também queria beijá-lo. Queria que entrasse em seu interior e a possuísse uma e outra vez até o ter completamente sob seu controle.

—Isso não responde minha pergunta.

—Se fosse te machucar, já teria feito isso. —Inclinou a cabeça pensativo—. Ontem à noite te fiz mal?

Referia-se ao murro ou ao fato que tivesse lhe arrebatado a virgindade?

—Curarei-me. Mas ainda não me disse se vai me utilizar para se vingar.

Sorriu, mas sem alegria.

—Te utilizar. Soa como se fosse um objeto que a gente pode manipular.

Os dedos de Vivian seguraram com força a porta do armário, a única coisa que a protegia dele, apesar que sabia que, se quisesse, podia parti-la em duas como se fosse um ramo. «Um objeto que a gente pode manipular.» Não era isso o que pensava Rupert do vampiro? O que pensava ela mesma?

—Fui sua carcereira. —por que diabos estava recordando isso?—. Acreditava que me odiava.

Deu meia volta e afundou os dedos na banheira, logo ajustou as válvulas. Movia-se com lentidão, consciente que ela não representava nenhuma ameaça. E, apesar de tudo, Vivian podia sentir que a tensão que emanava de seu corpo não era completamente normal. Estava relaxado, mas também estava em guarda.

A diferença dela, que parecia não estar nunca.

Ao mover-se, os músculos de Temple se esticaram. Sua pele se ajustou a suas costelas e flancos. Não se sentia incômodo com sua nudez, nem com o fato que ela o estivesse olhando.

Não se ergueu até que a água esteve a seu gosto, e logo disse:

—No que se refere a você, Vivian, sinto muitas emoções, e todas são contraditórias. O ódio é só a última de uma longa lista.

Sentiu um salto no coração.

—O que sente por mim?

Temple sacudiu a cabeça e sorriu.

—Não acreditará que vou facilitar, não?

—Não sei a que se refere. —E de verdade não sabia.

Voltou a ajustar as válvulas.

—Te adverti do que aconteceria se viesse atrás de mim, mas fez de qualquer jeito. Das duas uma, ou de verdade me deseja, ou Villiers mandou que o fizesse. —Sorriu e a olhou como se pudesse ver dentro de sua alma—. Ou ambas as coisas. Seja como for, não vou te dar o que

quer tão facilmente.

Falava como se não se importasse, e suas palavras se aproximavam tanto à verdade que a jovem sentiu um incômodo comichão nas costas. Afastou a vista, e seus olhos foram diretamente ao relógio que havia sobre a cômoda. Assinalava pouco mais das doze.

—É noite ou dia? —perguntou.

Temple riu; parecia achar graça que ela estivesse tão disposta a parar o assunto dos sentimentos.

—Meio-dia. —Voltou a agachar-se e fechou a água.

Essa vez, Vivian se recreou nas costas de Temple e em seus largos ombros.

—Não deveria estar dormindo?

—Posso ficar acordado durante o dia, mas não costumo fazê-lo. — Estendeu-lhe a mão—. Venha, se já terminou com suas perguntas, o banho está pronto.

Ficou ali quieto, sem pudor algum e sem parecer sentir o mínimo interesse pelo corpo dela. Vivian duvidou. Temia ser uma armadilha, mas era incapaz de vê-la. E Temple tinha razão, necessitava um banho. Pior ainda, desejava banhar-se.

Indecisa, afastou-se do armário, com os braços tensos de ambos os lados. Se tentasse se cobrir pareceria ainda mais tola, e daria a ele ainda mais poder.

Temple a surpreendeu mantendo a atenção fixa em seu rosto em vez de recrear-se em seu corpo nu, igual havia feito antes ela com ele. Que a tratasse com tanto respeito era incompreensível, e fazia que se envergonhasse de seus próprios atos. Cruzou o tapete até o chão de pedra onde estava a banheira, e, ignorando a mão dele, meteu-se na água.

Estava no ponto, e Vivian se inundou com um suspiro. Recordando suas maneiras, levantou a vista para o vampiro.

—Obrigado. —Apesar de terem trocado de papéis e ser agora ela a

prisioneira, ele jamais tinha sido desagradável, e a jovem decidiu fazer o possível por agradecer sua cortesia. Caçavam-se mais moscas com mel, ou algo assim dizia o refrão.

—Se incline para frente —disse Temple—. Ensaboarei suas costas.

—Não precisa...

—Faça.

E fez. Havia algo em seu tom autoritário que fez que aproximasse os joelhos do peito quase sem ser consciente disso. Podia sentir os batimentos de seu próprio coração contra a coxa.

Ele se ajoelhou. Afundou a esponja e esfregou um sabonete que cheirava a sândalo. Continuando, começou a esfregar suas costas, mas de modo algum absolutamente sedutor nem carinhoso.

—Quer me matar com essa esponja? —perguntou antipática. Não a machucava, mas tampouco era uma sensação agradável.

—Tem manchas de mato nas costas —respondeu o vampiro com um sorriso, e com aquele acento que não era nem francês nem inglês, mas algo a meio caminho de ambos—. Por certo seu traseiro tem o mesmo aspecto. Quer que o lave?

—Não!

Ele riu e se inclinou para frente, acariciando seu rosto com seu fôlego, igual havia feito na hospedaria.

—Não pode me impedir.

Desta vez, quando o olhou, Vivian sentiu medo pela primeira vez. Tinha razão, não poderia impedir Temple de fazer o que quisesse com ela. Podia opor certa resistência, mas no final ele conseguiria vencê-la.

Em que diabos pensava Rupert para mandá-la atrás do vampiro? Em que diabos pensava ela para aceitar?

Com certeza Rupert acreditava que Vivian encontraria um modo de controlar Temple. Seu mentor estava convencido que ela era a única pessoa capaz de enfrentar-se a essa espécie, a única que podia ter certo poder sobre Temple. E não ia decepcioná-lo.

Manteve-se rígida e com as costas erguidas.

—Acreditava que não fosse me ferir.

Uns lábios suaves mas ao mesmo tempo firmes lhe acariciaram a pele do ombro, e debaixo deles uns dentes afiados a arranharam.

—Um pouco de dor pode ser às vezes muito prazeroso.

O fogo correu pelas veias de Vivian. Até conhecer o vampiro jamais teria imaginado que a dor pudesse dar em efeito tanto prazer, mas ele fazia que até respirar fosse uma deliciosa agonia.

—Se quisesse me vingar de você, Vivian —sussurrou ele, acariciando seu queixo com o dele ao aproximar-se—, passaria os próximos dias na cama, fazendo que me desejasse tanto como te desejei durante estas semanas.

Ela inclinou a cabeça, sentindo a cálida bochecha de Temple junto à sua. O sabão que tinha utilizado cheirava a ele, mas faltava a esquiva doce que se pegava à pele do vampiro. Essa fragrância turvava sua mente, a fazia sentir-se descarada e sensual, preciosa e magnífica.

—Como é possível que me deseje quando por minha culpa estive preso em uma jaula? —Como um animal, como uma atração de feira.

—Não sei. —Temple girou a cara, detendo-se com os lábios a escassos milímetros dos de Vivian—. Como é possível que você me deseje?

—Não te desejo. —E, ao mentir, uns calafrios percorreram suas costas e lhe pôs um arrepio.

Ele riu, com ternura, e seu quente fôlego a acariciou na bochecha.

—Mentirosa.

E então a beijou, separando os lábios e reclamando os dela com a invasão de sua língua. Rodeou-a com um braço, retendo o ombro de Vivian junto ao seu poderoso torso, enquanto afundava a outra sob a água por entre suas coxas, acariciando-a nessa zona, ainda sensível mas de novo excitada.

A jovem se agarrou na borda da banheira ao sentir como os dedos

de Temple separavam os lábios do seu sexo. Vivian não podia tocá-lo. Era muito perigoso. Já tinha descoberto muitas coisas só acariciando-a; se o tocava, se o fazia como desejava fazê-lo, deixaria descoberto muito mais que as palavras poderiam revelar jamais. Assim apertou os pés contra a suave base da banheira e tratou de arquear-se contra a mão do vampiro quando este, com descaramento mas com doçura, acariciou a parte mais sensível de seu corpo.

—Prometa-me que não tentará escapar —murmurou ele junto a seus lábios.

Vivian abriu os olhos de repente e os fixou nos seus. Temple se aproximou um pouco mais, para que ambos pudessem ver-se, mas com seu dedo continuou sua deliberada e deliciosa tortura.

—Não —respondeu em voz baixa e sensual, uma voz tão fraca que inclusive se envergonhou, apesar que separou ainda mais as pernas. Não era que não pudesse prometé-lo, Vivian se dava relativamente bem mentindo, era que não queria render-se para conseguir que Temple lhe desse o que tanto desejava. Não queria lhe dar esse tipo de poder.

Os lábios do vampiro esboçaram um lento sorriso. Não zombava dela, nem a menosprezava, simplesmente, estava decidido a obter sua capitulação, e deixou de acariciá-la. O desejo que Vivian sentiu quase a fez enlouquecer.

—Prometa isso.

Ela apertou os dentes frustrada e negou com a cabeça. —Não —repetiu.

Temple mudou de tática. Retomou as carícias, agora com maior velocidade, excitando-a até levá-la a beira do clímax.

—Prometa-me isso e farei isto com a língua.

Maldito fosse. O sentido comum a abandonou ao mesmo tempo que o prazer crescia mais, e Vivian soube que, se negava, o vampiro se deteria e não lhe daria o que desejava com tanto desespero. Não ia tentar escapar, era de vital importância que ficasse ali... com ele. Dizer o

que queria ouvir, só lhe traria benefícios.

—Prometo —gritou isso ao alcançar um poderoso orgasmo, sem importar a missão nem nenhuma outra coisa—. Deus, prometo isso.

E enquanto a água salpicava o chão, acreditou ouvir a risada de Temple.

Em outra vida, teria entregue o coração a uma mulher assim.

Claro que, pensou Temple enquanto metia a camisa por dentro das calças, em outra vida talvez a teria tomado para o café da manhã e logo teria passado ao seguinte prato. No passado, não estava acostumado a ter muitos escrúpulos.

Anos atrás a teria matado simplesmente por ser sua inimizade. Naquele tempo teria sido uma mera questão de sobrevivência. Agora... Bem, talvez representasse uma ameaça para ele, mas também podia proporcionar informação muito útil.

Depois de sua fuga, e antes de chegar à ilha de Clare, tinha visitado algumas de suas fontes e obtido um pouco de informação. Rupert Villiers já enfrentou antes vampiros. Vinte anos atrás, sua prometida o tinha abandonado por um vampiro chamado Payen Carr. Depois disso, Villiers tinha prosperado dentro da Ordem da Palma de Prata.

Se o que Temple suspeitava a respeito de Vivian fosse verdade, a jovem significava para Villiers mais do que ninguém podia imaginar. E se este a tinha mandado atrás dele, suas intenções com os vampiros iam além da mera vingança.

Por esse motivo, Temple tinha dado vozes que queria encontrar Payen Carr. Se este vampiro seguia com vida, seguro que se inteiraria.

Olhou sua prisioneira. Uma vez seca e vestida com uma simples túnica de homem, resultava igualmente tentadora que quando estava nua na banheira, com sua pele iluminada pelo desejo. Era plenamente consciente dos perigos que traria manter uma relação física com ela, assim como também sabia que não podia confiar na jovem. Vivian estava jogando com ele, igual Temple estava fazendo com ela; e ambos

queriam sair vitoriosos desse duelo. Ia ser um jogo do mais perigoso.

—Tem fome? —perguntou, observando como fechava o cinturão. Outros a queriam o mais débil possível, a sua mercê, mas ele, pelo contrário, queria-a forte e em plena forma. Desejava uma batalha justa. Deus, estava impaciente para enfrentá-la.

Vivian o olhou com agradecimento e desconfiança nos olhos. O vampiro quase podia cheirar o afã de derrotá-lo misturado com a atração que despertava.

—Sim.

Sim, queria que recuperasse as forças.

—Mandarei que tragam algo para comer.

—E minha roupa?

Temple sorriu, consciente do pouco que gostava que o fizesse.

—Eu gosto mais nua.

Ela se ruborizou, e suas bochechas pareceram duas rosas silvestres. Também tinha fome, e ouvir como se acelerava o coração de Vivian o recordou.

—Devolverei sua roupa —disse, atravessando a habitação para puxar um cordão e chamar o serviço—. Não se preocupe.

—Eu nunca me preocupo —respondeu ela, recolhendo sua gloriosa cabeleira em um coque.

—Nunca? —Deus, adorava aquela mulher—. E suponho que também nunca mente.

Se com o olhar pudesse lhe lançar adagas de prata, Temple já estaria morto.

Vivian subiu na cama e se cobriu com a manta, mas não antes que ele pudesse ver uma de suas esbeltas e pálidas pernas. Vivian era o mais próximo da perfeição que já tinha visto.

O que pensariam os outros? Seus antigos companheiros de armas, seus irmãos, sentiriam-se também atraídos por ela ou a odiariam?

E quanto seriam responsáveis por sua reação? Temple mesmo não

sabia até que ponto a atração que sentia se devia à própria Vivian ou ao fato de ter bebido seu sangue. Aquela doce e estranhamente poderoso sangue.

Devia ir com cuidado e não beber mais, pelo menos até descobrir que efeitos podia causar.

—Está embevecido me olhando —o imitou ela.

—Eu gosto de te olhar.

Vivian voltou a ruborizar-se. Realmente isso de paquerar não lhe caia muito bem, coisa que Temple agradecia. Cada reação que conseguia lhe arrancar era real e espontânea, mas a garota era o bastante preparada para saber como tirar proveito, igual faria ele em caso contrário.

Aproximou-se e sentou aos pés da cama, não o bastante perto para que ela ficasse em guarda, mas o suficiente para criar certa intimidade entre os dois.

—Que relação tem com Villiers?

Vivian se esticou, inclusive seu rosto ficou rígido.

—Não é teu assunto.

Temple arqueou uma sobrancelha.

—Desculpe, mas esse homem tentou me matar. —Não souu tão cínico como deveria—. Acredito que isso o converte em meu assunto.

—Ele não quer te matar. —Não pareceu muito convencida. E, a julgar por sua expressão, arrependia-se de ter falado sem pensar.

—Então, o que quer?

Ela afastou a vista e Temple se deu conta de uma coisa: não era que não queria dizer-lhe mas sim não podia. Vivian tampouco sabia o que Villiers pretendia. Maldição.

—É um bastardo muito ardiloso —murmurou entre risadas.

—Não é um bastardo. —Os olhos da jovem brilharam com o convencimento da verdade e ergueu a mandíbula com um gesto desafiante—. É um bom homem.

Dessa vez, Temple arqueou ambas as sobrancelhas.

—Um bom homem que prende outros em celas.

—Não. Ele só prende vampiros —replicou ela, mas seu rosto mostrou uma vez mais que se arrependia de haver dito isso. E também algo mais. A intuição de Temple aflorou à superfície. Alguém prendeu Vivian em uma jaula?

—Certo —sorriu— Diga-me, o que converte o senhor Villiers em semelhante modelo de virtude?

—Está zombando de mim —disse entrecerrando seus olhos cor de bruma.

—Certamente. Mas sinceramente eu gostaria de saber o que fez para ganhar tal devoção de sua parte.

Vivian baixou a vista para suas mãos, que seguravam a manta com força, e franziu o cenho.

—Salvou-me.

Antes que Temple pudesse perguntar mais, alguém bateu na porta. Ele virtualmente saltou da cama e cruzou veloz o quarto para abrir, pois não queria que Vivian tivesse tempo para medir suas palavras. Era um servente, e o vampiro o encarregou de lhes trazer algo de comer. Depois retornou ao seu lugar, aos pés de sua prisioneira.

—Salvou você do que?

A insegurança que tinha percebido antes tinha desaparecido, e em seu lugar voltou a ver aquele olhar desafiante. Mas Villiers não era a causa que Vivian estivesse tão na defensiva. Temple não sabia por que estava tão seguro disso, mas apostaria sua imortalidade nisso. A moça o estava desafiando porque não queria que pensasse mal dela, não queria que deixasse de vê-la como uma criatura fascinante.

—De um circo que oferecia um espetáculo de monstros.

Se não fosse pela dilaceradora dor que viu em seus olhos, a teria acusado de mentir.

—Um circo?

Respirou fundo e soltou o fôlego.

—Um circo de monstros —repetiu.

Se a tivesse visto estalar em chamas teria se surpreendido menos.

—E como diabos foi parar você em um circo desses? —E por que? E o que era mais importante, quem a levou ali?

Vivian cruzou os braços e os seios se marcaram sob o tecido escuro. Afastou a vista, como se não pudesse suportar seguir olhando Temple nos olhos.

—Meu pai me vendeu em troca de quatorze libras e um pedaço de toucinho. Anunciavam-me como Boadicea, a rainha guerreira da Bretanha.

Pela primeira vez em muito tempo, Temple não ficou em silêncio por vontade própria mas sim porque não tinha nem idéia do que dizer.

—Villiers me acolheu. Tratou-me como uma filha, melhor que meu pai jamais me tratou. Devo-lhe a vida.

Temple inclinou a cabeça para um lado.

—E o que queria em troca?

Ela ficou furiosa, e todo seu rosto se iluminou.

—Por que ia querer algo em troca?

—É claro que não se tratava de sua virgindade —respondeu encolhendo os ombros. Passou por cima do rubor dela, e ignorou o aroma de vergonha que desprendia seu corpo. A jovem seguia sem dizer nada, assim insistiu—. E o que é que te converte em um monstro?

Vivian ficou tensa mas não se amedrontou. Que ela tivesse compartilhado essa parte tão dolorosa de seu passado com ele, fazia que Temple se sentisse agradecido, mas se obrigou a recordar que aquela mulher era tão capaz como ele de aproveitar as debilidades de seu inimigo.

—Já percebeu que sou mais forte e mais rápida que a maioria das mulheres. E dos homens. Quando tinha nove anos já podia derrubar meninos que eram o dobro do meu tamanho.

Sim, deu-se conta. De fato, Temple inclusive sabia porquê. A questão era, sabia Villiers? Dado o interesse deste pelos vampiros era muita casualidade que tivesse achado Vivian.

—Dei-me conta —respondeu, e passou a mão pelo cabelo; apesar de que o tinha cortado ele mesmo, surpreendeu-o notá-lo de repente tão curto—. Suponho que seu pai não gostava de sua filha dando uma surra nos meninos do bairro.

—Meu pai me teria vendido a qualquer um em troca de dinheiro. Eu era uma vergonha para ele.

Temple a observou com atenção, viu como esticava os braços e abria e fechava as mãos para relaxar. Logo, voltou a cruzar os braços. Aquela garota era puro nervo.

—O que aconteceu? —Perguntou, intuindo a resposta—. Seu pai te bateu e você devolveu?

Não precisava que respondesse, ele viu a verdade em seus olhos e no tom rosado de suas bochechas.

—Sim —respondeu ao fim com voz entrecortada—. O empurrei contra a porta do estábulo diante de um vizinho. Foi a última vez que me golpeou. Três dias mais tarde, o circo chegou à cidade e ele me vendeu.

Nesse instante, se tivesse acreditado que ela estava disposta a aceitá-lo, Temple a teria abraçado. Das duas uma, ou era muito sincera, ou era uma mentirosa excelente. E ele não acreditava que estivesse mentindo.

—Sinto ter te batido.

Ela abriu os olhos como pratos e levou os dedos ao pálido arroxado da mandíbula.

—Ataquei você. Eu faria o mesmo.

—Mas não sou humano.

Vivian sorriu, e, por algum motivo, Temple se lembrou do último amanhecer que tinha visto. Essa lembrança empalidecia comparada com

seu sorriso, apesar que estar coberto de tristeza.

—Algumas vezes acredito que tampouco o sou.

Uma chamada na porta o impediu de responder, e ele supôs que devia deixar as coisas como estavam. Era Brownie, carregada com uma bandeja transbordando de comida, duas xícaras e uma fumegante jarra cheia de café.

—Não tinha que trazer você mesma—a repreendeu o vampiro ao pegar a pesada bandeja dos braços da miúda mulher.

Brownie sorriu com picardia, apesar de que tratou de dissimular e aparentar que lamentava havê-lo feito.

—E perder a oportunidade que nos apresentasse? —sussurrou—. Meu querido Temple, me conhece o bastante para saber como penso. Bom dia —disse a seguir dirigindo-se a Vivian, que a olhou com desconfiança—. Sou Kimberly CooperBrown. Bem-vinda ao Jardim.

Vivian arqueou suas finas e avermelhadas sobrancelhas. Temple quase podia ler seus pensamentos. Estava-se perguntando se realmente Brownie estava dando boas-vindas, quando era óbvio que estava ali prisioneira.

—Eu sou Vivian —respondeu por fim, e Temple se deu conta que não sabia seu sobrenome, mas nessas alturas tampouco ele recordava seu próprio sobrenome; fazia tanto que não o usava...

Tinha esquecido mais coisas que jamais alguém poderia chegar a recordar.

Entretanto, a diferença de Chapel e Saint, dois de seus melhores amigos, não gostava de sentir lástima de si mesmo, assim sacudiu a melancolia e pegou a bandeja de em cima da cama para colocá-la no colo de Vivian. Ela o fulminou com o olhar, o advertindo que não a tratasse como uma inválida, embora Temple só tinha tentado ser amável; algo que não lhe caia muito bem.

Brownie os olhava e sorria beatificamente, como uma prostituta após receber o perdão de Deus.

—Se necessitar algo mais, senhorita Vivian, faça-me saber.

—Eu gostaria de recuperar minha roupa —disse ela com rapidez. Temple teve que se esforçar para não rir. Admirava o espírito e a tenacidade daquela preciosa moça.

Brownie nem sequer o olhou.

—Acredito que está na lavanderia. Algo mais?

—Nada mais. Chamaremos se precisar —respondeu ele antes que Vivian pudesse fazê-lo. Se seguia lhe fazendo reverências, ia despertar suspeitas na jovem—. Obrigado por nos trazer o café da manhã.

Vivian também murmurou seu agradecimento e, continuando, Temple pegou Brownie pelo braço para tirá-la dali com tanta rapidez que a mulher mal podia seguir seus passos.

—Trate de não olhá-la como se fosse o segundo messias —grunhiu ao tirá-la do quarto.

Brownie não mostrou o mínimo sinal de arrependimento.

—Não pode pretender que a trate como se fosse uma pessoa normal.

—Me trata como se eu fosse uma pessoa normal —replicou ele franzindo o cenho.

—Porque é. —Moveu a mão para tirar importância do tema.

Temple descobriu de repente as presas para a recordar, de um modo bastante radical, como era equivocada essa presunção. Ela reagiu levando uma mão à garganta e com o coração acelerado como um coelho assustado. Genial, agora tinha aterrorizado à única pessoa que estava de seu lado.

—Por favor, Brownie —disse com suavidade, agarrando sua mão, que notou gelada—. Necessito que dissimule. Ao menos durante um tempo. Não acredito que Vivian saiba o que é, e não quero dizer-lhe até que saiba que papel tem em tudo isto.

A mulher suspirou.

—Entendo. Por favor, não volte a me mostrar as presas desse modo.

Temple lhe apertou os dedos.

—Não o farei. —Soltou-a e disse—: Necessito um favor. Pode mandar uns telegramas? —Entregou um monte de papéis que havia na mesa junto dele. Eram mensagens para vários conhecidos que Temple tinha pela Europa, gente que sabia que seus amigos iriam visitar.

A essas alturas, Chapel devia ter descoberto seu antigo esconderijo na Inglaterra. Tinham seqüestrado Temple antes que pudesse falar com ele, mas tinha deixado vários indícios. A essas alturas, Chapel tinha que saber que algo mau tinha acontecido, e com certeza avisaria aos outros. E, por outra parte, ao menos um deles devia ter recebido já o medalhão que tinha mandado a todos.

Seus irmãos iriam a Irlanda. Não cairiam na armadilha que estava certo que Villiers lhes tinha preparado na Itália. Os cinco, juntos de novo, idealizariam um plano para atacar e derrotar à Palma de Prata. Aquilo ia terminar. Temple tratou de não pensar no que aconteceria com Vivian quando chegasse a batalha final.

Brownie teve a delicadeza de não olhar o que tinha escrito nas mensagens.

—É obvio —respondeu—. Eu também tenho que mandar algumas cartas; farei-o esta mesma tarde.

Temple agradeceu, disse que falariam mais tarde e fechou a porta. Quando deu meia volta, viu que Vivian o estava observando com atenção, ao mesmo tempo que partia um pequeno croissant e o levava a boca. Por um momento sentiu tristeza, consciente que o tempo que tinham compartilhado só estava chegando ao fim.

—Me diga —disse Vivian—, vai comer algo?

Lembrou-se da coxa dela, e de como parecia deliciosa. E logo sorriu, mostrando a dentadura com presas incluídas.

—Sim —respondeu, correndo o ferrolho—. Acredito que vou comer algo.

Capítulo 6

Nenhuma palavra de Vivian.

Rupert Villiers passou o dedo por uma de suas perfeitas costeletas enquanto permanecia sentado atrás da enorme mesa que tinha em sua casa de Londres, observando pela janela o bairro de West End.

Tinha passado quase uma semana desde que recebeu o último telegrama em que a jovem o informava de sua chegada na Irlanda e dizia que se dirigia à ilha de Clare. Por seus contatos, Villiers sabia que Temple tinha chegado já à ilha, assim Vivian também deveria havê-lo feito. Por que diabos não se pôs em contato com ele?

Se estivesse morta com certeza já teria sido informado. A essas alturas, alguém teria comunicado a trágica notícia. Embora, se acreditasse que Temple era capaz de matá-la, não a teria mandado atrás dele. A garota era muito importante para seus planos, e, por outra parte, não podia passar por cima da atração que Temple sentia por ela.

Não, não podia estar morta. Seus planos dependiam de Vivian e se negava a acreditar que tivesse desaparecido sem deixar rastro. Tinha que haver outra explicação. Uma em que ela seguisse com vida. O mais provável era que estivesse compartilhando o leito com o vampiro. A idéia lhe revolveu o estômago, mas sabia que era necessário para manipular Temple e conseguir que aceitasse seus planos. Quanto mais experiência sexual tivesse Vivian, melhor para Villiers quando por fim fosse dele.

Depois de vinte anos planejando, estava quase a ponto de converter seus sonhos em realidade. Tinha levado quase uma década para escalar os distintos postos de responsabilidade da Ordem, e convencê-los da viabilidade de seu plano, da certeza que ia se sair bem. Encontrar Vivian

tinha sido vital para convencer o resto dos membros. Cinco anos experimentando com jovens vampiros tinha deixado claro o que Vivian podia chegar a fazer. Tinham visto como essas crias respondiam diante dela, e embora a jovem não fosse consciente, a Ordem em troca tinha entendido tudo. Então começou a crescer, e nunca olhou atrás. Agora era o mais poderoso da organização. Seu único competidor para o posto tinha morrido em um trágico acidente meses antes.

E Rupert logo se converteria no homem com mais poder do mundo. Ficaria longe aquele estúpido jovem que tinha perdido sua prometida para um vampiro. Claro que, vendo tudo que tinha vindo depois, no fundo devia muito a Payen Carr. Se este não tivesse aparecido em cena, se não tivesse explicado quais eram as verdadeiras intenções da Ordem, talvez não teria se convertido no que era.

E quase certo que, a essa altura, Violeta teria começado já a perder parte de sua atração. O fato que fosse vampira impedia que isso acontecesse. Sua prometida se converteu na puta de um vampiro sem nem sequer pestanejar, e tinha quebrado a promessa que fez a Rupert sem pensar duas vezes. Ao menos, Vivian tinha uma desculpa: não podia evitar. Atrair e sentir-se atraída pelos vampiros estava em seu sangue.

Ao olhar através da janela, viu um rosto familiar à luz de uma das luzes da rua. Um rosto que fez que se levantasse da cadeira e se aproximasse para vê-lo melhor.

Era ele? O homem que permanecia de pé na calçada em frente levava um chapéu que ocultava parte da cara, mas Rupert tinha visto o suficiente para levar a mão à boca aterrorizado.

Payen Carr.

Vinte anos, de verdade tinha passado tanto tempo? A véspera de suas bodas com a preciosa Violeta WynstonJones, tinha visto esse rosto pela primeira vez. Payen irrompeu na festa gritando como um louco e exigindo que Violeta não se casasse com Rupert.

A última vez que viu Carr, Villiers disparou em Violeta sem querer. Se esse homem que estava na rua era o vampiro, significava que tinha ido a Londres com uma única intenção: matá-lo.

Um golpe na porta o trouxe ao presente. Lançou um olhar temeroso e de uma vez desafiante para a janela, mas Carr já não estava. Talvez nunca tinha estado ali. Um velho fantasma surto de suas lembranças para assustá-lo. Lembranças que davam sentido a sua vida.

—Entre —disse em voz alta, sentando-se de novo. Maldição, tinha reagido como um menino assustado. Na atualidade era digno rival de Payen ou de qualquer outro vampiro. E tinha suficientes balas de prata e guarda-costas para demonstrá-lo.

Quem chamava era sua governanta.

—Acaba de chegar um telegrama para você, senhor.

Villiers levantou de sua mesa e se envergonhou ao ver que as pernas tremiam um pouco.

—Deixe-o aí.

A mulher cumpriu a ordem e, depois de uma reverência, saiu da habitação.

Voltou a olhar pela janela, mas não pôde ver nada exceto seu próprio reflexo. Maldita fosse sua mente por lhe jogar esses truques quando mais necessitava de sua concentração.

Correu as cortinas e sentou de novo. O telegrama era de seu contato na Irlanda. Vivian tinha chegado a Clare e era uma residente mais na Academia O Jardim, como Temple. Parecia que o vampiro a tinha prisioneira, mas a tratava bem, exceto por um arroxeador que tinha na mandíbula. Estava retida no quarto de Temple mas este a tratava como uma convidada. Receberia mais notícias quando houvesse.

Villiers deixou escapar um suspiro e se afundou na cadeira. Vivian estava bem, e não era de estranhar que não se pôs em contato com ele. Se Temple a mantinha separada das pessoas, a jovem não teria encontrado ninguém que pudesse lhe fazer chegar uma mensagem.

O instinto lhe dizia que o vampiro não faria mal a Vivian, e agora sua preciosa protegida podia ganhar sua confiança, convencê-lo que não era perigosa, distrai-lo, lhe seduzir e fazer acreditar que ela era sua salvação e não uma morte segura.

Bebeu um pouco de brandy que tinha na mesa e sorriu, desvanecendo-se todo seu medo como fumaça pela chaminé.

Estava tão perto de conseguir aquilo pelo que tinha trabalhado tanto durante as últimas duas décadas... Logo seria o homem mais poderoso do mundo. Ser o Grande Mestre da Ordem da Palma de Prata já o enchia de orgulho, mas quando tivesse aos cinco vampiros em suas mãos, quando todo aquele sangue estivesse ao seu dispor...

Saber de antemão o que o destino tinha reservado era mais que satisfatório.

Pela manhã, iria ver seu secretário e faria planos para partir para a Irlanda o quanto antes. Toda sua equipe estava já de viagem, assim como seus homens. Teriam que apressar-se. Segundo o telegrama que acabava de chegar, Temple tinha mandado várias mensagens a seus contatos na Europa, pedindo aos outros vampiros que se reunissem com ele. Logo estariam todos ali, e era importante que Villiers os agarrasse despreparados. Se o atacavam em grupo, não poderia vencê-los.

Mas essa espécie tinha muita mais força bruta que inteligência. Era verdade que tinham conseguido esquivá-lo e fugir da armadilha que tinha tendido na Itália, mas esse engano já ficava para trás. Durante meses, tinha demonstrado ter um intelecto muito superior ao dos vampiros, e se tinha mantido sempre um passo adiante deles. Jamais tinha necessitado recorrer tanto a seu engenho como naqueles momentos, mas ia triunfar. Tinha que fazê-lo.

E então já não importaria que Payen Carr queria vingar-se. Rupert estaria preparado para enfrentar-se a ele. E teria o poder necessário para partir Carr, ou qualquer outro vampiro, literalmente em dois.

Aquelas mulheres incomodavam Vivian. Fazia dois dias que Temple tinha decidido lhe devolver a roupa e, após, permitia-lhe passear a vontade pela academia, mas passava todo o tempo sendo olhada de relance e ouvindo cochichos as suas costas.

A situação recordava muito sua infância para poder relaxar.

E, por culpa disso, uma situação já por si incômoda se complicou ainda mais.

Não era que estar com Temple fosse desagradável, em realidade justamente o contrário, ao menos fisicamente. O vampiro conhecia seu corpo como se o tivesse criado com suas próprias mãos. Essa não era a questão. O que preocupava Vivian era a culpabilidade que sentia.

Não deveria gostar de tanto que ele a acariciasse. Não deveria desejar sua atenção quando era óbvio que ele só pretendia distraí-la de sua tarefa. E não deveria desfrutar tanto estando com ele. De fato, ansiava estar a seu lado. Resultava-lhe quase doloroso permanecer separada de Temple durante muito tempo. Por que o desejava tanto?

Não havia nada de mau em deixar que ele acreditasse que estava conseguindo distraí-la. Em deixar que pensasse que levava a mão ganhadora. Ela também sabia jogar, também tinha certo poder; e faria bem em recordá-lo. Tinha que centrar-se e não esquecer que sua lealdade pertencia a Rupert. Que o que Temple a fazia sentir não era real. Que só era luxúria, nada mais.

Esse era o primeiro dia em que ele ficou dormindo em vez de passear com ela pela academia. Enquanto as cortinas permanecessem fechadas, Temple podia mover-se por onde quisesse sem temor aos perigosos raios do sol, mas era um alívio saber que inclusive ele tinha que descansar de vez em quando.

O vampiro confiava que ela não escaparia enquanto ele estava dormido. Não o havia dito, mas Vivian sabia que assim era. Se decidia fugir, ele não poderia fazer nada para evitá-lo. Tal como dizia a lenda,

os vampiros estavam condenados a não poder ver nunca mais a Deus, e a ser queimados pelo sol sem piedade até ficar convertidos em cinzas.

Vivian estremeceu só de pensá-lo. Parecia-lhe um pouco excessivo. De qualquer maneira deixava claro o quanto de perigosos podiam chegar a ser. O mal que deviam haver fato para que o próprio Deus decidisse negar sua existência. Isso fazia que a atração que sentia por Temple fosse ainda mais lamentável. Ou não?

Não fosse porque o devia a Rupert, pensou na possibilidade de escapar, embora uma vez na praia, se não houvesse alguém com um bote, alguém com quem Vivian pudesse chegar a um acordo, não teria modo de abandonar a ilha. Podia nadar, mas por desgraça essa prática não lhe dava muito bem.

De pé no salão, com o olhar perdido nos escarpados e o oceano selvagem que se viam através da janela, seus pensamentos estavam em conflito. Sabia o que tinha que fazer. Sabia o que era correto, mas uma voz em seu interior se empenhava em repetir que fazia tudo ao contrário. Que estava se equivocando e que tinha que haver algum modo de pôr um ponto final a tudo aquilo sem que ninguém saísse ferido.

Pensar nisso a envergonhava. Ao Rupert devia a vida, e assim era como o pagava? Duvidando dele? Que classe de estúpida era para acreditar que podia haver uma solução pacífica? Ou ele ou o vampiro acabariam derrotados, e ela teria um papel importante no resultado.

Sabia de que lado estava sua mente, mas e seu coração? Este fazia muitas perguntas, quase todas relacionadas com Rupert e a Palma de Prata.

Tudo seria muito mais simples se Temple fosse o vilão que seu mentor dizia que era. Mas com ela sempre tinha sido terno. Sem dúvida era um arrogante, e gostava de dar ordens, mas nunca tinha dado mostras da violência que Vivian tinha temido. Não era absolutamente como o tinha imaginado.

Talvez o vampiro estivesse esperando o momento de mostrar sua verdadeira natureza, disse-lhe sua mente. «Ou talvez Villiers esteja enganado», respondeu seu coração.

Ou também podia ser que ambos a vissem como uma peça vital para a guerra que tinha estourado entre os dois. Sem ela, o que tinham? Rupert sempre dizia que era «muito importante» para seu plano, que chegado o momento a necessitaria a seu lado, mas além disso, não tinha dado mais informação. Temple a mantinha prisioneira porque sabia de sua relação com Rupert, e por culpa de sua própria estupidez, agora também sabia como se iniciou a dita relação.

Se fugia, nenhum dos dois poderia utilizá-la. Talvez então pudesse descobrir exatamente qual era seu papel em tudo aquilo.

E possivelmente então aquelas mulheres deixariam de cochichar a suas costas.

—Posso te fazer companhia?

Vivian deu meia volta e viu a senhorita CooperBrown de pé na porta, com uma bandeja de chá nas mãos. Aquela irlandesa conhecia bem Temple, talvez melhor que a jovem gostaria. Seguro que também sabia por que o resto das mulheres a olhavam daquele modo.

—É claro —respondeu Vivian. Para falar a verdade, alegrava-se por ter companhia.

«Brownie», tal como a chamava Temple, entrou na habitação fazendo ondear sua saia e levando consigo o aroma de rosas. Era tão miúda, tão delicada. Ia penteada com um impecável coque e levava um vestido azul imaculado, sem uma só ruga; tampouco as tinha no semblante.

Vivian passou as mãos pelas calças e, ao fazê-lo, foi consciente de seus largos quadris. Ao lado daquela mulher, daquela dama, corrigiu-se, ela era uma gigante muito torpe, sem gosto, sem educação e sem sentido de elegância.

E, apesar de tudo, a senhorita CooperBrown a olhava como se fosse

um ser maravilhoso, fascinante e extraordinário.

Sem perder um segundo, Vivian se sentou em uma das pequenas cadeiras que havia junto à mesinha do chá. Era mais sólida do que parecia, pois nem sequer rangeu ao receber todo seu peso. Desse modo ficava à altura da outra mulher e podia conversar com ela sem sentir-se tão incômoda. Não estava acostumada a aquela situação. Rupert lhe tinha ensinado maneiras, mas rara vez podia pô-las em prática. E sabia de sobra que sua altura intimidava às pessoas. Não gostava de sentir que era ela a intimidada, e muito menos por alguém que media quase a metade dela.

A senhorita CooperBrown se sentou também, à direita de Vivian. Sorrindo serena, serviu o chá nas duas xícaras de porcelana.

—Mel? —perguntou-lhe.

A jovem assentiu.

—E leite, por favor. —Para ela, tomar o chá era um luxo. Lembrava que quando era pequena estava sempre muito amargo ou muito aguado, dependendo da quantidade de folhas que dispunham, e nunca podiam permitir o luxo de acrescentar açúcar ou leite.

Sua anfitriã ofereceu a xícara de infusão com um aspecto e um aroma perfeitos.

—Também trouxe uns sanduiches.

Vivian agradeceu, e confiou que a senhorita CooperBrown não tivesse ouvido como lhe grunhia o estômago. Deu um gole no chá e logo deixou a xícara de um lado para pegar um sanduíche de pepinos japoneses. Havia-os também de carne e presunto, e a jovem pegou um de cada, sem importar parecer uma gluttona. Não tinha comido nada do café da manhã, e estava morta de fome.

A senhorita CooperBrown pegou também uns quantos.

—Alegra-me ver que por fim há uma mulher que gosta de comer tanto como eu—assinalou com um sorriso.

—Obrigado por sua hospitalidade. —Isso não era do tudo mentira.

Talvez fosse prisioneira de Temple, mas aquela mulher tinha permitido que ficasse ali e tinha demonstrado mais amabilidade que qualquer outra pessoa em muito, muito tempo.

—Espero que as demais não a tenham incomodado muito.

Vivian deu uma dentada no sanduíche, mastigou e engoliu.

—Me incomodar? OH, não, ninguém me disse nenhuma palavra. Mas... todo o momento me olham. —Fixou a vista nela—. Você sabe por que?

Durante uns segundos, temeu que a senhorita CooperBrown fosse engasgar-se. Mas logo bebeu um pouco de chá e recuperou a compostura.

—Estou convencida que não pretendiam ofendê-la.

—OH, não me ofenderam —a interrompeu Vivian—. É só que parece... desconcertante.

Uma mão pousou em seu joelho.

—A maioria das moças que trabalham aqui nunca saíram da ilha, nem visitaram jamais nossos vizinhos de terra firme. Só sabem o que acontece em seus reduzidos círculos sociais, e o que se espera delas.

Vivian a olhou fixamente.

—Está tentando me dizer que pareço exótica? —Era engraçado pensá-lo. Mas havia uma magra linha de separação entre ser exótica e ser um monstro, não?

—Algo assim. Elas jamais tinham visto uma mulher com calças, nem que viajasse sozinha. E estou segura que tampouco a uma tão forte, encantadora e feminina ao mesmo tempo. Digamos que você parece uma novidade.

Encantadora? Feminina? Ela?

—Por que não me falam?

Sua anfitriã a olhou como se a resposta fosse mais que óbvia.

—Foram ensinadas a não dirigir-se a seus superiores sem que estes lhes falem primeiro.

—Mas não sou sua superiora —respondeu, com mais rudeza que pretendia—. Me criei em um ambiente parecido ao destas moças, e de modo algum me considero superior a nenhuma delas.

Suas palavras receberam um gratificante sorriso como resposta e Vivian se sentiu como uma tola.

—Então direi a elas que têm total liberdade para conversar com você. E, evidentemente, não se abstenha de fazer o mesmo se gostar.

Faria-o. Demonstraria que não era nenhuma esnobe nem nada pelo estilo. Talvez inclusive poderia chegar a fazer alguma boa amizade.

Embora não deveria fazer amizades. Se as fazia seria mais difícil abandonar aquele lugar, cumprir com seu dever. E, além disso, não tinha nem idéia de como fazer amigos. Jamais tinha tido nenhum.

Temple era o mais parecido a um amigo que tinha tido jamais, e, pensando-o bem, isso não era normal.

—Possivelmente pudesse fazer algo para ajudar. —Vivian odiava ficar ociosa. Por outro lado, manter-se ocupada a afastaria de Temple tempo suficiente para limpar a mente. E também daria a oportunidade de falar com o pessoal, e encontrar alguma informação que pudesse mandar a Rupert.

Mas antes de mais nada tinha que achar um modo de fazer chegar a dita informação.

A senhorita CooperBrown estava ao mesmo tempo surpreendida e entusiasmada com seu oferecimento.

—Sabe algo sobre pugilismo?

Vivian riu. De todas as coisas que poderia haver perguntado, essa nem sequer tinha lhe passado pela cabeça.

—A verdade é que sim. —Conhecia as normas de Queensbury e as tinha utilizado em várias brigas, umas limpas e outras nem tanto. E também sabia alguns truques orientais.

—Excelente! —A senhorita CooperBrown aplaudiu contente e Vivian terminou o sanduíche—. Estaria interessada em ensinar nossas jovens

damas a defender-se?

Ela não se questionou o porquê. Sabia de sobra que uma mulher precisava defender-se.

—É óbvio.

Desta vez, foi em sua mão que posou a de sua anfitriã em vez de em seu joelho.

—Maravilhoso! OH, senhorita Vivian, estou tão contente que tenha vindo nos ver.

Talvez se devesse a que Vivian não estava acostumada a tal expressão de sentimentos, ou possivelmente tivesse que a ver com sua natureza desconfiada, mas o modo que os olhos da mulher se iluminaram a incomodou. Havia algo nela que não gostava.

Por que tinha a sensação que todo mundo ocultava algo?

—E eu estou muito contente de estar aqui, senhorita CooperBrown.

—Ainda o estaria mais quando averiguasse que demônios estava passando. Talvez as outras mulheres pudessem esclarecer.

—OH, por favor. Me chame Kimberly, ou Brownie.

—De acordo. —Também a chamaria de outras coisas, embora não na cara. Vivian não acreditava que Kimberly lhe desejasse nenhum mal, mas inclusive as boas intenções podem ter catastróficas consequências.

—Acredita que poderia começar com as aulas amanhã? — perguntou a mulher sem precaver-se das suspeitas da jovem—. Suponho que quando chegarem os amigos de Temple estará mais ocupada, e quero que as garotas aprendam tanto quanto possam antes que isso aconteça.

Esse comentário afastou Vivian de suas preocupações, e quase a deixou sem fôlego.

—Os amigos de Temple? —Os únicos amigos que conhecia eram seus irmãos vampiros.

—Sim. —Kimberly pareceu surpreendida—. Mandou uns telegramas faz uns dias. Suponho que chegarão no final da próxima semana.

Não tinha muito tempo, pensou ela, com o coração pulsando descontrolado por causa do medo. Por isso Temple não havia feito nada? Estava esperando que chegassem outros para ver o que decidiam fazer com ela? Talvez permitiria que seus amigos a usassem na cama. Possivelmente mandassem seu cadáver, cheio de dentadas, para Rupert como presente.

Ou, muito pior, talvez tenha planejado convertê-la em um deles.

Essa alternativa custava de imaginar, mas não tanto para descartá-la. Tinha chegado o momento de abandonar a espera e de colocar mãos à obra. Se os irmãos de Temple estavam a ponto de chegar, Vivian tinha que informar Rupert.

—Kimberly, poderia enviar um telegrama para mim?

—É obvio. Eu também tenho vários pendentes. Pode me entregar isso dentro de uma hora?

—Sem dúvida.

—Então o juntarei com os meus. E agora, por que não desfrutamos do chá? Falemos de tolices e frivolidades, como por exemplo, do muito que gosto de sua cor de cabelo.

Ela riu, apesar de que mentalmente já estava redigindo o texto que mandaria a Rupert. Avisaria que Temple tinha pedido reforços, com um código que só eles dois conheciam.

E depois trataria de pensar em como defender-se de cinco vampiros furiosos.

Capítulo 7

—Por que Rupert te odeia? —perguntou Vivian.

Era de noite, o vampiro e ela estavam no terraço da parte de trás,

comendo um jantar leve. Kimberly tinha assuntos para resolver e não pode acompanhá-los, mas lhes prometeu que mais tarde levaria uma bandeja com chá e bolos. Vivian recebeu encantada a notícia dos doces, apesar que se fartou de pão, queijo e um variado sortido de frios.

Temple percorreu a borda de sua taça de vinho com o dedo. Para surpresa da jovem, ele tinha comido um pouco de tudo. Não sabia que os vampiros pudessem comer comida de verdade.

—Não tenho nem idéia.

—Não? —Seu tom e sua expressão eram de total incredulidade.

Pegou uma fatia de presunto da bandeja e a levou a boca, lambendo-se depois o sal dos dedos. Viu que Vivian o observava com os lábios entreabertos.

Maldita fosse, a atração que sentiam um pelo outro não tinha diminuído nem um pinga desde aquela primeira noite, ao contrário, tinha aumentado até afundar suas garras nas vísceras de Temple e apoderar-se de cada milímetro de seu ser.

—Nem idéia —repetiu, afastando a vista dos lábios de Vivian—. Me surpreende que você tampouco saiba a resposta.

Ela franziu o cenho e afastou a vista.

—Nunca me contou isso. De fato, nunca utilizou a palavra «odeio» relacionada contigo. Eu assumi que te odiava porque...

Temple não pôde evitar sorrir.

—Porque me capturou, drogou e me prendeu em uma cela?

A jovem também sorriu.

—Dito assim parece óbvio, não acredita? Mas nunca entendi por que odeia e venera ao mesmo tempo os de sua espécie.

Os de sua espécie. Os da dela eram ainda mais difíceis de encontrar. Acaso não se perguntava por que Villiers tinha lhe dado proteção?

—Deve ser difícil depositar toda sua confiança em um homem que não confia em você. —Não pôde resistir provocá-la. Os olhos cor de

bruma de Vivian se cravaram nos seus.

—Rupert confia em mim —disse.

O vampiro arqueou uma sobrancelha.

—Não o suficiente para contar por que queria me ter prisioneiro. Nem para te dizer por que tinha que ser você que me perseguisse até aqui.

Sustentou seu olhar, mas ele pôde ver a confusão que sentia. Inclinou-se para frente, apoiando os antebraços na mesa.

—Por que está aqui, Vivian? Supõe-se que tem que me distrair? Me dar migalhas de informação e me convencer que está do meu lado? — Quando a viu ruborizar-se, fez uma careta, decepcionado apesar de ter antecipado já a resposta—. Acredita que sou tão estúpido?

Temple reconheceu seu valor por não ter afastado ainda a vista.

—Eu não acredito que seja estúpido. E acaso você não está também tentando me utilizar em seu benefício? Me seduzindo para que me ponha contra Rupert?

—Claro que sim —admitiu ele—. Seu mentor é meu inimigo, Vivian. E seria muito útil que você pensasse como eu. Igual é muito útil te reter aqui e não mandar seu cadáver de volta a Inglaterra com um grande laço, que é exatamente o que deveria fazer.

Ela abriu os olhos de par em par e empalideceu.

—Você jamais me mataria. —Um ligeiro tremor tirou o convencimento de suas palavras.

—Não —balbuciou ele a meia voz. Não teria que havê-lo admitido—. Mas deveria fazê-lo. E suspeito que com isso estragaria os planos de Villiers.

Ela ficou olhando-o, e Temple tratou de não mexer-se incômodo sob seu escrutínio.

—Quantos anos tinha quando Villiers te falou dos vampiros?

A pergunta surpreendeu a jovem, que sacudiu a cabeça para afastar o horror que lhe falar de sua morte tinha provocado, e tratou de

serenar.

—Tinha dezesseis anos. Acreditei que estava louco.

—Como te convenceu?

—Mostrou-me um.

A mão de Temple se deteve a meio caminho da bandeja.

—O que?

Vivian ficou pensativa um instante, e escolheu um pedaço de queijo do sortido.

—Tínhamos ido a Alemanha, para nos reunirmos com uns amigos de Rupert. Tinham um homem em uma jaula... só que não era um homem. Era um vampiro, mas não parecia em nada com você.

—Nem todos temos o mesmo aspecto, já sabe. —Quis dizê-lo em tom de brincadeira, mas saiu mais antipático do que pretendia—. Estava em uma jaula, como um animal? —E não pôde resistir acrescentar—: Como um monstro?

Ela empalideceu sob os abajures da terraço. O comentário a tinha afetado.

—Era raro, com uma cara estranha. Os olhos muito grandes, e uns dentes que pareciam presas de um animal selvagem. —Olhou-o impotente, frustrada por não saber como o fazer entender, por não poder transmitir que aquele vampiro merecia estar enjaulado—. Não parecia humano como você. Olhos e dentes grandes. Desumano.

—Um nosferatu.

Vampiros monstruosos, que se voltavam assim por beber sangue doente. Loucos, perigosos e mais parecidos com um animal que um humano.

—Não me admira que o encerrassem em uma jaula —admitiu por fim—. Que diabos estava pensando Villiers ao te levar ali?

A expressão de Vivian mudou e ficou na defensiva.

—Acreditou necessário que visse o aspecto que tinha um monstro de verdade.

—Era assim como se via a si mesma, como um monstro? — perguntou, entendendo de primeira o significado de sua frase. Como podia pensar tal coisa? Deu vontade de sacudir o pai da garota. De sacudi-lo e jogá-lo em uma lata de água fervendo.

—Antes sim —respondeu ela. E Temple soube que ainda seguia fazendo-o.

Se aproximou e pegou uma mão. Só pretendia conectar com ela, consolá-la.

—Não há nem um centímetro de seu corpo que seja monstruoso nem se passa nada mau, minha deliciosa amazona.

Ela franziu o cenho de novo mas não se afastou.

—Por que faz isto?

—O que? —perguntou como se não soubesse a que se referia.

—Me dizer essas coisas como se sentisse algo por mim. Me tratar como sua amante. Ambos sabemos que me despreza por ser leal ao Rupert.

—Ah, sim? —Temple sorriu, embora foi um sorriso sem alegria—. Se engana. Possivelmente sinta pena por você. Ou desconfiança. Mas desprezo? —Negou com a cabeça—. Já disse que não te odiava. De verdade acredita que poderia te desejar tanto se o fizesse?

Agora Vivian sim afastou a mão.

—Pois deveria me odiar. Eu deveria odiar você!

—Mas não o faz, engano-me? —Pobrezinha. Como seria grande a decepção quando descobrisse que Villiers nunca havia feito nada porque a quisesse. Ao menos Temple a respeitava. Desejava à mulher que ela era, não o que representava.

Seu sangue, sua herança eram só uma pequena parte de seu ser. Uma parte inegável.

—Não —respondeu a moça derrotada e esquivando seu olhar—. Não te odeio. Mas não trairei Rupert por você.

Temple sabia que no momento teria que conformar-se com isso.

Também sabia que não estava sendo justo com ela ao utilizar todos os truques que guardava na manga, ao recorrer a todas as armas de sedução possíveis para conseguir que ficasse a seu lado. Queria que Vivian estivesse com ele, e não só para aporrinhar Villiers.

—É obvio que não. —E, por raro que parecesse, o vampiro a respeitava ainda mais por isso—. Mas não creia que vou facilitar, carinho.

Seus olhos se encontraram, e ao olhar compreenderam tudo com tal intensidade que a Temple deu um tombo no coração. Em sua longa vida, jamais tinha lutado uma batalha como aquela. Derrotá-la causaria grande prazer, mas a idéia de destruir seus ideais e suas esperanças deixava um amargo sabor na boca.

Havia muito mais em jogo que suas próprias vidas. Tinha que ganhar; mantê-la afastada de Villiers era mais importante inclusive que sua sobrevivência. Por isso não queria, não podia, deixá-la partir. Tinha que protegê-la, embora para isso tivesse que lutar contra ela mesma.

Villiers sabia perfeitamente o que estava fazendo ao mandá-la atrás dele. Por certo o cretino sabia que Temple descobriria o que Vivian era em realidade, e que jamais se atreveria a lhe machucar. O muito bastardo.

Seria consciente da tentação que a moça representaria para ele? Sabia que Temple reagiria não só como vampiro mas também como homem? Que seu velho coração voltaria a pulsar por um sentimento que já não acreditava capaz de voltar a experimentar?

Não podia apaixonar-se, ou melhor dizendo, podia, mas não devia permitir-se ir além dos limites da mortalidade. Uma vez, muito tempo atrás, Temple tinha cometido esse engano, e as conseqüências —sempre havia conseqüências— seguiam pesando sobre sua alma.

Já tinha matado uma mulher a que queria proteger. Preferiria não ver-se nunca mais em uma situação semelhante. Tinha que preservar a vida de Vivian, e manter seus próprios sentimentos à margem.

—Você gostaria de dar um passeio? —perguntou, tentando distrair-se desses pensamentos.

Ela o olhou surpreendida... e alerta. Duvidou uns instantes, e logo, convencida de que não lhe faria mal, assentiu. Realmente podia intuir com tanto acerto o que ele pensava, igual à Temple com ela tão freqüentemente? O vampiro a olhou divertido ao vê-la envolver um pouco de comida em um guardanapo, e ela sorriu envergonhada.

—Deve pensar que sou uma mal educada —murmurou enquanto passeavam pelo caminho de cascalho, mas isso não a impediu de dar uma dentada em um pedaço do frio.

Temple levantou a cara para a noite, desfrutando da fria carícia desta.

—Acredito que é muito interessante.

—Diz Rup... Sempre ouvi dizer que uma dama jamais deve ser «interessante», que isso é sinônimo de extravagante.

Uma risada sensual e sincera surgiu da garganta de Temple, que sorriu de orelha a orelha e pegou um pouco da comida que ela levava em seu improvisado saco.

—E você aspira te converter em algo tão aborrecido como uma dama, senhorita Vivian? —Que fáceis eram as coisas entre eles. Durante um segundo, Temple se perguntou o que teria acontecido se tivessem se conhecido em outras circunstâncias.

A jovem deu de ombros, tratando de aparentar que não se importava, mas graças a sua extraordinária visão, o vampiro viu o rubor que tingia suas bochechas.

—Ensinaram-me a me comportar como tal.

—Por sorte, viu a luz a tempo.

Ela mastigou e tragou.

—De verdade acredita que é uma tolice?

—Não, se isso for o que quer de verdade. Mas sempre gostei mais das mulheres que das damas.

—Tem razão, é distinto. As damas são criaturas muito delicadas.

—E as mulheres são muito mais sensuais.

—OH! —Em sua voz havia uma nota de flerte—. A sério?

Temple sabia reconhecer um desafio quando o ouvia. Deteve-se e a agarrou pela cintura para atraí-la para ele. Vivian afastou a mão para não manchar sua camisa com a comida.

—As mulheres têm gosto mais delicioso —lhe disse o vampiro baixando o tom de voz—. Apetites muito mais... terrestres.

Ela estremeceu entre seus braços.

—Como pode falar de me matar e logo dizer tais coisas?

Inclinou-se para ela, lhe acariciando a orelha com os lábios.

—Porque eu gosto de ver como reage por ouvi-lo.

Outro tremor.

—Você gosta de coisas muito estranhas.

Riu ao ouvir seu tom sedutor. Com Vivian ria muito freqüentemente.

—Por aqui —sussurrou, guiando-a para um grupo frondoso de árvores entre as quais tinham pendurado uma rede. Ao chegar ali, arrebatou-lhe o guardanapo, que já estava vazio, e o guardou no bolso.

—Eu gosto que tenha tanto apetite, doce Vivian —disse ao aproximá-la mais dele sem deixar de sorrir—. E agora me toca te saborear.

—Sei —murmurou, olhando-o nos olhos.

Era reticência o que viu nos dela?

—Me diga que não e me deterei.

Talvez Vivian o considerasse um monstro, mas Temple não ia comportar-se como tal.

—E se disser que sim?

Um gemido escapou da garganta do vampiro. Ela não resistiu quando ele a levantou nos braços e a subiu à rede. Logo, devagar, deitou-se a seu lado. Acariciou-lhe o quadril, puxou sua camisa até

soltá-la da cintura da calça, e colocou a mão debaixo. Podia sentir a pele cálida sob sua palma. Notar como estremecia com suas carícias; sua pele era suave e morna.

—Tem uma obsessão por fazê-lo ao ar livre —disse a jovem, séria.

—Só contigo. —E era verdade. Talvez estivesse disposto a utilizá-la, mas jamais mentiria—. Te fizeram para que fosse adorada sob a luz da lua.

Ela o olhou com uma expressão que teria assustado qualquer homem, mas em que se entrevia também um sorriso.

—Não tem por que dizer essas coisas. Em relação a você não tenho força de vontade.

Tal sagacidade chegou ao coração de Temple como um arranque de honestidade.

—Jamais digo nada que não pense. —Beijou-lhe a garganta, sentiu o pulso sob seus lábios—. Isso me recorda uma coisa, no dia que chegou te fiz uma promessa.

Quase pôde saborear o fluxo de sangue que circulou de repente pelo pescoço e pelas bochechas da jovem ao lembrar-se daquela noite na banheira. Era bom saber que podia lhe provocar tal reação, e se sentia muito orgulhoso disso.

—E eu sempre cumprio minhas promessas.

Ela gemeu. Foi um som suave e excitante, que pareceu arrastar-se por seus sensuais lábios. Vivian não gostava nada de sentir-se insegura.

Temple voltou a sorrir e se apoderou de sua boca, recreando-se nela enquanto com os dedos começava a lhe desabotoar as calças. Levantando os quadris, Vivian o ajudou a titar o incômodo objeto.

Era tão inocente em seu desejo, tão incapaz de ocultar o que sentia por ele. Como não fazê-la sua? Como podia não adorá-la como merecia? Qualquer homem, mortal ou imortal, teria que ser um monstro para rechaçá-la.

Desembaraçadas já das botas e das calças, as longas pernas de

Vivian pareciam duas colunas de alabastro no meio da noite. Temple se deslizou para baixo, levantando a camisa para poder beijá-la no umbigo, na curva do estômago. Podia cheirar seu desejo, e quando seu nariz alcançou a deliciosa zona entre suas pernas lhe separou as coxas para enterrar ali seu rosto, embriagando-se de sua essência. Conseguiu manter um pouco de controle ao deslizar a língua pela primeira vez, mas quando Vivian gemeu de prazer, perdeu-o por completo, e Temple não teve piedade.

Lambeu-a, saboreou-a, sentindo-a estremecer debaixo dele, emitindo os sons mais doces que o vampiro jamais escutou. Fez-lhe amor com a língua, excitou-a e se retirou uma e outra vez. Depois, voltou a lambê-la naquela zona tão sensível que a fez arquear os quadris imediatamente como resposta. Deslizou dois dedos em seu interior, e sua mão ficou umedecida de seu prazer. Vivian apertou as coxas, capturou-o enquanto ele a levava ao orgasmo com sua boca e sua mão. E quando o alcançou, uma cálida onda de calor a fez gritar para as árvores e as nuvens que haviam em cima deles.

Temple não lhe deu tempo de recuperar-se. Estava excitado e ansioso por estar dentro dela, desesperado por afundar-se em seu interior. Afastou-se e apoiou as mãos a ambos os lados do Vivian. A rede se balançou um pouco quando levou a ponta de sua ereção frente à úmida entrada de seu sexo, e, devagar, deslizou-se dentro. Ela estava quente e apertada, e o acolheu por completo jogando-se para trás para que ele pudesse chegar mais fundo.

—É o paraíso —gemeu Temple contra sua garganta, beijando o pulso que ali pulsava—. O mais perto dele que jamais vou estar.

Vivian o abraçou e o embalou com tanta ternura que lhe doeu o coração. Então a mordeu, incapaz de deter-se. A jovem gritou, arqueou os quadris e lhe rodeou a cintura com as pernas apanhando-o totalmente em seu interior.

Temple retirou as presas de seu pescoço e bebeu devagar,

saboreando só um pouco daquele delicioso sangue antes de fechar a ferida com sua língua. Continuou movendo-se contra Vivian e o balanço da rede acrescentou prazer à gloriosa fricção que já existia entre ambos.

Era incapaz de recordar a última vez que havia se sentido tão completo, tão realizado e tão... feliz.

Ela se moveu com ansia debaixo dele e Temple sentiu a mesma necessidade, essa pressão que indicava que o final estava perto.

—Por mim —gemeu—. Doce Vivian, alcança o orgasmo por mim.

E o fez. Foi como se todo seu corpo respondesse às ordens do vampiro de um modo instintivo, e quando ela explodiu pela segunda vez, chegou a vez de Temple. Um grito gutural saiu de sua garganta ao esticar-se, incapaz de deter o ritmo de seus quadris até esvaziar-se por completo.

Derrubou-se em cima de Vivian, saboreando o doce calor que emanava do suarento corpo da mulher que tinha debaixo. Com seu sabor nos lábios. Desfrutando que, no momento ao menos, era dela.

Porque Temple sabia que, algum dia, ela ia ter que escolher, e não podia permitir o luxo de acreditar que escolheria a ele.

Vivian não gostava que a fizessem duvidar de suas convicções. Chegou a essa conclusão ao meio-dia, enquanto almoçava com Kimberly no pequeno salão rosa que havia na asa sul da escola.

E o mais frustrante era que quase tudo era culpa dela. Essa tarde, ela era a única culpada do conflito que existia entre sua cabeça e seu coração. E, por muito que quisesse, não podia culpar o homem que seguia dormindo no porão.

Sua mente dizia que não confiasse em Temple. Seu coração justamente o contrário. E o que sabia seu coração? Por que ia confiar em um homem que dizia não ter nem idéia do porquê do ódio de Rupert, mas que ao mesmo tempo tinha pedido a seus amigos que o fossem ajudar? Se isso não era estar reunindo um exército, então o que era?

E que papel tinha ela em tudo aquilo?

—Vivian?

Levantou a vista e viu que Kimberly a olhava admirada. Deveria prestar mais atenção a sua anfitriã. Afinal, aquela mulher fazia muito que conhecia Temple e podia lhe dar informação muito valiosa.

Informação que logo enviaria a Rupert, como era seu dever. Por que Vivian tinha então a sensação de estar traindo alguém?

—Sinto muito, Kimberly. O que dizia?

—Perguntei-te se queria mais sopa.

Tinha o prato vazio, pois, embora distraída, nada conseguia lhe tirar o apetite.

—Sim, obrigado.

Kimberly sorriu e serviu uma generosa quantidade do fumegante líquido.

—Sinto ter interrompido seus pensamentos.

—OH, não, por favor. Foi muito má educação por minha parte ficar absorvida em vez de conversar com você. Me conte como chegou se converteu em diretora desta escola.

—Faz muitos anos. —Uns olhos ardilosos a olharam—. Mas isso não é o que quer saber.

—Não? —Para falar a verdade, Vivian estava surpreendida pelo comentário. Queria saber coisas daquele lugar, e por que Temple tinha ido esconder se ali.

—Não. O que quer saber é se Temple e eu fomos amantes.

As bochechas da jovem se ruborizaram sem remédio.

—Isso não é meu assunto. —Mas queria sabê-lo, ao mesmo tempo que preferia ignorá-lo.

—Isso não significa que deixemos de nos perguntar certas coisas. —A mulher bebeu um pouco de vinho—. De verdade quer estar a par de meu passado com ele?

Essa sensação no fundo de seu coração era dor? Eram ciúmes?

—Sim.

—Temple e eu nos conhecemos graças a minha relação com a Irmandade de Lilith. Nós veneramos à deusa cujo sangue o converteu a ele e seus amigos em vampiros. Temple comprou este lugar faz muitos anos para convertê-lo em um refúgio, e pensou que eu poderia aproveitá-lo... para a irmandade. E assim começou a academia.

Vivian se levou uma azeitona aos lábios.

—Parece um lugar pouco prático para uma escola.

Kimberly sorriu.

—Talvez. Esta se fundou com a intenção que as mulheres pudessem receber uma educação similar a dos homens. Nossas alunas aprendem grego, ao mesmo tempo que francês e alemão, literatura e matemática. E também damos aulas de história e arte, e se praticam vários esportes.

A educação de Vivian tinha incluído muito poucas dessas coisas, exceto o esporte. Tinham ensinado as maneiras de uma dama e como lutar. Por raro que parecesse, essas lições tão contraditórias jamais tinham entrado em conflito em seu interior. Ser uma dama parecia mais ridículo que comparado com a necessidade de saber defender-se. Aprendeu maneiras só para agradar Rupert, o resto fez para si mesma.

—Suas alunas devem pertencer a famílias muito liberais. —Talvez não conhecesse muito do mundo, mas sabia que a maioria dos homens, e das mulheres, não permitiam que suas filhas recebessem tal educação.

—Sim. Às pessoas que pensam como eu não importa que estejamos aqui. De fato, estar tão afastadas nos dá um ar de exclusividade que nossos clientes agradecem.

Um silêncio incômodo se instalou entre elas e Vivian não soube como rompê-lo. Gostava de Kimberly, e não queria que seu passado com Temple se interpusesse entre ambas. Ela jamais tinha tido uma amiga.

Ficaram olhando-se uma à outra durante um momento. Maldição, tinha que pôr ponto final a aquela tensão.

—Está apaixonada por ele? —perguntou Vivian.

A expressão da outra mulher bem mereceu a vergonha de formular essa pergunta tão íntima.

—Não do modo que você acredita —riu Kimberly. Foi um som muito delicado, similar ao de campainhas—. Ora, querida, você não anda com rodeios.

Vivian também riu, mas sua risada foi muito menos delicada. A tensão relaxou e agradeceu por isso.

—Sinto muito. O tato nunca foi uma de minhas virtudes.

—Jamais se desculpe por ser sincera e honesta, querida menina. Eu também prefiro ser assim. —serviu-se outra taça de vinho—. E, respondendo a sua pergunta, Temple é um de meus mais queridos amigos. Nada mais. E para você o que significa? —O olhar que lhe dedicou era de absoluta curiosidade.

Vivian duvidou. O vampiro era para ela competidor, amante, consciência e um aporrinho.

—A verdade é que não sei.

—Entendo —mentiu Kimberly que não entendia nada—. Começará as lições hoje?

Agradecida pela mudança de tema, Vivian assentiu.

—Sim. De fato, deveria ir preparar-me.

Não era que houvesse muito que preparar, mas lhe causava prazer ser a mestra e não a aluna e queria fazer tudo que estivesse ao seu alcance para que as coisas saíssem bem.

Vivian terminou a sopa e se despediu de Kimberly para dirigir-se ao salão onde teriam lugar as aulas. Fez alguns esboços e pensou no que queria lhes ensinar, e antes que se desse conta, umas quantas moças se plantaram diante dela ansiosas por começar.

Começou com uns golpes e bloqueios muito simples, as bases do pugilismo. Melhor começar com o básico; dar um golpe e esquivá-lo. Suas alunas compensavam com entusiasmo sua falta de experiência. E se desculpavam cada vez que alguma dava um golpe em Vivian, e

também quando não, mas riram muito e foi a tarde mais agradável que a jovem tinha passado em muito tempo.

E ao menos não a trataram como uma criatura mitológica, ou mínimo não muito. A maioria se dirigia com mais respeito que ela requeria, mas não a olhavam de esguelha, nem cochichavam a suas costas. Talvez Kimberly houvesse dito algo.

Por desgraça, o bom humor de Vivian não durou muito. Começou a desintegrar-se quando a governanta entrou e disse a Kimberly que Temple tinha recebido um telegrama.

De um de seus amigos vampiros, sem dúvida. A suspeita fez que um calafrio de medo lhe percorresse as costas. O medo era uma emoção com que não estava muito familiarizada e com a que não se sentia nada cômoda, mas era bastante preparada para encarar quando o sentia.

Não tinha motivos para confiar em Temple, exceto que ainda não lhe tinha feito dano. Tampouco tinha motivos para não confiar nele, apesar que era o inimigo de Rupert e isso lhe convertia, mais ou menos, também em inimigo dela. Vivian não sabia o que sentia por Temple, mas sabia o que sentia pelos quatro vampiros que iam se apresentar na escola, vampiros que talvez não levassem nada bem que ela tivesse tido um papel importante na captura de um de seus amigos.

Tinha prometido a Temple que não tentaria escapar, e não só porque lhe tivesse proporcionado mais prazer do que ela tivesse imaginado jamais. Tinha-lhe dado sua palavra porque Vivian acreditava firmemente no ditado que afirmava que se devia ter aos inimigos o mais perto possível, e porque Rupert queria que se aproximasse do vampiro quanto possível.

Além de porque era agradável. Gostava de estar com ele. Por retorcido que parecesse, sentia-se a vontade com Temple. O vampiro a atraía, mas Vivian também queria conhecê-lo melhor. Gostava de seu sorriso. Sua risada. Adorava que a fizesse sentir sensual e bonita.

E valorava enormemente saber com exatidão o que pensava dela. O falava sem rodeios da possibilidade de matá-la, mas a jovem sabia que a essas alturas era muito mais útil viva que morta.

Não queria botar tudo a perder, ainda não, não antes que fosse necessário. Quando soubesse com certeza que os vampiros iam chegar, tomaria uma decisão. O que faria então, correria de volta para Rupert ou ficaria para confrontar as conseqüências de seus atos?

Decidiu o que decidiu, equivocada ou acertadamente, o melhor seria estar preparada. Isso significava que tinha que começar a refrescar suas técnicas de ataque e pensar em uma rota de fuga se por acaso precisasse.

—Desculpe-me, senhorita.

Estava cruzando o vestíbulo quando a governanta a alcançou. A pobre custou recuperar o fôlego depois de correr atrás de Vivian.

—Sinto-o —disse ela, atravessando a sala para aproximar-se à mulher—. Me necessita para algo?

A governanta respirou fundo, a grandes baforadas.

—Tenho uma mensagem para você. —E deu a Vivian uma nota que levava na mão.

—De quem? —perguntou a jovem pegando a mensagem.

—Não sei, senhorita. Um guri a entregou na cozinha justo antes que chegasse o telegrama do senhor Temple.

Vivian ficou gelada, e escondeu a nota em seu punho.

—Contou ao senhor?

A mulher a olhou ofendida.

—É obvio que não, senhorita.

Quase se enjoou de alívio.

—Agradeço, obrigado. E também por me trazer isso tão rápido.

Isso pareceu aplacar o orgulho ferido da governanta, que sorriu e lhe fez uma reverência antes de voltar para suas tarefas. Vivian esperou que se fosse para ler a nota.

«Reúna-se comigo nos escarpados perto do bosque. Tenho notícias para você.»

Não estava assinado, e a caligrafia não era familiar, mas isso não importava. Sabia do que se tratava, seu misterioso contato tinha notícias de Rupert.

Não disse nada e se limitou a sair pela porta principal sem que ninguém se alterasse. E por que iam fazê-lo? Na ilha não havia botes, e a maré ainda tinha que retroceder, com o que era impossível escapar. Nem sequer Temple, que por certo estava acordado e lendo seu telegrama, se preocuparia ao vê-la passear. Não podia ir a nenhuma parte onde ele não pudesse encontrá-la.

E isso a reconfortava tanto que resultava inclusive desconcertante.

Fazia um dia mais que agradável, o sol estava alto no céu, e do mar chegava uma suave brisa que fazia dançar as flores com uma melodia que só elas podiam escutar.

Vivian avançou, sentindo como essa mesma brisa se colocava por debaixo da camisa lhe acariciando a pele. O sol esquentou suas bochechas e a testa, relaxando-a apesar da incerteza que sentia em seu coração.

Encaminhou-se para os escarpados, detendo-se só um segundo para observar as ondas batendo na praia. Evitou aproximar-se muito do precipício, e como não queria fazer esperar a seu contato, dirigiu-se em seguida ao bosque, que estava a uns cem metros do lugar.

Havia um jovem esperando-a junto às árvores, atrás de uns espessos ramos que impediam que alguém pudesse vê-lo da escola. De fato, nem ela mesma o teria visto não fosse por suas habilidades especiais, que incluíam uma visão muito aguda.

Quando o jovem a ouviu aproximar-se levantou a cabeça. Seu rosto não era familiar, mas isso não a surpreendeu. Quando faltavam poucos metros de distância entre os dois, ele elevou uma mão para indicar que se mantivesse em silêncio, e logo lhe indicou que o seguisse até o

interior do bosque. Ela o fez sem duvidar. O moço era jovem e não muito forte. A não ser que tivesse algum amigo oculto ou uma arma, se viesse a ser uma ameaça, Vivian poderia derrotá-lo sem dificuldade.

À medida que as copas das árvores foram fazendo-se mais densas, o ar se esfriava ao redor daqueles troncos que o vento de muitos anos tinha conseguido moldar. Ali, o chão estava coberto por uma amaciada capa de musgo, e cheirava a terra e a folhas recém cortadas. O oceano tinha desaparecido e só existia a escuridão e os sons das criaturas do bosque.

Vivian seguiu o jovem uns quantos metros até que ele se deteve e se deu meia volta para olhá-la. Inclusive então, manteve-se em silêncio, e se limitou a entregar um telegrama. Ela o pegou, e ao olhá-lo viu que era de Rupert; seu código era inconfundível.

—Deixe sua resposta e qualquer futura correspondência sob a estátua de Lilith que há no jardim —disse o jovem com um marcado acento irlandês—. Há uma pedra que está solta. Aí encontrará também suas respostas a partir de agora.

—Obrigado.

Foi só o que pôde dizer Vivian antes que ele desse meia volta e se afastasse dali entrando no bosque. Menos mal que ela não tinha pensado fazer nenhuma pergunta.

Sentou-se em uma árvore caída a uns metros de distância e leu o telegrama. Não era muito comprido. Rupert dizia como estava orgulhoso que tivesse descoberto que Temple tinha mandado chamar seus amigos. Pediu que averiguasse quando iam chegar, e também perguntava se o vampiro tinha contado algo mais. Acrescentava que tivesse cuidado e que tivesse uma rota de fuga prevista, se necessário.

Aquilo não era o que precisava ouvir para tranquilizar-se, mas Rupert tinha razão. Tinha que estar preparada.

Também dizia aonde ir se precisasse fugir da ilha com rapidez. Parecia que tinha um contato que dispunha de um bote. Que

conveniente. Com todos esses contatos, Vivian se perguntou para que diabos a necessitava. É obvio, era a única que podia aproximar-se de Temple. Preocuparia a Rupert que se deitou com o vampiro? Teria uma má opinião dela por havê-lo feito? E por que diabos tinha sido a ele a quem lhe ocorreu a idéia? Possivelmente não o havia dito diretamente, mas Vivian não era tão tola para não entender o que significava «faça tudo o que seja necessário».

O que mais a inquietava era pensar como Rupert sabia que Temple se sentia atraído por ela. Saberia também que Vivian se sentia atraída pelo vampiro? Possivelmente não. Talvez estivesse convencido que a jovem fingiria atração se fosse o caso. Ou pelo contrário, estivesse informado da estranha conexão que existia entre ela e Temple. Se era assim, por que nunca o disse?

Rupert ocultava muitas coisas. Sim, sabia que o fazia para evitar que pudesse contar se chegassem a capturá-la e torturá-la. Dizia que o fazia por seu bem, mas acaso ela não tinha direito de estar a par de algo que a afetava tão diretamente? Que mais tinha oculto «por seu próprio bem»?

Levantou-se. Não podia duvidar de Rupert, não depois de tudo o que tinham passado juntos e de tudo o que ele havia feito por ela. Precisaria algo muito mais importante que passar umas quantas noites nos braços do vampiro para que desconfiasse do homem que se portou como um pai. Não tinha nenhum motivo para duvidar de Rupert, e sim vários para duvidar de Temple, apesar que não tinha nem idéia de quais eram exatamente.

Aproveitando que tinha saído, decidiu dar uma volta pelos arredores. Seria útil conhecer melhor a zona agora que ainda havia um pouco de luz. Possivelmente inclusive pudesse fazer um mapa para chegar à casa do contato de Rupert. Releu as instruções e olhou ao seu redor para orientar-se, logo se dirigiu para os escarpados. Ao aproximar-se da zona menos frondosa do bosque, girou à esquerda, tal

como indicava Rupert. Ali o chão parecia mais transitado, como se tempo atrás tivesse sido uma estrada.

Um ramo rangeu sob sua bota, e logo outro, assim modificou um pouco seu caminho até chegar numa zona menos ruidosa. Quase não ficavam rastros do caminho, mas havia o suficiente para poder segui-lo. Era uma espécie de via paralela a principal, e confiou que desembocasse numa clareira. Por ali, Temple podia segui-la sem problemas, assim, se queria escapar, teria que fazê-lo rápido e, com sorte, de dia, igual hoje.

De repente, o chão cedeu sob seus pés e a engoliu. Vivian caiu dentro da escuridão.

Capítulo 8

Atravessar toda a Europa com quatro vampiros e um sacerdote não era como Marcus Grei tinha previsto passar o verão. Em princípio, tinha tido intenções de procurar o Graal do Sangue em Cornualles e desentranhar o que havia de verdade nas lendas sobre seu antepassado Dreux Beauvrai.

Em vez disso, viu-se metido até o pescoço em uma organização sinistra chamada a Ordem da Palma de Prata, e teve que enfrentar o único homem que podia lhe dar detalhes sobre a vida de Dreux.

Em junho passado, Marcus era um simples estudioso, um arqueólogo. Agora ia a todas partes com uma pistola. Levava dois dias sem barbear-se, e não só passava o dia metido em algo que parecia tirado de uma novela de terror, mas também, além disso, estava farto dos vampiros.

Assim a ninguém admirou que, uma vez alojados na casa de Viena, em sua rota para a Itália, se levantasse na alvorada e fosse dar um passeio. Levava muito tempo vivendo só de noite, e, sendo como era um

amante do ar livre, já não podia seguir preso entre quatro paredes.

Ofereceu-se voluntário para chegar a um estabelecimento dirigido por um amigo de Chapel e ver se tinham recebido ali alguma mensagem. Os vampiros não podiam ir, e, por sorte, o pai Molyneux não se sentia muito bem, pois senão, Marcus teria que discutir com ele para ver quem saía para tomar sol. Todos confiavam que tivessem chegado notícias de Temple. Marcus não disse nada, mas tinha um mau pressentimento de que quem quer que o tivesse seqüestrado, já teria se desfeito dele.

A porta da livraria custou abrir, mas conseguiu fazê-lo. Empurrou-a com força dando um golpe com ela contra a parede e fazendo soar a campainha. Isso sim tinha sido muito discreto.

—Gun moang mein herr —disse o homem detrás do balcão—. Em que posso servi-lo?

—Bom dia —respondeu Marcus com um sorriso—. Não teria por acaso alguma das obras de Severian? —Eram as palavras exatas que Chapel havia dito que utilizasse. Severian era o verdadeiro nome do vampiro, ao menos, o que tinha utilizado durante seus primeiros cem anos de vida. Quando a Igreja o capturou, junto com outros, tudo mudou. Inclusive seus nomes.

Os olhos do ancião perderam um pouco de brilho e sua atitude se tornou precavida e desconfiada.

—Está-me pedindo algo muito raro, mein herr.

Chapel já havia dito que essa seria a resposta que devia esperar.

—Sei. Mas só estou interessado em uma primeira edição—. O ancião assentiu, ficando ainda mais sério. —Venha comigo. Tenho exatamente o que está procurando.

Marcus o seguiu, com a mão na culatra da pistola. Talvez Chapel confiasse naquele velhinho, mas o vampiro não era tão fácil de matar como ele.

O homem o conduziu até a parte traseira da loja, onde cruzaram uma porta que se comunicava com um pequeno escritório. Ali, abriu a

primeira gaveta da mesa, mas em vez de colocar a mão dentro, deslizou-a por debaixo da mesa, e pegou algo que estava ali oculto. Marcus sacudiu a cabeça. Tanta intriga e mistério; qualquer um diria que guardava segredos de Estado em vez de uns recados para um homem que em teoria levava seis séculos morto.

Levantou uma mão para pegar a carta que sustentava o livreiro, mas o ancião o surpreendeu deslizando a mensagem entre as páginas de um velho livro que logo estendeu a Marcus.

—Espero que goste, mein herr.

Marcus ficou quieto uns segundos, duvidando entre um ataque de risada ou adotar também uma atitude misteriosa. Fosse qual fosse sua opinião a respeito, era óbvio que aquele homem tomava sua missão de vigiar o correio de Chapel muito a sério. A Ordem não duvidaria em matá-lo se o descobria, assim, se Marcus queria brincar de espião, mais valia não zombar dele.

—Obrigado. —guardou o livro na bolsa de pele que tinha pendurada no ombro—. Com certeza que sim. Gun moang.

Saiu da loja com a absurda tentação de olhar se o seguiam. Mas em vez disso, manteve a vista à frente e caminhou reto. Se queria chamar a atenção, coisa que evidentemente não pretendia, já teria dado a volta várias vezes.

Ainda faltavam horas para que os vampiros e suas mulheres despertassem. Seguro que a essas horas seguiam dormindo aconchegados, recitando-se mutuamente poemas de amor enquanto dormiam. Esses casais estavam tão apaixonados que davam inclusive vontade de vomitar.

Deu de ombros e riu por ter pensado isso. A inteira cidade de Viena estava ao seu dispor e tinha intenção de aproveitar a oportunidade ao máximo antes de retornar à casa.

Foi a um café e se sentou no terraço para degustar uma xícara bem cheia. Acrescentou um par de pão-doces e chupou os dedos de tão

deliciosos estavam. Passeou por aquelas ruas estreitas e pavimentadas, maravilhando-se da beleza dos edifícios. Conversou um momento com pessoas que conheceu, deteve-se a observar em detalhe a arquitetura do lugar e certas obras de arte que captaram sua atenção. Parou um par de ocasiões para acariciar primeiro a um cão e depois a um gato negro atrás das orelhas.

Quando seu estômago se queixou e o recordou que tinha chegado a hora de comer se obsequiou com uma barra de pão recém saída do forno e uns frios que derreteram na boca. Satisfeito seu apetite, conheceu uma moça preciosa e durante uma hora fingiu estar apaixonado por ela.

Então, quando chegou a hora de retornar à casa, decidiu que tinha chegado o momento de enfrentar ao tipo que levava todo o dia seguindo-o. Descobriu sua sombra logo que entrou na livraria. Evidentemente, o homem tinha estado vigiando o edifício.

Sem apressar-se, Marcus seguiu seu caminho, mas não se dirigiu a sua guarida, mas sim tomou um caminho que tinha descoberto na noite anterior e que conduzia a uma ruela em que havia um ruidoso botequim e um monte de escuros cantos.

Foi num desses que se ocultou depois de virar a esquina. Com as costas coladas na parede, tirou a navalha que tinha metida no cinturão.

O homem que o seguia se deteve um momento, e logo seguiu adiante; cada passo mais lento e cauteloso que o anterior. Não era nenhum novato. Dar-se conta disso, fez que acelerasse o coração de Marcus. Seis meses atrás, esse tipo de violência só tinha lido nos livros. Agora estava quase tão sedento de sangue como seus amigos vampiros, e ele não tinha a mesma desculpa que eles.

Esperou até que o homem deu o último passo e então o surpreendeu por trás. Com um braço, rodeou o largo pescoço do tipo, apertando-o o suficiente para cortar o fornecimento de oxigênio, logo lhe pôs a afiada folha por debaixo do braço, apoiando a ponta justo

entre um par de costelas.

—Tranqüilo, amigo —disse ao ver que o outro opunha resistência. Recebeu um murro bastante doloroso na coxa, mas Marcus agüentou firme e apertou o pescoço com mais força.

—O que quer? —exigiu saber.

O homem tratou de golpeá-lo de novo, mas desta vez com estupidez, e pouco a pouco começou a desmaiar pela falta de oxigênio.

Marcus o sacudiu e apertou a ponta da navalha com mais força. O outro se afastou ao notar que o frio metal atravessava a pele.

—Fiz uma pergunta.

—Que se foda, cão dos vampiros —respondeu o tipo com um marcado acento inglês. Aquilo já era uma resposta.

Uns dedos como salsichas se agarraram no braço de Marcus, que apertou seu pescoço com mais força; tinha a testa empapada de suor enquanto tratava de manter o controle.

Podia matar aquele homem que cheirava a tabaco, vinho e alho, mas alguém encontraria o cadáver e começaria a fazer perguntas. E Marcus não podia arriscar-se a ser a resposta mais óbvia a nenhuma dessas perguntas. Além disso, não era um assassino. Poderia levá-lo para casa, mas seus amigos tampouco matavam sem motivo. Era garantido que o tipinho queria descobrir onde estavam os vampiros. O melhor seria soltá-lo e permitir que retornasse à Palma de Prata com o rabo entre as pernas.

O suor escorregou pela têmpora ao mesmo tempo que a resistência do homem ia desvanecendo. Por fim, as enormes mãos do mesmo caíram inertes, igual ao corpo ao que pertenciam. Quando caiu como chumbo no chão, Marcus cambaleou.

Com a respiração entrecortada, deixou seu assaltante em frente à porta daquele sujo botequim. Passou o braço pela testa antes de ficar de joelhos para revistar os bolsos de seu agora inconsciente perseguidor.

Encontrou um pouco de dinheiro, um lenço e uma garrafinha com conhaque.

As mãos do homem estavam cheias de cicatrizes e dois dedos da mão direita tinham aspecto de ter-se quebrado no passado. O mesmo de seu nariz. Do mesmo modo, tinha cicatrizes no queixo e ainda por cima de uma sobrancelha.

Um lutador profissional. Marcus tinha tido sorte de pegá-lo despreparado, ou, senão, com certeza lhe teria dado uma boa surra. Provavelmente esse era o plano; capturá-lo e surrupiar qualquer informação que pudesse ter.

Ele escapou por um triz.

Ele já levantou-se quando um brilho captou sua atenção. Na mão esquerda, o homem levava um anel, o selo da Ordem da Palma de Prata. Olhou ao redor para assegurar-se que não havia ninguém à vista, pegou a mão e tirou a jóia. O anel ficou travado no segundo nódulo, assim Marcus teve que puxar forte até conseguir tirá-lo de tudo. O guardou no bolso interior da jaqueta. Possivelmente algum dia seria útil.

Depois disso, levantou-se com rapidez e saiu das sombras, ajeitando a roupa enquanto guardava a adaga. Retornou à rua principal e aparentou ser um turista mais. Não perdeu um segundo em retornar à casa. Se a Ordem os estava seguindo, sinal que algo muito importante estava a ponto de acontecer; algo pior que tudo o que já tinha acontecido.

Não, a verdade era que não tinha pensado passar assim o verão. Vejamos se tinha sorte e conseguia terminá-lo com vida.

Ao menos não se quebrou nada.

Enquanto tratava de levantar-se com muito cuidado, Vivian se disse que tinha que estar agradecida por isso.

Levantou a vista e se assustou ao ver que o céu estava escurecendo. Isso queria dizer que levava horas metida naquele buraco. Uma urgente

dor de cabeça indicou que devia ter passado um bom tempo inconsciente, conseqüência da queda. Tocou a têmpora com cuidado e encontrou restos de sangue seco. Também doía o tornozelo esquerdo, mas por sorte só o tinha torcido.

Poderia ter sido muito pior, embora não que as coisas estivessem muito bem. Ninguém sabia que tinha saído para passear, e muito menos para aonde tinha ido. De fato, era pouco provável que dessem conta que tinha desaparecido.

O pânico oprimiu seu peito, mas tratou de ignorá-lo. Não ia morrer naquele buraco. Cedo ou tarde, veriam que não estava e Temple sairia a procurá-la.

Tinha que concentrar-se e não comparar aquela lugar com uma jaula. Daquele buraco ia sair, diferente da jaula do circo em que a mantiveram presa as primeiras semanas, até assegurar-se que não ia tentar escapar.

Por isso mesmo se surpreendeu tanto que Temple não a prendesse em uma cela quando a capturou. Retê-la nua em seu quarto não era comparável às torturas que sofreu quando a meteram naquela caixa. O vampiro poderia tê-la enjaulado, igual ela havia feito com ele. Provavelmente Temple ficaria cheio de satisfação não? Ao menos um pouquinho. Mas não havia feito nada disso, o que era horrível, pois o convertia em uma pessoa muito melhor que ela, e uma pequena parte de Vivian o odiava por isso. Tudo resultava mais fácil quando as pessoas se comportavam como ela esperava, quer dizer, com crueldade ou com premeditada malícia. Isso sim podia entendê-lo.

Não havia nada pior que ser a destinatária de tanta amabilidade. Talvez por isso tinha tanto medo de decepcionar Rupert, segura de que, se o fizesse, ele deixaria de tratá-la bem.

Às vezes, desejava que ocorresse.

Mas não queria morrer naquele buraco.

—Temple me encontrará —disse em voz alta, tratando de acalmar

os batimentos de seu coração—. Seu olfato pode comparar-se ao de um lobo. Me encontrará esta mesma noite. —Por certo ele havia feito essa armadilha. A terra estava ainda úmida, e a rede que cobria o buraco era muito nova.

Levantou-se como uma tola. Deveria ter sabido que não podia caminhar por aí tão confiada. Deveria ter pensado que uma casa que servia de refugio a vampiros estaria rodeada de todas as precauções. Ao ser uma escola, Vivian tinha baixado a guarda. E como, além disso, a dita escola estava administrada por mulheres, tinha acreditado ainda mais.

Mas não ia ficar ali sentada esperando que a encontrassem. As paredes do buraco tinham sido feitas para que fosse quase impossível de escalar, mas ela não se rendia tão facilmente.

Golpeou com os punhos as madeiras de ambos os lados e as mediu com os dedos. Logo deu um par de chutes para ver se conseguia quebrar a madeira e conseguir algum ponto onde agarrar-se. As lascas lhe feriram os nódulos e se cravaram por debaixo das unhas até empapar suas mãos de sangue. Os pés palpitavam dentro das botas de pele, doloridos pelos contínuos chutes na parede.

Conseguiu subir até a metade mas então um pé escorregou e, no mínimo, uma dúzia de lascas de madeira se cravaram na palma da mão. Gritou de dor e o sangue que emanou das feridas fez que se soltasse. Caiu no chão com um golpe seco, embora aterrisou de pé, o que fez que seu já dolorido tornozelo se ressentisse mais e que a dor a derrubasse por completo.

Ficou um momento ali deitada, sem tentar reprimir as lágrimas. Frustrada, zangada, e dolorida. Já não podia mais e, ou chorava ou começava a gritar como uma louca.

Embora talvez gritar não fosse tão má idéia.

—Olá? —disse—. Há alguém aí? —Seguiu e seguiu até que doeu sua garganta e ficou com a boca seca.

Exausta, sentou-se e começou a limpar as lascas da mão... ao menos as que pôde encontrar. Teria sorte se não se infectasse. Apesar da pouca luz que havia, pôde ver que tinha a palma cheia de cortes e de sangue.

A dor do tornozelo chegava já ao joelho, e parecia que alguém tinha dado vários chutes na cabeça. Depois da última queda, as costelas também doíam, mas ao menos tinha o consolo de não haver quebrado nenhum osso. Se concentrava em todas essas feridas se distrairia e não teria um ataque de pânico por estar presa em um espaço tão reduzido.

Tirou-se lascas até que ficou sem luz para continuar. Já quase tinha anoitecido. Quanto tempo mais teria que ficar ali? Estava esgotada. Graças a Deus, era uma noite cálida e não corria perigo de pegar uma pneumonia. Logo teria que aliviar as necessidades de sua bexiga, e não ia ser nada agradável. Agüentaria tanto quanto pudesse.

Por fim, justo quando era já negra a noite e acreditava que não poderia resistir mais a vontade de urinar, ouviu algo.

—Olá? —gritou, tentando ficar em pé e rezando para que não fosse algum animal em busca de seu jantar. Apoiou o peso na perna que não doía, e recostou o ombro na parede para sustentar-se melhor.

—Vivian.

Ouvir a voz de Temple a encheu de euforia, e deu vontade de chorar.

—Estou aqui. —Era uma tolice que o dissesse, pois ele podia vê-la perfeitamente com sua aguda visão.

Fez-se silêncio, e, por um segundo, Vivian teve medo que a tivesse abandonado.

—Se coloque de lado.

Não teve que dizer duas vezes, afastou-se o máximo possível, colando as costas à parede. Uma corrente de ar acariciou seu rosto, e, de repente, no meio da escuridão, algo golpeou o chão com força. Continuando, uma figura se incorporou devagar até que a silhueta de Temple ficou perfeitamente recortada diante dela.

Estava a ponto de chorar de alívio.

—Graças a Deus que me encontrou.

—Deus não teve nada a ver com isto —disse furioso e ameaçador—.

Me rodeie o pescoço com os braços.

Vivian o fez com prazer, abraçando-se a ele com todo o entusiasmo que sentia em seu coração. Temple demorou uns segundos, mas no final a agarrou pela cintura com seus maravilhosos braços.

—Segure forte e dobre os joelhos.

Ela seguiu suas instruções, mas mal teve tempo de pensar no que estava fazendo quando ele saiu disparado pelos ares tirando-a daquele buraco e entrando na escuridão.

Levou-a nos braços através da noite, e, com a brisa lhe acariciando o rosto, Vivian conseguiu esquecer o muito que doíam suas mãos, a cabeça e a perna. Essa sensação de liberdade não podia comparar-se a nada que houvesse sentido antes.

Não fosse estar tão aturdida, inclusive teria rido de alegria.

Temple aterrissou diante dos degraus que conduziam à escola. Atravessou o vestibulo, onde havia várias mulheres observando-os, com Vivian ainda nos braços e seguiu até uma larga escadaria.

—Aonde vamos? —perguntou ela confusa diante da mudança de caminho.

—Ao seu quarto—respondeu ele seco.

—Meu quarto? —Piscou sem entender nada—. Acreditava que seu quarto era o meu.

Ele nem sequer a olhou.

—Já não.

Vivian não perguntou nada mais, não se atreveu a dizer nenhuma palavra que pudesse aumentar seu aborrecimento.

O vampiro a levou a um quarto muito espaçoso do terceiro andar da ala oeste. Estava decorada com tons cor pêssego e as paredes tinham um pequeno estampado oriental combinando com as cortinas.

Deixou-a na cama e se agachou ao seu lado para inspecionar em silêncio as mãos e o tornozelo, e em seguida a cabeça. Vivian tentou não fazer nenhuma careta de dor, mas apesar que ele a tocou com cuidado, não foi o suficientemente delicado.

—Não tenho nada quebrado—murmurou—. E o corte da testa tem pior aspecto do que é em realidade. As mãos são o que mais me dóem. —Estavam cheias de cortes e arranhões.

Cobriu-lhe a palma mais ferida com um lenço.

—Pedirei que preparem um banho e que se encarreguem de te curar —disse ficando de pé.

—Temple?

O vampiro a olhou. Tinha a cabeça encurvada e os punhos apertados de ambos os lados do corpo. Vivian podia sentir a tensão que emanava dele e que era dirigida a sua pessoa.

—O que?

Ela tratou de sorrir, mas pareceu forçado e pouco natural. Como podia dizer que se alegrava por vê-lo quando a estava olhando desse modo?

—Obrigado por me resgatar.

Temple pareceu enfurecer-se ainda mais e seu olhar se voltou mais gélido.

—De nada. Espero que sua pequena reunião valesse a pena.

A Vivian lhe parou o coração. Temple sabia. É obvio que sabia. Inclusive podia perceber o aroma do jovem em sua pele, embora o encontro tivesse sido tão breve.

—Eu...

Levantou uma mão para interrompê-la. Melhor. O que podia dizer? A verdade era que tinha saído para encontrar-se com alguém. E voltaria a fazê-lo. Não fosse por sua queda naquele buraco, jamais o haveria dito.

—Não. —Foi a única palavra que escapou dos lábios apertados do

vampiro—. Não diga nada, ou que Deus me ajude...

Foi então quando Vivian viu como apertava forte os punhos. Tinha os nódulos brancos sob a pele. A besta que havia dentro de Temple queria matá-la, estava segura. Só o homem que também vivia no interior do vampiro a detinha.

E Vivian sabia que, apesar de inimigos, esse homem sentia algo por ela. Rupert diria que o utilizasse em seu favor. Vivian não sabia o que fazer com isso, mas sentiu que se fazia um nó no estômago e seu traiçoeiro coração deu um salto de alegria.

Não disse nada. Ficou ali calada enquanto ele dava a volta muito devagar e se dirigia à saída tão elegante como um leão perseguindo a sua presa.

Quando a porta se fechou, Vivian ouviu o claro som de uma chave girando na fechadura. O muito bastardo a tinha aprisionado!

Levantou-se de um salto, e, ao apoiar o pé no chão, teve que morder os lábios para não gritar de dor. Coxeou até a porta, e com dedos trementes e pegajosos girou o trinco. Estava presa.

Sacudiu-a como se isso fosse servir de algo, e a seguir teve um ataque de pânico, seguido de outro de fúria. Só sua própria dor evitou que começasse a dar chutes na porta de carvalho; e recordar que a dita porta pertencia a Kimberly e não a Temple.

Apoiando-se na perna que não estava ferida, caminhou como pôde até a janela e afastou as cortinas. Dessa vez não pôde reprimir o grito de raiva que escapou de sua garganta: a janela tinha grades.

No final, Temple a tinha metido em uma jaula.

Capítulo 9

Era um estúpido.

Depois de deixar Vivian em seu novo quarto, Temple se repreendeu a si mesmo por ter acreditado nela ou em suas palavras. Deus, havia dito que estar em seu interior era como estar no paraíso e horas depois escapuliu de seus braços para ir reunir-se com outro homem.

E não um homem qualquer. Por certo devia ser um cúmplice de Villiers.

Temple desceu furioso a escada, e quando viu uma das criadas disse que fosse com outra das garotas atender a Vivian. Embora o tivesse traído, não podia suportar a idéia que sofresse nem que estivesse ferida.

Em realidade, não o tinha traído. Sabia que a garota ia tentar ajudar Villiers, igual ela sabia que estava disposto a utilizá-la para vencer esse indivíduo. Assim... por que lhe incomodava tanto que Vivian tivesse tratado de cumprir com seu dever para seu mentor? Por que levava tão mal que fizesse o que se esperava dela? De verdade tinha acreditado que conseguiria a pôr de seu lado tão facilmente? Até esse instante não se expôs nenhuma dessas perguntas.

Quando despertou e viu que não estava, só sentiu medo. E quando descobriu que ninguém sabia aonde tinha ido, esse medo foi substituído por terror. Ao encontrá-la naquele buraco... bom, digamos que primeiro sentiu alívio. E segundo, dor ao ver-se traído. Odiava sentir-se assim.

O que teria acontecido se não a tivesse encontrado? Ou se a queda a tivesse matado?

—Parece como se alguém tivesse chutado seu mascote preferido — disse uma suave voz quando entrou no salão privado de Brownie.

Temple olhou sua amiga de relance. Levava um vestido amarelo

pálido e estava sentada em um pequeno sofá azul. Parecia uma boneca, duvidava inclusive que fosse real.

—Por sua cara deduzo que encontrou Vivian —acrescentou a mulher ao ver que ele não dizia nada.

O vampiro assentiu e tirou a garrafa de uísque do armário de licores.

—É. Caída em uma das armadilhas do bosque.

—Você disse que essas coisas eram perigosas.

—Por isso mesmo as fiz. —Tinha cavado três antes da chegada de Vivian à ilha. Com sua força e sua velocidade não custou muito fabricar essas três armadilhas à espera que Rupert e seus homens caíssem nelas.

—Espero que tenha pedido perdão pelo dano causado.

Fez uma careta de desprezo e serviu dois generosos copos. Logo se aproximou de Brownie, sentou-se diante dela e ofereceu um.

—Não, não o fiz.

—Temple! —Olhou-o horrorizada—. Como é possível? A pobre criatura poderia ter morrido.

—Essa pobre criatura sabe cuidar-se sozinha, Brownie. Não se preocupe, cair nesse buraco não a matou. —OH, mas poderia tê-lo feito, se tivesse caído em má posição. Ou se uma das madeiras da parede tivesse perfurado seu estômago em vez de sua mão.

Ao entender o que acontecia, Kimberly sorriu.

—Está zangado porque se machucou. Sente-se culpado.

—Estou zangado, e ponto! —Esvaziou o conteúdo do copo de um só gole. O uísque queimou sua garganta e o fez sentir-se melhor—. E a única culpada do que aconteceu foi ela mesma.

Brownie o olhou com lástima.

—Ainda não lhe contou quem é, não?

Temple a fulminou com o olhar.

—E dar mais munição para usar contra mim? Não. Quantas mais coisas ignore, muito melhor.

—Talvez se soubesse saberia por que te importa tanto.

O vampiro fez uma careta. Nem sequer ele sabia por que a moça lhe importava tanto. Havia uma explicação evidente, mas o que sentia por ela ia muito além de que seu sangue o atraía.

Nessa mesma tarde tinha recebido um telegrama de Payen Carr, oferecendo sua ajuda para o que quisesse, e Temple estava tentado a aceitá-la. Se Carr pudesse contar algo que conseguisse que Vivian visse claramente como era Villiers em realidade, todos os planos da Ordem da Palma de Prata se iriam pelos ares. E estaria eternamente agradecido a esse vampiro.

—Provavelmente não deveria dizer isto —acrescentou Brownie olhando-o com os olhos entrecerrados—, mas seria má amiga se não o fizesse. Outro dia, Vivian me pediu que mandasse um telegrama.

Temple levantou a cabeça de repente. A melancolia desapareceu e o sentimento de culpabilidade se desvaneceu.

—Para quem?

—Para um homem chamado... Vincent? —A mulher franziu o cenho—. Não, não se chamava assim. Valance?

O vampiro sentiu como se seu coração se convertesse em uma pedra. Devagar, deixou o copo em cima do bonito móvel.

—Villiers.

—Sim! Assim se chamava. Villiers. Espera, Temple. Aonde vai?

Ia procurar o homem que se reuniu com Vivian no bosque, algo que deveria ter feito antes. Se esse homem levou uma mensagem dela para Villiers, talvez já fosse muito tarde para interceptá-lo. Maldita fosse, tinha estado tão preocupado e assustado que nem sequer tinha podido pensar.

Correu para a porta e empreendeu vôo imediatamente. Sobrevoou a zona onde tinha encontrado Vivian. Não teve que fazer nenhum esforço para recordar seu aroma, pois graças ao aborrecimento e ao ciúmes o tinha gravado na memória. Sim, havia se posto ciumento ao ver que

Vivian tinha ido reunir-se com outro homem, e logo esses ciúmes se converteram em raiva.

Sulcou a cálida noite de verão e seguiu o rastro do homem em questão até uma pequena cabana que havia a um quilômetro da escola. Era uma casa desmantelada, mas habitável, construída no vale da colina, que a protegia dos ventos que sopravam nos escarpados.

Temple aterrisou no caminho de terra que havia em frente à entrada, e quando já estava a ponto de entrar, deu-se conta de que cheirava a algo mais. A sangue. Fresco... humano.

—Deus.

Abriu a porta e entrou.

O homem cujo aroma seguia em Vivian estava no chão, no meio de um atoleiro de sangue que emanava de um disparo que tinha no meio da testa. Estava claro que o tipo já não era útil a Villiers, e que fosse qual fosse a informação que Vivian lhe deu, se esfumou.

Poderia seguir o rastro de algum dos múltiplos aromas corporais que alagavam a cabana, mas não tinha modo de saber qual deles pertencia ao assassino. Mas fosse quem fosse, não era Villiers. Se o muito bastardo estivesse ali, o vampiro saberia, e ao contrário não percebia nem rastro de sua presença.

Só podia retornar à escola e enfrentar Vivian.

O vôo de volta para a academia não conseguiu tranquilizá-lo nem melhorar o humor. Aterrisou no pátio, cruzou furioso o vestíbulo e subiu os degraus de três em três. Quando chegou ao quarto de Vivian, fez um esforço por abrir usando o trinco e não lhe dando um chute à porta que a arrancaria de suas dobradiças.

As criadas que estavam curando suas feridas gritaram assustadas ao vê-lo entrar. Ela em compensação não pareceu se surpreender muito que estivesse ali, nem tampouco se impressionou muito, pois seguiu sentada na cama, vestida com uma modesta camisola.

—Saíam—ordenou Temple às moças. A julgar pelas bandagens de

Vivian, já tinham concluído sua tarefa. Temple tentou não olhar as muitas lascas ensangüentadas que havia no prato que uma delas levava, e tratou de ignorar deste modo o aroma de sangue, seu doce e viciador sangue, que se mesclava com o sabão que as criadas tinham usado para banhá-la.

As moças saíram dali sem perder um segundo, e, sendo como eram boas em seu trabalho, fecharam a porta ao sair. Temple esperou até então para dirigir-se a Vivian.

—O que tinha? —exigiu.

—O que tinha onde?

—No telegrama que mandou a Villiers. Ou no que ele mandou a você. «Meu amor, meus maquiavélicos planos não têm sentido sem você a meu lado.»

Ela ergueu o queixo.

—E o que tinha no que você mandou a seus amigos? «Venham jantar meninos, eu me encarrego da sobremesa.»

O vampiro deu um passo para Vivian e esta ficou em pé de um salto com os punhos levantados, apesar que tinha ambas as mãos enfaixadas e que certamente lhe doíam como mil demônios. Quase não podia ficar em pé, e por debaixo da branca camisola era óbvio que tinha um tornozelo inchado.

—Deus santo, de verdade acredita que vou te bater?

—Se fosse um homem o faria. Sempre diz que deveria me matar, por que não recorrer à violência?

Ele ignorou esse comentário.

—Se fosse um homem não teria deitado com você.

Ela nem se alterou ao escutar essa expressão tão vulgar, mas se limitou a olhá-lo com seus olhos brumosos. Temple jamais tinha visto um olhar tão distante.

—Por que o fez?

Temple a olhou fixamente com a mesma frieza.

—Pela mesma razão que você me deixou fazê-lo —respondeu.

Vivian não disse nada, mas afastou o olhar e apertou a mandíbula.

—Que planos tem Rupert? —quis saber Temple segundos mais tarde, antes que o silêncio se prolongasse.

—Não sei —respondeu a jovem, levantando ainda mais o queixo e baixando os braços.

O vampiro deu um passo para ela.

—Que planos tem? —repetiu. Apenas os separavam uns centímetros.

—Não sei.

Ia beijá-la ou matá-la?

—Disse-lhe que escrevi aos outros?

Vivian teve a coragem de voltar a olhá-lo nos olhos.

—Sim.

Virou a cara.

—Maldição!

—E o que esperava que fizesse, Temple? —perguntou antes de voltar a sentar-se na cama—. Que ficasse aqui quieta como se fosse sua putinha, e esperasse que seus amigos aparecessem para que pudessem me matar todos juntos?

—Te matar? —Seguro que ficou louca, pensou ele olhando-a desconcertado—. Te machuquei alguma vez?

—Deu-me um murro.

Temple tirou a importância do comentário com um movimento de mão.

—Só pretendia que se acalmasse.

Vivian riu sem humor.

—Estou segura que não é a primeira vez que recorre a tais métodos com uma mulher.

Ele soube sem lugar a dúvidas que seu rosto tinha perdido todo rastro de cor.

—É uma harpía.

Agora foi a vez dela empalidecer, mas não se amedrontou. E tampouco afastou a vista. De fato, seus lábios esboçaram um sorriso sardônico. Um sorriso malvado e amargo que Temple odiou ver no precioso rosto de Vivian.

—Não se faça de nobre comigo, vampiro. Desde o dia em que nos conhecemos não deixou de jogar. Tirou-me a virgindade logo que pôde.

—E se me recordo bem, você não fez isso muito difícil.

—Sim, e me envergonho disso.

Se envergonhava? Essas palavras o machucaram e Temple sentiu como se uma velha e afiada navalha se retorcesse em seu interior. Vivian se envergonhava do que tinham compartilhado.

—Fique tranqüila, não voltarei a te incomodar com meus cuidados. De fato, quando se recuperar de suas feridas, quero que vá embora daqui. Vá procurar esse homem que finge ser seu pai mas que quer converter-se em seu amante. Pergunte se foi responsável pelo assassinato do jovem com quem se reuniu ontem. —Já não a queria ali, embora isso significasse perder uma vantagem sobre seu inimigo. Vivian merecia tudo que Villiers tivesse planejado lhe fazer.

—Está morto? —perguntou pálida.

—Sem dúvida alguma.

Negou com a cabeça, fazendo que sua gloriosa cabeleira caísse pelas costas.

—Poderia tê-lo matado você —disse.

Mas Temple viu que não estava convencida, isso só era uma desculpa.

—Pode acreditar se assim se sentir melhor —se limitou a responder—. A quanta gente tem que matar ou ferir Villiers para que se convença da verdade?

Uma careta de desdém distorceu suas bonitas facções.

—Diria qualquer coisa a fim de me fazer acreditar o pior dele.

Deus, se tivesse a ele uma quarta parte da lealdade que mostrava ao Villiers, Temple se consideraria um homem afortunado.

—Não tenho que dizer nada. Se incomodasse em tirar a atadura que leva nos olhos, veria a verdade por si mesma.

—É impossível —respondeu Vivian—. Não sabe nada dele.

—Sei o suficiente.

—Isto não vai terminar até que um dos dois saia ferido.

Temple ficou olhando-a, muito cansado e atônito para fazer nada mais. De verdade ela não tinha chegado ainda à conclusão mais lógica?

—Carinho, não só vamos sair feridos. Ou Villiers ou eu vamos morrer. Espero que, quando isso ocorra, não lamente o resultado.

Vivian ficou branca como papel. Durante um segundo, o vampiro temeu que fosse desmaiar, e não se atreveu a sonhar que essa reação se devia a que estivesse preocupada com ele.

—Vá ao inferno —disse ela finalmente.

Com um triste sorriso, Temple deu meia volta e se dirigiu para a porta deixando-a só de novo.

—Ali nos veremos.

Se pudesse caminhar, Vivian teria ido embora da Academia O Jardim nessa mesma manhã. Por desgracia, seu tornozelo se negava a suportar o peso de seu corpo durante mais de um par de passos, tinha as mãos ainda destroçadas e enfaixadas até quase lhe resultar inúteis, e um galo na cabeça do tamanho de um ovo.

Deitada em cima da colcha de sua nova cama se deu conta de que não poderia ir a nenhum lugar por uns quantos dias. Só podia confiar que estivesse recuperada antes da chegada dos outros vampiros. Era melhor pensar que não a matariam e mandariam seu cadáver a Rupert com um laço.

Por que ficava ali Temple? Agora que Rupert sabia seu paradeiro, não teria sido muito mais fácil ir embora da ilha? Poderia ir para algum

lugar onde não pudesse encontrá-lo nunca.

Mas possivelmente o vampiro estava farto de fazer precisamente isso, e queria pôr um ponto final ao que fosse que existisse entre ele e seu mentor. De verdade era necessário que um dos dois morresse para consegui-lo?

Vivian não queria que Rupert morresse. E, embora isso a fazia sentir como uma traidora, tampouco queria que Temple o fizesse. Não queria que ninguém morresse, incluída ela mesma. Sabia que, ao ser um vampiro, Temple podia matar. Mas e Rupert? Vivian não podia acreditar que tivesse mandado assassinar ao mensageiro. Simplesmente, não podia.

Mas o vampiro estava convencido disso, isso era inegável. Possivelmente tivesse insinuado que o assassino podia ser ele, mas em seu coração, Vivian sabia que Temple havia dito a verdade. Não importava que fosse capaz de fazê-lo, a morte daquele jovem não tinha sido obra dele.

Não o culpava por ter-se zangado, mas ele deveria saber que ela faria todo o possível para ajudar Rupert. De verdade esperava que confiasse cegamente em um vampiro, que deixasse de lado tudo o que tinham ensinado, tudo naquilo que acreditava, só por ter passado umas noites em sua cama? Não, Temple não acreditaria algo assim, mas Vivian gostaria que tudo isso fosse possível.

Entretanto, não era necessário que se mostrasse tão cruel com ela. Não precisava que lhe dissesse todas essas que a faziam sentir como se o tivesse traído. OH! Ia terminar por ficar louca. Vivian não estava acostumada a estar ociosa, e passar tantas horas deitada estava cobrando seu preço. Tinha que fazer algo para deixar de pensar em seu dolorido corpo, em Temple e em Rupert.

Com uma gazuva, abriu a fechadura de seu quarto. Demorou quase um quarto de hora, mas no final conseguiu.

Com certeza Temple a ataria na cama, ou faria algo igual de vil

quando se inteirasse do que tinha feito. Mas tal como estava era impossível que conseguisse escapar; só queria ir em busca de algo para comer. Não o fazia para provocá-lo. Absolutamente.

Essa mesma manhã, uma das criadas tinha levado ao quarto um par de muletas, e agora, Vivian as utilizou para descer a escada que conduzia ao andar principal. Não havia ninguém, e fazia pouco que tinham retirado o café da manhã.

Devagar e com estupidez conseguiu alcançar a cozinha. Quando chegou ali, estava esgotada, mas o aroma de chá e bolachas recém feitas fez que o esforço tivesse valido a pena.

—OH, vamos! —ouviu gritar uma exasperada voz feminina—. Pule!

Outras vozes repetiram o mesmo, exceto uma que, tremendo, respondeu: —Não posso!

Vivian entrou na cozinha, e ali viu um monte de garotas ao redor de outra no alto de uma escada e agarrada à parede como se sua vida dependesse disso.

—O que aconteceu? —perguntou.

Surpreendidas, todas as garotas se voltaram de uma vez.

—Senhorita Vivian! —exclamou uma chamada Shannon. Era alta, e com um decote muito generoso; tinha o cabelo cor canela e olhos da cor do musgo—. Não deveria estar aqui.

Ela sorriu.

—Prefiro estar aqui que ficar a sós em meu quarto. —Assinalou à moça da escada—. O que aconteceu?

—Agnes subiu para pegar um pote e agora não se atreve a descer — respondeu outra.

Agnes era uma jovem de uns dezoito anos que, se muito, devia pesar quarenta quilos e cujos olhos chorosos estavam fixos em Vivian.

—Sinto muito ser tão covarde, senhorita.

Com um sorriso, ela inclinou a cabeça.

—Todos temos medo, Agnes. Estaria mais tranqüila se subisse para

te fazer companhia?

Todas elas a olharam daquele modo que Vivian tanto se incomodava.

—OH, senhorita, não precisa...

Sem fazer caso dela nem das demais, que começaram a criticar sua amiga, Vivian se dirigiu coxeando para a escada. Algumas seguiram repreendendo a pobre Agnes, fazendo que esta chorasse ainda mais, enquanto outras diziam a Vivian que, em seu estado, não devia tentar ajudá-la. Aquelas garotas não sabiam que ela não era uma mulher comum. Embora pelo modo que a olhavam, talvez sim soubessem.

Apoiou todo o peso em uma muleta e colocou o pé ileso sobre a primeira travessa da escada. Subiu nele e logo repetiu o processo. Quando a muleta já não tocava o chão, a passou a uma das jovens e se apoiou na própria escada. Agnes não estava longe, talvez a cinco ou seis degraus, mas a altura era considerável. Por sorte, a escada era uma dessas dobráveis, com um duplo jogo de pés, o que lhe dava base suficiente para suportar o peso de Vivian.

Levantou uma perna até situar o pé ferido no seguinte degrau e colocar sua coxa justo debaixo do traseiro da garota.

—Pode se sentar, Agnes?

A jovem assentiu nervosa e, tremendo, agachou-se. Estava tão assustada que Vivian teve uma enorme pena. Que sua perna e seu tornozelo aleijado tivessem que suportar mais peso, não importou absolutamente. Doe-lhe, mas fingiu que não era assim enquanto rodeava a cintura de Agnes com um braço.

—Muito bem. Agora, se segure em meu pescoço.

A garota o fez, e se abraçou ao Vivian como se esta fosse uma bóia no meio do mar.

—Solte um pouco os braços, carinho. Já te peguei.

Baixando a perna lesada, sustentou todo o insignificante peso de Agnes contra ela, e, com a garota em seus braços, desceu devagar pela

escada.

Ao chegar no chão, sentia uma tremenda dor do tornozelo até a coxa. Agnes, agora já sã e salva, abraçou Vivian pela cintura. A cabeça da jovem descansava em seu peito. Era uma sensação muito estranha isso de ter outra mulher abraçando-a com tanto sentimento. Desde que sua mãe morreu, ninguém a tinha abraçado assim, e dar-se conta disso lhe encheu os olhos de lágrimas.

—Obrigado, senhorita! —Exclamou Agnes apertando-a com força—. Tinha tanto medo de cair...

Deu algumas tapinhas carinhosas nas costas.

—Agora já está salva. —Quando a jovem a soltou, Vivian olhou de soslaio às outras moças—. Esses pasteizinhos cheiram muito bem. Se importam que tome o chá com vocês?

Um monte de olhares atônitos se cravaram nela.

—Quer tomar chá conosco, senhorita? —Foi Agnes que falou; sua voz tão cheia de gratidão e assombro que inclusive a fez sentir incômoda.

—Meu nome é Vivian —disse—. E sim, eu adoraria tomar chá com vocês se não se incomodarem.

A julgar pelo coro de exclamações de prazer que seguiu essa frase, diria que às garotas não importava absolutamente. Alguém aproximou uma cadeira para que pudesse sentar-se e Vivian coxeou até ela agradecendo.

Trataram-na como a uma rainha, e lhe serviram um prato cheio de pasteizinhos junto com geléia de morango e manteiga recém feita. Tomaram o chá em umas xícaras velhas mas em perfeito estado, e Vivian achou doce e muito carregado.

As demais se sentaram ao redor da mesa, comeram e beberam, e se em princípio estavam coibidas por sua presença, logo o superaram, e começaram a lhe contar coisas sobre seus afazeres diários e a fazer brincadeiras umas às outras como boas irmãs.

—Invejo-lhes —disse ela, servindo-se outro pastelzinho, que também lubrificou com manteiga e geléia—. Invejo sua amizade. Eu não tenho nenhuma amiga.

Todas a olharam com uma mescla de surpresa e lástima nos olhos.

—Tem-nos, senhorita. —Foi Shannon que falou, uma das mais velhas, e uma palmada no ombro acompanhou a frase.

Os olhos de Vivian se encheram de lágrimas e derramou uma antes de poder reprimir. A secou com o reverso da mão com um movimento brusco.

—Obrigado, muito obrigado.

Conversaram um pouco mais. Umas quantas brincaram sobre como de bonito era Temple, e Vivian fingiu não dar-se conta que ao fazer esses comentários a olharam para ver sua reação. Ela se negou a opinar a respeito, porque nesse preciso momento duvidava entre arrastar esse homem até sua cama ou lhe arrancar as vísceras.

—Todas veneram a Lilith? —perguntou enquanto se servia outra xícara de chá.

—Agora sim —respondeu Mary, outra das mais velhas—. A senhorita CooperBrown nos falou da deusa, e nos indicou o caminho a seguir. Salvou-nos de levar uma vida cheia de amargura, senhorita Vivian. Meu marido me expulsou de casa depois que nosso terceiro filho nascesse morto. Não fosse por este lugar, a estas horas eu não estaria viva.

Uma mulher abraçou a que falava, e Vivian sentiu uma pontada no coração ao ver o carinho que havia entre elas, nascido das extremas circunstâncias que as tinham levado todas àquele lugar. Ao terminar a tarde, estava convencida que Kimberly CooperBrown era uma espécie de Santa.

—Meu pai me vendeu a um circo de monstros —confessou, depois que todas tivessem contado sua história.

A pequena Agnes esticou a mão e estreitou a de Vivian. Apesar de

seu diferente tamanho, a jovem tinha suficiente força para quebrar uma noz, e Vivian fez uma careta de dor quando esta apertou seus dedos.

—É uma de nós, Vivian. Lilith também cuidará de você. É sua obrigação.

Mary fulminou a jovem com o olhar, e Vivian não entendeu o motivo, mas Agnes soltou a mão e olhou para o outro lado.

—E que papel tem Temple em sua crença? —Perguntou, sem saber muito bem se queria conhecer a resposta—. Tem o mesmo sangue que Lilith, não?

—Ele é muito especial —respondeu uma garota que Vivian não sabia o nome—. Suponho que é algo assim como um sacerdote ou um profeta.

A idéia que Temple pudesse ser um profeta a fez rir, mas aquelas mulheres o tinham em grande estima, assim Vivian se mordeu a língua para não dizer o que pensava.

—Eu gostaria de saber mais sobre Lilith —disse—. Se importariam de me ensinar? —quanto mais soubesse sobre Temple e suas origens, mais possibilidades tinha de averiguar por que Rupert o odiava tanto.

E, de passagem, talvez não só conseguisse descobrir por que aquelas garotas a tratavam como se fosse um membro da realeza, mas possivelmente encontrasse também o modo de sentir-se melhor consigo mesma. Talvez Lilith pudesse lhe dar um pouco de paz.

As moças intercambiaram umas quantas olhadas, inseguras do que responder, mas foi Agnes que falou, a que a olhou com uma determinação imprópria de sua juventude.

—Contarei tudo que sei. —Logo olhou às demais—. Todas o faremos, não é? Porque a senhorita Vivian é uma das nossas.

Elas murmuraram sua conformidade e, uma a uma, voltaram-se para Vivian sorrindo. Pela primeira vez desde que sua mãe morreu, Vivian se sentiu aceita tal como era, sem esperar nada em troca, sem má intenção. Nem Temple nem Rupert a faziam sentir-se assim, apesar da

conexão que sentia com o vampiro e da gratidão que a atava a seu mentor.

Era como se por fim tivesse uma família.

E então soube que quanto mais ficasse ali, mais difícil seria escapar e abandonar aquele lugar e às pessoas que viviam nele.

Capítulo 10

Era o sangue de Vivian o que necessitava, não ela.

Isso era o que Temple se repetia a si mesmo essa noite uma e outra vez enquanto permanecia sentado na biblioteca. O sangue de Vivian o fazia mais forte, mais ardiloso. Quando a mordia, saboreava-a, e sentia como se fosse invencível. Como se fosse um deus.

Tinha que ser seu sangue o que o fazia sentir dessa maneira, ao menos essa era a única explicação que lhe ocorria.

É obvio, não ajudava nada que seu aroma estivesse em todas partes aonde ia. Acreditaria ela que Temple não se daria conta que escapou do quarto? Não sabia se sentia-se ofendido que a jovem o considerasse tão ingênuo, ou impressionado por sua astúcia. Sua Vivian não deixava de surpreendê-lo continuamente.

Mas ela não era dele. Pertencia a Villiers, em todos os sentidos que importavam. O telegrama cifrado e a negativa da moça em acreditar que seu mentor estava por detrás da morte do mensageiro eram clara prova disso.

Entretanto, sabia que não devia sentir-se traído por esse fato. Se fosse ao contrário, ele faria exatamente o mesmo. Mas isso não evitava que se sentisse decepcionado.

Vivian tinha lhe dado seu sangue e sua virgindade. E, apesar que

Temple não tinha pedido explicitamente que confiasse nele, coisa que tampouco ganhou, incomodava-lhe pensar que ela reservou essa parte para Villiers, um homem que não mereceria nem saber seu nome, que só procurava aproveitar-se da jovem.

Mesmo assim, acaso era ele melhor? No princípio, queria utilizar Vivian contra Villiers. Ainda o desejava. Portanto, como podia sequer pensar que era mais honesto? Villiers para Vivian era um cavalheiro enquanto que ele... bom, ele era um vilão de coração podre para a grande maioria.

E por que importava isso? Não a queria. Ela não podia ser sua por completo enquanto Villiers estivesse no meio. E uma vez que esse problema estivesse resolvido, Vivian o odiaria muito para voltar a deitar-se com ele.

—Está muito meditativo —disse Brownie com descaramento entrando na habitação.

—O que faz aqui? —perguntou Temple com o cenho franzido.

Ela o olhou com simpatia.

—Sou a diretora da escola, não sou?

Não se incomodou em lhe recordar que ele tinha comprado esse edifício, muito antes que ela nascesse. Não se lembrava exatamente da data, mas seguro que estava escrito em algum lado. Temple tinha posto Brownie ao cargo porque a irmandade se portou bem com ele.

—Isso não responde minha pergunta —replicou.

—Estava procurando um livro. —Seu olhar percorreu rapidamente os lombos de pele de uma grande seleção de volumes—. Pelo que se vê, Vivian decidiu que quer saber mais sobre Lilith.

Se o coração de Temple pudesse pulsar à velocidade dos humanos, lhe teria estalado no peito. Sendo como era um vampiro, deu um discreto batimento e voltou para seu típico ritmo enormemente lento.

—Ah, sim?

—Quer que a impeça? —perguntou seu antiga amante girando a

cabeça para ele.

—Não, isso ainda lhe daria mais vontade. Deixa que leia. O que pior pode acontecer é que se inteire da verdade.

—Sobre você ou sobre ela?

Temple pigarreou.

—Não acredito que tenha muito interesse em saber coisas sobre mim.

—Não? Pois eu acredito que é por você pelo que está interessada em aprender sobre a Mãe. —Como o resto de mulheres de sua irmandade, Kimberly acreditava que Lilith era a mãe da humanidade e não Eva; no mínimo na Irlanda. A lenda explicava que Lilith tinha dado a Adão filhos que eram tão de outro mundo, como os vampiros, embora fossem melhor considerados pelo Criador. Havia quem acreditava que Dánae, a rainha mãe da tradição popular celta, era um desses filhos, e que ela e sua descendência tinham estendido esse sangue por toda a Irlanda. O cabelo avermelhado era um sinal da linhagem de Lilith, embora havia outros rasgos, mais raros que o cabelo ou a cor dos olhos.

—Pensa o que queira. Conheço-te o suficiente para tentar fazê-lo mudar de idéia.

Fez uma careta.

—Não está em forma. Que esteja apaixonado por Vivian tem algo a ver com esse mau humor?

—Me deixe em paz.

Ela riu e voltou a se concentrar nos livros.

—Ah, aqui está. —Pegou um grande e maltratado de uma estante—. Isto a manterá ocupada por um tempo.

—Não a subestime —disse Temple—. O lamentará.

—Nunca subestimaria Vivian! —A indignação a ruborizou—. É maravilhosa.

—Estava claro que a defenderia —comentou com desprezo.

Brownie o olhou um bom momento. O suficiente para incomodá-lo

e fazer que se erguesse na cadeira.

—Está pálido, amigo —disse brandamente—. Posso trazer algo?

—Tenho fome. —Por Deus!, parecia um menino ranheta.

—Tenho uma garrafa...

—Não necessito sangue engarrafado, Brownie.

Ela entrecerrou os olhos. Deixou de lado o livro, voltou-se e inclinou a cabeça.

—Sirvo eu?

As gengivas de Temple começaram a formigar um pouco, esticando-se quando lhe saíram as presas. Isso sempre produzia um ligeiro serpenteio, o que o fazia pensar que possivelmente tivessem razão os que pensavam que Lilith era a serpente do Éden.

Levantou-se e agarrou Brownie entre seus braços. Ela tremeu um pouco, transmitindo uma certa sensação de vergonha. Não era justo que fizesse isso, apesar de que fosse parte das condições para dirigir aquela escola. A administradora devia lhe proporcionar sangue, fresco ou engarrafado. Temple tinha tirado dela antes, e tinha desfrutado, ambos o tinham feito. Então, por que isso o fazia sentir tão mal, tão sujo?

Imaginou suas presas penetrando em sua frágil carne, o sabor dela em sua língua. Seria bom para Brownie, inclusive melhor que para Temple. A ele só o tinha mordido uma vampira, e isso fazia muitos, muitíssimos anos, mas quando pensava nos dentes daquela mulher em sua carne, ainda sentia um pequeno calafrio.

Ele a tinha matado, por isso a dentada devia ser muito boa para que, inclusive passado tanto tempo, se estremecesse ao recordá-lo.

Mas não era o sangue de Brownie que queria. Não era ela a quem desejava ouvir gemer entre seus braços, suplicando em silêncio algo mais que suas presas. Queria Vivian. Nenhuma outra o satisfaria. E, maldita fosse, morder a qualquer outra seria um engano.

Soltou-a. Kimberly levantou a vista, desconcertada. Por um momento, pareceu-lhe ver repreensão e possivelmente alívio em seus

olhos.

—Preferiria outra safra? —podia apreciar o humor em sua voz, embora este fosse forçado.

Temple sorriu amavelmente e contraiu as presas. Não, só queria Vivian, e se fosse procurá-la, a possuiria, fosse ou não bem-vindo. E estava claro que não o seria.

—De fato —disse afastando-se—, decidi que não estou faminto. —E antes que ela visse como de falsa tinha sido essa afirmação, deu meia volta e abandonou a habitação. Tinha que afastar-se o máximo que pudesse daquele lugar e daquela tentação.

Duas horas mais tarde, Temple voltou a terra firme com sua fome saciada e vários pacotes envoltos sob o braço. Neles havia roupa para ele e também para Vivian. Ela não tinha muita, e Temple não era tão rancoroso para deixar que se vestisse com farrapos. Comprou-lhe calças, duas blusas, meias e roupa íntima. Esta última era fina e delicada, e constituía tanto uma tentativa de suborno como uma oferta de paz. Além disso, queria vê-la vestida. Sabia que a veria, pois nenhum dos dois podia negar o que houve entre ambos.

Vivian era uma debilidade que o vampiro não podia permitir-se, e mesmo assim não fazia nenhum esforço para superá-lo. A desculpa que ia ser útil contra Villiers já não era tão convincente como há uns dias.

Também levava bombons para as senhoritas da casa. Os motivos desse obséquio não eram mera generosidade. Sabia que Vivian se converteria no centro da irmandade, e que elas a aceitariam e adorariam imediatamente. Devia manter parte dessa adoração dirigida para ele. O último que necessitava quando chegasse o dia de seu combate com Villiers e a Palma de Prata, era uma escola cheia de senhoritas descontentes que se alinhassem com seu adversário.

Deixou a caixa de bombons sobre a mesa da cozinha, onde a

encontrariam na manhã seguinte. Logo, às escondidas, subiu a escada até o andar superior, onde deixou os pacotes de Vivian junto a sua porta.

Ficou um momento ali quieto, escutando. Podia ouvi-la dentro; sua suave respiração, os batimentos de seu coração eram música para ele. Podia ouvir também como virava as páginas de vez em quando. Estava lendo, sem dúvida, o velho livro que Brownie tinha encontrado.

Descobriria a verdade? Se fosse assim, acreditaria? E se o fazia, veria a Villiers como o vilão que era ou manteria a armadura deste imaculada?

Perdia muito tempo pensando nela. Entendia perfeitamente por que Villiers a tinha enviado. Sabia que o distrairia. Sabia Vivian que se supunha que devia distrai-lo? Formava parte desse plano entregar-se a ele?

Com certeza sim, mas a paixão que ela demonstrou não era fingida. Tinha-o desejado desde o começo, e Temple sabia. Fossem as que fossem as mentiras que havia entre os dois, seus corpos não tinham mentido.

Separou-se da porta antes de ver-se tentado a fazer algo estúpido, como entrar e lançar-se a seus pés, por exemplo. Foi à biblioteca, onde esperava distrair-se. Resistia a suplicar que o perdoasse por havê-la encarcerado. Devia odiá-lo por esse motivo.

Na biblioteca, serviu-se de um copo de bourbon e pegou um exemplar do Tom Jones da estante. Obviamente, Brownie não pensava que tivesse que censurar o material de leitura de suas alunas. A história era o bastante entretida para evitar que pensasse em Vivian. De fato, estava totalmente imerso no mundo do senhor Jones quando ouviu que batiam na porta principal. O eco ressoou por toda a escola. Quem seria a essas horas?

Estando alerta, escutou. A governanta foi abrir e Temple a ouviu saudar os recém chegados. Respondeu uma familiar voz de homem e

perguntou por ele, que nesse momento deixou de escutar, sabendo de sobra o que viria a seguir.

Não o decepcionaram, e uns minutos mais tarde, a governanta entrou na biblioteca depois de bater na porta; sorria, apesar que a tinham tirado da cama.

—Desculpe o incômodo, senhor Temple, mas tem convidados esperando-o no salão.

—Obrigado. São vampiros?

Divertia-lhe ver como essa pergunta não desconcertava a ninguém que o conhecesse.

—Isso suponho, senhor.

Não importava que fosse já um ancião, ou que estivesse acostumado às surpresas da vida, um pequeno sentimento de alegria despertou em seu interior ao ouvir essas palavras. Estava certo. Os convidados eram de sua espécie.

Seus amigos.

Enviou à mulher de volta à cama, assegurando que podia encarregar-se dos quartos e de todo o resto, e se dirigiu rapidamente ao salão onde o esperavam. Entrou na estadia com um sorriso e uma alegria mal dissimulada.

De pé no salão havia duas formosas mulheres e dois vampiros mal-encarados.

—Olá, meninos —disse.

Eles sorriram e se aproximaram como lobos de volta na manada.

Reign e Saint tinham chegado.

Capítulo 11

Vivian não o tinha traído.

Oculto em seu novo refúgio na costa, perto de Louisburgh, no condado de Maio, Rupert Villiers, que odiava a Irlanda e todo irlandês, estava contente ao saber que por fim as coisas iam segundo o previsto.

Chapel os tinha surpreendido na Inglaterra, mas naquele tempo, os homens da ordem eram uns imbecis que obedeciam a um imbecil ainda maior. Rupert considerava que mereciam morrer. Ao menos, Cecil Maxwell tinha sido hábil para escapar de Bishop na Romenia. Maxwell chegaria no dia seguinte. Desgraçadamente, seu maravilhoso monstro — um nosferatu excepcional — tinha sido destruído pelo vampiro Bishop, junto com a maior parte de sua investigação.

Tinha perdido também Constantin Khorza, que tinha se reconciliado com sua filha dhampyr, coisa que não lhe importava. Já não ia ser de utilidade, nem sequer valia a pena matá-lo.

O barão Hess, o último dos lugares-tenentes de Rupert, estava também a caminho. Tinha sido o responsável pela fantástica derrota de Justin Fontaine. Este acreditou ter à mulher perfeita para seu ritual final, mas causou tanto revôo para encontrar os órgãos necessários, que chamou muito a atenção e provocou a ira de Saint. Hess ganhou a confiança de Rupert ao encarregar-se do problema de Fontaine.

Esses eram todos os homens de confiança que restavam. Inclusive Dashwood tinha morrido, assassinado por seu próprio filho na Escócia, quando tentavam apanhar Reign. Por sorte, os vampiros eram bastante previsíveis, e acudiam sempre que Temple os necessitava. De fato, essa nobreza ia ser sua perdição; ir em resgate de sua antigo líder os conduziria à morte.

O que daria a Rupert o maior poder que qualquer humano pudesse

imaginar.

O mero pensamento bastava para lhe provocar uma ereção.

Como por intuito divino, uma criada bateu na porta de seu estúdio para levar uma garrafa de porto. A moça entrou cabisbaixa, mas sua figura era exuberante e com boas curvas, perfeitamente adequada para aliviar o ardor que sentia entre suas pernas.

—Vêem aqui, garota —disse com suavidade.

É obvio que a moça acudiu, como qualquer boa criada. Inclusive fechou a porta, para assegurar-se que os guardas de fora não se inteirassem de seu encontro. Possivelmente as irlandesas tinham mais que oferecer que Villiers tinha pensado a princípio.

Os guardas eram uma precaução que às vezes tomava em determinadas situações, e, dada a proximidade de Temple, e o recente aparecimento de Payen —o tivesse imaginado ou não—, não era demais tomar medidas extras.

—Deseja algo de mim, senhor? —perguntou a jovem, deixando a bandeja sobre a delicada superfície da mesa. A julgar por suas delicadas mãos, podia deduzir-se que não levava muito tempo trabalhando. A Rupert adorava sua doce voz. Evocava-lhe lembranças de muito tempo atrás.

—É obvio —respondeu, dirigindo sua mão a um brilhante cacho de cabelo que escapava de sua touca. Desde que conheceu Violet, gostava das mulheres de cabelo castanho. Que pena que o de Vivian fosse vermelho—. Tenho algo muito especial para te perguntar. Algo que me faria muito feliz.

Seguia cabisbaixa.

—Desejo que seja feliz, senhor.

Uma sensação de vitória embargou Rupert. Não era desses homens que gostavam de forçar às mulheres; ele preferia muito mais que elas se entregassem por vontade própria.

—Sobre a mesa, garota —ordenou—. Levante as saias.

Era razoavelmente alta, assim pôde acomodar facilmente seu maravilhoso traseiro sobre a mesa. Villiers desabotoou as calças com lentidão, enquanto com as mãos a garota elevava as saias. Rupert viu primeiro os tornozelos, logo as perfeitas pantorrilhas, envoltas em umas meias de uma pálida cor rosa.

—São muito bonitas —comentou enquanto liberava sua vibrante ereção—. Um homem lhe deu isso de presente? —Sem dúvida eram muito caras para que a garota as tivesse comprado.

—Sim —respondeu—. Meu marido.

Ah, perfeito. Não era virgem. Por Deus, tinha umas preciosas coxas. Deteve-se ali, com recato. Villiers se colocou entre seus joelhos.

—Abra as pernas para mim.

Ela o fez, sem levantar o rosto ainda. Essa atitude cabisbaixa começava a incomodar. Queria que o olhasse enquanto a possuía. Queria ver desejo e prazer em seus olhos, queria esse poder.

Desejava imaginar que a garota era Violet. Tinham passado vinte anos e sua lembrança ainda fazia que se excitasse.

—Se abra ainda mais —mandou, aproximando-se mais do interior de suas coxas—. E me olhe.

Ela assim o fez, e Rupert se encontrou com um olhar que distava muito de ser tímido e ainda menos submisso. Tinha os olhos claros, de uma sutil cor avelã, com capas de verde, azul e ouro em vez de uma mistura bruta. Por um instante, pensou que sua mente o estava enganando uma vez mais.

Reconhecia esses olhos.

—Olá, Rupert.

Violeta.

Ouviu como a garrafa de porto se quebrava, notou como o vinho salpicava sua cara e mão, e soube que tinha manchado a manga. A garrafa descreveu um arco para cima nas mãos da mulher e, de algum jeito, Villiers se afastou bem a tempo. Esse movimento o salvou de

perder um olho e meia cara, mas não evitou que acabasse com um corte irregular na maçã do rosto.

Chiou e cambaleou para a parede. Com uma mão pressionava a ferida, enquanto com a outra, com estupidez causada pelo medo, tentava encontrar o cordão para chamar.

Violeta saltou da mesa e se aproximou dele, segurando com força pelo pescoço a garrafa quebrada. O sangue dele corria pelo cristal tinto, e sobre os magros dedos dela.

Ia matá-lo.

—Isto vai acabar —lhe disse a mulher friamente—. Aqui e agora.

—Você não é uma assassina —balbuciou Rupert soltando um ligeiro suspiro de alívio quando seus dedos encontraram o cordão de seda.

—Possivelmente não seja —respondeu; sua preciosa cara se voltou sombria enquanto se aproximava—. Mas sou capaz de matar, e vou fazê-lo para proteger meu marido.

Marido. Payen. Bastardo. Quando Villiers tivesse acabado com seu plano, caçaria esse filho da puta.

No momento, teria que contentar-se pedindo ajuda. Puxou o cordão, fazendo soar um sino que havia no vestíbulo principal. Não se limitou a fazê-lo uma vez, mas sim o fez repetidamente, com uma urgência que ressoou em toda a casa.

A porta se abriu de repente, e os guardas entraram rapidamente; Violeta lançou um exasperado olhar.

—Devia ter te matado antes deles entrarem.

—Sim —estava de acordo—. Mas não o fez. Nunca foi muito esperta, querida. —E dirigindo-se aos guardas acrescentou—:Disparem.

Tiraram as pistolas e, em décimos de segundo, justo antes que algum dos guardas pudesse usar a arma, Violeta sorriu zombadora.

—Voltaremos a ver, Rupert. E, Por Deus santo, sobe as calças.

Em seguida ficou de pé sobre a mesa e saltou pela janela graciosamente, em um abrir e fechar de olhos, enquanto os disparos

soavam atrás dela. Villiers não podia dizer se tinham acertado ou não, mas alguns pedaços de gesso se desprenderam da parede, o que significava que algumas balas tinham falhado. Os homens correram para a janela, mas Rupert sabia que Violeta já tinha ido quando eles chegaram.

Com as pernas tremendo, suspirou. De agora em diante teria que ser mais cuidadoso. Muito mais. Embora era uma satisfação que os vampiros pensassem que era alguém a quem ter em conta.

Esse mero pensamento o fez sorrir e recuperar a calma e a sensação de triunfo que tinha justo antes do incidente.

Com toda a animação, sua ereção, em vez de desaparecer, intensificou-se, e para evitar que seus homens o vissem, Villiers fez caso do conselho de Violeta e subiu as calças.

Chapel e Bishop chegaram às quatro em ponto daquela mesma noite. Com eles estavam suas mulheres, a formosa Prudence e a exótica Marika. Também tinham viajado com eles o velho amigo de Chapel, o pai Francis Molyneux, e um jovem chamado Marcus Grei. Todos se acomodaram no salão de Temple.

Havia algo que resultava estranhamente familiar em Marcus Grei. O vampiro recordava ter ouvido sua voz em sua curta estadia em Cornualles, mas não era a voz o que o deixava perplexo, mas algo de seu ser, algo que recordava um velho amigo.

—É descendente de Dreux —explicou Chapel ao ver como Temple o olhava—. Esteve em Cornualles procurando respostas sobre certas lendas que corriam sobre seus antepassado e seus «amigos».

Dreux. Tinha passado meio milênio desde sua morte, mas Temple ainda sentia sua perda. Tudo trocou no dia em que Dreux saiu à alvorada, ao encontro do sol, incapaz de aceitar aquilo no que se converteu.

—Isso explica tudo —assentiu ele.

Antes que pudesse dirigir-se ao jovem, a porta se abriu, e Saint, Reign, e suas mulheres, Ivy e Olivia, entraram também. Esta última estava um pouco pálida e Temple pensou que possivelmente as suspeitas de Reign fossem certas. Este tinha pedido que não comentasse nada com os outros, mas suspeitava que sua mulher estava grávida. Fosse ou não certa sua suspeita, Temple desconhecia se isso era possível.

Um bebê vampiro. Nasceria humano ou vampiro? Envelheceria? Que desgraça seria para ele ser um bebê eternamente. Embora possivelmente fosse um menino normal. Não havia maneira que soubesse, e, conforme dizia Reign, Olivia estava aterrada. Temple a compreendia. Com semelhante preocupação, o último que precisavam era enfrentar-se à Ordem da Palma de Prata.

Mas Olivia não reteve muito sua atenção, pois Temple se deu conta de que um denso silêncio pesava na habitação. Voltou-se e viu como Saint e Marika se olhavam um ao outro, com uma clara expressão de surpresa na cara.

Saint se aproximou da jovem, e sua mulher, Ivy, contemplou-o com um alegre sorriso na cara. Bishop não parecia tão disposto a deixar que sua esposa Marika se afastasse, mas finalmente o fez.

Igual ao resto, Temple se limitou a observar como ambos se viam pela primeira vez.

Aproximaram-se um do outro e se detiveram antes de tocar-se. Saint se adiantou, inclinando um pouco a cabeça, com seus escuros olhos úmidos. Com os dedos tocou a bochecha de Marika, logo seu cabelo, e outra vez a bochecha, enquanto seus lábios esboçavam um sorriso.

—Parece tanto com sua mãe! —disse finalmente.

Temple, que não estava acostumado a mostrar seus sentimentos, notou um nó na garganta. Não podia nem imaginar o que seu amigo

devia sentir nesse momento.

Uma lágrima deslizou pela bochecha de Marika quando tomou a mão de Saint entre as suas e a levou ao rosto. Fechou os olhos e chorou. E então Saint a abraçou enquanto lhe saltavam as lágrimas de emoção.

Todos afastaram o olhar um instante, inclusive Bishop, para lhes dar um momento de intimidade. Não aconteceria nada se demorassem o bate-papo sobre a Palma de Prata uns minutos.

Temple aproveitou para estudar seus companheiros. Que contentes estavam seus velhos amigos. Chapel, normalmente tão pensativo, sorria feliz a sua noiva, quem, obviamente, sentia por ele o mesmo afeto. Bishop parecia um lobo protegendo seu amigo. Saint, que sempre tinha utilizado o romance como parte de um jogo, sem chegar nunca a fundo para assim evitar perder uma pessoa amada, finalmente tinha encontrado seu amor verdadeiro. E Reign tornou a encontrar com sua mulher depois de trinta anos separados. Todos tinham alguém com quem compartilhar sua eternidade.

Todos exceto ele.

Por um segundo, pensou na mulher que dormia uns andares mais acima. Como reagiriam seus amigos?

—Temple

Levantou a cabeça e viu Saint e o resto lhe olhando.

—Acabou? —perguntou estupidamente.

Saint sorriu mostrando seu ardente sorriso.

—Marika e eu teremos tempo suficiente para nos conhecer. Agora mesmo, acredito que o que todos queremos saber é que demônios se passou, e que raios está tramando a Ordem da Palma de Prata.

Houve uns murmúrios de assentimento e Temple levou as mãos à cara.

—Oxalá soubesse. Tenho alguém aqui que possivelmente possa responder a alguma dessas perguntas, mas suspeito que ela resistirá a colaborar.

—Ela? —O sorriso de Saint se fez mais amplo—. Nunca tinha ouvido que tivesse problemas com as mulheres.

—Exceto pela Lucinda —comentou Bishop secamente.

Chapel, Saint e Reign lhe lançaram um olhar de desaprovação. O comentário poderia ter ofendido a Temple, mas não o fez. Entendia Bishop. Seu velho amigo não queria perder sua mulher para o Saint, embora sabia que era absurdo pensá-lo. E precisamente porque se sentia indefeso, arremeteu contra o que considerava culpado de tudo aquilo: Temple.

—Sim —respondeu com um forçado sorriso—. Mas a matei e deixou de ser um problema.

As mulheres, o padre e o senhor Grei não sabiam dessa história, mas ele os ignorou. Que o explicassem os outros. Tinham passado dois séculos, e não tinha intenção de falar disso. Não quando pensava que, se não era capaz de proteger Vivian de seus amigos, poderia acabar outra vez com o sangue de uma mulher nas mãos.

E proteger seus amigos de Vivian. Não podia esquecê-lo.

—E referente ao que me passou, é uma história um tanto estranha, mas curta.

E procedeu a lhes explicar o seqüestro. Contou-lhes como a Ordem o tinha drogado e que sabiam de suas intenções de encontrar-se com o resto na Itália. Contou-lhes sobre Rupert Villiers e Vivian.

Mas não o que suspeitava dela, ainda não era o momento. Antes queria que a conhecessem, e que o fizessem sem nenhum pré-julgamento. Já tinham suficientes motivos contra ela por sua associação com Villiers, qualquer dado adicional faria que desconfiassem da jovem completamente.

Não sabia dizer por que desejava que seus amigos tivessem uma boa opinião de Vivian. Obviamente, ambos se tinham esforçado por seduzir ao outro e ganhar sua confiança. A única diferença era que ela parecia havê-lo conseguido e ele não.

E pensar que Temple se considerava a si mesmo um grande guerreiro. Sua reputação tinha dado origem a muitas lendas. E agora, cair tão baixo por uma mulher. Lucinda devia estar rindo do inferno.

—Rupert Villiers — disse Marcus rompendo o silêncio —. ouvi antes esse nome.

O menino parecia útil. Não havia dúvida do por que Chapel o tinha protegido.

—Onde? —perguntou Temple.

O jovem duvidou um momento, entrecerrando seus olhos azuis.

—Acredito que saiu em minha investigação. Faz vinte anos, estive a ponto de casar-se com uma mulher chamada Violeta WynstonJones. As bodas foram interrompidas por um vampiro chamado Payen Carr.

—Carr se pôs em contato comigo —informou Temple—. Foi cavalheiro templário.

—E um protetor do Graal do Sangue —acrescentou Marcus—. Talvez ele possa nos ajudar a decifrar os planos da Ordem.

—Querem o Graal do Sangue. —Temple olhou a seu redor—. Por esse motivo enviei um medalhão feito com ele a cada um de vocês; para mantê-lo seguro.

—Por que o Graal? —Reign parecia de uma vez furioso e desconcertado—. Só necessitam nosso sangue para converter-se em vampiros, que podiam ter conseguido de Olivia quando seqüestraram seu sobrinho.

Temple arqueou uma sobrancelha.

—Obviamente temos que nos pôr em dia. Seria o melhor para começar.

Reign olhou Olivia, a que lhe pesavam já as pálpebras.

—Podemos deixá-lo para depois? Viajamos sem parar e Olivia precisa descansar.

—Frank também —disse Chapel referindo-se a pai Molyneux.

O velho padre lhe lançou um severo olhar.

—Sou muito capaz de decidir isso por mim mesmo, *mon amie*.

Marcus interrompeu esse tenso momento com um exagerado e evidentemente falso bocejo.

—Possivelmente não esteja cansado, padre, mas seria bom eu dormir um pouco. Além disso, quase é dia.

Tinha razão. Sim, certamente esse descendente de Dreux ia ser muito útil. Muito mais racional que seu antepassado.

—Na parte norte há quartos com persianas e cortinas muito fechadas —explicou Temple—. O padre Molyneux e Marcus podem dormir na ala oeste. Muitas das estudantes saíram de férias de verão, assim não teremos que nos preocupar em tentar manter segredo.

—Manter segredo é lento —esteve de acordo Ivy, falando pela primeira vez enquanto se agarrava ao braço de Saint—. Vamos para cama.

A expressão de Saint era ao mesmo tempo séria e carinhosa. Temple se sentia incômodo ao vê-la, como se estivesse interrompendo um momento íntimo. Nenhum dos outros parecia preocupado com isso, exceto Marcus Grei, que fechou os olhos.

O casal deu boa noite a todos e Saint parou um instante para dar outro curto mas caloroso abraço em Marika, que respondeu com entusiasmo. A mandíbula de Bishop se enrijeceu.

Desejo. Amparo. Ciúmes. Como Temple invejava o que seus amigos sentiam. Ao ver o afeto de Saint por Marika e como Bishop desejava protegê-la, comoveu-se e por um momento desejou lhe dar um fora. Na vida de Marika havia espaço para ambos, e Bishop não tinha que preocupar-se, porque Saint nunca faria sombra a ele nem causaria nenhum dano a sua mulher.

Mas sabia como teimoso podia ser Bishop, por isso não lhe diria nada. Ele teria que chegar sozinho a essa conclusão.

Mas, mesmo assim, essa situação o preocupava, porque seria uma distração para ambos os vampiros. E também estava preocupado

porque Francis Molyneux não duraria muito no mundo, por mais que Chapel assim o quisesse. E o preocupava também que a mente de Reign estivesse obviamente mais em sua mulher grávida que no perigo que enfrentavam.

E a isso se acrescentava que só o que queria era subir e meter-se na cama de Vivian, e sentir seu suave corpo, cheirar o perfume de seu cabelo, e sentir a tremenda paz interior que lhe transmitia. A moça poderia lhe arrancar o coração e não se importaria, de tão embriagado estaria com seu aroma e o toque de seu corpo.

O resto se despediu também para deitar-se. Bishop se aproximou antes de ir-se.

—Me perdoe —disse.

Temple sorriu e lhe estreitou a mão.

—Não diga tolices.

Quando todos se foram, só ficaram Temple e Marcus na sala. O humano o olhava sem nenhum temor, mas com espera e respeito, por estranho que parecesse. O que havia feito ele para merecer isso?

—Não vai para a cama, senhor Grei? —Temple sorriu ligeiramente—. Pensei que estava extenuado.

—Marcus —disse o jovem imediatamente—. E sim, estou. De fato a matou?

Temple não necessitou que esclarecesse a pergunta. Entendeu perfeitamente a que se referia. Não se ofendeu, embora tampouco gostava muito de falar do assunto, mas no mínimo ia ser honesto.

—Sim.

—Por que?

—Porque se converteu em um monstro, e porque eu fui o culpado.

Marcus assentiu, como se tivesse entendido, coisa que é obvio era impossível. Mas ao menos parecia satisfeito com a resposta, pois não fez mais nenhuma pergunta.

—Eu não sou um vampiro —disse o jovem—, mas não estou doente

nem apaixonado, e me esforçarei para fazer tudo o que me peça.

Como promessa de lealdade não era grande coisa, de fato fazia séculos que ninguém tinha jurado lealdade, mas até então, nunca as palavras tinham sido nem metade de íntegras que as que tinha pronunciado Marcus Grei.

—Obrigado. —Não era uma amostra muito efusiva de gratidão, mas era totalmente sincera.

E o outro assentiu secamente.

—Boa noite, então.

—Boa noite, Marcus.

Este abandonou a habitação, deixando Temple só em meio ao silêncio. Podia ouvir os passos de seus companheiros enquanto se encaminhavam as suas diferentes estadias, e ouvir seus suaves sussurros; mas estes não eram dirigidos a ele.

Era debilidade que o fazia sentir-se tão terrivelmente sozinho? Tinha passado tantas décadas preocupando-se unicamente em proteger o Graal do Sangue, e agora pensava que possivelmente o que protegia era a si mesmo. Mantinha-se afastado das pessoas porque lhe faziam recordar tão só estava.

As relações têm conseqüências. Se as últimas duas horas com seus amigos tinham irradiado algo, era precisamente isso. As relações fazem que um homem seja vulnerável. Melhor estar sozinho e vazio que acompanhado e distraído.

No quarto, olhou sua cama. Os lençóis ainda retinham o aroma de Vivian, e sabia que dormiria com a cara grudada no travesseiro que ela tinha usado até que a enviou a outro quarto. Deveria ter pedido que trocassem os lençóis, mas ainda não se atrevia a fazê-lo.

Apagou os abajures e se despiu na escuridão. As palavras de Marcus Grei voltaram para sua mente enquanto se metia na cama, e deixava que o aroma de Vivian acalmasse a dor que sentia em seu interior.

Era bom que Grei tivesse a cabeça limpa, porque Temple não a tinha. Quando fechou os olhos, pôde ver Vivian. Quase podia notar seu fôlego na bochecha. Estava tão obcecado que estava ficando doente. De uma enfermidade que ainda não tinham encontrado uma cura. Mas uma coisa estava clara: seguro que o que sentia não era amor.

Capítulo 12

Quando Vivian despertou nessa manhã descobriu Shannon de pé ao seu lado, com um sorriso tão resplandecente como o sol que entrava pela janela.

—O senhor Temple deixou isto para você na porta. —Levava vários pacotes na mão—. E me disse que te desse a chave de seu quarto.

Piscando, Vivian se sentou e esfregou os olhos para limpar-se. Desde o dia de sua pequena escapada, Temple tinha bloqueado o ferrolho para que ela não pudesse voltar a forçá-lo. A jovem não acreditava que o fizesse para mantê-la presa, mas sim para deixar claro quem mandava ali.

—A chave? Sério? —Parecia uma idiota, mas não tinha dormido bem, e seu cérebro ainda não funcionava a pleno vapor.

Shannon entregou a chave de cobre. Vivian ficou olhando como resplandecia sobre sua palma. Temple não só estava dando permissão para sair do quarto, mas também estava facilitando que o proibisse de entrar. Poderia interpretar esse gesto de muitas maneiras, mas preferia não fazê-lo.

E tinha comprado coisas. Por que? Para que baixasse a guarda? Para distraí-la? Ou era uma espécie de desculpa? Neste último caso, talvez não fosse muito explícita, mas estava dando resultado.

—Trouxe um pouco de água para que possa se lavar —continuou Shannon, deixando uma terrina de porcelana na penteadeira—. Pensei que possivelmente você gostaria de tomar café da manhã conosco.

A esperançada expressão no rosto da moça fez impossível que Vivian se negasse. Além disso, a essas horas não tinha que preocupar-se se por acaso encontrava com Temple, e sentia falta da suas novas amigas.

—Eu adoraria —respondeu—. Descerei logo que termine de me vestir.

Shannon saiu, fechando a porta atrás dela, e Vivian abriu os pacotes de Temple. Tinha comprado roupa, toda ela muito elegante e bonita, e também roupas íntimas. Só de pensar nele escolhendo esses conjuntos tão íntimos se ruborizou, mas não foi a vergonha o que a fez ruborizar-se, mas sim Temple a imaginado com aqueles conjuntos de seda e cetim.

Saiu da cama e se aseou. Já podia ficar em pé sem que doesse muito. E caminhar não era tão doloroso. Seu dom para sarar com rapidez era um presente do céu, em especial em momentos como aquele. Inclusive sua mão já tinha melhor aspecto. Passou um pouco de ungüento e trocou a bandagem antes de vestir-se com um dos conjuntos de roupa interior que Temple tinha comprado. O orgulho dizia que os devolvesse, mas no final venceu sua vaidade.

OH!, caía tão bem. Continuando, vestiu uma camisa e umas calças. Por que não a surpreendia que tivesse acertado o tamanho?

Não necessitou das muletas para descer, apesar que seguia lhe custando um pouco. O pé ainda incomodava, o que a impedia de mover-se com agilidade. Os gestos mais insignificantes eram incômodos e difíceis. Mas felizmente, conseguiu chegar ao piso inferior sem cair nem suar. Dali, seguiu até a cozinha.

O som de passos fez que se detivesse e levantasse a vista. Vivian olhou o desconhecido, que não se deu conta de sua presença.

Ficou quieta, observando-o do canto, e o viu dirigir-se relaxado para a escada que dava na cozinha. Quem era? Era relativamente jovem, mais ou menos de sua idade. Tinha os ombros muito largos, o cabelo negro e ondulado e um rosto bastante atraente. Mas isso não significava que fosse de confiança. Os leões também são muito bonitos.

E esse leão ia para onde estavam suas amigas sem que elas soubessem. Temple estava dormindo, e, embora não estivesse, o sol entrava em torrentes pelas janelas daquela parte da casa. Isso deixava a Vivian como única encarregada de amparo.

Talvez não pudesse caminhar bem, nem percorrer grandes distancias, mas podia surpreender aquele homem com relativa facilidade, derrubá-lo e descobrir quem era.

Agachou-se e, depois de impulsionar-se, jogou-se sobre o intruso, que deu a volta no último segundo e a viu vir em sua direção.

—Mas o que...? —foi só o que pôde dizer antes que Vivian o jogasse no chão, logo colocando todo seu peso em cima.

O jovem opôs mais resistência que ela tinha previsto. Era forte e musculoso, com músculos que se deviam ao trabalho físico. Entretanto, tinha o porte de um cavalheiro embora lutasse como um malfeitor; mas Vivian há dias tinha vontade de fazer exercício.

Ele conseguiu derrubá-la e enredou suas pernas com as suas para evitar que desse mais chutes. Vivian conseguiu acertar um murro no estômago antes que o jovem lhe segurasse os pulsos.

—Por Deus santo, não quero te machucar! —Exclamou ele com a respiração entrecortada pelo esforço—. Se acalme, maldita seja!

—Quem é? —Perguntou ela, jogando-o de novo de costas—. O que está fazendo aqui? —colocou-se escarranchada sobre o homem lhe segurando os pulsos contra o chão.

Ele sorriu e Vivian se deu conta de que tinha deixado de lutar e que estava se pondo cômodo.

—Meu nome é Marcus Grei. E você deve ser essa resistente da que me falou Temple.

Resistente? Temple a tinha chamado resistente? Não sabia como entender. O que queria dizer com isso?

—O que está fazendo aqui?

—Vim com Chapel e Bishop. —Entrecerrou os olhos para a estudar —.Sabe quem são?

Vampiros. OH, Deus, os vampiros já estavam ali. Aturdida, separou-se de Marcus Grei e aterrissou de repente sobre seu próprio traseiro.

—Vão me matar—disse.

O jovem sentou também e ficaram ombro com ombro.

—Por que alguém iria querer te matar?

Se acompanhava os vampiros, seguro que sua reação a seguinte frase daria alguma pista.

—Fui criada por um homem chamado Rupert Villiers. Agora trabalho para ele.

As bochechas rosadas de Marcus Grei empalideceram. Em um abrir e fechar de olhos ficou de cócoras e Vivian descobriu o canhão de uma pistola em frente a seu nariz.

De repente, já não parecia tão amistoso.

—Pertence à Palma de Prata?

—Não —respondeu sem atrever-se a mover um músculo.

—Mas trabalha para eles.

Não disse nada. O que podia dizer para convencê-lo que não era sua inimizada? Maldição, sim era sua inimizada! E ele dela, e no momento o melhor seria que Marcus Grei seguisse acreditando que tinha a situação sob controle, o que por desgraça era certo.

Seu atraente rosto se converteu em uma fria máscara de desprezo.

—Se está com a Ordem, o que faz aqui?

Sim, isso, o que estava fazendo ali? Poderia dar um monte de

desculpas, tanto a ele como a si mesmo, mas nenhuma delas seria verdade.

—Sou prisioneira de Temple. —Ao menos isso era plausível, pois se não era sua prisioneira, certamente tinha sido.

Em meio ao silêncio do vestíbulo se ouviu um clique e Vivian levantou a cabeça. O senhor Grei havia ficado rígido de repente, e com motivos, pois tinha um rifle apoiado em suas costas. Empunhando-o estava Shannon, que segurava a arma com pulso firme, e seu precioso rosto plenamente concentrado.

—Solte a pistola, senhor.

—Shannon —disse Vivian—, não aconteceu nada.

Não queria que a jovem se metesse em confusão por agredir um dos convidados de Temple. Mas era agradável saber que tinha alguém de seu lado.

—Aconteceu sim—insistiu Shannon, dando um pequeno empurrão entre os ombros de Marcus Grei com o canhão—. Se não se importar, senhor, pedi que solte a arma.

Devagar, ele se moveu para frente, soltou o gatilho da pistola e a deixou no chão. Isso surpreendeu Vivian, porque estava segura que, se quisesse, teria desarmado Shannon com facilidade,

—Agora, levante —ordenou a jovem, e o senhor Grei se ergueu em toda sua estatura—. Comporte-se como um cavalheiro e ajude à senhorita Vivian a levantar-se.

Com expressão reticente, estendeu-lhe a mão. Ela a agarrou e ficou em pé, agradecendo pela ajuda.

—Já pode baixar o rifle, Shannon. O senhor Grei não vai fazer nos machucar. Só estava sendo precavido.

A jovem não pareceu muito convencida, mas baixou a arma de qualquer modo, e olhando Vivian disse:

—Se te conhecesse, saberia que é incapaz de fazer mal a alguém.

Isso distava tanto de ser verdade que esteve tentada a rir, mas as

palavras da garota a emocionaram tanto que a risada morreu em sua garganta.

—Não me converta em uma Santa, Shannon. Odiaria te decepcionar. —Logo deu meia volta e se dirigiu ao homem que tinha ao seu lado—. Senhor Grei, ia tomar o café da manhã, gostaria de me acompanhar? —Não pretendia ser hipócrita, realmente queria conversar com ele. Era o primeiro não vampiro que conhecia que estava a par de Rupert e a Ordem. E era óbvio que os desprezava tanto como Temple.

Vivian sabia muito pouco sobre a Ordem da Palma de Prata, era um desses assuntos que Rupert nunca contava nada. Talvez fosse o momento de averiguar tudo o que pudesse sobre a organização... embora a fonte de informação não fosse objetiva.

Tinha que haver algum motivo que justificasse tanto ódio. Talvez o senhor Grei pudesse contar por que Rupert tinha seqüestrado Temple.

Marcus pareceu surpreso com o convite.

—Dado que estou faminto, acredito que sim, eu adoraria.

—Pois então me siga. —Passou junto a ele e, dando as costas, um gesto de confiança que esperou não fosse mal interpretado, precedeu-o para a escada. Shannon se colocou por trás deles, rifle na mão, mas sem apontar ao senhor Grei.

A cozinha transbordava energia e conversas, e todas as moças se detiveram quando viram entrar Marcus.

—Jesus, María e José —disse uma das mais velhas—. Quem é este menino tão bonito?

—Marcus Grei —respondeu ele com um sorriso e uma reverência.

As mulheres também sorriram e se ruborizaram. Talvez não fosse tão mau, pensou Vivian.

—O senhor Grei vai tomar café da manhã conosco, se ninguém se incomodar—disse. E, é óbvio, ninguém se opôs. Nem sequer Shannon.

O café da manhã foi alegre como de costume, apesar que as conversas foram mais recatadas que em anteriores ocasiões. Todas

estavam interessadas em Marcus Grei e perguntaram um monte de coisas. Ele foi tão encantador, inteligente, e o suficientemente sincero, que ao terminar o café da manhã todas estavam meio apaixonadas por ele.

A única que não pareceu impressionada foi Shannon. Estava sentada junto de Vivian e fulminou o atrativo jovem com o olhar todo o tempo. Ele teve o bom senso de não fazer caso à irada irlandesa.

Depois de recolher e esfregar os pratos, as moças se foram cada uma para suas tarefas. A maioria lamentava ter que deixar seus convidados, mas as líderes as obrigaram a sair dali. Shannon foi a última.

—Posso ficar se quiser, senhorita Vivian —disse, sem afastar o olhar de Marcus Grei.

Ele sorriu.

—De verdade acredita que sou tão idiota para atacar à senhorita Vivian estando aqui todas estas amazonas para defendê-la?

A garota nem sequer pestanejou.

—Prefiro me abster de responder se você é ou não tão tolo, senhor.

Marcus se pôs a rir.

—Muito bem dito. —Nem sequer Vivian era imune a seus bonitos olhos, como podiam não afetar à garota?—. Dou-lhe minha palavra, senhorita Shannon, que só quero conversar com sua amiga.

Vivian deu umas palmadas na mão da jovem.

—Não acontece nada, de verdade.

Depois desse gesto, a outra decidiu ir-se, mas antes lançou um último olhar de advertência a Marcus Grei. Este a observou partir.

—Que criatura tão fascinante —murmurou antes de voltar sua atenção a Vivian—. Sem dúvida tem uma amiga muito devotada.

—Sou afortunada de tê-la.

—Sim é. —ficou sério—. E tal devoção não pode ser injustificada, assim suponho que devo me desculpar por meu comportamento antes.

Eu... sempre me ponho à defensiva quando se trata da Palma de Prata.

—Já me dei conta. —Vivian sorriu—. Mas não me matou, o que agradeço.

O jovem se inclinou para frente.

—Senhorita Vivian, posso perguntar como fez essas feridas nas mãos?

Ela desviou a vista para o que ficava de suas bandagens.

—Caí em uma fossa.

—Sério?

—Sim. —Estava disposta a ser sincera—. Fui me reunir com um mensageiro e caí.

—De verdade está aqui contra sua vontade? —A incredulidade tingia suas palavras enquanto observava seu redor—. Parece que goza de muita liberdade para ser uma prisioneira.

Vivian se moveu incômoda e recordou o acordo que tinha chegado com Temple na primeira noite. Sentia falta dessas noites.

—Digamos que tenho a suspeita que os amigos de Temple não serão tão amáveis comigo como foi ele.

—Ninguém lhe fará mal se ele disser que não o façam.

Ela o olhou nos olhos.

—Não tenho nem idéia do que dirá.

Marcus a olhou com receio, mas também com muita curiosidade.

—O que sabe da Ordem da Palma de Prata, senhorita Vivian?

—Que Rupert e a grande maioria de seus amigos pertencem a ela. Sempre tinha dado por certo que era uma espécie de clube para cavalheiros interessados no oculto.

—Mas agora já não está tão segura, engano-me?

—Não —admitiu—. Já não.

—E de verdade não tem nem idéia a que se dedicam?

Ela negou com a cabeça; o senhor Grei fazia que soasse tudo tão sinistro.

—Não. Além de alguma ocasião em que me pediu que o acompanhasse a alguma de suas reuniões como guarda-costas, Rupert não compartilhava essa parte de sua vida comigo. Me apresentou muitos de seus membros, mas nunca estive presente em nenhum de seus encontros. Nem sequer contou por que queria pegar Temple.

Marcus esfregou a mandíbula.

—Não. Seguro que não. Era guarda-costas de Villiers?

—Não negará que se deu conta que não sou uma mulher normal, não, senhor Grei?

—Sim, fixei-me que é bastante... especial. —Mais que crítico ou censor, seu tom foi quase de paquera.

Vivian sorriu de novo.

—Rupert me ajudou a potencializar minhas qualidades.

—Você era como sua afilhada e ele a treinou para convertê-la em sua guarda-costas?

—Sim.

—Senhorita Vivian, gostaria de saber a verdade sobre a Ordem?

Seu primeiro impulso foi dizer não. Não queria ouvir coisas sobre Rupert que mudassem sua opinião sobre ele, mas sendo sincera consigo mesma, tinha que reconhecer que já tinha começado a duvidar de seu mentor. Necessitava saber de que o acusavam, e escutar o que ele tivesse a dizer em sua defesa.

—Sim —respondeu—. Saber a verdade será bom. Pode me contar isso senhor Grei?

—Poderia contar parte dela. —ficou sério—. O melhor seria que a contassem os outros. Acredita que poderá lhes perguntar?

Cedo ou tarde ia ter que enfrentá-los.

—Sim.

As pernas da cadeira do jovem chiaram quando ele a afastou para levantar-se.

—É muito valente, senhorita Vivian, mas a verdade é que não a

invejo.

—Porque os vampiros vão desprezar me?

A olhou com lástima.

—Porque quando tiver terminado de escutar tudo, talvez se despreze a si mesmo.

—Que diabos está fazendo aqui? —perguntou Temple quando a viu entrar no salão junto com Marcus. As cortinas estavam fechadas para deixar a habitação às escuras e proteger seus ocupantes dos daninhos raios do sol matutino.

Vivian soube sem dúvidas que estava se dirigindo a ela. Todas as olhadas se cravaram em sua pessoa, mais curiosas que agressivas. Parece que Temple ainda não tinha contado quem era.

—Eu gostaria de saber mais sobre a Ordem da Palma de Prata — respondeu com o queixo levantado e tom pausado. Poderia cheirar Temple como estava assustada? Embora seu medo não era tanto dele como dos outros. O que fariam? O que permitiria ele que fizessem? Por isso tinha dado a chave... para que pudesse ir ao encontro deles.

—Para assim poder contar tudo a Villiers? —Era a pergunta mais lógica, mas os motivos pelos quais a fez eram de muito mal gosto. Queria que ela visse como os outros vampiros reagiam ao ouvi-la. Vivian supôs que não podia culpá-lo, e a verdade era que sentiu um pouco de satisfação ao vê-lo tão tenso, ao saber que lhe tinha feito dano. Significava que lhe importava, e por retorcida que pudesse parecer a coisa, gostava disso.

Os vampiros a olharam com cautela e um pouco de desdém. As mulheres deixaram mais claro seu desprezo que os homens, mas nenhum se opôs a que seguisse ali. E nenhum se moveu para aproximar-se dela.

Que estranho. Vivian tinha dado por certo que, a essas alturas, já a

teriam devorado.

—Eu gostaria de saber de que crimes se acusa à Ordem. Talvez possa responder a algumas de suas perguntas, e talvez vocês possam fazer o mesmo comigo.

Temple a olhou como se quisesse acreditar, mas não se atrevesse a fazê-lo.

—De acordo. Sente-se. Amigos, apresento-lhes Vivian Villiers.

—Barker —o corrigiu ela, sentindo-se menos culpada do que deveria por ter rechaçado o sobrenome de Rupert. Que importância tinha como se chamasse?—. Meu nome é Vivian Barker.

Temple ficou olhando-a com um brilho estranho nos olhos. Como podiam desconfiar tanto um do outro e ao mesmo tempo desejar-se tanto como se desejavam? Não tinha sentido.

Apresentou seus amigos, exceto Marcus Grei, a quem já conhecia. Vivian se sentou junto ao humano. O jovem não poderia protegê-la muito dos vampiros, mas talvez estes duvidassem em atacá-la se ele estivesse no meio.

Além disso, gostou de ver como Temple apertava a mandíbula ao vê-la tão perto daquele mortal tão atraente.

—Alguém se incômoda que a senhorita Barker fique? —perguntou aos outros, ainda com os dentes apertados.

Ninguém pôs nenhuma objeção. Temple deu uma última oportunidade de demonstrar que era uma covarde e sair fugindo.

—Não vai gostar do que escutará.

Vivian fez um esforço por mostrar-se impassível.

—Suponho que não, mas por sorte não vim aqui me divertir.

Um dos vampiros, de cabelo escuro e claros olhos azuis arqueou uma sobrancelha.

—Acredito que poderá suportá-lo, Temple. Por que não começamos?

Este assentiu.

—De acordo.

«Talvez o covarde seja ele», pensou Vivian. Preocupava-o que ela não mudasse de opinião, ou que pudesse escutar algo que destroçasse a imagem que tinha de Rupert? Não, Temple não se preocupava em ferir seus sentimentos. Para ele só contavam seus próprios planos. Nesse sentido, o vampiro e Rupert eram muito parecidos.

A verdade não lhe dava medo, mas descobrir que não era mais que um peão que ambas as partes tinham utilizado naquele jogo sim o dava.

—Marcus, por que não começa você?

O jovem olhou Vivian de soslaio antes de centrar sua atenção no resto dos ocupantes do salão.

—Uns membros da Palma de Prata vieram ver-me por interessar-se por umas escavações que eu estava fazendo em Cornualles, no lugar onde se supunha estava enterrado o Graal do Sangue. Animaram-me que seguisse com a escavação dizendo que me dariam informação sobre Dreux Beauvrai, meu antepassado, em troca do Graal. O que eu não sabia então era que aquelas ruínas eram em realidade o esconderijo de Temple. Quando descobri o que de verdade pretendiam, contei ao Chapel. Então, uns homens da Palma de Prata nos atacaram e não fosse pela agilidade mental de Chapel nos teriam matado a todos.

Vivian ficou na defensiva.

—Como está tão seguro que a Ordem queria matá-los?

Marcus se voltou e a olhou com frieza.

—Porque nos dispararam.

Foi como se alguém tivesse posto uma mão gelada em seu peito. Não podia nem pensar. A Ordem, os amigos de Rupert, disparando nas pessoas?

O vampiro de cabelo mais claro, chamado Chapel, foi o seguinte a falar:

—Quando conseguimos entrar no esconderijo de Temple, já era muito tarde, a Ordem já o tinha levado. —Segurou a mão de sua

esposa—. Envenenaram Pru com uma armadilha, e quase morreu.

Prudence, sua mulher, estreitou-lhe os dedos e o olhou com adoração.

—O que me lembro é do dano que fizeram a você, de como o feriram. Também tentaram capturar Chapel —acabou, dirigindo-se a Vivian.

Por um lado, esta sabia perfeitamente que eram vampiros, e portanto, desumanos, mas naquela época Prudence era ainda uma mulher, enquanto Marcus Grei e o pai Molyneux seguiam sendo humano. Como podia a Ordem ter posto em perigo a vida de pessoas? E se era sincera consigo mesma, ainda não podia entender porque queriam machucar os vampiros. Pelo que Vivian tinha visto, esses seres não eram os monstros que a haviam feito acreditar.

Bishop, um homem que parecia um falcão, foi o seguinte a falar. Manteve o olhar fixo na jovem ao fazê-lo, e ela teve que recorrer a toda sua força de vontade para não afastar a vista daqueles olhos tão sagazes. Não a olhava com ódio, mas era óbvio que não confiava nela.

—Conheci Marika ao investigar o desaparecimento do irmão de um amigo —explicou—. Nunca consegui encontrá-lo, mas acreditamos que a Ordem seqüestrou a outras criaturas além de vampiros.

Havia mais? Vivian não tinha nem idéia disso, mas não disse nada.

—Uns membros da Ordem foram ver Marika, e prometeram que lhe dariam informação sobre Saint, que ela culpava equivocadamente pela morte de sua mãe, se me capturava.

—E como ia fazer isso? —Vivian duvidou em interromper, pois não queria incomodar seu interlocutor, mas sabia que nenhum humano era adversário de um vampiro.

—Eu era uma dhampyr —esclareceu Marika—. Saint tentou converter minha mãe antes que eu nascesse, e isso fez que eu nascesse mestiça.

A jovem ficou olhando-a com os olhos muito abertos.

—Não sabia que tal coisa era possível.

Marika fez uma careta e deu de ombros.

—Consegui apanhar Bishop e levá-lo até meu acampamento — prosseguiu—. No final, ele me convenceu que a Ordem estava me utilizando. Quando me neguei a entregar Bishop, aqueles homens não só ameaçaram meu pai, mas também meu irmão. Quando isso não funcionou, atacaram-nos com um nosferatu que me envenenou e quase me converteu em um deles.

Vivian olhou Temple de relance. Estava-a observando com atenção. Era pena o que havia em seu olhar? Seguro que recordava o que tinha contado no dia que viu um nosferatu. Rupert e os outros não o tinham matado. O que haviam feito com ele? Teriam solto esse monstro? Tremeu só de pensá-lo, e se repreendeu por fazê-lo. Rupert não era um assassino.

Ou sim?

O seguinte foi Saint, que explicou uma sangrenta história similar a de Jack o Estripador, sobre um assassino que matava às mulheres de um bordel em Londres, e levava o útero dos cadáveres.

—Capturaram-me com uma rede de prata, mas graças a Ivy consegui escapar. —Pôs sua mão na perna de sua esposa—. Embora a Ordem não se deu por vencida. Um de seus homens seqüestrou Ivy, e tratou de terminar um macabro ritual junto com os troféus que levou de suas vítimas. Consegui detê-lo e o assassino passou à mãos da justiça.

—E os troféus? —perguntou Temple. Saint disse com o olhar mais do que Vivian conseguiu decifrar.

—Desapareceram. E pouco depois que o prenderam, o assassino apareceu morto em sua cela. Não me resta nenhuma dúvida que o assassinou algum de seus irmãos da Ordem —afirmou o vampiro—. Sigo sem saber por que matou a todas essas mulheres, mas não acredito que seja casualidade que as vítimas fossem cinco, igual a nós.

Vivian sentia a cabeça dando voltas. Sentiu náuseas só de pensar

nessas cinco mulheres assassinadas e profanadas. Rupert não podia estar envolto em tudo aquilo. Não. A bÍlis lhe subiu à garganta.

Reign, nesse instante recordou seu nome, contou sua história, e as arcadas de Vivian se apaziguaram um pouco.

—A Ordem fez OlÍvia acreditar que tinham seqüestrado seu sobrinho, e a chantagearam dizendo que se me entregasse devolveriam o menino. Quando não cumpriu com sua parte do trato, não só tentaram matá-la, mas também quiseram assassinar o menino.

Vivian levou uma mão aos lábios. Não podia escutar nada mais. Não podia. Sabia que ia ser duro, mas não acreditava que pudesse ser tão horrível. Era impossível que Rupert estivesse informado de tudo aquilo. Impossível.

—Parece que não andam só atrás do Graal —murmurou Chapel—. Também nos querem .

Temple lhe deu razão.

—Tentaram nos seqüestrar a todos de um modo ou outro.

Reign olhou ao seu redor.

—Assim, seja o que for que pretendem, necessitam úteros femininos, o Graal, e a nós.

—A coisa não pinta nada bem —comentou Bishop girando a cabeça até que lhe rangeram os ossos—. E diz que Villiers está detrás de tudo isto?

Temple assentiu.

—Segundo Payen Carr, a ressurreição da Ordem da Palma de Prata começou faz vinte anos, justo quando Villiers ia casar se com Violeta WynstonJones. —Olhou Vivian—. Você sabe algo sobre isso?

Até esse momento, Temple tinha estado muito concentrado na discussão para prestar atenção em Vivian. Agora, ao olhá-la, ficou gelado. Parecia uma menina pequena e assustada, e estava a beira das lágrimas. Mas quando levantou os olhos para devolver o olhar, essa sensação se desvaneceu e, em seu lugar, apareceu uma de pura

indignação.

—Exceto Temple, algum de vocês conhece Rupert Villiers? — perguntou, em vez de responder à pergunta de Temple.

Não sabiam nada sobre Villiers, seu passado ou suas ações. Não fosse assim, não estaria tão surpreendida. Nem tão ferida.

Nenhum conhecia Villiers, e assim o disseram. O atormentado olhar de Vivian se cravou em Temple.

—Sei que acredita que Rupert é o pior dos vilões, e talvez o seja, mas salvou minha vida.

—Alguma vez se perguntou por que?

Ela tragou saliva.

—É obvio.

—Sabe que quer algo de ti, Vivian. Isso não pode negar.

No rosto da jovem se refletiu a vergonha.

—Ele sempre foi bom comigo.

Maldita fosse por levar aquela faixa nos olhos. Como podia ser tão leal a aquele homem que só queria usá-la, e não sentir o mesmo por ele, que só queria estreitá-la de novo entre seus braços?

—Porque é útil. Por que não quer ver? Só está te utilizando.

O rubor das bochechas de Vivian se converteu em fogo.

—E você não?

O silêncio foi só o que se escutou enquanto a moça se encaminhava para a porta e a fechava ao sair. Todo mundo ficou olhando Temple. Este podia notar seus olhos cravados nele, que não deixava de olhar a porta. As palavras de Vivian o tinham deixado gelado, apesar que sabia que eram certas. Queria explicar que não era como Villiers, embora no fundo sim o era. Inclusive antes de saber quem era, tinha planejado utilizá-la.

«Retorna —suplicou em silêncio—. Retorna para meu lado.»

Não o fez. Uma a uma, as mulheres da sala ficaram em pé.

—Falaremos com ela—disse Prudence antes de sair pela porta.

—Obrigado —respondeu Temple, incapaz de ocultar sua surpresa. Era óbvio que todos se deram conta que Vivian desconhecia a verdade sobre a Ordem. Isso o alegrava muito, mas ao mesmo tempo não suportava ver como estava passando mal. Vivian era só um peão. Um peão inocente que não tinha nem idéia que o homem ao que venerava só queria utilizá-la.

—Não se preocupe —disse Saint—. As garotas o consertarão.

Bishop o fulminou com o olhar.

—Não as conhece o bastante para saber o que é o que vão fazer.

O outro não se alterou, mas Temple sabia por experiência que Saint era como uma serpente, podia parecer perfeitamente acalmado, mas isso não significava que não fosse atacar a qualquer instante.

—Se pensar assim te faz feliz, por mim não há problema.

—Não tenho nenhum inconveniente em dar uma surra nos dois —adverteu Temple—. De fato, acredito que inclusive gostaria.

—Brigar entre nós não resolverá nada —interveio Chapel razoável—. Se queremos destruir a Ordem da Palma de Prata e voltar a levar uma vida relativamente normal, temos que estar unidos.

—Chapel tem razão —concordou Reign—. Assim, se vocês dois querem se dar um par de golpes, façam de uma vez para podermos nos concentrar em coisas mais sérias, como por exemplo pensar num modo de proteger nossas esposas desses bastardos.

Saint e Bishop se olharam durante uns segundos e logo assentiram. Pelo visto, no momento iam deixar como estava.

—Falando de mulheres —prosseguiu Reign—. O que acontece com Vivian? É uma marionete da Ordem ou é outra de suas vítimas?

Temple passou uma mão pela cara, levantou-se e começou a caminhar de um lado a outro.

—No que diz respeito a Villiers está cega; eu quero acreditar que é inocente, mas está disposta a fazer qualquer coisa por esse cretino, o que a converte em uma ameaça.

Pela primeira vez desde que se reuniram essa noite, o padre Molyneux falou. Temple quase se esqueceu que o sacerdote seguia ali.

—Equivoco-me se disser que sente algo por essa garota?

O vampiro foi incapaz de olhar nos olhos do padre. De fato não podia olhar nos olhos de ninguém, e todos o estavam observando, os muito bastardos.

—Não sei. Recebeu umas quantas mensagens de Villiers, e também mandou algumas. Só Deus sabe o que terá contado.

—Eu acredito que é uma marionete —assinalou Reign, retomando a anterior conversa—. A Ordem tratou de utilizar a escavação de Prudence para apanhar Chapel. Enviaram Marika para capturar Bishop e a Olivia atrás de mim. E também tentaram envolver Ivy em seus planos. Tudo indica que estão utilizando Vivian do mesmo modo.

Os lábios de Saint esboçaram uma ardente sorriso.

—Bom, se for assim, talvez deveria se casar com ela amanhã mesmo. Vai terminar fazendo de qualquer maneira.

Temple negou com a cabeça.

—Isso não acontecerá. Embora seja tão inocente como eu gostaria de acreditar, Vivian e eu não temos futuro.

—Por que não? —perguntou Chapel.

—Porque é mortal.

—Isso pode ser remediado —respondeu Reign lhe tirando importância—. Possivelmente não seja fácil, mas todos o fizemos.

Temple suspirou.

—A última vez que o fiz, a mulher que queria se converteu em um monstro sedento de sangue e não tive mais remédio que matá-la. Não quero correr esse risco com Vivian.

Saint franziu o cenho.

—Vivian não é Lucinda.

—Não —admitiu Temple—. Não é. E tampouco é totalmente humana.

Capítulo 13

—Está apaixonada por Villiers? — Prudence formulou a pergunta.

—Não —respondeu Vivian com rapidez, olhando-a—. Ele foi como um pai para mim.

A bonita e elegante ruiva se sentou ao seu lado.

—E o que me diz de Temple? Ama-o?

Vivian quase se engasgou ao respirar.

—Deus, não! Sinto-me atraída por ele, mas jamais seria tão tola para me apaixonar por um homem que só quer me usar. —Não podia cometer tal tolice, não?

Mas se tinha sido tão tola para acreditar em Rupert, por que não ia ser também com Temple? Que Deus a ajudasse, mas as palavras dos vampiros a tinham transtornado. Haviam-na feito duvidar do único homem que tinha sido bom com ela. Como podia confiar mais em um vampiro que a havia feito prisioneira que no homem que a tinha salvo de viver como um monstro de feira?

Olivia, a mulher de cabelo castanho que parecia muito, muito cansada, mas que sem dúvida podia parti-la em duas sem sequer alterar-se, ajoelhou-se diante do sofá no que Vivian estava sentada.

—Quero acreditar que é inocente —disse com suavidade—. Mas se forma parte da Ordem da Palma de Prata, te matarei.

—Sei —respondeu ela acalmada, apesar que lhe acelerou o coração—. Mas não represento nenhuma ameaça.

—Não para mim nem para as demais. —Olivia acompanhou a frase com um gesto para seus amigas—. Mas sim para Temple. Por isso a mandaram atrás dele.

—Mandaram-me atrás dele porque sou mais forte e rápida que a maioria dos homens.

Olivia sorriu.

—Não é mais forte nem mais rápida que um vampiro.

—Temple e eu nos enfrentamos, e me saí bem—respondeu orgulhosa.

—Quem te mandou sabia que seria uma distração para ele. Fez-o para que o mantivesse entretido até que a Ordem pudesse retroceder e lançar seu ataque final.

A idéia que Villiers... Rupert, a usasse desse modo, ia contra todas suas crenças, mas sabendo como podia chegar a ser retorcido seu mentor, tinha sentido. Sabia que Temple não lhe faria mal, igual sabia que era impossível que ela sozinha pudesse vencer a um vampiro.

Tinha-a mandado procurar Temple para distrai-lo, ou para mantê-la longe? Se não estava ali, Rupert já não teria que preocupar-se por suas incessantes perguntas, não?

Levantou a vista e olhou primeiro Olivia e logo às demais, antes de voltar a olhar de novo à primeira.

—Não quero que ninguém saia ferido, mas tampouco quero ser a marionete de ninguém. —Levava muito tempo deixando que todo mundo a usasse, e a única pessoa que podia pôr ponto final nessa situação era ela mesma.

Olivia sorriu de novo e deu uma carinhosa palmada no joelho.

—Nós a ajudaremos.

E então a rodearam e contaram tudo o que não tinham contado na outra sala, com seus maridos.

A cabeça de Vivian dava voltas.

Depois que as demais a deixassem sozinha, ficou um momento sentada tratando de pôr em ordem seus pensamentos, e recolhendo tudo o que tinha descoberto essa noite.

Era impossível que desse por boa toda essa informação sem mudar

sua opinião de Rupert. Mas aquelas vampiras não mentiram. Todas tinham sofrido de um modo horrível, e, à exceção de Olivia, naquele tempo eram humanas. Vivian podia desculpar, não justificar, o ódio para os vampiros, mas não podia perdoar o que haviam feito àquelas mulheres.

Acaso os últimos dez anos de sua vida tinham sido só uma grande mentira?

Devagar, a jovem percorreu os escuros corredores da escola. Não sabia onde estavam os vampiros, mas se estavam no edifício, certamente estavam sendo muito silenciosos. Embora Vivian se preocupasse só com um e, apesar que Temple possivelmente nem sequer estivesse ali, deteve-se na frente da porta de seu quarto, sem atrever-se a chamar, mas incapaz de sair dali.

A porta se abriu, evitando assim ter que tomar uma decisão, e Temple ficou de frente a ela, banhado pela luz dourada que saía do quarto, nu de cintura para cima.

O faminto olhar de Vivian percorreu os músculos dos braços e do torso, o escuro pêlo que cobria essa zona, a cor bronzeada de sua pele. Talvez as mulheres da academia tivessem razão em adorá-lo, pois realmente parecia um deus.

—Ainda está aqui —murmurou ele em voz baixa. Ela levantou a vista.

—E para onde ia?

O vampiro deu de ombros, como se não soubesse o que pensar.

—Pensei que, a estas horas, já teria saído da ilha e se afastado de mim.

—Por isso me deu a chave de meu quarto? Para que eu partisse?

—Não sabia se poderia te proteger dos outros no caso de quererem seu sangue. —Sacudiu a cabeça—. Acreditei que merecia ter a possibilidade de escapar.

O coração de Vivian deu um salto. Isso era muito mais que Rupert,

ou ela mesma, tinham-lhe dado quando o prenderam. Ou talvez ela sim tinha lhe dado, ao ocultar de Rupert que o ópio já não fazia efeito. Pensando bem, uma parte de Vivian sempre quis que Temple escapasse.

Passou um monte de anos agradecida a Rupert pela amabilidade que tinha mostrado, mas o vampiro a tinha ensinado o que era ser tratada como uma igual. Ele a enfrentava como a qualquer outra ameaça; não queria convertê-la em algo diferente do que era, nem moldá-la ao seu desejo.

—Acredito que poderia fugir para a Itália e nem assim me afastaria de você.

Seus claros olhos verdes se escureceram.

—Se de verdade escapasse, acredito que não teria mais remédio que te perseguir.

Vivian estremeceu. Necessitava mais convite? Fosse o que fosse que a atormentava e empurrava para o vampiro a ele também o afetava. Pôs as mãos no torso dele e o empurrou para dentro do quarto.

—Desejo-te.

—Vivian...

—Agora mesmo, só isto é real. Nada mais tem sentido. —Se dizia algo mais, deixaria seu coração descoberto.

Ele baixou a vista para olhá-la, deleitando-se em sua cara, seu cabelo, sua pele.

—Sinto o que falei antes.

—Sei. —Tomou as bochechas entre as mãos e o olhou nos olhos—. Para mim significa mais do que deveria —sussurrou, confessando por fim seus sentimentos.

Então ele a beijou, silenciando as demais palavras que seguiam na língua de Vivian. Graças a Deus que Temple a impediu de dizer algo mais. Rodeou-lhe a cintura com as mãos e o beijou também, saboreando-o com a língua enquanto ele entreabria os lábios.

Acariciaram-se quase com frenesi. Temple tirou sua camisa pela

cabeça e logo ficou de joelhos para tirar as botas e as calças. Quando a deixou nua, exceto pelo espartilho, acariciou-lhe o ventre com a bochecha sem barbear.

—Adoro seu aroma —confessou emocionado—. Adoro seu sabor. — E então sua incipiente barba acariciou as coxas e a obrigou a separar as pernas para colocar o rosto entre elas. Vivian gemeu, e se aferrou às mãos que a seguravam com firmeza pelos quadris enquanto ele a lambia, devorava-a e a fazia enlouquecer com sua língua até conseguir que alcançasse o orgasmo, explodindo em um violento, úmido e ardente prazer.

Quando Temple se levantou e voltou a beijá-la, Vivian sentiu seu próprio sabor nos lábios dele, e notou sua umidade no queixo do vampiro, o que reacendeu o fogo em seu interior. Empurrou-o para a cama, onde Temple se deitou por cima dos lençóis, com os olhos entreabertos de paixão e as calças aprisionando sua ereção.

Vivian subiu na cama também e levou os dedos àquelas calças tão apertadas para desabotoar-lhe. E, enquanto o fazia, as mãos lhe acariciaram os seios, liberando-os do espartilho para ter melhor acesso. Ela estremeceu ao sentir seus dedos deslizando-se sob o tecido.

Desejava-o de novo... tanto que quase doía. Quando teve desabotoadas as calças, afastou as mãos para poder deslizar o tecido de lá pelas longas coxas do vampiro. Deixando-os no chão, centrou toda sua atenção na longa e imponente ereção entre suas pernas.

Rodeou-o com a boca subindo com seus lábios até o final e logo o soltou. Temple estremeceu e arqueou os quadris. Quando voltou a fazê-lo, o vampiro soltou uma maldição, mas dessa vez Vivian o lambeu com a língua ao mesmo tempo.

Era impressionante o poder que outorgou esse simples ato. Deu-lhe prazer só porque quis, e porque ansiava comprovar que ela também podia o pôr de joelhos, que podia fazer que Temple a desejasse tanto como ela a ele. Beijou-o, lambeu e mordeu, fazendo que sua respiração

se acelerasse até agitá-lo por completo. Umas mãos fortes se colocaram em sua nuca, suplicando que o envolvesse de tudo. O vampiro gemeu e Vivian sorriu.

Quando por fim afastou a cabeça, o membro masculino vibrou diante dela. Ele abriu os olhos, com os lábios entreabertos e o olhar perdido.

—Sou teu —disse emocionado, apoiando-se nos cotovelos—. Quero sentir como sua cálida vulva me acolhe por completo. Quero escutar você gritar meu nome no meio do prazer.

Estremecida, Vivian se colocou em cima dele, escarranchada sobre seus quadris até que a ponta de sua ereção ficou justo na entrada de seu corpo. Devagar, separou as pernas e foi descendo até o acetinado membro. Ele se deslizou em seu interior, enchendo-a até que as coxas de Vivian descansaram sobre as do vampiro e já não pôde ir mais à frente. Temple estava profundamente dentro dela e a sensação quase a fez enlouquecer.

Sim, aquilo era real, até caso estivesse cometendo um engano. O que havia entre os dois era verdade, era puro, e seus corpos nunca mentiam nem se traíam. Vivian se balançou sobre Temple, saboreando cada carícia interior, cada toque, cada movimento dele em seu interior.

—Se aproxime —disse o vampiro, e ela obedeceu, deixando ao alcance de sua boca os erguidos seios. Tomou um entre os lábios e o beijou até conseguir lhe arrancar um gemido de prazer. Vivian moveu os quadris um pouquinho mais rápido.

Então a mordeu. As presas de Temple se afundaram na auréola e Vivian se sentiu transportada. Levantou os quadris e desceu com força, envolvendo toda sua envergadura com uma poderosa investida que a fez gritar o nome do vampiro ao alcançar o orgasmo. Ele se moveu frenético, sem afastar os lábios do peito da jovem. Seu gemido retumbou dentro do corpo dela e Vivian sentiu como o calor de Temple invadia seu interior.

Derrubou-se sobre seu poderoso torso.

Momentos depois, ele deixou de mordê-la daquele modo tão delicioso e lambeu o peito com a língua antes de a soltar.

Vivian ficou deitada a seu lado enquanto tentava recuperar o fôlego, tentando também controlar a tormenta de emoções que sentia em seu interior. Estava ainda mais confusa que antes de ir naquele quarto, mas apesar de tudo, algo sim tinha ficado claro: das duas uma, ou estava apaixonada por aquele homem, ou estava ficando louca. Talvez ambas as coisas.

Uns dedos acariciaram sua bochecha com ternura e Vivian teve que fechar os olhos para evitar derramar as lágrimas que se amontoavam neles.

—É perfeita —sussurrou junto ao ouvido—. Perfeita para mim.

«OH, Deus.»

Afastou-o e saltou da cama para recolher a roupa que tinha jogado por todo o quarto. Não sabia se pegou tudo, e não importava. Temple não disse nada, não tentou retê-la, mas ela podia sentir seu olhar confuso. Saiu correndo do quarto, nua e com a roupa entre as mãos, sem olhar para trás. Não podia.

Se o olhava e via que o vampiro a olhava com o mínimo de carinho, correria para seus braços e suplicaria que ficasse ao seu lado para sempre.

O melhor que podia fazer era fugir, não correr para ele. Tinha que ficar sozinha e recuperar-se, lutar por seus interesses e seguir seus próprios conselhos; não os de Rupert ou os de Temple. Porque ia ter que escolher entre eles, e essa era uma escolha que ia sair muito cara. Uma escolha que já tinha feito.

Aquilo não tinha a ver com a amabilidade nem com equidade, Temple a tratava como ninguém havia feito antes: como uma mulher.

Depois de passar quase toda a noite na biblioteca, investigando a respeito do que Temple tinha contado sobre Vivian, Marcus retornou a seu quarto quando faltava pouco para amanhecer. Estava exausto.

E seguro que alucinando, porque ao chegar em cima da escada acreditou ver uma mulher nua entrando no quarto do final do corredor.

Negou com a cabeça. Não podia ser Vivian, não? Seguro que seus olhos estavam lhe pregando uma peça.

Mas qualquer especulação sobre se podia ou não ser Vivian e sobre se ia vestida ou nua se desvaneceu de sua mente ao entrar em seu próprio quarto e descobrir que tinha companhia. E ainda o surpreendeu mais ver quem era a dita companhia.

Shannon, a rebelde, estava junto à cama vestida só com uma simples camisola de linho que deixava entrever as curvas de seus seios e seus quadris de um modo muito tentador.

Não disse nada e ela tampouco, mas sim se abraçaram desesperados e caíram sobre a cama lutando por despir-se, ansiosos por sentir a pele do outro.

E Marcus descobriu que, afinal, não estava tão cansado.

—Não podemos voltar a nos ver —disse Rupert à mulher que jazia na cama a seu lado—. É muito perigoso. Terá que se banhar antes de retornar à ilha, ou Temple poderá cheirar que esteve comigo.

Sua amante se estirou com frouxidão, sem preocupar-se muito pelo perigo que podia estar correndo. A arrogância era algo terrível, e estava acostumado a ter nefastas consequências. Não ia permitir que o orgulho daquela mulher jogasse pela amurada tudo pelo que tinha trabalhado tanto.

—Não se preocupe —disse ela—. Tenho roupa limpa na hospedaria, e me banharei ali antes de retornar. Temple não suspeitará de nada.

—Subestima-o. Não o faça.

A julgar pelo modo em que apertou a mandíbula e pelo olhar que apareceu em seus olhos, Rupert viu que não gostou de seu tom.

—E você superestima sua preciosa Vivian. Sabia que se deitou com ele na primeira noite?

Afastou a vista. Que Vivian se entregasse ao vampiro não tinha importância. Sua virgindade não era o motivo pelo que a tinha mantido junto dele todos aqueles anos. Graças a Temple, Vivian desfrutaria quando se deitasse com ele pela primeira vez. Muito mais que o haveria feito de fosse virgem. Dada a importância que a garota tinha para seus planos, Rupert só queria que fosse feliz.

— Acredita que está apaixonada por ele? —adotou um tom o mais desinteressado possível—. Isso sim seria um inconveniente. —Gostaria de pensar que Vivian era mais esperta que tudo isso, mas tinha cometido o engano de mantê-la presa durante muitos anos.

—Acredito que os sentimentos dele são mais profundos que os dela, embora Temple não esteja disposto a reconhecer isso.

—Me alegro. —Sua doce protegida tinha resultado ser tão boa distração como tinha previsto. Pelo visto, o vampiro estava cativado, e seguro que também sabia quem era. Seguro que se sentia atraído por ela, e que estava fritando os miolos tentando averiguar que planos tinha a Ordem.

—Está seguro que Vivian é leal? —perguntou sua amante.

Rupert sorriu com amargura. O ciúme em nada favorecia uma mulher.

—Estou mais convencido de sua lealdade que da tua.

Duas manchas vermelhas apareceram nas pálidas bochechas da mulher. E lhe alargaram as fossas nasais. Ah, a raiva. Essa emoção a favorecia muito mais.

—Então é um idiota —espetou—. Ela já conhece Marcus Grei, e aceitou reunir-se com os outros vampiros. Quanto tempo acredita que demorarão para convencê-la que fique contra você?

—Vivian me adora —respondeu ele tanto para seus ouvidos como para os dela—. Não será nada fácil fazê-la mudar de lado.

—Nem sequer quando descobrir que planeja matá-los a todos? O que pensará do que tem previsto para ela?

Rupert sabia que tinha sido um engano explicar seus planos. Normalmente, não cometia esse tipo de erro. Só seus sócios mais próximos sabiam exatamente o que ia acontecer no armazém onde planejava terminar o ritual. Quando terminasse, seria um deus, e teria o poder de Lilith em suas mãos.

—Nenhuma mulher rechaçaria o que eu vou oferecer-lhe. —Isso não era arrogância, mas certeza—. Você o faria?

Ela afastou o olhar e então ele zombou.

—Ora, por isso está zangada —disse—. Está ciumenta de Vivian.

A mulher o enfrentou com a ferocidade de um gato selvagem.

—Não estou ciumenta! Estou furiosa! Como pode preferir a essa coisa em vez de mim?

Então Rupert a esbofeteou com força. A cabeça dela ricocheteou no travesseiro e ele se colocou em cima antes que pudesse responder ao ataque.

—«Essa coisa» está muito acima de você, e merece seu respeito.

Ela ficou olhando, tinha a bochecha marcada com seus dedos. Seus preciosos seios subiam e baixavam e tremia de raiva, roçando-se contra o torso de Rupert. Apertava as coxas com força, tratando de mantê-lo fora dela.

Sorriu. Adorava obrigá-la a dar-se conta do muito que o desejava. O fazia pensar em Violeta, e em tudo que faria a ela se pudesse: que desejasse estar com ele, que gritasse seu nome.

Empurrou para abrir as coxas de sua amante e se afundou nela, em sua umidade, apesar que a mulher seguia resistindo.

—Vamos, lute—disse—. Mas está tão molhada que sei que me deseja.

Ela gritou e ele investiu, fazendo-a jogar a cabeça para trás de puro prazer. A doce Kimberly CooperBrown gostava da violência tanto como ele. Com os lábios entreabertos, suplicou que a mordesse, e Rupert assim o fez. Não tão forte para tirar sangue, mas o suficiente para que ela arqueasse os quadris como a puta mais perita. Jamais tinha tido uma amante tão entusiasta e tão afim a seus gostos como aquela.

Seria uma lástima quando tivesse que matá-la.

Capítulo 14

A noite estava vazia sem Vivian. Só isso passou pela cabeça de Temple antes que este dormisse ao amanhecer, e o primeiro que pensou quando despertou ao por do sol, nesse mesmo dia.

Na noite anterior, quando a viu sair fugindo do quarto, quis ir atrás dela, levá-la de novo a sua cama e retê-la ali até que ambos dormissem. Queria despertar ao seu lado e vê-la sorrir ainda dormitando.

Por que? Que tinha Vivian que o atraía desse modo? Não era seu sangue, tal como acreditou no princípio, não era sua genética, era ela mesma. Temple respeitava sua determinação e sua força de vontade, mas havia também certa vulnerabilidade na moça que fazia que tivesse vontade de protegê-la do mundo inteiro. E quando entregasse seu coração, faria-o com a ferocidade de uma leoa. Temple queria seu ardor, queria sua ternura. Em realidade, queria tudo o que estivesse disposta a dar, qualquer mísero sentimento.

Vivian o aterrorizava, e apesar que sua mente não deixava de repetir que se mantivesse afastado da jovem, seu coração se negava a acreditar que pudesse lhe mal.

Tinha acreditado que poderia servir para capturar Villiers, usá-la

como um mero instrumento, inclusive a tinha ameaçado. Mas agora se sentia incapaz de fazê-lo. Já a tinham utilizado em demasia ao longo de sua vida.

Enfrentaria o homem sem ela como escudo. E agora que os outros estavam ali, não havia necessidade de postergar mais esse encontro.

Dar-se conta disso o pôs em marcha. Levantou-se, aseou-se e colocou umas calças limpas e uma camisa branca, da que deixou os últimos botões do pescoço sem abotoar. Dadas as circunstâncias, não tinha sentido seguir sendo escravo da moda.

Ainda tinha o cabelo úmido quando saiu para procurar Vivian. Tinha uma vaga suspeita de onde podia encontrá-la. Depois do que tinham contado as moças da escola, sabia que tinha começado a ler sobre Lilith. Era pela curiosidade que sentia por aquele grupo de mulheres e aquele lugar ou porque queria saber mais sobre ele? Não deveria importar, mas importava.

Talvez, sugeriu-lhe uma voz em sua cabeça, estava investigando para poder ajudar melhor Villiers.

Temple decidiu deixar de escutar essa voz.

Encontrou-a na biblioteca, sentada em uma das mesas que as estudantes costumavam fazer seus deveres. De fato, parecia muito jovem ali sozinha. Ia vestida de um modo parecido ao dele, embora lhe ficasse muito melhor. Seu cabelo, que como de costume tinha recolhido em uma trança, resplandecia como o fogo à luz do abajur.

—Deveria usar mais luz —a repreendeu—. Se continuar assim vai ficar cega.

Ela levantou a cabeça e, ao vê-lo, lhe ruborizaram as bochechas. Não o tinha ouvido entrar. Mais tarde se reprovava a si mesma, apesar que o vampiro seria capaz de pegar despreparado inclusive um gato.

Recordava tão bem quanto ele a noite que tinham passado juntos? Sua essência o atraía sem remédio, o fazia sentir vontade de afundar o rosto no oco de seu pescoço e respirar fundo.

E de beber até saciar-se.

Ao ver que Vivian não dizia nada, assinalou o enorme volume que tinha aberto diante.

—Bom livro?

—A Bíblia —respondeu, como se fosse resposta suficiente.

Temple riu e se aproximou de onde estava.

—Interpretarei isso como um não.

—Não se menciona Lilith absolutamente. —O modo que franzia as sobrancelhas teria intimidado qualquer um, mas pareceu-lhe comovente.

—Isso é porque está lendo a edição errada. Nas bíblias atuais quase nunca a mencionam. Tem que recorrer a uma mais antiga.

Ela olhou as estantes, repletas de textos sagrados em diversos idiomas e de distintas culturas.

—Esses não posso lê-los.

—Eu sim. Ao menos por cima.

Vivian o olhou com os olhos totalmente abertos.

—Está-me oferecendo sua ajuda?

—Sim —assentiu Temple.

—Por que? —Entrecerrou os olhos com desconfiança—. O que pretende, vampiro?

O encantava que o chamasse assim. Era como um apelido carinhoso que lhe tinha reservado, e embora queria fingir que era algo impessoal, não era. Temple sabia, apesar que Vivian queria ignorá-lo.

Sentou-se sobre a mesa e girou sobre si mesmo até ficar de cara com ela, com as pernas pendurando.

—Há algo que eu gostaria de te falar.

Vivian afastou a vista.

—Se for porque ontem à noite fui até você...

—Não é isso —a interrompeu Temple.

Ao ouvir seu tom sério, a jovem levantou a cabeça. Então fechou a

velha bíblia e, depois de colocá-la de lado, sentou-se junto dele, coxa com coxa, quadril com quadril. Ombro com ombro.

—Fale então —disse.

Temple teve que recorrer a toda sua força de vontade para não entrelaçar seus dedos com os dela, e não segurar sua mão enquanto falavam. Estava desesperado por tornar tudo mais fácil, queria oferecer sua confiança e deixar de perguntar-se se tinha a dela.

Mas que diabos estava acontecendo?

—Conhece a história de como me converti em vampiro?

Vivian assentiu e o olhou nos olhos.

—Encontrou o Graal do Sangue e bebeu dele.

—Isso é só uma parte. O Graal era feito de prata, de uma prata impregnada com a essência de Lilith.

—A amante de Sammael, que foi convertida por ele nesse metal após revelar a Deus seus planos para destruir à humanidade.

Temple sorriu.

—Essa é a versão do sermão dos domingos. Ao que Sammael a condenou foi passar de mão em mão, pois acreditava que isso era o que merecia. Mas no final, umas moedas de prata terminaram nas mãos de Judas Iscariote.

—Está dizendo que Judas era um vampiro? —perguntou arqueando as sobrancelhas.

—Não tenho nem idéia —respondeu, encolhendo os ombros—. Nunca o conheci em pessoa, assim não sei.

—Segue vivo? —Vivian ficou atônita.

—Ouvi rumores a respeito —respondeu Temple com um sorriso, e deixou que a jovem assimilasse a informação antes de continuar—. Em algum momento, alguém fundiu essas moedas e as converteu em um cálice. Os cavaleiros templários se proclamaram seus protetores e tentaram evitar que caísse em mãos erradas. Alguns inclusive beberam dele para assegurar-se que seriam o suficientemente fortes para

defendê-lo.

—Não temiam converter-se em vampiros?

Sorriu com condescendência.

—Nem todos os vampiros são maus, Vivian.

Ela o fulminou com o olhar, morta de vergonha.

—Já sei. Mas achava que possivelmente os guerreiros de Deus não o vissem do mesmo modo.

—Sem Lilith, ninguém jamais saberia o que os anjos tinham planejado. E possivelmente nunca se produziria a Queda. Há quem inclusive lhe atribui o mérito da expulsão de Lúcifer do Reino dos Céus.

—Não admira que não falem dela no livro santo —disse pondo os olhos em branco—. Deus nos livre que uma mulher tão forte aparecesse na Bíblia como algo mais que a causa da perdição do homem.

Temple sorriu ao ouvir a nota de sarcasmo.

—Eu acredito que não aparece porque sua história faz que seja muito mais difícil acreditar que todos os anjos são bons e todos os demônios malvados. Mas seja como for, Lilith está prisioneira no cálice há séculos.

—Mas você fundiu a taça e fez amuletos com a prata. —Olhou-o assustada—. Isso por certo lhe causou algum dano, não?

—Duvido. É sua alma a que está ali encerrada, não ela em si. —tirou um dos amuletos do bolso e o segurou pelo cordão, balançando-o diante ela—. Pegue-o.

Vivian duvidou uns instantes, mas no final pegou a peça de prata. Seu rosto se iluminou maravilhado.

—Está quente —riu insegura—. Parece viva.

As suspeitas dele se confirmaram, embora não se surpreendeu o mínimo. Agarrou-a pela mão.

—Venha comigo.

Sem soltar o amuleto e com seus dedos entrelaçados nos de Temple, Vivian saltou da mesa e o seguiu para fora da biblioteca até o

vestíbulo.

—Aonde vamos? —perguntou ao ver que subiam a escada.

—Ao quarto de Brownie —respondeu. Confiou que esta não se incomodasse com a intrusão; ultimamente quase nunca estava, e supôs que não a encontraria ali. Era raro, pois Kimberly deveria estar na escola, atendendo os vampiros, embora supôs que lhes estaria dando um pouco de privacidade para que pudessem se organizar. — Quero te mostrar uma coisa.

Temple manteve presa a mão de Vivian enquanto abria a porta. Estar assim, com os dedos entrelaçados, era o mais natural do mundo, como se ambos fossem feitos para estar juntos. Teve que lutar contra o impulso de segurá-la com mais força, pois tinha medo que quando visse o que ia mostrar-lhe quisesse soltar-se.

—No princípio me perguntou por que as mulheres da academia a tratavam de um modo tão distinto. —Colocou-a diante do quadro mais antigo de Lilith. — Este é o motivo.

Perplexa, Vivian deixou de olhá-lo para centrar toda sua atenção na pintura. Entrecerrou os olhos e ficou boquiaberta.

—Se... Parece comigo.

—Isto tampouco aparece em nenhum dos livros que estive lendo. —colocou-se na frente dela, e os olhos da jovem passaram do quadro ao vampiro; Temple acreditou que lhe rompia o coração; a via tão confusa—. Alguns dizem que Deus desterrou do Paraíso a todos os filhos que Lilith teve tanto com Sammael como com Adão para castigá-los, mas eu acredito que foi um modo de protegê-los, que com eles substituiu aos anjos que tinha na terra, e nos que já não podia confiar. Os filhos de Sammael se converteram em vampiros. Os de Adão os mandou ao mundo, onde se apaixonaram por humanos e muitos foram viver numa zona que mais tarde seria conhecida como Irlanda. Logo emigraram a Inglaterra, Escócia e Gales, mas isso já não tem importância. De onde é a família de sua mãe, Vivian?

—Da Irlanda —respondeu ela piscando—. De perto de Kilkenny, acredito. —Então se pôs a rir—. Está dizendo que sou... algo assim como uma fada?

Temple não riu.

—Estou dizendo que é descendente de Lilith.

Todo o humor de Vivian se desvaneceu, e ficou olhando-o pálida e com os olhos muito abertos.

—Meu Deus, fala a sério.

Tentou afastar-se, mas ele não o permitiu; ao contrário, pegou também a outra mão e a obrigou a olhá-lo. Não podia nem imaginar como devia estar sendo difícil tudo aquilo, mas tinha que o escutar. Tinha que saber a verdade.

—Alguns descendentes de Lilith, em especial as mulheres, mostram certos rasgos distintos.

Vivian o escutou atenta e, já mais relaxada, deixou tentar soltar as mãos.

—Como quais? —perguntou receosa.

Sorriu.

—Uma cabeleira avermelhada de uma beleza quase impossível de imaginar. Olhos que trocam de cor como o mar, e uma força e velocidade além do humanamente concebível. —Quando ela baixou a cabeça, sacudiu as mãos para chamar sua atenção—. Não é um bicho raro, Vivian. É a filha de uma deusa.

—OH, Meu Deus. —Voltou a tentar se soltar, mas desta vez foi porque lhe afrouxaram os joelhos—. Isto não pode estar acontecendo.

—Está acontecendo. —Temple a abraçou, aproximando-se para poder estreitá-la contra seu torso—. Sei que é difícil de acreditar, mas é a verdade.

Vivian o olhou aturdida.

—Por que está me contando tudo isto? Por que não me disse antes?

—Estou contando isso porque tem direito. E não contei antes

porque não sabia até que ponto estava comprometida.

—Até que ponto estava comprometida? —Empurrou-o, mas ele não a soltou—. E como eu ia saber...? OH, merda, Rupert sabe, não?

Temple queria converter Villiers em vilão que sabia o que era, mas não ia mentir para conseguir.

—Acredito que por isso te «resgatou» daquele circo.

Destroçou-lhe o coração ver a dor que se refletia em seu rosto. Todos aqueles anos tinha acreditado que Villiers a queria como uma filha e agora tinha que assumir a possibilidade que ele só a estivesse utilizando.

—E você como descobriu? —perguntou-lhe suspicaz.

—Quando te mordi pela primeira vez, comecei a suspeitar que era diferente. Seu sangue é diferente dos humanos. O quadro, e a reação de Brownie ao te ver, confirmaram minhas suspeitas.

—O que tem meu sangue de especial?

Temple sorriu.

—Faz que me sinta unido a ti. Quando a bebo, tenho a sensação que poderia fazer qualquer coisa.

Os preciosos lábios de Vivian esboçaram um sorriso e suas bochechas recuperaram um pouco de cor.

—Você pode fazer qualquer coisa.

—Mas você faz que queira fazê-lo.

Temple viu a surpresa e a emoção no rosto da jovem e então, antes que ela pudesse ocultar-se beijou-a. Vivian se relaxou em seus braços, e abriu os lábios para permitir que a língua dele se deslizasse em seu interior. Beijá-la era como beijar o céu, ou inclusive o sol. Tão incrível e maravilhoso que resultava quase doloroso.

Afastou-se. Não queria fazê-lo, mas sabia que era o correto. Tinha que contar mais coisas. Acariciou-lhe a bochecha com a mão, e puxou com suavidade a trança que lhe caía pelas costas.

—Contei tudo isto para que entenda como é importante, Vivian. —E

por muito que desejasse seguir abraçando-a, soube que tinha que soltá-la. Não queria que a atração que a garota pudesse sentir por ele turvasse seu julgamento naquele instante. Tinha que permitir se decidir por si mesma—. Estou convencido que Rupert te necessita para fazer a atrocidade que tem planejada, seja esta qual for, e eu farei todo o possível para detê-lo.

—Inclusive me matar? —cruzou os braços e o olhou nos olhos. Não o estava provocando, simplesmente queria saber a verdade.

Temple sentiu como se cravassem uma adaga no peito, mas assentiu. Já tinha matado antes, entretanto, mas a idéia de derramar o sangue de Vivian, de ter que destruí-la...

—Farei-o o que tiver que fazer. Mas antes me mataria se com isso pudesse evitar que Villiers te usasse.

A expressão dela se suavizou e Temple soube que tinha cometido um engano. Quase havia dito que estava disposto a morrer para protegê-la.

Faria-o.

—Tem que decidir de que lado está —disse emocionado, dando um passo atrás—. Não é uma ameaça, somente um conselho. Tem que tomar partido, porque, quando chegar o momento e Villiers e eu nos encontrarmos, um dos dois não sairá com vida da batalha.

Vivian negou com a cabeça.

—Não quero que morra nenhum dos dois.

—Não pode evitá-lo. —Sorriu antes de dar meia volta para sair—. Só pode decidir a favor de quem quer lutar quando chegar o momento.

E então saiu da habitação, porque se Vivian não estava disposta a lutar por ele, preferia seguir sem sabê-lo.

—Desde quando sabem? —Deixou o copo de uísque em cima da mesa enquanto fazia a pergunta às mulheres.

As que estavam sentadas à velha mas firme mesa, intercambiaram olhadas cheias de remorsos.

—Desde que chegou —reconheceu Shannon—. Tão logo a vimos soubemos que estava relacionada com a deusa.

Vivian teria posto os olhos em branco não fosse porque com esse gesto as teria ofendido.

—Mas nenhuma de vocês me disse nada. Por que?

Shannon afastou a vista, mas Agnes terminou por dizer:

—Porque a diretora nos disse que não o fizéssemos.

—Nos desculpe, senhorita Vivian —disse Shannon retomando a palavra—. Mas pouca gente estaria disposta a acreditar que é descendente direta da primeira esposa de Adão. Suponho que a diretora acreditou que nos tomaria por idiotas.

Idiotas. Sim, certamente o teria feito.

—E por isso me tratavam desse modo tão estranho?

—Estranho? —Repetiu Agnes—. Eu estava convencida que jamais poderia pronunciar duas palavras seguidas em sua presença.

Todas riram e olharam Vivian para ver que ela não compreendia a piada.

Shannon se aproximou e lhe pegou uma mão entre as suas, mais fortes e rugosas.

—Você é muito especial para nós, Vivian. Não leve a mal que a adoremos.

—Não quero que me adorem. —Suavizou a aspereza de sua resposta apertando os dedos da outra mulher—. Acreditava que eramos amigas.

—E somos! —Exclamou Colleen, uma das mais velhas—. Não pense nem por um segundo que não é assim.

E então Vivian soube que aquelas mulheres a aceitavam tal como era, pois Colleen tinha optado por contestá-la em vez de tratá-la como se fosse um ser superior. Os olhos se encheram de lágrimas e, graças ao

uísque que tinha bebido, permitiu-se as derramar.

—Todas vocês me fazem sentir como se tivesse uma família. —
Fungou—. Obrigado.

As demais se aproximaram e a abraçaram e a beijaram na testa e nas bochechas. Já não tinha tanta importância que Rupert a tivesse acolhido. Aquelas mulheres eram como sua família, mais que nenhuma outra pessoa no mundo.

Bom, excetuando Temple. Era estranho o tão importante que este tinha vindo a ser para Vivian, a vontade que tinha que formasse parte de sua vida.

—O que acontece aqui? —perguntou uma voz do patamar da escada. Era Kimberly, e as estava observando com uma expressão que oscilava entre a preocupação e a alegria.

As demais mulheres se afastaram e deixaram que Vivian se aproximasse de sua anfitriã. Secou os olhos com o dorso das mãos.

—Temple me contou sobre Lilith, e o que acredita que isso significa para mim. Elas me estavam oferecendo sua ajuda e compreensão.

A diretora ficou boquiaberta, mas só durante um segundo, pois em seguida recuperou a postura. Seguiu no patamar, apertando o corrimão com tanta força que os nódulos ficaram brancos, até que se recompôs por completo.

—Já vejo. Confesso que me surpreendo que se arriscasse a contar isso antes que você o descobrisse por sua conta, mas suponho que Temple sabe o que faz.

Vivian franziu o cenho. A mulher não havia dito nada mau, mas suas palavras a incomodaram, como se não estivesse sendo sincera. Talvez a bebida a estivesse tornando paranóica.

Antes que pudesse fazer outra pergunta, bateram na porta principal.

Kimberly enrugou a testa, admirada.

—Quem diabos pode ser a esta hora? —recolheu-se as saias e deu

meia volta para ir abrir.

Vivian ficou de pé.

—Irei eu —disse.

Todos os amigos de Temple já estavam ali, assim cabia a possibilidade que quem fosse que estivesse na entrada não fosse de todo cordial. Se era o caso, Vivian era a única que poderia defendê-las.

A diretora assentiu.

—De acordo, mas te acompanho.

Como não podia discutir com quem ali levava a voz da liderança, a jovem subiu os degraus de dois em dois e se adiantou tanto como pôde. Atravessou o salão a grandes passos, com os saltos ressoando no chão, e abriu a porta antes que Kimberly conseguisse subir o lance de escada.

De pé na entrada havia um homem e uma mulher, ambos de rosto atraente e aspecto tranqüilo. Ele era alto, e seu cabelo loiro avermelhado resplandecia sob a luz. Ela também era alta, embora não tanto quanto Vivian, e levava sua cabeleira castanha recolhida em um coque coberto por um chapéu na última moda que ocultava em parte seus olhos amendoados.

—Posso ajudar em algo? —perguntou Vivian, sentindo-se como uma gigante mal vestida e mal penteada.

Nem o homem nem a mulher pareceram surpreender-se por seu aspecto.

—Estou procurando o senhor Temple —disse ele com um acento que fazia pensar em contos de cavaleiros medievais e princesas encerradas em torres encantadas.

—O senhor Temple? —Vivian cruzou os braços sobre o peito e se endireitou, ficando só um pouquinho abaixo do tipo—. E você quem é?

O homem sorriu, e seu rosto ficou ainda mais atraente. Era muito bonito, além de encantador.

—Sou Payen Carr, e ela é minha esposa, Violeta.

A habitação começou a dar voltas, e demorou uns segundos para

Vivian recuperar-se. «Violeta?»

—Não se chamaria você por acaso Wynston Jones antes de casar-se?

—perguntou a meia voz.

A outra mulher a olhou com certo receio.

—OH, ora, vejo que minha reputação me precede. —riu, mas era óbvio que se sentia incômoda, e que se pôs na defensiva.

—Entrem—os convidou, pondo-se de lado—. Temple e outros estão no salão.

Kimberly tinha ficado uns metros atrás, observando o intercâmbio com uma estranha expressão no rosto.

—Está tudo bem? —perguntou.

Vivian assentiu.

—Acredito que Temple está esperando ao senhor e à senhora Carr.

—Foi sua imaginação ou Kimberly empalideceu ao ouvir os nomes?

—Me sigam —lhes disse a jovem, e os acompanhou à estadia onde Temple estava reunido com seus amigos. Ainda lhe tremiam as pernas, mas conseguiu dissimular. Se essa era a mesma Violeta com a que Rupert tinha querido casar-se, tinha que ser uma vampira, porque não parecia ter mais de vinte e cinco anos. E isso significava que seu marido também era.

Tantos vampiros começavam a pô-la nervosa, em especial agora que sabia que seu sangue era tão importante. Queria confiar neles, mas seria uma idiota se não tivesse em conta quão apetitosa podia chegar a lhes parecer.

Chegaram à porta que comunicava com o salão. Vivian chamou e Temple deu permissão para entrar. Quando o fez, viu-o sentado junto ao sacerdote, Marcus e outros. Todos levantaram a vista ao vê-la.

—Payen e Violeta Carr —anunciou, sentindo-se como se fosse a governanta.

Temple se aproximou e lhes estreitou a mão de ambos.

—Obrigado por vir. —Fez as apresentações de rigor e, quando

chegou a vez dela, disse—:Vivian já conhecem.

Violeta a olhou com os olhos entrecerrados.

—Vivian? Vivian Barker?

—Sim —confirmou ela.

E de repente caiu no chão com uma furiosa vampira em cima dela. Uma vampira disposta a lhe arrancar o pescoço de uma dentada.

Capítulo 15

Foi necessário que intervissem Temple e Payen para que Violeta soltasse Vivian. E, quando o conseguiram, esta tinha uma dentada no pescoço e a Violeta sangrava o nariz do murro que a jovem lhe tinha dado para defender-se. Vivian tinha tido sorte de acertar e deter a vampira antes que conseguisse lhe rasgar a jugular.

—Deix-me matá-la! —Violeta tratou de escapar de seu marido —Se o fizer, Villiers ficará sem nada.

Vivian permitiu que Temple lhe lambesse a ferida para que deixasse de sangrar. Em circunstâncias normais não o teria feito, mas depois da queda no bosque ainda tinha um arroxeadado na testa, estava manca e tinha as mãos cheias de feridas. Nem louca ia sair por aí com uma ferida no pescoço. Mas por que Temple tinha convertido esse gesto em ato tão íntimo e possessivo, tão terno, se só tinha fechado sua ferida? Vivian teve a impressão que a estava marcando como sua perante o resto dos vampiros, deixando claro que lhe pertencia.

—Ninguém vai matar Vivian —declarou ao acabar, em um tom de voz que não dava margem a discussões.

—Exceto você, não? —sussurrou ela com amargura. Seus olhares se encontraram, e a jovem negou com a cabeça. Não necessitava que a

defendesse, e não queria que por sua culpa brigasse com seus amigos.

Payen, mais comedido que sua esposa, disse: —Deduzo que se a senhorita Barker está aqui, é porque está do nosso lado, não é?

Vivian o olhou nos olhos.

—Estou aqui porque quero. —Não era nem um sim nem um não, mas era só o que ia conseguir que dissesse. Payen sorriu.

—Peço desculpas em nome de Violeta. Há vinte anos odeia Rupert Villiers. —Soltou o ombro de sua esposa.

As duas mulheres se olharam cautelosas, mas Vivian relaxou um pouco ao ver que a vampira não fazia gesto de atacá-la de novo. Mas quando deu meia volta, surpreendeu-a descobrir que Temple e seu amigos se colocaram ao seu redor. Estavam deixando claro que estavam de seu lado. Claro que Violeta tinha retrocedido. Ao ver aqueles cinco vampiros protegendo-a, Vivian sentiu um nó na garganta.

Possivelmente Temple a tinha marcado como dele. Emocionada e um pouco desconcertada, olhou os recém chegados.

—Não sei nada de sua história com Rupert, mas eu gostaria de escutá-la.

—Todos gostaríamos —acrescentou Temple. Não se aproximou dela, e tampouco a tocou, mas a jovem sentiu sua presença com a mesma intensidade que se o houvesse feito—. Por que não sentamos e tentamos nos comportar de um modo civilizado?

Sentaram-se, Vivian em um extremo da sala e Violeta no outro, junto de seu marido. Desta vez, Vivian se sentou mais perto de Temple que de Marcus, embora não muito. Embora o vampiro tivesse deixado claro que era dele, isso não significava que ela tivesse que achar bom.

Temple e outros contaram a Payen e Violeta seus respectivos encontros com a Ordem da Palma de Prata. A própria Vivian contou também que Villiers a tinha acolhido, mas omitiu a parte do circo. Não precisava estarem a par dessa parte tão humilhante de sua vida. E se

Violeta Carr pretendia zombar dela, Vivian encontraria um modo de fazer que engolisse algum objeto de prata.

Quando todos falaram, chegou a vez de Payen contar sua história. E o fez sem demora.

—Eu estava escondido quando vocês seis encontraram o Graal do Sangue —disse—. Não me escondia nem do rei nem de seus homens, mas sim da luz do sol. —Negou com a cabeça—. Deveria tê-lo oculto melhor.

Saint sorriu.

—A verdade é que estava muito escondido, mas para mim não há ferrolho que resista.

Inclusive Bishop esboçou um sorriso; pelo visto a tensão que entre os dois se acalmou um pouco.

Payen sorriu antes de prosseguir com sua história:

—Em minha época, tínhamos a missão de proteger o Graal do Sangue de uma facção dos cavaleiros templários chamada a Ordem da Palma de Prata. Chamavam-se assim em honra das moedas que estiveram em poder de Judas. Esses homens possuíram o Graal durante um tempo, e causaram grandes desgraças.

Não foi difícil para Vivian imaginar o que fizeram, seguro que se converteram a si mesmos em vampiros. Era um milagre que nenhum deles tivesse ido fazer uma visita a Rupert.

—Faz vinte anos, descobri que Violeta ia casar se com um homem que pertencia a dita Ordem. —Olhou Vivian—. Era Rupert Villiers. Naquela época, ele fingia não conhecer a organização.

—Mas? —A jovem arqueou uma sobrancelha.

Qualquer rastro de humor se desvaneceu do atraente rosto do vampiro.

—Mas Villiers descobriu o que eu era, o que sou. Fez algumas averiguações, falou com a gente adequada, e de repente se converteu em alguém importante.

—Tentou matar Payen —explicou Violeta furiosa.

Seu marido lhe segurou a mão.

—Quase mata você.

Não era de estranhar que Violeta odiasse tanto Rupert. Nem tampouco que queria matar Vivian pela relação que tinha com ele. Esta não duvidou nem por um segundo que tudo o que tinham contado era verdade. Ninguém podia fingir um ódio tão forte como o que emanava dos poros de Violeta Carr. Era inclusive romântico. Odiava-o mais por ter tentado fazer mal a seu marido que pelo que havia feito a ela.

Chegaria Vivian a sentir algo assim algum dia? Odiaria ao homem que tinha sido como um pai para ela por tudo o que havia feito a Temple? Por tudo o que supostamente havia feito àqueles vampiros?

Uma parte dela já o fazia. E dar-se conta disso a surpreendeu. E a afetou. Era como se fosse muito fácil trair Rupert, mas então compreendeu que já fazia tempo que tinha começado a sentir-se assim... inclusive antes de ver que o homem não confiava o bastante nela para contar seus planos.

Se tivesse sido preparada, teria saído de sua casa assim que apareceram as primeiras suspeitas, mas ele era a única coisa que tinha, assim ficou e entregou sua lealdade. A idéia que durante todos aqueles anos Rupert tivesse planejando usá-la, punha-a doente. Pensar que para ele era só um meio para conseguir um fim lhe rompia o coração.

—Tem idéia do que pretende Villiers? —perguntou Reign, rompendo o silêncio. Tinha um braço ao redor de Olivia, que parecia ter melhor aspecto que no dia de sua chegada.

Payen negou com a cabeça.

—Envergonha-me reconhecer que não consegui encontrar Villiers até recentemente, mas durante todo o tempo estive investigando por minha conta e procurando qualquer informação relativa à Ordem. Soube de todas as topadas que tiveram com seus membros e o lamentei muito.

Temple assentiu e outros lhe agradeceram.

—O que descobriu?

O vampiro continuou:

—Descobri que há certo vínculo entre a Ordem e os seguidores de Sammael, mas não tenho nada que o demonstre. Entretanto, na Ordem circulam várias lendas sobre como romper a maldição desviada dos poderes de Lilith.

Na sala se fez silêncio.

—Acredita que Villiers pretende ressuscitar Lilith? —Perguntou Bishop incrédulo—. É isso é possível?

—Em teoria, sim —respondeu Payen—. Na prática, não estou tão seguro. Para o ritual, necessita-se o coração de um nosferatu.

Bishop e Marika intercambiaram um olhar.

—A ordem enviou um a Romenia para nos atacar —explicou Bishop—. Os estavam criando por um propósito.

—Também são precisos os úteros de cinco prostitutas, coisa que acredito que obtiveram em Londres recentemente, equivoco-me? —A pergunta ia dirigida a Saint, quem assentiu sério e rodeou sua esposa pelos ombros.

O coração de Vivian deu um salto; a mulher do vampiro era amiga de várias das prostitutas assassinadas pelos membros da Ordem.

Payen prosseguiu com sua explicação:

—Também necessitam o Graal, e suspeito que por isso foram atrás de ti, Temple.

Este assentiu.

—Fundi o Graal e o mandei a meus amigos em forma de medalhões. Ouvi alguns rumores a respeito de uns indivíduos que se interessavam por ele... e por mim. Assim supus que era só questão de tempo que fossem me buscar.

Vivian ficou boquiaberta ao ver que o vampiro tinha antecipado seus movimentos. E isso porque Rupert sempre dizia que essa espécie não era inteligente.

—Mas se só querem o Graal, por que se complicaram tanto para nos capturar a todos? —Perguntou Chapel—. Sabiam o que Temple havia feito com o cálice?

Payen ficou ainda mais sério.

—Um dos últimos ingredientes do ritual é o sangue da primeira geração de vampiros. Vocês beberam do Graal ao mesmo tempo que eu. Só um degrau nos separa de Lilith.

O coração de Vivian gelou. O sangue de Temple. Era isso o que Rupert queria?

Houve uns quantos murmúrios, mas Temple levantou a mão.

—Disse que o sangue era um dos últimos ingredientes. Há mais?

—Sim. —Desta vez os olhos azuis de Payen pousaram em Vivian—. Precisa de uma descendente direta de Lilith. Sinto muito, senhorita Barker, mas durante todo este tempo a estivemos procurando; por isso Violeta tentou matá-la.

Vivian sentiu um calafrio ao escutar as últimas palavras do bonito vampiro, que acrescentou:

—Você é a peça chave para tudo o que a Ordem tem planejado.

—Está bem?

Era uma pergunta estúpida, mas Temple não gostava nada da expressão na cara de Vivian. Por fim estavam a sós, pois os outros foram descansar ou por um pouco de sangue. Payen e Violeta se dirigiram a terra firme em busca de Villiers, depois que Vivian lhes disse que tinha planejado assentar ali sua base. Não tinha podido lhes contar nada mais, mas a Temple surpreendeu que dissesse tanto. Podia ser que por fim visse a realidade?

Ela assentiu, e bebeu um pouco do uísque que tinha servido.

—Procurarei não voltar a dar as costas a Violeta.

Temple sorriu, e decidiu não dizer que não estava perguntando por

seu estado físico.

—Bom, a verdade é que tentou te matar.

—Como a Rupert. —A esposa de Payen tinha contado como tinha estado perto de pôr ponto final a toda aquela história.

O sorriso do vampiro se desvaneceu.

—Está preocupada com seu marido. Faria qualquer coisa por ele, inclusive matar.

Vivian ficou junto a mesa, e percorreu com um dedo sua brilhante superfície.

—Invejo-os.

E ele também, mas não era momento de ter essa conversa.

—Choraria a morte de Villiers se Violeta se saísse com a sua?

Vivian não pareceu nem um pouco surpresa pela pergunta, e inclinou a cabeça, pensativa.

—Choraria a morte do homem que conheci. Do homem que acreditava que era.

—Compreendo. —E era verdade. Depois da morte de Lucinda, Temple tinha sentido falta da mulher que foi, mas se alegrava de ter matado o monstro em que se converteu.

Vivian se voltou para ele, girando o copo entre as mãos, com o olhar fixo no líquido que continha.

—É muito difícil aceitar a verdade. Nego-me a acreditar que jamais lhe importei o mínimo.

Que admitisse sentir-se tão vulnerável deixava claro o muito que confiava nele, e Temple valorizou o gesto. Aproximou-se dela, pegou o copo de uísque e o deixou em cima da mesa. Depois, rodeou-lhe a cintura com os braços e ela descansou as mãos em seus ombros.

Deus, adorava que o tocasse.

—Sim, lhe importava —respondeu. E se era mentira, que importância tinha? Que Vivian acreditasse que esse homem havia sentido um mínimo de afeto por ela não mudava nada—. E me importa,

e muito. E por isso acredito que deveria ir embora daqui.

Ela deu um passo atrás, afastando-se.

—Quer que eu vá?

Assentiu, e embora quisesse fazê-lo não voltou a abraçá-la.

—Aqui corre muito perigo, quanto mais longe estiver, melhor. — Mas Deus, a idéia de estar sem ela o aterrorizava, quase tanto como imaginar o que Villiers tinha planejado fazer.

Vivian franziu o cenho.

—Está assustado.

Temple assentiu de novo. Não tinha nenhum problema em reconhecê-lo se com isso ia salvar lhe a vida.

—Sim.

—Não acredito. Você não tem medo de nada.

—Tenho medo de você. —Agora que já o disse não podia voltar atrás.

Ela se aproximou, levantando a cabeça para poder acariciar seu rosto com o seu, para que suas bochechas ficassem na mesma altura, seus lábios na orelha do vampiro.

—Eu também te temo —sussurrou—. Faz que me sinta especial. Quero confiar em você com todo meu ser, mas tenho medo do que acontecerá se o faço.

Temple fechou os olhos e um calafrio o percorreu inteiro.

Ela o estava matando com sua sinceridade e, esperançado por essas palavras tão honestas, aproximou-a dele e a beijou, notando o uísque nos lábios de Vivian, saboreando-o em sua língua. Separaram-se só um instante para tirar a camisa pela cabeça e logo voltaram a abraçar-se.

Vivian lhe acariciou as costas com as mãos e logo as subiu para o pescoço para afundar os dedos em seu cabelo. Temple morria de vontade de arquear-se como um gato. Deus, quase estava a ponto de ronronar.

Ela balançou os quadris e ele a reteve com força para que pudesse

sentir tão excitado estava. Um suspiro escapou dos lábios de Vivian ao notar essa dureza contra seu corpo. Temple estava no limite, ansioso por estar em seu interior, por sentir de novo o quente abraço de seu sexo acolhendo-o. O fazia sentir como se voltasse a ser jovem, como se estar com ela fosse uma grande aventura sem comparação com nada que tinha vivido anteriormente.

Deslizou as mãos por seus quadris e as subiu pela cintura até alcançar o fechamento do espartilho, que desabotoou um a um até deslizar o tecido; os seios de Vivian descansaram contra seu torso. Ela baixou os braços e o tecido caiu no chão, e logo se inclinou para trás e Temple interrompeu o beijo. Apoiou-se nos braços do vampiro de modo que seu decote ficou exposto, ansioso por que ele o percorresse com os lábios.

A paixão de Vivian era sincera e honesta, e a moça o comovia com sua desinibida sexualidade. E tudo isso sentia por ele, só por ele. Seu sangue o atraía, mas ela também se sentia atraída por ele; e isso não tinha nada a ver com o sangue, mas sim com desejo.

Temple inclinou a cabeça e percorreu um seio com seus lábios, beijando-o com cuidado. Vivian suspirou e estremeceu entre seus braços. Ele sorriu contra sua pele e a beijou do modo que ela queria. Depois se dedicou ao outro peito, dispensando os mesmos cuidados que ao anterior antes de cair de joelhos diante da jovem.

Desabotoou-lhe as calças com dedos trêmulos, e puxou a gasta lã para poder beijar seu estômago, afundando logo a língua em seu precioso umbigo. Ela tremeu e Temple acariciou o osso do quadril com a bochecha enquanto com uma mão percorria seu delicioso traseiro. Então terminou de deslizar a calça por suas coxas até chegar aos tornozelos. O tecido se enredou com as botas, assim também as tirou para poder deixá-la por fim gloriosamente nua na frente dele.

Ficou de pé, colocou as mãos de ambos os lados de sua cintura e a

subiu na mesa, colocando-a na beira, e voltou a beijá-la de novo, com paixão, sem piedade, ao mesmo tempo que a deitava sobre a superfície de carvalho. Vivian lhe rodeou a cintura com as pernas, grudando sua cálida umidade no abdômen dele. Temple podia cheirar a essência de seu desejo e sentiu um comichão nas gengivas. Todo seu corpo se esticou.

Percorreu-lhe o corpo com os lábios, saboreando cada centímetro de sua pele, cada carícia. As delicadas veias que pulsavam sob a superfície, o sangue que ia se esquentando pelo desejo. A boca se encheu de água.

Seguiu sua descida até deter-se nos escuros cachos avermelhados que cobriam sua entreperna. Estava empapada, e quando separou suas coxas para que descansassem sobre seus ombros, ela arqueou os quadris e o convidou a seguir.

—Me diga o que quer que faça —perguntou Temple com voz aveludada, percorrendo com um dedo os lábios de seu sexo e deleitando-se com o estremecimento que a jovem ofereceu como resposta. Agora já não tremia como um menino inexperiente, agora se sentia seguro como um deus, cheio de orgulho ao saber que aquela mulher tão fascinante era toda dele.

—Seus lábios —respondeu com um gemido.

Deu um casto beijo na coxa dela.

—Assim?

Vivian gemeu frustrada e Temple sorriu quando ela enredou os dedos em seu cabelo e tentou dirigir seu rosto para sua entreperna.

—Quer que te beije, Vivian? —Acariciou-a com a língua, arrancando outro gemido—. Quer que te saboreie?

—Sim. —Voltou a arquear os quadris—. Por favor, Temple. Me beije. Me saboreie.

Não existia homem, mortal ou imortal, capaz de resistir tal súplica.

Encheu-a com sua língua, imitando os movimentos que logo faria

com seu membro, e seguidamente a deslizou em busca dessa zona que tanto ansiava sua atenção. Quando a encontrou, Vivian levantou os quadris da mesa e cravou os calcanhares nas costas, gritando de prazer.

Ele a atormentou, levou-a a beira do orgasmo uma e outra vez para logo retroceder até que suplicou que pusesse fim a sua tortura. Então levantou a vista para poder olhá-la, e começou a acariciá-la de novo com a língua, mas desta vez sem lhe dar trégua.

Vivian se apoiou em um cotovelo, e com a outra mão acariciou o cabelo de Temple, aproximando ainda mais a cabeça. Tinha as bochechas ruborizadas, e seu rosto era a viva imagem do prazer. Fixou os olhos nos seus, e, por seu olhar, soube que vê-lo beijando-a desse modo a ia levar diretamente ao clímax. Lambeu-a com mais ardor, e sua recompensa foi a quente corrente de prazer que emanou da jovem quando alcançou o orgasmo gritando seu nome.

Temple quase perdeu o controle. Seu pênis se apertava ansioso contra suas calças, exigindo que o liberasse. E quando Vivian se derrubou sobre a mesa, tratando de recuperar o fôlego e com as coxas ainda trementes, ele se ergueu.

Passou uma mão pela cara, limpando-a da essência dela, e ao ver que a moça o estava observando, fez mais devagar, lambendo os dedos para eliminar a umidade que ficava entre eles. Viu-a estremecer.

Haveria alguma outra mulher que o afetasse tanto? Uma mulher que conseguisse impactá-lo do mesmo modo? Temple estava convencido que não. Nem sequer Lucinda tinha reagido assim a suas carícias, e ele tinha estado certo, naquele tempo, que se não estivesse com Lucinda tinha a sensação que lhe faltava o ar, ou o sangue em seu caso. Não como acontecia com Vivian. Nesse instante, com todos seus sentidos saturados de sua essência, Temple soube que necessitava daquela mulher para sobreviver na escuridão. Que a necessitava tanto como o sangue que tinha que ingerir para seguir vivendo.

Desabotoou as calças e as tirou de uma chute, junto com as botas.

Queria estar tão nu como ela, que nada se interpusesse entre os dois o impedindo de tocá-la como queria.

Então segurou sua ereção com uma mão e a guiou até a pequena abertura do corpo de Vivian. Não encontrou resistência ao deslizar-se devagar para seu interior, e ela o aceitou com prazer.

Estava tão tensa. Tão quente. Tão úmida. Temple apertou os dentes e se afundou por completo. Sentiu-a rodeá-lo como uma luva, como uma ajustada vagem desenhada com a finalidade de lhe fazer perder a razão.

Moveu-se devagar, deslizando-se para fora e para dentro com dolorosa lentidão. Não queria terminar muito rápido. Queria saborear aquele momento. Saborear Vivian. Quando estava dentro dela, todo o resto perdia importância. Villiers em pessoa poderia derrubar a porta e lhe disparar balas de prata e Temple não deixaria de lhe fazer amor.

Fazer amor. Deus, ele estava convencido que só os poetas ou as virgens utilizavam essa expressão. Desprezou a idéia. Pensar não entrava em sua lista de prioridades nesse momento. E se o cérebro ainda funcionava, sinal que estava fazendo algo errado.

Vivian o apertou com seus músculos internos e qualquer vestígio de pensamento desapareceu da mente de Temple. Com a mandíbula apertada, o vampiro moveu os quadris e se enterrou nela. Logo se retirou e repetiu o movimento com mais força. Deslizou uma mão até o pequeno botão escondido entre as pernas de Vivian e o acariciou com o polegar até que um pequeno gemido escapou dos lábios da mulher.

Com a mão que tinha livre, Temple a segurou pela coxa, retendo-a em cima de seu ombro ao mesmo tempo que acelerava a cadência de seus movimentos. A pressão que sentia nos testículo era já insuportável. Quando Vivian se arqueou e alcançou o orgasmo, foi como se a corda que o mantinha tenso se rompesse, e o clímax o sacudiu por completo quase derrubando-o sobre si mesmo de tão repentino e poderoso que foi. Apoiou-se em suas mãos, que colocou de ambos os lados da jovem, e descansou a cabeça em cima dela, acariciando suas

costelas com a ponta do nariz.

Ser um vampiro tinha suas vantagens, e nesse instante agradeceu ter a força suficiente para levar Vivian nos braços até o sofá e deitar-se ali com ela. Esse móvel, estofado de veludo, não era grande o bastante para os dois, mas se arrumaram bastante bem.

Outra vantagem de sua condição era o pouco tempo de recuperação que necessitava. A metade inferior do corpo de Temple não demorou muito em recordar o quanto gostava de estar dentro de Vivian. Quando ela sentiu sua ereção lhe acariciando o estômago sorriu.

—Contigo não tenho vergonha —confessou—. Acredito que não há nada que não deixasse me fazer.

OH, Deus. Isso que saiu da garganta de Temple foi um grunhido?

—É a mulher mais incrível que conheci.

Ela se ruborizou um pouco, mas não afastou o olhar.

—Sempre me pergunta o que quero que me faça. E você o que quer?

Fazê-lo de costas. De pé. De lado. Sentir seus lábios sobre sua pele enquanto ele a devorava com os seus. Tantas coisas.

—Quero que sente em cima de mim —disse—. Com o cabelo solto.

Ela arqueou as sobrancelhas.

—Isso é tudo?

—No momento —respondeu com um meio sorriso.

Ela o olhou ardente e se ergueu para soltar a trança. Puxou o laço e desfez as pesadas mechas até que sua magnífica cabeleira caiu sobre seus ombros como um delicado rio de fogo sobre os montes de alabastro.

Temple também se sentou, e afundou os dedos nessa cascata. Em numerosas ocasiões tinha ouvido comparar o cabelo de uma mulher com a seda, mas no caso de Vivian era algo mais que uma comparação. Sua cabeleira brilhava e escorregava como cetim, e era longa e espessa. Por certo que chegava abaixo da cintura.

—Pesa? —perguntou-lhe.

Ela deu de ombros.

—Na verdade não, mas suponho que estou acostumada. — Passou uma perna por cima dele —. Há algo que quero que faça por mim.

Teria concordado em fazer qualquer coisa que pedisse assim que ela o deslizou em seu interior com um delicado movimento.

—O que?

Vivian começou a mover-se. Acima e abaixo. Acima e abaixo. Muito devagar, maravilhosamente devagar.

—Quero que me morda. Quero sentir suas presas penetrando minha pele ao mesmo tempo que seu corpo se funde com o meu. Quero saber que uma pequena parte de mim passa para seu interior.

Temple se estremeceu. Dizia coisas perfeitas a cada momento. Sentiu um comichão nas gengivas e logo se contraíram para empurrar as presas até sua máxima extensão.

Vivian inclinou o pescoço para um lado, dando pleno acesso à veia que pulsava ali. Ele enredou uma mão em sua cabeleira e se aproximou. Mordeu-a com suavidade, procurando um modo de lhe dar o máximo de prazer com a mínima quantidade de dor. Ela estremeceu, e o doce sabor de seu sangue se deslizou pelos lábios de Temple. Enquanto ele bebia, os movimentos da jovem se aceleraram, seus gemidos se tornaram mais intensos, e o vampiro fechou os olhos e desejou com todas as suas forças que também ela fosse vampiro, para assim poder elevar essa união a um nível mais profundo.

Mas Temple jurou a si mesmo que jamais voltaria a converter outro humano, e embora não o tivesse feito, não sabia o que poderia acontecer se tentava com alguém com o sangue de Vivian. Não, isso era o mais perto dela que ia chegar.

O clímax os enrolou de novo, e ele não teve que continuar pensando nessa triste realidade.

O amanhecer era uma pálida sombra no céu quando Marcus se plantou nu frente à janela. Ver sair o sol não era nada novo para ele; de fato, era tão normal como ver como se punha, mas era a primeira vez que compartilhava esse momento com uma preciosa moça que fazia pulsar seu coração mais rápido que eram capazes de assumir seus pulmões.

Shannon estava de pé ao seu lado, também nua. Havia algo muito natural e ao mesmo tempo muito sensual em ter seu forte e esbelto corpo colado ao dele, sem vergonha e sem remorsos.

—Seguro que logo vou lamentar —disse ela de bom humor quando Marcus lhe acariciou o braço com os dedos—. Hoje não servirei para nada.

—Acredito que me ocorrem um par de coisas para as que serviria —disse ele, mordendo seu ombro.

Shannon riu e lhe passou a mão pelo cabelo, despenteando o de tal modo que Marcus não pôde evitar sorrir como um idiota. Seguro que o amor era o presente que Deus dava aos homens para compensá-los por tudo de mau que havia no mundo.

Atraiu-a para ele com força, sentindo como as costas lhe acariciavam o torso, maravilhando-se que seus corpos encaixassem como peças de um quebra-cabeças. Ia dar um beijo quando algo captou sua atenção.

Intrigado, olhou pela janela e viu uma pessoa se afastando do edifício através do prado.

—É a senhorita CooperBrown? —perguntou.

Shannon olhou na mesma direção.

—Sim.

Que sua amante parecesse tão pouco surpreendida deveria ter satisfeito a curiosidade de Marcus, mas não foi assim.

—Freqüentemente escapa às escondidas?

—Não, mas ultimamente mais que antes. Nos últimos seis meses mais ou menos, fez também algumas viagens. Estamos convencidas que arranjou um namorado. Alguém que trabalha tanto como ela merece ter um amante.

Marcus gostou que fosse tão leal e lhe deu um carinhoso apertão para demonstrar.

—E o que me diz de uma jovem que trabalha muitíssimo? Também merece um amante?

Ela deu meia volta entre seus braços e se abraçou a ele.

—É obvio —ronronou—. A questão é, o que fará esse amante para ser digno dela?

Marcus a pegou nos braços e, entre risadas, levou-a até a cama. Deitou-se a seu lado sobre o colchão, enredando seus braços e pernas com os de Shannon, mas antes que o precioso corpo de sua amada, e todas as coisas que queria fazer, o fizesse perder a razão, Marcus não pôde evitar perguntar-se aonde diabos ia a senhorita Kimberly CooperBrown.

E com quem ia encontrar-se.

Capítulo 16

Depois do «incidente» com Temple no salão, em vez de retornar a seu próprio quarto Vivian foi com ele ao seu. Queria perguntar um monte de coisas agora que já não se sentia como se o mundo caísse sob seus pés.

E além disso não queria dormir sozinha.

Ela jamais tinha dependido de outra pessoa emocionalmente, mas com ele estava passando justamente isso. A força que emanava de

Temple a reconfortava, e quando às vezes pensava que ninguém a queria, que jamais encontraria uma pessoa que sentisse algo assim por ela, só tinha que olhá-lo e comprovar que isso não era verdade.

Sentia-se assim cada vez que a tocava, como adorava seu corpo com o dele. Cada vez que estavam juntos, era como se a Temple o que mais importasse fosse lhe agradar, e sempre sabia exatamente como consegui-lo.

E Vivian o conhecia o suficiente para saber que quando estava assustado, ou quando não queria reconhecer o que de verdade sentia por ela, optava por ficar furioso. Quando Vivian caiu naquele buraco do bosque, Temple se zangou muito porque ela se machucou, não porque tivesse foi reunir-se com alguém para mandar uma carta a Rupert. Estava certa disso porque Agnes contou que ele, muito preocupado, perguntou como se encontrava depois que se ocuparam de suas feridas.

O vampiro sentia algo por ela, e desde a morte de sua mãe ninguém tinha lhe dado tanto carinho, embora ele optasse por expressá-lo com indiretas.

Sua mãe tinha sido uma boa mulher, e merecia um homem muito melhor que o que a sorte lhe presenteou. Igual a Temple, escondia suas emoções, mas sempre tinha sido carinhosa com Vivian e seus irmãos. Pensando bem, talvez a ela sim tinha tratado de um modo diferente do resto. Possivelmente sua mãe sabia a verdade. E podia ser que essa atenção extra fosse o que tinha terminado por pôr seu pai contra ela. Este odiava qualquer um que fosse mais importante que ele.

Quando Vivian se inteirou que o homem tinha morrido, retornou a sua casa sem perder um segundo. Não para assistir ao funeral, mas para assegurar-se que não o enterrassem junto de sua mãe. Aquele lugar era só para ela. Seu pai enterraram em uma vala comum, na parte detrás do cemitério. Villiers lhe deu dinheiro para que comprasse uma lápide para sua mãe, muito bonita, com esculturas de anjos.

Agora, sabendo o que sabia sobre sua linhagem, supôs que sua mãe

seguiria com vida se soubesse nadar. Seu pai disse que se afogou, e não havia modo algum de saber se era verdade o que tinha acontecido.

—Como é possível que Villiers tenha sido tão bom comigo e tão mau com todos outros? —perguntou-se em voz alta, deitada no escuro quarto.

Temple deslizou um braço ao seu redor, apertando-a contra seu torso.

—Porque queria te manter ao seu lado. Queria que estivesse agradecida.

Essa era a pura verdade, e Vivian sabia. Inclusive estava agradecida que o vampiro o dissesse, mas desejava com todas as suas forças que não fosse assim. Teria gostado que Temple dissesse que tinha sido assim porque ela era a única pessoa que Villiers tinha querido realmente.

Quando tinha começado a pensar nele como Villiers e não como Rupert?

—O que quer de mim? —perguntou a Temple, aproveitando que ele não podia ver seu rosto—. E não me diga que nada, somos muito inteligentes para essa resposta.

Ele tinha rido?

—Quero muito mais que sua gratidão —respondeu em voz baixa, e deu um suave beijo na testa.

Quanto podia ver na escuridão? Ela só podia senti-lo. Era desconcertante estar em desvantagem.

—Não tenho muito mais para te dar. —Sorriu no caso dele poder vê-la—. Já te entreguei meu corpo e meu sangue. E também minha lealdade. Que mais quer?

Temple deslizou uma mão pelas costelas dela e a deteve justo em cima da parte esquerda de seu seio.

—Quero seu coração.

E o dito órgão começou a pulsar descontrolado. Temple riu, e seu

fôlego acariciou a bochecha de Vivian.

—Vê? Ele também me quer.

Possivelmente deveria ter vergonha que o vampiro soubesse o poderoso efeito que exercia sobre ela, mas não tinha. Estava quase convencida que provocava o mesmo efeito nele. De fato, se fosse humano, seguro que o coração de Temple pulsaria tão depressa como o seu.

—Por que? Sou a afilhada de seu inimigo. Mantive você prisioneiro em uma cela. O persegui até aqui. Lutei contra você. Tem motivos de sobra para desconfiar de mim. Em nome de tudo que é sagrado, por que me quer?

Acariciou a pele da parte exterior do peito com o polegar.

—Não sei, mas quero. E não me importa ser seu prisioneiro. Eu adoraria que voltasse a me perseguir. Quero confiar em ti tanto que te entregue toda minha confiança. Não acredito que devemos questionar estes sentimentos, Vivian. Simplesmente existem.

Acariciou seu torso com os dedos, recreando-se no pêlo que o cobria.

—Não vou —disse, contendo a respiração à espera da discussão que sabia que iam ter—. Prefiro ficar e lutar ao seu lado que fugir como uma covarde.

Sentiu, já que não enxergava nada, como ele franzia o cenho.

—Quero que fique a salvo.

—E quer me demonstrar que não vai me usar. Sei, Temple. Mas não vou e permitir que enfrente tudo isto sozinho. Necessita toda a munição que possa reunir para atacar Rupert, e eu estou me oferecendo para ser sua arma secreta.

—Não posso deixar que faça isso.

—Não pode me deter —respondeu com um sorriso.

—Que teimosa é —riu ele.

—Acredito que alguém da escola trabalha para a Ordem, ou ao

menos para o Rupert. —Como era possível que não se desse conta disso antes?

Se apoiou no antebraço e de repente ficou sério e em estado de alerta.

—Como sabe?

—O dia em que me encontrei com o mensageiro no bosque, disse que só tinha que deixar minhas mensagens sob uma pedra junto da estátua de Lilith que há no jardim, e que ali encontraria também minha correspondência. Se for assim, alguém tem que pô-la ali. Alguém com acesso ao jardim.

—Olhou se tinha alguma carta?

Ela negou com a cabeça.

—Não. Depois do acidente foi impossível, e logo dei por certo que não haveria nada pois eu ainda não tinha respondido. —Que estranho, pensando bem, dava-se conta que então já desconfiava de seu mentor. Se não, teria se assegurado de enviar alguma nota.

—Vou ver.

Vivian o deteve com uma mão no ombro.

—Já amanheceu. Não pode sair.

Temple se deitou na cama soltando uma maldição.

—Irei eu —disse ela, saindo dentre os lençóis.

Voltou a franzir o cenho, mas só disse:

—Não demore.

Vivian sorriu. De verdade se preocupava que saísse ao jardim? Ninguém nunca tinha se preocupado antes por ela, ou ao menos não que pudesse recordar.

Pegou um pouco de roupa e se fechou o casaco para que não se notasse que não levava espartilho, e correu escada acima. A casa estava em silêncio, exceto por alguns ruídos procedentes da cozinha; as criadas já tinham começado sua jornada. Talvez logo pudesse tomar o café da manhã com elas. Seu estômago começava a queixar-se de fome.

Fora, o sol ainda estava subindo no horizonte, mas os pássaros trilavam por entre os ramos. O orvalho empapava a relva e, ao correr, molhou as botas e as calças.

A estátua estava onde havia dito seu informante. E em sua base havia uma pedra solta. Vivian a levantou com facilidade e chegou ao compartimento que se ocultava debaixo. Dentro havia um envelope.

Tinha acertado, mas isso não a alegrou. Com o mensageiro morto, a única explicação possível para justificar que ali houvesse uma carta era que a tivesse colocado alguém que trabalhava na escola. Quem poderia conhecer a existência desse esconderijo? Quem poderia entrar e sair sem que ninguém se desse conta?

Esperou retornar aos aposentos de Temple, estar na cama com ele, para abrir o envelope. Efetivamente, era de Rupert. O vampiro tampouco achou graça que a teoria de Vivian estivesse certa.

—O que diz? —perguntou.

Ela decifrou o código com rapidez. Eram só umas poucas linhas.

—Pergunta se tudo vai bem e por que não tenho escrito. Ele a olhou nos olhos com tanta intensidade que a jovem ficou na defensiva. —Não acredita?

Temple sentou.

—Acredito. Estou pensando que possivelmente deveria responder.

Vivian seguiu o raciocínio do vampiro.

—Quer ver quem recolhe a carta?

Ele assentiu.

—Talvez o façam durante o dia, mas estou certo que deixam um rastro atrás de si. Dado que a maioria do pessoal se mantém afastado do jardim, será fácil descobrir quem é nosso traidor.

E se era uma de seus amigos?

—Possivelmente essa pessoa não saiba que está sendo um traidor —sugeriu ela—. Talvez creia que está entregando cartas de amor.

Ele a olhou incrédulo, mas não discutiu.

—Pode responder hoje mesmo?

—É obvio. O que quer que diga?

—Diga que os outros estão aqui, e que teme por sua segurança. Diga que quer ir embora.

—Acredita que organizará um encontro?

—Confio que ao menos te dirá onde é seu esconderijo —disse como se estivessem falando de uma aposta.

—Ele não correrá o risco que termine ferida. —Disso estava segura—. Sou muito valiosa para ele. Villiers me mandou atrás de você porque sabia que você se sentiria atraído por meu sangue. Estava convencido que jamais me faria mal.

Temple arqueou uma sobrancelha.

—Conhece-o melhor do que acreditava.

Ela negou com a cabeça.

—Não o conheço absolutamente, mas sei como funciona sua mente. Mais tarde escreverei a mensagem e a deixarei na estátua.

—Se tivermos sorte —disse ele—, descobriremos algo mais que Payen e Violeta.

—Não descobriram nada?

Temple se deitou na cama, com os braços cruzados sob sua cabeça.

—Se o tivessem feito, já nos teriam informado.

Sim, Vivian supôs que ele tinha razão. E, então, um pensamento horrível veio a sua cabeça.

—Ouviram-os retornar?

Ele bocejou e assentiu.

—Justo antes que amanhecesse.

O alívio de Vivian foi quase evidente. Por pouco que gostasse de Violeta, não queria que acabasse morta.

Deus, seu mundo se pôs de pernas para o ar em muito pouco tempo. Era quase impossível assimilar tudo.

—Está muito calada —disse Temple depois de um momento,

enquanto acariciava seu braço com a mão—. No que está pensando?

Ela optou por ser sincera, sem importar as conseqüências.

—Estava-me perguntando se voltarei a te ver quando tudo isto acabar.

—Vivian...

Com o coração no punho, colocou um dedo nos seus lábios.

—Não precisa que diga nada. Sei que o que temos é algo temporário, tanto se dura quatro semanas como quarenta anos.

—Não posso te fazer nenhuma promessa. Agora não.

“E mais adiante?”, quis perguntar.

—Não pedi isso. —Soou como se estivesse na defensiva, mas não pôde evitar—. Nem tampouco te ofereci nenhuma em troca. —Mas dar o coração a alguém equivalia a uma promessa, não? Deveria significar algo.

Temple suspirou. Vivian também. Deveria ter ido para sua cama.

—Tenho que te contar uma coisa.

Ah, Senhor. Uma história que começasse com essa frase não podia ser nada boa.

—É sobre uma mulher? —Acaso não era sempre?—. Uma a que fez uma promessa.

—Sim. —A voz de Temple soava distante, longínqua.

—Quem era?

—Chamava-se Lucinda.

Era um nome muito antigo e muito romântico. Muito mais exótico que Vivian, ou pelo menos pareceu a ela. Certamente também era muito formosa. E delicada. Uma mulher normal que tinha vestidos preciosos e andava sempre bem penteada. Uma mulher que fazia beicinho em vez de dar murros.

—Amava-a?

—Sim. Era a mulher mais...

—Não preciso saber nada mais que isso. —Não se importou em

parecer pouco interessada, nem que pensasse que estava ciumenta. Não se sentia nada interessada, e estava ciumenta. E além disso era uma estúpida. Estava se comparando com uma mulher que não sabia nada e que, evidentemente, ou estava morta ou já não formava parte da vida de Temple.

Fosse o que fosse que ele pensasse de sua falta de compreensão, o guardou para si.

—A história não é sobre se a amava ou não.

—Continua. —Tratou de parecer interessada. Não custou muito, considerando que a curiosidade doentia estava acostumada a manifestar-se em forma de interesse.

—Confiei nela. Pensei que era a mulher destinada a estar comigo. Ela sabia o que eu era, e me disse que queria permanecer ao meu lado para sempre. E eu acreditei.

Vivian tragou saliva. Não precisava ser muito inteligente para saber que aquela história não tinha um final feliz. Se fosse assim, Temple não estaria ali com ela.

—Converteu-a em vampiro?

—Sim. Não é nada fácil, sabe? O vampiro que quer converter a um humano tem que ter vários séculos de vida e ser o bastante forte para dar seu sangue.

—Não sabia.

Ela sentiu que se removia inquieto.

—Não muita gente sabe. A pessoa que vai ser transformada tem que possuir certas qualidades para sobreviver ao transe.

—Como quais?

—Para começar, uma mente sólida e vontade de sobreviver. A conversão pode causar danos que vão além do físico. Algumas pessoas ficam transtornadas para sempre.

Havia uma nota distante na voz de Temple, como se já não estivesse junto a Vivian, mas sim com essa mulher da que ela estava tão

ciumenta.

—Foi isso o que aconteceu com Lucinda?

—Sim. Tem que entender que antes que a transformasse era uma boa mulher. Das melhores.

—A odeio. —As palavras saíram antes que pudesse as deter—. Sinto.

Temple riu.

—Não é nada. Eu em ocasiões também odeio Villiers pelo simples fato que te conhece há mais tempo do que eu. De que te conhece melhor que eu.

—Não é assim. —Passou a mão pelo ombro, massageando os músculos dessa zona—. Não me conhece melhor que você. —Ele gemeu no mais profundo de sua garganta e Vivian sorriu—. Conta mais sobre a Lucinda.

—Depois de converter-se em vampiro, mudou seu modo de ser. Gostava de ser forte, e ter reflexos tão rápidos. Gostava de matar. Matou uma família inteira. Tinham cinco filhos.

Vivian lhe apertou o ombro.

—Sinto muito. Abandonou-a?

Temple riu com amargura.

—Não. —Fez uma pausa—. A matei.

—Cometeu uma estupidez vindo aqui. —Rupert tratou de conter seu mau humor. Kimberly seguia sendo de vital importância para seus planos—. Alguém poderia ter te visto.

Ela passou na frente da mesa.

—Ninguém me viu. Saí antes que o pessoal despertasse e depois que os vampiros foram para a cama.

—E o condutor da balsa não estranhou que fosse à outra ilha a estas horas?

—Disse que tinha convidados e que necessitava mais provisões. O que não é precisamente mentira. Meu chofer está se encarregando disso neste preciso instante.

—E com quem acredita que está? Disse que queria estar a sós com seu amante?

A muito tola se ruborizou.

—É obvio que não. —massageou as têmporas com seus delicados dedos—. Tudo isto de andar com tanto mistério é exaustivo.

Lhe deu uma taça de xerez.

—Tudo terminará logo, querida. Não se preocupe.

Kimberly aceitou a bebida agradecida.

—Sinto me queixar. Você também tem que estar impaciente para que tudo isto termine, e eu vou e tenho um chilique como se fosse uma menina pequena.

Rupert sorriu. Era um sorriso falso que lhe esticou os lábios, mas sua convidada pareceu não dar-se conta.

—O que é tão importante que queria me contar?

Ela esvaziou a taça.

—Ah, sim. Vivian já sabe quem é.

Ele acreditou que não tinha ouvido bem.

—E quem é?

Kimberly o olhou como se fosse tolo.

—Uma descendente de Lilith. Acreditava que não ia descobrir?

Pois sim, acreditava.

—Prometeu-me que não diria nada. —Sentia um comichão nos dedos de tanta vontade que tinha de estrangulá-la. Bastaria um ligeiro apertão e se livraria dela e de sua boca grande para sempre.

—E não o fiz. Foi Temple quem contou tudo.

O vampiro disse? Isso sim era interessante. Poderia utilizá-lo a seu favor, estava convencido.

—Como reagiu Vivian?

—Ficou atônita, claro, mas logo começou a assimilar. —Seus grandes olhos se pousaram nos do homem—. A está perdendo, Rupert. Sua lealdade pertence agora aos vampiros.

A ele lhe fez um nó na garganta e foi impossível beber o brandy.

—Engana-se.

Kimberly o olhou com tanta pena que esteve tentado a matá-la naquele mesmo instante.

—Deita-se com ele. São amantes. Está quase recuperada de sua queda no bosque, Temple lhe disse que pode ir embora quando quiser, e, apesar de tudo, segue ali.

Ele desviou a vista.

—Faz isso para recolher informação para mim.

—Payen e Violeta Carr chegaram ontem à noite.

Rupert ficou gelado, paralisado por uma mescla de raiva, medo e algo que não podia nomear. Sentia frio e calor ao mesmo tempo, notou seus joelhos rígidos e trêmulos ao mesmo tempo. Não se voltou. Não se atrevia a fazê-lo.

—Violeta?

—Sim. —Havia uma enorme satisfação na voz de Kimberly. Seguro que acreditava que ele já era seu—. Quanto tempo acredita que demorarão para contar tudo? Se já não o fizeram.

—Vivian jamais acreditará que eu possa ser um vilão. —Tinha sido muito bom com ela. Quase como um pai. Não ia permitir que isso acontecesse!

Rupert ouviu que sua convidada se levantava e pelo som de sua saia soube que se aproximava dele.

—Ocultou muitas coisas, e agora os vampiros contaram tudo. Imagine o que terão dito os Carr. Vivian talvez possa te perdoar por suas outras atividades, mas não há desculpa para o que lhes fez.

Kimberly não sabia o que ele tinha feito. Não sabia quase nada a respeito de suas outras «atividades». Só estava jogando verde para ver

se caía e lhe contava algo, mas não estava se saindo muito bem.

—Tem que trazê-la aqui —anunciou, dando a volta de repente. Ela estava colada nele, a centímetros de distância, observando-o como um gato contemplaria um camundongo enorme.

Mas Rupert não era nenhum camundongo, mas sim um rato muito, muito grande que não pensaria duas vezes antes de partir aquela gatinha em duas.

—Quer que a traga aqui? —A mulher abriu os olhos surpreendida—. E como pretende que faça isso?

Sorriu com debilidade.

—Pensará em algo. Sempre o faz.

Vivian não reagiu como Temple tinha previsto ao inteirar-se que era um assassino.

—Sinto—disse ela, rodeando-o com os braços—. Deve ter sido horrível para você. Por que não o fez um de seus amigos?

—Não estavam ali —se limitou a responder—. Além disso, era meu problema.

—Eu o haveria feito por você, para que assim não tivesse que fazê-lo.

Temple sentiu um nó na garganta. Embora estivessem falando de um assassinato, nunca antes ninguém tinha mostrado tal consideração. Era... agradável.

E se alguém não tivesse chamado em sua porta nesse preciso instante, teria demonstrado o muito agradável que lhe parecia.

Temple farejou.

—Reign. E Olivia. —Saiu da cama de um salto e se vestiu ao mesmo tempo que corria para a porta. Deus, esperava que não acontecesse nada de mau à esposa de seu amigo. Nem a seu bebê.

Um abajur junto à cama cobrou vida. Vivian tinha encontrado os

fósforos que guardava na mesinha, e parte do quarto ficou alagada por aquela cálida luz. Ela pegou uma bata, e ele esperou que atasse o cinturão para abrir a porta.

A expressão de Reign era de absoluta preocupação, e a pobre Olivia se via pálida e esgotada, mas Temple não pôde cheirar sangue nem nenhuma enfermidade, assim que tudo estava bem. De fato, Olivia cheirava muito bem, limpa e doce como uma fruta em seu ponto. Cheirariam assim todas as vampiras grávidas? Temple teve vontade de sorrir.

—O que aconteceu? —perguntou, tratando de dissimular a alegria que sentiu com a presença de Olivia.

Reign olhou sua esposa e logo seu amigo.

—Nós gostaríamos de ver Vivian, se te parecer bem.

Temple fez uma careta diante de tanta formalidade.

—É obvio que sim. Entrem.

Reign colocou a mão nas costas de sua mulher e ambos entraram no quarto. Temple fechou a porta atrás deles e viu que Vivian estava de pé junto à cama; com a cabeleira solta e alvoroçada, parecia um anjo caído.

Reign tampouco pôde permanecer imune, e ficou olhando-a fascinado. Mas em seu olhar não havia o menor rastro de desejo, assim Temple não teve vontade de lhe arrancar a cabeça.

—Sinto o incômodo —disse Reign a Vivian, e Vivian sorriu, como fazia a maioria das mulheres ao ouvir a formosa voz de barítono de Reign. Maldito fosse aquele homem—. Olivia não podia dormir e uma das garotas nos disse que sua mãe era parteira.

—Ah, sim? —Temple a olhou—. Não sabia.

Vivian sorriu e zombou:

—Ocultei isso de propósito. —E logo, quando esteve segura que ele se sentia como um completo idiota, centrou sua atenção em Olivia e Reign—. Era sim, antes de morrer me ensinou algumas das coisas que

sabia.

Temple observou como Vivian levantava a mão e a colocava em cima do abdômen de Olivia.

—Posso senti-lo... Seu filho.

Reign franziu o cenho. Olivia parecia ter muito melhor aspecto que antes de entrar.

—Sério? — Vivian assentiu.

—Sempre que estou perto de um vampiro sinto um comichão. Contigo é mais forte. —Fixou o olhar no da outra mulher—. O que posso fazer para te ajudar?

—Pode nos dizer se o bebê será um vampiro? —perguntou Reign com tanta impaciência que Temple também se preocupou—. Está bem?

Vivian sacudiu a cabeça.

—Não sei, mas pelo que sinto tudo é normal. De fato, o comichão que experimento estando perto dela é muito mais agradável que com outros.

Olivia lhe pegou a mão.

—Tenho que pedir um favor.

—Peça.

Temple sentiu um salto no coração ao ver a generosidade da jovem. Olivia sorriu.

—Já que é descendente de Lilith, tinha pensado que... Quer dizer acredito que você...

—Quer beber um pouco de meu sangue? —Direta como de costume, Vivian formulou a pergunta com um sorriso, e quando a outra mulher assentiu se limitou a mover os ombros para tirar importância do gesto—. Claro, se acredita que isso pode ajudar. Nos sentemos. — Acompanhou-a até um sofá que havia perto da parede.

Reign as seguiu.

—Às vezes meu sangue a faz sentir melhor, mas não quer beber de mim muito frequentemente.

—Agora não —explicou Olivia—, não quando necessita de todas suas forças. —Não teve que dizer nada mais. Pela expressão de Vivian, Temple soube que tinha entendido à perfeição. Olivia não queria que seu marido estivesse fraco tendo a Palma de Prata tão perto.

—Acredito que poderei te ajudar. —Vivian se sentou no sofá e indicou a vampira que se sentasse do seu lado—. Enquanto bebe meu sangue, tratarei de fazer algo que minha mãe costumava ensinar às mulheres grávidas.

Olivia nem pensou. Ajeitou a camisola e a bata e se sentou no sofá, e quando Vivian indicou que se apoiasse nela, assim o fez.

—Relaxe —disse a jovem—. Posso sustentar seu peso sem nenhum problema; confia em mim. Isso está muito melhor. —Ofereceu-lhe o pulso—. Vá em frente.

Temple observou Olivia segurar com delicadeza o braço de Vivian entre suas mãos e logo lhe furar a pele com as presas. Vivian apenas se alterou. Depois, respirou fundo, colocou a outra mão no estômago de Olivia e fechou os olhos.

Ver aquelas duas mulheres juntas tal como estavam, poderia ter sido uma cena terrivelmente erótica, mas não foi assim. Temple ficou de pé junto a Reign e ambos contemplaram como algo maravilhoso acontecia diante de seus olhos.

Passados uns instantes, Olivia levantou a cabeça. Lambeu as feridas do pulso de Vivian e limpou a boca com o dorso da mão.

—Agora —disse a jovem—. deite aqui e deixe que converse com a pequena pessoinha que leva aí dentro.

Se alguém tivesse contado aquilo a Temple, não teria acreditado, mas ao vê-lo, não teve mais remédio que fazê-lo. Olivia fez o que Vivian dizia, e esta embalou a vampira como se fosse uma menina, e com a mão ainda em seu estômago, começou a cantar uma canção em um idioma que Temple achou desconhecido.

—Gaélico? —perguntou Reign em um sussurro.

O outro negou com a cabeça.

—Não sei. Se for, é muito antigo.

Reign deu de ombros.

—Põe-me os cabelos em pé.

Temple colocou as mãos nas costas, lhe acontecia o mesmo. Vivian tinha uma voz delicada, mas não era isso o que parecia do outro mundo. O vampiro sentia como se pudesse entender o que estava dizendo, apesar que as palavras não tinham sentido. A canção era sobre amor e consolo, sobre calidez e doçura. Seria uma canção de ninar? Uma canção de ninar muito antiga.

Os dois homens seguiram ali de pé, observando em silêncio como a tensão desaparecia do rosto de Olivia, e era substituída por uma calma similar a de uma Madonna. Vivian manteve uma mão sobre seu estômago enquanto com a outra lhe massageava a testa, acariciando também o cabelo.

Como faria qualquer mãe.

Temple sentiu um calafrio. Não foi necessariamente uma sensação desagradável, mas ver sua amada daquele modo, teve a estranha sensação que não era ela mesma. Talvez fosse sua imaginação, ou um efeito da luz, possivelmente tudo se devesse a seu romantismo, mas parecia que Vivian estava diferente, que tinha mudado diante de seus olhos. Que já não era uma jovem oferecendo consolo à esposa de um amigo, mas sim Lilith em pessoa, dando amor e ânimo a um de seus filhos, exercendo sua magia através do sangue e de uma canção.

—É uma mulher incrível —murmurou Reign, com a voz transbordante de gratidão e alívio.

—Realmente —respondeu Temple.

E quando Vivian abriu os olhos e o olhou, reconfortou-o ver que era só ela mesma, mas viu também a força que desprendia, e o poder que sentiu o deixou sem fôlego.

E então entendeu por que as mulheres da escola a consideravam

uma deusa: porque era.

Capítulo 17

Mais tarde, nessa mesma manhã, Vivam escreveu a resposta a Villiers e a deixou na estátua, tal como tinham indicado. Então, alternou-se com Marcus para vigiar o jardim detrás de uns arbustos.

Estar de guarda era um trabalho tedioso, assim Marcus se entreteve cavando um pequeno buraco perto dos arbustos, em um lugar muito promissor, com suas ferramentas de arqueologia. Para sua surpresa, descobriu uma parte de uma jarra que parecia de origem romana. Saberla melhor quando a tivesse limpo bem.

Estava tão contente com o achado que quase não viu uma mulher que entrava no jardim em direção à estátua do Lilith.

O som dos passos no cascalho o fez levantar a cabeça, e pôde distingui-la através do mato.

Uma jovem tinha aberto o compartimento secreto e tirado a carta. Era Agnes. Marcus a reconheceu. A garota deixou de novo a pedra em seu lugar, e, olhando rapidamente por cima do ombro, saiu correndo com a carta escondida no bolso do avental.

Interessante. Depois de tirar as luvas, Marcus envolveu as ferramentas e se dirigiu à casa. Vivian e os outros o esperavam na sala de estar, às escuras. Depois de ter estado no sol, seus olhos demoraram um momento em acostumar-se à falta de luz.

—Chegou cedo —comentou Temple—. O que descobriu?

Marcus se voltou para sua voz, virtualmente às cegas.

—É Agnes.

Ouviu-se um aflito suspiro que só podia vir de Vivian. Então disse:

—Não posso acreditar que Agnes seja uma traidora da irmandade.

—Não acredito que seja —respondeu Marcus, que por fim já podia distingui-la—. Imagino que a convenceram que os ajudasse pelo bem da irmandade. —Olhou um instante Vivian, que permanecia em silêncio. Perguntava-se como devia sentir-se agora que sabia que tudo aquilo que tinha acreditado era mentira.

—Pegarei a próxima balsa para ir a terra firme —disse o jovem. Era perto de meio-dia e, além de Vivian e Molyneux, ele era o único que podia ir—. Estou convencido que Agnes irá também nele.

—E o que fará depois? —Perguntou Chapel—. Se aparecer de repente no navio não acredita que ela suspeitará de algo?

Marcus tirou do bolso o anel com o selo que tinha «tomado emprestado».

—Não, se levar isto.

—De onde demônios o tirou? —Quis saber Temple ficando em pé de um salto.

—O tirei de um homem que me atacou —respondeu o outro imediatamente—. Pensei que poderia servir em algum momento. E, ao que parece, tinha razão.

Saint sorriu.

—Demonstrou ser muito útil, senhor Grei.

—Tento—respondeu Marcus devolvendo o sorriso. Então colocou o anel no dedo. Era um pouco folgado, mas não tanto que resultasse suspeito—. Com um pouco de sorte, Agnes me levará diretamente ao cabeça da Ordem.

—Vá com cuidado —advertiu Temple—. Não se faça notar muito, e não corra riscos desnecessários.

—Sim —respondeu Marcus direto—. Sou brilhante, sei. Não precisa que me agradeçam.

Temple esboçou um falso sorriso.

—Modesto como sempre, senhor Grei. Mas não deixe que o façam

prisioneiro. Odiaria ter que dizer à ordem que o matassem se tentassem negociar com sua vida.

Marcus não teve mais remédio que lhe dar razão.

—Um bom argumento. —Olhou seu relógio de bolso—. É melhor que vá. Se não tiver voltado ao anoitecer...

—Não voltará. —Bishop acabou a frase com um sorriso.

Humor vampírico. Tão divertido como de costume.

—Encontraremos você —assegurou Chapel. Marcus fez um gesto de gratidão. Era bom ver que algum deles valorizava sua vida, sobretudo quando tentava salvar seus imortais traseiros.

Fosse como fosse, tinha que reconhecer que desfrutava do perigo e do mistério. Sentiria falta quando tudo acabasse? Certamente que não. Se sobrevivesse, seria feliz voltando para seus livros e sua tranqüila vida que consistia em desempoeirar o passado.

Deixou o grupo e se dirigiu rapidamente aos estábulos. Selou um cavalo e partiu sem perder um segundo. Chegou a tempo ao cais. A balsa, um navio desmantelado, estava esperando. Só havia outra pessoa pronta para embarcar, e era Agnes. O capitão do navio disse que podia levar o cavalo se quisesse mas que teria que pagar uma sobrecarga. Marcus pagou e subiu no navio com sua montaria.

A moça estava junto do corrimão, deslocando o peso de seu corpo de uma perna a outra, obviamente nervosa. Marcus foi direto para ela.

—Olá, Agnes —disse enquanto acariciava o pescoço do cavalo—. Posso te fazer companhia?

O sol iluminou o selo de prata que brilhava em seu dedo, e seu reflexo captou imediatamente a atenção da jovem. Olhou o anel e, ao reconhecê-lo, se iluminou a cara e lhe deu um grande sorriso.

—É obvio, senhor Grei.

Marcus sorriu também. Com sorte, o resto seria muito fácil.

Quando Marcus voltou para a escola, nesse mesmo dia, disse aos vampiros onde Agnes tinha levado a nota. Era uma pequena casa de campo perto do povoado. Bonita e limpa, por isso era óbvio que estava habitada. Não era o suficientemente grande para refugiar um exército. E tampouco parecia estar equipada para reter prisioneiros.

Quando caiu a noite, Payen e Violeta, junto com Bishop e Marika, sobrevoaram o lugar para investigar com seus agudos sentidos de vampiro. Voltaram em menos de duas horas.

—Está claro que Villiers esteve ali —informou Payen—. Seu aroma estava por toda parte.

—Mas agora já não está —acrescentou Bishop—. E Marcus estava certo, essa casa não pode refugiar toda sua gente, nem acomodar nenhuma equipe.

—Dispõe de outro lugar —concluiu Temple, verbalizando o que todos já sabiam—. Um que não compartilha com o resto, que só visita durante o dia, e que não se arriscará a que encontremos.

—Foi um pouco parecido na Escócia —recordou Reign—. Alguém teria que vigiar a casa até que Villiers voltasse, e segui-lo quando se fosse.

—Poderia ir eu —propôs Vivian—. Se por acaso me vir, não suspeitará de mim.

—Não! —Todos se sobressaltaram ao ouvir Temple. Teve que fazer um esforço para soar calmo—. Suspeitaria se tentasse voltar ou tratasse de nos contatar.

O que não disse é que não queria —nem podia— perdê-la de vista. Não ia arriscar que Villiers lhe pusesse as mãos em cima.

Era um egoísta e um estúpido, nisso se converteu por culpa dela, e não tinha intenção de desculpar-se por isso.

—Irei eu —disse Marcus—. Parte do pessoal já me viu, e pensarão que sou dos seus. Além disso, tenho o selo se por acaso alguém

pergunta. Posso ir antes da alvorada e estar de volta antes que anoiteça.

—Terá que ir a terra firme —recordou Temple—. A balsa chega aqui justo antes do amanhecer.

—Não pegarei a balsa. Alguém poderia desconfiar e fazer perguntas. Conheço um homem disposto a me alugar seu bote por uma pequena soma de dinheiro.

Temple franziu o cenho.

—E quando conheceu esse homem?

Marcus sorriu.

—Quando certa senhorita me pediu que fosse com ela a terra firme e passássemos a tarde juntos.

Bishop e Chapel murmuraram sua aprovação e Pru assentiu com a cabeça e disse:

—Bem feito, Marcus. Encontrou o amor em uma situação muito perigosa. Está seguro que não é um vampiro?

O comentário provocou risadas e Marcus sorriu.

—Estou seguro que não estou apaixonado. Os humanos gostam de levar as coisas com um pouco mais de calma.

Pela extremidade do olho Temple viu que Vivian o olhava, mas quando se voltou para ela, estava contemplando a escuridão do exterior com uma expressão indecifrável.

Amor. Que emoção tão estranha. Pensava que amava Lucinda, mas vários séculos serviam para esclarecer sua mente. Tinha estado obcecado com ela, adorava-a. Mas era amor? Não. Porque quando a matou não quis acompanhá-la na morte, e isso era o que ele sempre tinha entendido por amor. Quando um dos dois amantes deixava este mundo, o outro queria deixá-lo também, porque já não tinha motivos para seguir nele.

Alguns vampiros bastante fortes chegavam a superar a perda, mas temia que ele não era um desses.

Não se atreveria a comentar com Vivian esses pensamentos. A

jovem não o amava, nem acreditava que a amasse. E, embora assim fosse, transformá-la seria muito arriscado. O que aconteceria se ao fazê-lo mudasse também sua personalidade, como Lucinda? Ou, muito pior, o que aconteceria se a afetasse fisicamente? Seu sangue podia ser maravilhoso para ele, mas não sabia o que a seu seria para ela.

—Bem —disse finalmente, afastando o olhar da ruiva que olhava pela janela—. Irá Marcus. Quando soubermos o lugar onde a Ordem quer realizar a operação, iremos e o destruiremos.

—Com o que? —Perguntou Saint—. Não temos outras armas que nós mesmos.

—Fogo —respondeu Temple—. O faremos arder.

Bishop falou em seguida.

—Muitos escaparão. O que acontece se Villiers é um deles? Não podemos nos arriscar a que volte a tentar. —Seu olhar se deteve em Vivian—. Minhas desculpas.

Ela sorriu levemente.

—Obrigado. —E voltou a olhar pela janela.

Temple franziu o cenho, mas se concentrou no que tinham em mãos.

—Estaremos ali, vigiando Villiers. Não escapará.

Como Vivian estava presente, não quis entrar nos macabros detalhes do que faria quando caísse em suas mãos. Mataria-o, estava claro. O dever de Temple com o Graal do Sangue, e para com seus irmãos, obrigava-o a assegurar-se que Villiers não seguisse com vida para que não pudesse fazer mal a ninguém mais.

—Com sorte, tudo terá acabado amanhã de noite. —disse Saint, que tinha pego a mão de sua mulher e os olhou a todos um a um—. Amanhã terá acabado.

—E poderemos continuar com nossas vidas —acrescentou Bishop—. Possivelmente Marika e eu possamos ir visitar você e Ivy.

Marika passou os braços ao redor do pescoço de seu marido, e o

abraçou carinhosamente. A cara de Saint se iluminou, como também a de Ivy. Pelo visto, Saint e Bishop tinham deixado de lado suas diferenças. Bem. Não teria sido bom entrar em batalha com essas discrepâncias entre eles.

E outra vez, a idéia que todos seguissem seu caminho e voltassem a se separar, entristeceu Temple.

Sobretudo se o caminho de Vivian fosse diferente do dele.

Por esse motivo, porque poderia perdê-la em pouco tempo, decidiu acabar a reunião.

—Tenho combustível e tudo necessário para queimar o lugar — explicou—. Só precisamos que Marcus nos indique onde é.

Violeta falou pela primeira vez nessa noite.

—Temos que ir com muito cuidado —avisou—. Villiers sempre tem um plano alternativo. Por isso estive até agora diante de nós.

Reign assentiu.

—Acredito que todos o experimentamos. A ordem, como coletivo, dista muito de ser estúpida.

A mandíbula de Temple se esticou, embora esboçou um rápido sorriso.

—Ainda não conheci nenhum morto preparado.

Esse comentário provocou algumas risadas e, após um instante, o grupo se dissolveu. Alguns foram se alimentar. Marcus se dirigiu para ver o homem do bote para assegurar-se que podia dispor do mesmo pela manhã, e o pai Molyneux disse que ia para a cama. Temple não fez nenhum comentário a respeito, mas suspeitava que o velho sacerdote não viveria muito uma vez tivessem derrotado à Ordem.

Porque tinham que derrotá-la; ou morrer na tentativa.

Cruzou a habitação para onde se encontrava Vivian, junto da janela, e lhe estendeu a mão.

—Vêm.

Ela entrelaçou os dedos com os seus e o seguiu em silêncio para

fora do salão, através da casa e até os quartos do andar de baixo. Uma vez ali, Temple a despiu devagar, a seguir se despiu, e a colocou na cama, cobrindo-a com seu corpo.

O que as palavras não eram capazes de dizer, diriam suas carícias.

Sentado escarranchado sobre suas coxas, com as mãos de ambos os lados de seus ombros, beijou-lhe o pescoço, lambendo com sua língua sua quente garganta, onde seu pulso palpitava como asas de uma mariposa. Degustou-a, saboreando a salgada suavidade de sua pele, e continuou para baixo, à tenra carne entre seus seios, onde roçou com delicadeza sua carne com os dentes, justo para que sangrasse um pouco. Vivian ofegou, arqueando-se contra ele.

Temple levantou a cabeça e a olhou. Seus olhos eram brilhantes à luz do abajur, uma corrente de desejo, e ele um homem desesperado.

—Sem piedade —murmurou—. Não para você. Não esta noite. —la amá-la como se aquela fosse sua última noite juntos.

E pelo que sabia, bem poderia ser que fosse de verdade. Pegou-lhe um peito com a mão, movendo o polegar brandamente ao redor do firme mamilo. Vivian suspirou, animando-o. Era tão receptiva a suas carícias, que seu corpo reagia instintivamente.

Sorridente, Temple baixou sua boca para aquela tensa e rosada carne. Lambendo-a com suavidade. Ela se retorceu de prazer, levantando os quadris. O vampiro a mordeu um pouco mais forte, com as presas, até que estas atravessaram o peito. Vivian gritou, mas não de dor. Nunca de dor. Temple a beijou com doçura, bebendo dela como se fosse o vinho mais delicioso. Suas coxas se separaram, lhe rodeando os quadris, com o que seu impaciente pênis ficou pressionado contra a igualmente espectadora umidade da jovem.

Deus todo-poderoso! Temple gostava de seu sabor, a maneira que ela se movia debaixo dele, a forma que se entregava, como se não soubesse o que significava ter vergonha ou medo. Tão honesta, sua

preciosa amazona, tão formosa, tão dela.

Fechou a ferida e centrou sua atenção no outro peito, infligindo uma tortura similar. Vivian o agarrou pela nuca, apertando-o contra ela enquanto aproximava os quadris ainda mais. Lhe acelerou a respiração, e ele soube que, se não a parava, acabaria alcançando o orgasmo simplesmente movendo-se contra ele.

Não era que não queria vê-lo, mas desejava fazê-la esperar ainda um pouco, aumentando o prazer.

Continuou a descida beijando-a e mordiscando-a centímetro a centímetro, por cima das costelas, afundando sua língua no umbigo. Lambeu-lhe a preciosa curva do estômago, fazendo-a sangrar só levemente. Ficaria uma marca, embora não por muito tempo, tendo em conta como curavam rápido as feridas; mas no momento, ele a tinha marcado como se fosse dele.

Por fim, deitou-se entre suas pernas, esfregando a mandíbula contra seu quadril, e logo continuou baixando até onde sua carne era delicada como a de um bebê, rodeada de uns cachos surpreendentemente avermelhados que brilhavam úmidos.

Cheirava a excitação, quente, molhada e espectral. Sua essência foi direto à cabeça de Temple, a seu coração e a seu sexo. Com cuidado, afastou os lábios de seu sexo, deixando descoberta a rosada pele de seu interior, que resplandecia excitada; seu corpo tremia, antecipando-se, quando ele a lambeu pela primeira vez.

Mantendo-a com as pernas separadas encontrou seu clitóris escondido entre suas escorregadias dobras. A primeira vez que a lambeu foi rápido, atormentando-a. Vivian gemeu, arqueando-se, tentando empurrar seu corpo contra sua boca quando levantou a cabeça. Quando Temple voltou a lambê-la, o fez com mais intenção, com movimentos mais deliberados que a fizeram gemer e afundar os tornozelos no colchão. Lambeu-a de novo, saboreando-a e escutando os pequenos sons que fazia.

A seguir se voltou mais rude, passando sua língua com uma calculada —quase cruel— determinação. Controlava cada movimento, o bastante longo e firme para levá-la ao limite sem chegar a passar deste. Então, quando estava a ponto de suplicar que a soltasse, retorcendo-se de forma lasciva debaixo dele, o vampiro abriu a boca, colocando as presas mais acima, de tal forma que pudesse seguir lambendo-a embora a mordesse.

Chegou ao orgasmo no momento em que as presas a atravessavam. Seu corpo inteiro se arqueou e suas mãos agarraram o cabelo de Temple, aproximando-o ainda mais dela, enquanto se deixava levar pelo prazer que sua boca produzia.

Ele bebeu só uns instantes antes de fechar os orifícios com a língua. Seu corpo se agitou com o simples contato.

—Gostou? —perguntou num tom de macho orgulhoso.

—Mmm —foi a resposta dela. Temple sorriu. Nada o agradava, nada o excitava mais que saber que tinha lhe dado prazer.

—Dê a volta —disse então; sua voz soou baixa e rouca a seus próprios ouvidos.

Vivian não hesitou, e o vampiro se emocionou ao ver a confiança que tinha. Deitada sobre seu estômago, mostrou-lhe as costas e a firme curva de seu traseiro. Temple passou os dedos por sua coluna, para suas nádegas.

—Separa as pernas —pediu.

Ela assim o fez, e ele se acomodou entre as mesmas.

—Se levante apoiando nas mãos e nos joelhos.

Também o fez, e arqueando a coluna com as mãos, Temple lhe acariciava todo o corpo.

—É tão preciosa —murmurou.

Vivian ficou de joelhos, pressionando suas costas contra o peito dele. Moveu um braço para trás, e o pegou para aproximar-se inclinando a cabeça de forma que pudesse beijá-la nos lábios. Enquanto o fazia,

Temple acariciava seus mamilos e o sexo, enquanto entrelaçavam suas línguas.

Lentamente, ele deixou de beijá-la, e se ajoelhou na cama com as pernas entre as de Vivian, que seguiu o jogo e se deixou guiar, até que o pênis de Temple se introduziu no úmido sexo dela.

—Tome, Vivian —gemeu ele—. Me leve para dentro de você.

A travessa sorriu maliciosamente por cima do ombro e foi baixando seu corpo até acolher seu membro por completo. moveu-se lentamente, ainda mais que se moveu ele. Quando por fim a teve penetrado de tudo, Temple começou a suar.

O suave contato de seu corpo e suas excitadas palavras eram a tortura mais intensa que jamais tinha experiente. Vivian se movia acima e abaixo, deixando entrar e sair seu pênis, até que lhe cravou as presas e a segurou com força pela cintura.

O cabelo de Vivian acariciava o peito e o estômago de Temple, e inclusive chegava a fazer cócegas nas coxas. Solto-lhe os quadris, e, com uma mão, afastou o cabelo. A outra mão a dirigiu entre suas coxas. Podia atormentá-la igual havia feito ela com ele; e voltou a procurar o clitóris com seus dedos. A jovem estremeceu.

Temple apertou sua cara contra o ombro e as costas de Vivian; a tensão de seu interior estava a ponto de desatar. Podia ouvir sua própria respiração, que soava irregular, coisa estranha pois ele não respirava como os humanos.

Nesse momento não havia nada mais além deles dois. Nada mais importava, nem Villiers, nem o futuro. Nada. Podia morrer nesse momento e, quando se encontrasse com o Criador, sentiria-se feliz porque, por um momento, tinha experimentado o que era estar em paz consigo mesmo. Totalmente feliz.

Porque tinha conhecido Vivian.

—Goze para mim —foi seu último pedido, pois sabia que estava a ponto de alcançar seu próprio clímax—. Agora.

E Vivian chegou ao orgasmo. Este foi longo e potente, e a moça chorou todo o tempo.

Seu prazer fez que ele obtivesse o seu. Seu corpo se esticou e parecia que estalava dentro dela. Deu uma última investida, afundando-se em seu interior, enchendo-a enquanto soltava um gemido contra suas costas.

Desabaram sobre a enrugada cama. Estavam um junto ao outro, abraçados; Temple se levantou o suficiente para puxar os lençóis e cobri-los.

Acariciou-lhe o quadril, incapaz de deixar de tocá-la apesar de estar exausto.

—Não te mereço —admitiu. E não a merecia. O que havia feito para merecer semelhante presente? E por que diabos não podia ele a lhe dar o que ela desejava?

—Não —respondeu Vivian com um bocejo—. Acredito que merece algo melhor.

A garganta de Temple se esticou de tal modo diante desse comentário, que foi incapaz de articular palavra alguma. Assim a beijou no ombro, e a abraçou com força se por acaso tentava escapar.

E então, na escuridão onde ninguém podia ver sua cara ou adivinhar seus pensamentos, disse a si mesmo que valia a pena arriscar-se a ganhar seu amor.

Na manhã seguinte, Vivian levantou justo depois do amanhecer, incapaz de dormir um minuto mais. Temple se agitou, mas disse que seguisse dormindo e, milagrosamente, fez caso.

Banhou-se no quarto ao lado, trocou de roupa e pegou uma camisa limpa e umas calças, e então subiu ao andar de acima. Marcus teria ido há umas horas para terra firme, mas havia outras coisas com que podia ocupar o dia. Podia ler mais sobre Lilith. Podia seguir treinando com o

pessoal. Podia fazer milhões de coisas para evitar ignorar como seus sentimentos para Temple tinham crescido.

Devia ser o sexo. Era a única explicação. O prazer a tinha enchido de tal modo que confundia com amor.

Agora, só faltava acreditar. Mas seu coração não o fazia. Seguia insistindo em que, inclusive à luz do dia, de alguma forma, em algum momento, apaixonou-se perdidamente por Temple.

Só podia esperar que se desapaixonasse tão rapidamente como se apaixonou.

Entrou na cozinha e encontrou suas novas amigas sentadas tomando o café da manhã, tal como tinha suposto. Tinham posto um prato para ela na mesa, que Vivian encheu com salsichas e ovos. Pegou três pãezinhos frescos, recém saídos do forno e uma xícara de café fumegante.

Precisaria algo mais que um coração ferido para lhe tirar o apetite.

—Parece cansada esta manhã —comentou Shannon com sarcasmo—. Uma noite longa?

As outras garotas riram enquanto Vivian ruborizava.

—Sim, de fato sim. Você ao contrário parece que descansou bem. Será que sua noite não foi o suficientemente longa?

As risadas aumentaram, e inclusive Shannon se uniu a elas. É obvio, a garota parecia tão cansada como Vivian, e isso porque esta tinha uma facilidade de recuperação sobrenatural.

Depois do café da manhã, esperava encontrar algo que fazer que a mantivesse ocupada o resto do dia, mas seus planos foram por água abaixo quando encontrou com Kimberly no patamar da escada.

—Estava me perguntando se gostaria de me acompanhar a terra firme —disse a mulher—. Preciso de ajuda com uns recados e tinha pensado que possivelmente gostaria de sair da ilha um pouco.

Vivian quase a beijou. Esse era exatamente o tipo de distração que estava procurando.

—Estarei encantada de te acompanhar. Deixe que o diga a Temple.

Kimberly a deteve segurando-a brandamente pelo braço.

—Não o desperte. Já comentei com Agnes meus planos; se Temple acordar, ela o dirá, mas estaremos de volta no meio da tarde.

Isso a tranquilizou. Marcus havia dito que estava convencido que Agnes era inocente em toda aquela confusão. Chegou a essa conclusão no dia que coincidiu com ela na balsa, ao ver que a moça não sabia nada das verdadeiras intenções da Ordem, e que a todo momento acreditava que o que estava fazendo era para ajudar Vivian e, por extensão, aos vampiros e à irmandade. Apesar disto, ela não tinha intenção de confiar tão facilmente na garota.

Em troca sim confiava em Kimberly.

—Quando quer sair? —perguntou, esperando que a resposta fosse logo. Desejava sair dali antes que Temple despertasse. Queria esclarecer suas idéias antes de voltar a vê-lo.

A diretora sorriu e consultou o relógio de parede que havia justo atrás delas.

—O barco que aluguei estará pronto em meia hora. Deixe que pegue meu casaco e iremos até o cais em minha carruagem.

Vivian não podia acreditar na sorte que tinha tido. Pegou também seu casaco, apesar que tudo apontava que ia ser um dia quente. Às mulheres e aos vampiros da Academia O Jardim não importava seu estilo de vestir, mas havia muita gente em terra firme que se escandalizaria se a visse com calças. Ir só de camisa era pior ainda. Também escovou e penteou o cabelo.

Saíram após dez minutos, e a carruagem já estava esperando.

Kimberly conduzia e Vivian estava encantada que se encarregasse ela. Levantou a cara para o céu e inspirou profundamente o ar fresco. Adorava as manhãs de verão, quando a relva ainda estava úmida de orvalho e o ar era doce e fresco, ainda não tocado pelo calor do sol.

Kimberly falou de coisas inócuas, como quanta vontade tinha que

voltassem as estudantes, e como desfrutava dirigindo a escola. Vivian a escutou interessada, falando quando era necessário e contente de escutar o resto do tempo. Gostava da companhia da mulher. E pensar que em algum momento tinha chegado a estar ciumenta dela.

Entraram com a carruagem na barcaça que as esperava, e em pouco já estavam indo para a outra borda.

—Muitas vezes alugo um barco —comentou Kimberly enquanto percorriam um caminho com alguns buracos—. É muito mais cômodo que esperar a balsa. Só há duas por dia.

—Imagino que deve ser muito frustrante estar sempre a mercê das marés —disse Vivian.

—Não tem nem idéia —respondeu sorrindo sua companheira.

Permaneceram em silencio durante um momento. A jovem aproveitou para olhar a preciosa paisagem que tinham ao redor, tão rústica e verde, com arredondadas colinas. As ovelhas punham uma nota de cor nos prados, como se fossem pequenas nuvens no céu.

—Nossa primeira parada é na casa de um vendedor local de roupa —explicou Kimberly—. Preciso comprar uns tecidos para novas cortinas no dormitório.

Não havia dúvida de por que tinha pedido a Vivian que a acompanhasse. Uma mulher do tamanho de Kimberly não poderia carregar tanto tecido sozinha.

Conduziram durante meia hora ou três quartos e se detiveram no jardim de uma casa confortável que se via animada, mas não tanto como seria de esperar de um local comercial. De fato, não parecia absolutamente uma loja.

—Ainda é cedo —disse Kimberly quando Vivian fez esse comentário—. O proprietário é um conhecido meu e me permite vir fora do horário comercial.

—Que sorte —respondeu a jovem ao descer do veículo. Naquela

casa, havia algo que não encaixava, mas não era capaz de dizer o que.

Seguiu Kimberly ao interior. Dessa vez não se sentia como uma torpe gigante ao lado da outra mulher de menor estatura, mas forte e capaz, preparada para brigar.

Isso deveria havê-la feito dar-se conta que se tratava de uma armadilha, mas não notou isso até que entrou e viu Rupert de pé diante de uma mesa.

Ficou aniquilada. A princípio, ver seu antigo mentor tinha causado alegria, mas então vieram à memória as histórias que os vampiros tinham contado, e recordou que quase tinha matado Violet Carr, e essa alegria desapareceu como água entre os dedos.

Rupert se aproximou com os braços abertos.

—Vivian! Minha querida!

Ela esquivou seu abraço, e, por um momento, pôde fixar-se em Kimberly, que os contemplava com expressão satisfeita.

—Que demônios é isto? —perguntou.

Villiers deu outro passo para ela e, quando Vivian voltou a retroceder, baixou os braços, com um gesto de decepção na cara.

—Acreditava que estaria contente em me ver.

—E por que acreditava nisso? —riu incrédula—. Depois de tudo que fez?

Sua expressão endureceu.

—Assim é verdade. Te envenenaram e puseram contra mim.

Vivian se voltou para Kimberly. Vários homens tinham entrado também na habitação e os flanqueavam. Amparo para Rupert, pensou. Guardas para ela.

—O que fez? —Disse à mulher—. Como pode trair Temple desta maneira?

Kimberly lhe dirigiu um olhar de súplica.

—Vivian, tente entender. Lilith é mais importante que você ou Temple. É mais importante que minha própria vida.

Ela ficou boquiaberta.

—Forma parte disto. Faz parte disto há muito tempo.

—Desde o começo —respondeu Villiers contente ao ver que a mulher não dizia nada—. Minha querida Kimberly nos ajudou muito em minha busca e no planejamento.

—Com certeza que sim —respondeu Vivian tensa, com o olhar ainda fixo naquela a que tinha considerado sua amiga—. Traiu a todos.

—Não a todos —recordou Rupert—. A mim não. Por enquanto, não. Kimberly lhe lançou um inquisitivo olhar.

—Nunca te trairia, Rupert. Sabe. —Gesticulando para Vivian, acrescentou—: Não sou como ela.

OH, não. Só Deus sabia o que Kimberly tinha contado a Rupert. O que a mulher tinha ouvido sobre os planos dos vampiros, ou o que teria contado gente de sua confiança.

Rupert se aproximou da mulher sorrindo com doçura.

—Sei, querida. Sei que nunca me trairá. —E então, sua mão fez um movimento no ar diante dela, e a expressão do rosto de Kimberly mudou de repente.

Até que Vivian não viu o sangue caindo sobre seu vestido, não entendeu que Rupert não só tinha agitado a mão no ar, tinha lhe cortado a garganta com uma adaga longa e fina. O sangue caiu do vestido ao carpete, enquanto o corpo de Kimberly se desabava lentamente no chão, a vida escapando pouco a pouco.

Vivian tinha ficado sem fala. Nem um grito de alarme saiu de sua garganta, nem um soluço. Não podia pensar e não podia mover-se. O choque a tinha deixado cravada no chão. Mas embora pudesse se mover não havia nada que pudesse fazer por ela. Ninguém a podia salvar.

Tinha desejado que Kimberly enfrentasse às conseqüências de seus atos, mas aquilo? Não, não merecia morrer sangrando aos pés de um homem que não tinha tido nem a decência de sentir um pouco de pena.

Um homem que agora se dirigia a Vivian, ignorando à mulher no

chão, que estendia o braço para ele, perdendo sangue a fervuras pela garganta.

—E agora, querida —disse Rupert enquanto se aproximava segurando a adaga como um pintor segurando um pincel, dedicando a Vivian um grande sorriso—, O que vamos fazer com você?

Capítulo 18

Vivian tinha ido. Outra vez.

—Tem por costume desaparecer? —perguntou Saint, admirando a figurinha de bronze que havia sobre o suporte da chaminé.

—Não —respondeu Temple, ocultando sua preocupação e sem afastar a vista de seu velho amigo. Saint era um ladrão excelente, e alguns hábitos são difíceis de romper.

Havia voltado Vivian a passear? Tinha retornado com o Villiers ou jazia ferida e inconsciente em outra das armadilhas de Temple?

Bishop arqueou as sobrancelhas com desconfiança.

—É possível que nos tenha traído?

—Não —respondeu com brutalidade. Ele mesmo tinha descartado essa possibilidade logo que lhe passou pela mente. Vivian não era capaz de trai-lo. E se negava a acreditar no contrário.

—Espero que esteja bem. —Olivia acariciou o estômago ao dizê-lo. Tinha muito melhor aspecto; não cabia dúvida que Vivian a tinha ajudado.

—É amiga das garotas —refletiu Temple em voz alta—. Poderíamos perguntar a elas.

—Irei eu —se ofereceu Marika com seu peculiar acento—. Me visto como Vivian, assim talvez se sintam mais cômodas falando comigo.

Temple aceitou. Marika não intimidava tanto como Prudence, que era uma dama em todos os sentidos da palavra, nem era tão impactante como Ivy, com sua descarada personalidade. Tampouco parecia tão temível como Olivia. Não, Marika era forte e capaz, mas com seu raro acento e seu peculiar aspecto parecia não encaixar; seguro que as garotas a aceitariam como uma delas.

—Obrigado —disse Temple—. Agradeço isso de verdade. —Logo se dirigiu aos outros—. Quem me ajuda a rastrear pelos arredores?

Todos se ofereceram voluntários, inclusive Molyneux.

O vampiro olhou o sacerdote e decidiu que não era boa idéia.

—Padre, se importaria muito ficar e esperar que Marcus retorne? Estou ansioso por escutar seu relatório e gostaria de vê-lo logo que chegue.

Molyneux não era estúpido, mas como tampouco era arrogante, sorriu agradecido a Temple e respondeu:

—Adorarei ser útil, monsieur Temple.

O grupo nem sequer teve tempo de organizar-se. Marika abriu a porta para sair e Marcus apareceu do outro lado, cansado e preocupado. Só vendo-o, Temple soube que suas notícias não eram boas. E teve que resignar-se a escutar antes de ir procurar Vivian. Escolha da que não gostou o mínimo.

—O que aconteceu? —perguntou ao jovem logo que este entrou na sala.

—Temos um traidor entre nós —anunciou Marcus com solenidade.

Temple fechou os olhos. «Não é Vivian.»

—Quem é? —exigiu saber, olhando Marcus e só ele. Não queria ver a especulação que veria nos olhos de seus amigos.

—Kimberly. —A voz do jovem soou séria e cheia de desaprovação—. Está confabulada com Villiers.

Kimberly? Temple franziu o cenho, incapaz de acreditar no que estava ouvindo.

—Está certo?

O outro assentiu.

—Já a tinha visto sair antes às escondidas, mas esta manhã levou Vivian com ela a terra firme. Temple, a levou para a guarida de Villiers.

Houve uma época em que teria acreditado que Vivian era a verdadeira culpada, que seria ela quem teria levado Kimberly e não o contrário, mas já não. Não foi fácil convencer-se que sua antiga amante e velha amiga o tinha traído, mas tinha sentido.

Vivian não faria algo assim. Em troca Kimberly acreditava ferventemente no poder de Lilith, e só Deus sabia o que teria contado Villiers para que se unisse a sua causa.

—Viu-as entrar na casa? —perguntou Temple.

—Sim. Kimberly ia na frente. Vivian parecia desconfiada, reticente inclusive.

Isso deixava tudo claro. Sua Vivian não pareceria alterada se de verdade quisesse trai-lo e entregá-lo a seu antigo mentor. Se fosse assim, estaria convencida que estava fazendo o correto, e seria ela que iria diante.

—Quanto tempo ficaram? —perguntou. E, o mais importante—. Onde estão agora?

A expressão de Marcus não ajudou em nada a aliviar o nó que sentia nas vísceras. De fato, piorou.

—Meia hora depois que entrassem na casa, Villiers pediu que trouxessem uma carruagem. Pouco depois, ele e Vivian saíram do edifício e subiram nela. Estava muito pálida, e Villiers parecia sentir-se muito satisfeito consigo mesmo.

Só o que evitou que Temple começasse a gritar como um louco foi saber que o homem não faria mal a Vivian. Ao menos no momento. Ela era vital para seus planos, e a manteria sã e salva até que conseguisse fazer realidade seus sonhos. Mas agora Villiers tinha a mão ganhadora. Seguro que sabia que Temple iria atrás dele, para salvar Vivian, ou para

pôr um ponto final em suas maquinações.

—Também vi sair dois homens carregando um saco que parecia conter uma pessoa. Estava manchado de sangue.

Chapel ficou horrorizado.

—Matou Kimberly?

Marcus o olhou.

—Acredito, embora não fiquei para comprovar se ela saía depois da casa. —Voltou a dirigir-se a Temple—. Os segui. Sei aonde Villiers levou Vivian.

Nesse instante, Temple estava a ponto de lhe dar um abraço.

—Não temos muito tempo —se lamentou. Já tinha escurecido, mas que fosse verão e os dias mais longos, pesava contra eles. Faltavam menos de doze horas para que o sol saísse de novo. Quer dizer, tinham menos de doze horas para traçar um plano, resgatar Vivian e deter Villiers.

Graças a Deus que podiam voar.

—Já enfrentamos isto antes —disse Reign—. Podemos fazê-lo.

—Villiers sabe que vamos —recordou Temple a todos—. Temos que agir com cuidado. Devemos ser mais preparados que ele. Esta noite, não bastará ser mais fortes e mais rápidos.

—Temple tem razão —o secundou Payen. Temple quase se esqueceu dos novos vampiros—. Villiers sobreviveu todo este tempo graças a seu engenho e seus contatos, ambas as coisas demonstraram ser mais perigosas que acreditávamos a princípio.

Reign assentiu.

—Esses fodidos bastardos estiveram sempre um passo adiante de nós. Tanto como grupo como individualmente.

Embora como frase possivelmente não fosse a mais eloqüente, Temple concordava completamente com Reign.

—Devemos ficar alertas. Quando tudo isto acabe, o único sangue derramado tem que pertencer aos membros da Palma de Prata.

A sede de sangue, junto com o conhecimento que se aproximava uma batalha, prendeu fogo nos ânimos dos presentes. As conversas aumentaram, assim como o volume de suas vozes, até o ponto que Temple mal pôde ouvir que alguém batia na porta.

—Silêncio —ordenou, com a voz de um homem que está acostumado que o obedeçam. Seiscentos anos sem levar espada não mudam algo assim. Como tampouco o fato que quando ele falava seus homens escutavam. A sala ficou em silêncio, e o vampiro foi abrir a porta.

Uma moça de cabelo avermelhado estava na soleira. Parecia nervosa, e seu olhar esquivou de Temple até centrar-se em algo, ou melhor dizendo, em alguém, e por fim relaxou e sorriu.

Temple olhou por cima de seu ombro e viu Marcus atrás dele, olhando à garota com tanta ternura que quase dava vergonha vê-lo.

—Shannon —disse ele—, O que aconteceu?

A garota deu um envelope a Temple.

—Acaba de chegar isto para você, senhor. Trouxe-o um mensageiro que vinha da outra ilha.

—Obrigado. —Pegou a carta. Não havia remetente, mas isso não tinha importância. Sabia quem a tinha mandado—. Já pode ir.

A garota fez uma ameaça de reverência e, antes de dar meia volta, derreteu Marcus com o olhar.

—Parece que Villiers decidiu deixar claras suas condições. —Levantou o envelope para que todos pudessem vê-lo antes de romper o selo. A nota estava escrita com uma caligrafia arrogante e pomposa.

—«Meu prezado senhor Temple —leu—: não vou perder nem meu tempo nem o seu com brequices ou frases sem sentido. Tenho à preciosa Vivian de novo em meu poder. Se sua vida significar algo para você, venha ao seguinte endereço antes do amanhecer. Já sabe o que acontecerá se não o fizer. Seu, Rupert Villiers.»

Temple enrugou o papel entre seus dedos.

—Filho da puta.

—Ao menos não sabe que estamos a par do que correu a Kimberly —disse Reign—. Isso subtrai poder de negociação, não?

—Tem Vivian —respondeu Temple entredentes—. E isso lhe dá poder mais que suficiente.

Todos os olhos pousaram sobre ele quando Chapel perguntou:

—A ama?

Temple franziu o cenho.

—E por que diabos acredita que isso é da sua conta?

—Claro que a ama —respondeu Saint—. Por que não reconhece, Temple?

Ainda com as sobrancelhas enrugadas, ele se absteve de responder e deu as costas a todos.

—Faremos o que for necessário para trazê-la de volta. —Foi Bishop quem falou. Bishop, que minutos antes estava disposto a acreditar que Vivian era uma traidora. Essa repentina mudança de opinião se devia a Temple, e não a jovem—. Só nos diga o que temos que fazer.

Temple os olhou decidido.

—Eu vou fazer exatamente o que me pede esse bastardo. E todos irão o mais longe daqui que seja possível.

Atacar Rupert tinha sido um engano, pensou Vivian pela enésima vez depois de ter dado um murro no que tinha sido seu mentor. Ela podia desarmar um homem com facilidade, e assim o tinha feito. Para falar a verdade, estava convencida que tinha lhe quebrado a mandíbula.

Mas claro, os guardas de Rupert eram outro assunto; isso tinha sido mais complicado e não demorou para descobrir que a ultrapassavam em número.

E teve sorte de sair só com o nariz ferido. Um deles a golpeou com força nas costelas antes que Rupert ordenasse que se detivessem. Logo,

o cretino, disse que atassem suas mãos à costas quando ainda corria o sangue por toda a cara.

Nesse instante, estava sentada em uma cadeira, em um velho armazém, não muito afastado da casa de Rupert. No meio do quarto havia algo que parecia um altar, com um monte de vasilhas de cristal ao seu redor. Fosse o que fosse que havia nesses potes estava coberto de sangue. E nas paredes havia algemas, nove no total.

As necessárias para Temple e seus amigos. Vivian teve a horrível sensação que ia terminar em cima daquele altar. Se não conseguisse escapar antes, claro. E agora que sabia Rupert era desprezível, estava decidida a tentar. O único motivo que não o tinha atacado na casa era ver se podia averiguar onde estava esta, para dizer a Temple.

O sangue do nariz gotejava, escorria pelo lábio e logo pelo queixo. Pequenas gotas vermelhas manchavam a camisa e as calças.

—É uma lástima que seu amante não esteja aqui para te lambar — zombou Rupert, levando um lenço ao lábio partido e passeando de um lado para o outro na frente dela.

Vivian o olhou. Olhou-o com atenção.

E não gostou do que viu. Como podia ter acreditado que era um bom homem? Não admirava que soubesse de Temple. Seguro que Kimberly tinha contado. Estava tão zangada com ele, custava tanto assumir que era um ser tão cruel que inclusive tinha deixado de doer que o traísse. Saber que ela nunca tinha significado nada para Rupert era no fundo um alívio. Não queria ter nada a ver com esse monstro.

—É uma lástima que tenha matado sua amante —o atacou ela. Tinha as mãos atadas, mas se tivesse oportunidade, ainda poderia lhe dar um bom chute.

Nos olhos de Villiers apareceu um desejo tão intenso que Vivian teve vontade de gritar.

—Não demorarei para ter uma substituta.

Deus santo. Ela jamais supôs que a atitude do homem para ela

pudesse ser algo mais que paternal. Rupert a desejava, sexualmente, e tinha intenções de possuí-la. Aquela vez que acreditou que ia beijá-la, estava certa.

—Por que? —perguntou, tratando de não pensar no sangue que caía sobre a boca. Cuspiu no chão—. Você não me ama.

O bastardo riu.

—Não, não te amo e você tampouco me ama. E não me importa o mínimo. Desejo-te. Será útil para meus planos, e por fim será minha.

—Não por vontade própria, Rupert.

Deu de ombros.

—Isso tampouco importa muito, querida. —afastou o lenço do lábio, olhou-o e o guardou de novo no bolso—. Suponho que deveria agradecer a Temple por eliminar a trava de sua virgindade. Assim, as coisas serão muito mais fáceis.

Vivian não pôde evitar uma careta de asco, mas ao fazê-la doeu seu nariz.

—Temple tinha razão. Oxalá tivesse o escutado antes.

—Não demorou muito em fazê-lo. Zombou—. Digamos que não demorou muito em trocar de lado. Depois de tudo o que fiz por você.

Durante um segundo, e só um, as palavras de Villiers tiveram o efeito desejado. Fizeram-na sentir culpada e envergonhada, como uma traidora. Mas então se deu conta que não podia trair um traidor.

—Você jamais disse quem era, ou o que isso significava.

Ele a olhou como se estivesse louca.

—É obvio que não.

Era óbvio que Villiers não ia dar nenhuma explicação, mas se o fizesse, Vivian tampouco a teria escutado.

—Utilizou-me.

—Te dava tudo o que necessitava. Tudo o que queria —recordou sem nenhuma emoção—. Me deve isso. Logo que seu querido Temple

apareça para te resgatar verá como foi útil.

Vivian riu. Riu até que os olhos se encheram de lágrimas, sem humor e sem dor.

Rupert deixou de caminhar para olhá-la.

—Que demônios é tão engraçado?

—Você. —Respirou fundo e quase engasgou com seu próprio sangue. Tossiu, mas não pôde deter as gargalhadas. Deus santo, estava ficando louca—. Acreditar que Temple virá me salvar. Não o fará.

Não, provavelmente o vampiro a estivesse amaldiçoando, convencido que por fim tinha conseguido escapar dele. Seguro que pensava o pior de Vivian; e de si mesmo, por ter acreditado nela.

E, se por acaso se inteirasse que a tinham seqüestrado, era o suficientemente preparado para saber que era uma armadilha, e não ia cair nas mãos de Rupert. A maneira mais rápida de deter tudo aquilo era não ceder às exigências de Villiers.

Seu antigo mentor tampou sua cara com um trapo de algodão. Vivian não soube de onde saiu, mas deteve a hemorragia de seu nariz. Embora também doeu muitíssimo quando o apertou contra o rosto golpeado. Por ter as mãos atadas à costas, não pôde afastá-lo, assim que lhe deu um forte chute entre as pernas, e teve a satisfação de vê-lo cair no chão gemendo em silêncio.

Vivian saltou da cadeira, derrubando-a, e correu para a porta. Com os braços atados ficava difícil, e cada passo que dava fazia que as costelas doessem ainda mais, mas seguiu adiante.

Ao chegar na porta, deu-lhe um chute. Um. Dois. O terceiro a lançou pelos ares.

Por desgracia, o ruído atraiu dois guardas de Rupert, que apareceram correndo para investigar. Pôde dar um chute a um, mas o outro conseguiu derrubá-la.

—A amarrem no altar —gritou Villiers por trás dela.

Os homens a pegaram um por cada braço. Vivian lutou, esperneou

e se sacudiu apesar da dor que sentia no torso e na cara. Eram homens muito corpulentos, e com os braços imobilizados, não pôde opor muita resistência. Arrastaram-na até o outro extremo do quarto, e a jogaram sobre o altar sem olhar, deixando-a sem fôlego. Quando soltaram as algemas, respirou dolorida, mas imediatamente a deitaram sobre as costas e lhe capturaram os pulsos com uns grilhões que estavam cravados no próprio altar. Fizeram o mesmo com os pés, mas precisou que os dois homens se colocassem em cima para mantê-la quieta, enquanto outro a encadeava.

Vivian deixou de lutar. Não tinha escapatória e só conseguia fazer-se mais mal. O melhor seria que conservasse suas forças para quando tivesse outra oportunidade de escapar.

Rupert se aproximou coxeando até ela, para observá-la igual o doutor Frankenstein. Talvez fosse assim como a via em realidade. Como sua criação.

—Fique cômoda, querida —disse contente—. Vai ficar aqui até que cheguem os vampiros, e esteja certa que virão. Já verá. Estão convencidos que podem me derrotar.

Pareceu que lhe sorria, mas não estava segura.

—Derrotarão—replicou ela, fechando a cara apesar das circunstâncias. Melhor que Rupert seguisse pensando que os vampiros iam acudir. Embora Vivian rezava para que não o fizessem.

Ele riu.

—Não. Não me derrotarão. Desta vez não. —Se aproximou e disse em tom conspirador—: Tenho comigo cento e cinquenta homens.

Vivian tragou saliva e notou o sabor metálico de seu próprio sangue na garganta. Cento e cinquenta homens. Um exército.

—Todos e cada um deles levam armas confeccionadas com prata, e as algemas com que vou reter a seus amigos estão feitas do mesmo metal. Investi muito tempo e dinheiro nisto, e tenho intenção de sair bem.

—Está louco.

Uns dentes brancos apareceram entre seus lábios ensangüentados.

—Prefiro acreditar que sou um homem decidido. Desde que descobri a existência dos vampiros e de Lilith soube que meu destino era me converter no destinado a despertar à deusa e governar ao seu lado.

Despertar à deusa? Vivian teria ficado boquiaberta não fosse porque tinha a sensação que um cavalo tinha pisado na sua cara.

—Vai matá-los. —Dar-se conta disso a encheu de desespero. Lágrimas ameaçaram cair, mas as controlou. Teria tempo para isso mais tarde... se é que saía dali com vida.

—Sacrificá-los —corrigiu Rupert—. Vou oferecê-los a sua mãe como sacrifício. Junto com estas outras oferendas. —Assinalou a mesa em que estavam as vasilhas—. As escrituras rezam assim: «Os nobres órgãos de cinco mulheres perdidas mesclados com o sangue de cinco vampiros da primeira geração farão voltar para a vida à Mãe, e a liberarão de sua prisão. Isso é o que preciso para que Lilith volte a ser humana.

Os nobres órgãos de cinco mulheres perdidas? Os assassinatos de Londres. Para isso queriam os úteros.

Deus santo, ia vomitar. Respirou fundo pela boca, em uma tentativa por controlar as arcadas. Morrer afogada em seu próprio vômito misturado com seu sangue não ia ajudar em nada Temple.

—E o que acontece comigo? —perguntou. Por estranho que parecesse, Vivian não tinha medo do que pudesse acontecer a ela. Só podia pensar em Temple, e em Olivia e Reign e em seu filho não nascido. Mataria Villiers com suas próprias mãos antes de permitir que algo mau acontecesse a Temple ou àquele bebê—. Também serei sacrificada?

A mão com que lhe acariciou a bochecha foi suave como uma pluma. O brilho de seus olhos só podia definir-se como carinhoso, e, com orgulho, baixou a vista para olhá-la.

—É obvio que não. Você é minha escolhida, Vivian.

—Escolhida para que?

Outro de seus condenados sorrisos.

—«Uma mulher de seu próprio sangue dará à Mãe um novo corpo.»

Quando Lilith ressuscite, necessitará um corpo em que viver. E eu vou lhe dar o teu.

Capítulo 19

—As mulheres deveriam ficar aqui.

Temple riu na cara de Reign. Estavam inspecionando o baú de armas que o primeiro tinha em seu quarto no porão.

—Vá você e me conta como foi.

Seu amigo não achou graça.

—Não quero que Olivia corra perigo.

A risada de Temple se esfumou de repente, e este pôs uma mão no ombro de Reign.

—Entendo, mas de verdade acredita que te deixará ir ali sem ela?

Uma expressão de resignação apareceu no rosto do outro vampiro, mas em seus olhos estava claro do tão orgulhoso se sentia de sua mulher, sentada no outro extremo do quarto, com calças e afiando uma navalha.

—Não. Está decidida a chegar até o final e salvar Vivian.

Temple se emocionou.

—Estou muito agradecido a ambos.

Reign o olhou de soslaio.

—De verdade acreditava que íamos deixar que enfrentasse à Ordem sozinho?

Temple deu de ombros.

—Seria o mais inteligente. Você tem Olivia e seu filho. Todos estão casados. Por que iriam se colocar de cabeça em uma armadilha quando posso ir sozinho?

Seu amigo se voltou para ele.

—Possivelmente porque a ordem nos machucou a todos? Ou porque queremos que tudo isto termine? Ou não será porque nenhum de nós quer que perca à mulher que ama? Ou que te parece se digo que o fazemos porque não queremos perder você? —Ia elevando o tom de voz a cada pergunta—. Deus, Temple. Me diga que de verdade não é tão estúpido.

O que fazia, ria ou lhe dava um murro?

—Nunca disse que a amasse —respondeu. As palavras se travaram na língua ao dizer.

—Não é necessário. A todos é evidente; exceto a ti, claro.

Só o que Temple pôde fazer antes que Chapel se unisse a eles foi enrugar a testa.

—Frank deveria ficar aqui —disse Chapel, referindo-se ao padre Molyneux.

—É obvio. Quer que fale com ele? —Que fácil era para Temple assumir o papel de líder, inclusive depois de tantos anos.

O outro assentiu e foi cumprir com sua missão. Não foi difícil convencer o sacerdote que ficasse. O homem estava doente, e sabia; e também sabia que se ia seria uma carga mais que uma ajuda.

O plano era bastante simples. Marcus penetraria no imóvel de Villiers aproveitando a escuridão. Se tinham sorte, ninguém se daria conta, e se isso acontecia, o jovem tinha o anel e sempre podia dizer que era um membro da Ordem.

Payen e Violeta ficariam na retaguarda e esperariam que Temple e os outros tivessem entrado. Embora Violeta estivesse impaciente por vingar-se de Villiers, sabia que o mais inteligente era que se mantiveram

ocultos até que os outros necessitassem sua ajuda. Sua presença possivelmente provocasse que Rupert fizesse alguma loucura.

—Eu gostaria de dizer uma prece antes que fossem —anunciou Molyneux aos presentes quando viu que estavam preparados para partir.

Temple não sabia até que ponto Deus podia ajudá-los, mas seguro que não era mal pedir que lhe desse uma mão. Deu seu consentimento e indicou a todos que se aproximassem. Formaram um círculo, deram-se as mãos e inclinaram as cabeças enquanto o sacerdote rogava a Deus que os protegesse. Não podia dizer que Temple era um homem religioso, mas quando ouviu que Molyneux acrescentava Vivian em sua prece, deu-lhe um salto no coração.

Depois de rezar, concederam a Marcus uns minutos para que pudesse despedir-se de Shannon. Era óbvio que a moça estava muito preocupada com seu amante, mas como boa irlandesa agüentou bastante bem. Se o jovem conseguia sair daquilo com vida, e Temple ia fazer tudo que estivesse em suas mãos para garantir que fosse assim, seguro que os dois teriam um brilhante futuro por diante.

Outro motivo mais para que essa noite terminasse o quanto antes. Quanto antes matassem Villiers e esmagassem à ordem, antes poderiam retomar suas vidas.

Suas vidas. Temple não se permitiu pensar nesse conceito durante muito tempo. Só no dever e em suas responsabilidades. Ninguém tinha pedido que o fizesse, simplesmente ele tinha assumido assim. Desse modo era mais fácil agüentar a solidão.

Quando tudo aquilo terminasse, outro poderia encarregar-se do Graal do Sangue. Ou talvez o poderiam seguir mantendo em peças separadas, para assim compartilhar a carga. Seria agradável não ter que estar escondido todo o tempo. E, para variar, dedicar-se a não fazer nada.

Mas Temple se aborrecia se não tinha o que fazer. Talvez pudesse

viajar, fazer tudo que não se permitiu durante séculos.

Vivian iria com ele? Ou preferiria entregar seu coração a um homem que soubesse apreciá-lo? Assim ela poderia ser mais feliz, mas só imaginá-la com outro homem o fazia ter vontade de arrancar a cabeça de alguém. Poderia ser a desse outro homem imaginário.

Finalizadas as despedidas, e com o plano já em marcha, o seguinte era partir. Marcus voaria com Temple, já que o jovem era o único do grupo que não possuía tal habilidade. Se moverem pelo ar seriam mais difíceis de detectar, embora Villiers contasse que fizessem precisamente isso. Por outro lado, voar era também mais rápido que ir de balsa, e tempo era algo que não podiam permitir-se perder.

—Temos que ir —disse, reunindo todos.

Foram para o telhado da escola para, dali, elevar vôo, pois, por ser um lugar elevado, faria a saída muito mais fácil. Marcus se segurou nas costas de Temple para poder ver melhor e também para não entorpecer os movimentos do vampiro. Voar com alguém nos braços, ou pendurado pelo pescoço, não era nada fácil.

Temple foi o primeiro a saltar do telhado, e os outros o seguiram. Dirigiram-se para o norte da outra ilha, virando um pouco para tomar o rumo exato. O vampiro não teve mais remédio que confiar na memória de Marcus, embora para o jovem era quase impossível ver algo na escuridão, e muito menos dessa distância. Por sorte, ele podia ver a perfeição, e graças a impecável memória de Marcus guiaram os outros até a guarida de Villiers.

Aterrissaram no telhado. Não havia nenhum guarda à vista, o que não surpreendeu Temple. Rupert Villiers não queria evitar que entrassem. Ao contrário, seguro que ia recebê-los com os braços abertos.

Ao chegar no extremo do telhado, o vampiro se deteve e se dirigiu a seus companheiros.

—Quero que saibam o muito que significa para mim que tenham

vindo comigo esta noite.

Ninguém se moveu. Para falar a verdade, todos pareciam zangados com ele. Saint incluso o fulminou com o olhar, e disse:

—De verdade acreditava que íamos te deixar fazer isto sozinho? Não seja idiota. Esta é também nossa luta.

Temple sorriu.

—Então, vamos dar uma surra em Villiers. —Foi um grito de guerra tão bom como qualquer outro. Embora possivelmente menos efusivo que outros que tinha pronunciado no passado, nem por isso menos sanguinário.

—Boa sorte —desejou Payen, dando uma palmada no ombro—. Estaremos ali quando nos necessitarem.

Temple agradeceu e viu que o vampiro se afastava, mas sua mulher continuava ali. Violeta o olhou incômoda, e finalmente disse:

—Espero que Vivian esteja bem.

—Eu também—respondeu ele com um leve sorriso, e então ela foi atrás de seu marido.

Payen e Violeta se esconderam entre os ramos de um carvalho próximo, na parte detrás do edifício. Dali, poderiam ver ou ouvir se necessitavam ajuda sem que os homens de Villiers os detectassem e, por outro lado, estavam bastante perto do lugar onde tinham aterrissado todo o grupo para que seu aroma passasse despercebido a um nosferatu, em caso que os da casa tivessem um. Temple confiou que não fosse assim. Os nosferatus eram bastardos muito difíceis de matar.

Saltaram do telhado que ficava entre as sombras, a um jardim que havia abaixo. Ali, Saint abriu o ferrolho de uma porta que levava ao subsolo e Marcus se deslizou no interior. A partir dali, o jovem estava sozinho.

—Vá com cuidado —disse Prudence.

—Sempre o faço—. Marcus sorriu, mas Temple pôde ver um pouco de medo em seus olhos. Seria um estúpido se não estivesse assustado.

Se as coisas saíam mal essa noite, podiam acabar todos mortos.

Os vampiros esperaram até que o jovem desapareceu de tudo, e ainda um pouco mais para assegurar-se que ninguém tinha detectado sua presença. Quando viu que se acendia uma luz no interior, Temple relaxou um pouco. No momento, tudo ia bem.

—Acredita que a porta de entrada estará aberta? —perguntou Bishop com um sorriso, e seus pontudos dentes resplandeceram na luz da lua.

Temple lhe devolveu o sorriso.

—Se não estiver, logo estará.

Como era de esperar, estava. Villiers estava pondo ridiculamente fácil isso de entrar. Embora devia ter fechado, pelo menos, assim os teria ouvido entrar.

Dentro, tudo estava em silêncio. Temple escutou e pôde ouvir a inconfundível voz de Villiers procedente do andar inferior.

—Estão no porão.

—Suponho que não quererá que o sol nos frite antes do tempo — comentou Saint.

Um a um, todos se viraram para olhá-lo.

—O que? —Saint deixou claro com o olhar que pensava que eram todos idiotas—. O que disse tem sentido.

Por desgracia, tinha. Era lógico que Villiers tivesse escolhido a parte do edifício que o sol não chegava.

Seguiram andando e desceram a escada movendo-se com o maior sigilo possível. Temple pôde cheirar Marcus. O jovem tinha passado por ali sozinho, o que era bom sinal.

No porão se entrava por uma única porta, e a partir desta as vozes podiam escutar-se com maior claridade. Temple ouviu Vivian, e o coração deu um pulo. Estava bem. Estava viva.

O ferrolho estava quebrado, como se tivessem dado um chute de dentro. Temple sorriu, e não teve nenhuma dúvida que a jovem tinha

tentado escapar e quase tinha conseguido.

Não se incomodou em pensá-lo duas vezes, nem sequer duvidou uns segundos. As vacilações desembocavam na morte de gente inocente, e em oportunidades desperdiçadas. Simplesmente, abriu a porta arrancando-a de suas dobradiças, lançou-a ao centro do quarto e entrou, seguido de seu pequeno exército.

—Olá, Rupert.

Temple tomou nota do que o rodeava; dos guardas que começavam a aproximar-se, das algemas que penduravam da parede e Vivian. Estava presa num altar, no centro da sala, com Villiers ao seu lado contemplando-a muito satisfeito.

—Meu prezado senhor Temple. É um prazer voltar a vê-lo. —Então, olhou atrás deles—. Cavalheiros, nossos convidados chegaram.

Temple deu meia volta e viu que um monte de guardas tinham entrado na habitação junto com vários homens muito bem vestidos que sem dúvida pertenciam às mais altas filas da Palma de Prata.

A violência explodiu em questão de segundos, mas pareceu demorar muito mais. Temple se dava conta de tudo, pois tinha os sentidos a flor de pele.

Agarrou um dos guardas pelo pescoço e o lançou pelos ares, ignorando a dor que lhe causou a adaga de prata que este afundou em seu braço. A outro o estampou contra a parede do porão. Marika deu um chute no peito e, no ar, ressonou o ruído dos ossos rompendo-se.

—Já basta! —gritou Villiers.

O aroma de um sangue muito familiar alagou as fossas nasais de Temple e este deu a volta mostrando os dentes e proferindo um grito tão selvagem que a ele mesmo custou reconhecê-lo como próprio.

Vivian.

Villiers havia feito um corte, tinha rasgado sua perfeita pele de marfim cortando-a na bochecha. A jovem moveu a cabeça e o vampiro pôde ver que tinha o nariz torto e arroxeadado. O tinham quebrado.

Temple olhou seu inimigo, preparado para atacar. Ia matar aquele bastardo. Villiers sorriu.

—É tão previsível, senhor Temple. Sabia que correria aqui para salvar Vivian.

—Suponho que já é muito tarde para salvar Kimberly, não? — replicou ele com voz calma—. Ou acaso não a matou esta mesma manhã?

O outro inclinou a cabeça pensativo.

—Tem alguém me espiando, Temple? Que agudo de sua parte. Ocorreu a você sozinho?

Detrás dele, Reign emitiu um rugido baixo e ameaçador ao ouvir seu tom condescendente, mas Temple não reagiu. Villiers estava tentando provocá-los. Gostava de acreditar que tinha certo poder sobre eles.

E em realidade tinha. Outros possivelmente estivessem dispostos a arriscar a vida de Vivian, mas Temple não. E o homem sabia.

—Não vai sair desta com vida, Villiers —prometeu.

Rupert o ignorou.

—Tudo isto seria muito mais fácil se vocês nove se colocassem na frente das algemas que há na parede. —Assinalou-as com uma mão—. Do contrário, verei-me obrigado a fazer outro corte nesta querida moça.

Os guardas os ameaçaram com suas baionetas banhadas em prata. Os lugares-tenentes de Villiers se colocaram junto dele no altar e sorriram satisfeitos.

Temple deu um passo para as algemas antes que Saint o detivesse.

—Não o faça.

Sorriu com tristeza.

—Tenho que fazer. Antes me perguntou se a amava, acredito que agora já sabe qual é minha resposta. —E com essa confissão seguiu caminhando até colocar-se na frente do primeiro par de grilhões.

Não importava entregar sua vida em troca da de Vivian. O que mais

o atormentava era que ela jamais soubesse o muito que a amava. Isso lhe doía no mais profundo de seu coração.

Villiers deslizou a adaga pelo pescoço da jovem, sem cortá-la, mas aplicando suficiente pressão para deixar uma marca.

—E agora todos os outros, ou a matarei.

Não era brincadeira, e os vampiros eram conscientes disso. Para o que fosse que necessitassem Vivian, não era necessário que estivesse com vida, ou ao menos não de tudo.

—Não o fazemos porque você o diz —respondeu Reign, dando um passo e conseguindo assim que uma baioneta apontasse para seu rosto—. O fazemos por Temple.

Villiers fez uma careta.

—Que bonito. Deixem de falar e ponham os grilhões.

O peso que Temple sentia no peito aumentou ao ver todos os seus amigos seguindo-o até as algemas. Estavam se sacrificando por ele. Por Vivian.

Bishop o olhou ao aproximar-se.

—Espero que saiba o que está fazendo.

Sabia, tentava sobreviver a qualquer preço e salvar sua amada.

Quando todos estavam em seu lugar, alguns guardas se aproximaram para prender os grilhões. A Temple bastou cheirá-lo uma vez para descobrir a identidade de seu guarda, apesar que levava o rosto coberto com um capuz. Uns brilhantes olhos azuis o saudaram por baixo do mesmo. Era Marcus. Colocou os grilhões de prata ao redor dos tornozelos, pulsos, coxas, peito e braços. O metal o queimou, mas só onde tocava a pele, e Marcus os tinha deixado o suficientemente soltos para que não doessem.

O bastante soltos para que pudesse rompê-los e soltar-se.

Do altar, Vivian observou como os vampiros se rendiam. Sabia que o faziam tanto por ela como por Temple, podia vê-lo nos olhos de Olivia, Pru, Ivy e Marika. Estavam fazendo aquilo porque ela lhes

importava, e porque sabiam que amava a Temple. Seus olhos se encheram de lágrimas e as derramou envergonhada. Como era possível que reagissem assim? E, apesar da dor, o coração se encheu de amor por cada um daqueles vampiros. Pela primeira vez em muitos anos sentia que formava parte de uma família, e estava disposta a morrer para protegê-los a todos e cada um deles.

Puxou as algemas de aço que a retinham no altar, mas estas nem sequer cederam um pouco. Pela primeira vez se sentia débil e indefesa. Enquanto a frustração secava as lágrimas, viu que Temple a estava olhando; sentiu um nó na garganta e ficou paralisada. Havia amor no olhar do vampiro. Vivian não sabia desde quando esse sentimento estava ali, nem o que havia feito para merecê-lo, mas estava ali.

«Isto não é o final, maldito seja.»

—Excelente —os felicitou Villiers—. Agora já podemos começar. —Deu um tapinha na cabeça de Vivian, igual estava acostumado a fazer quando era pequena e queria tranquilizá-la. Bastardo.

—Cavalheiros, se forem amáveis.

Vivian só podia jazer ali indefesa enquanto Villiers e seus capangas pegavam cinco grandes taças de prata que havia no altar, uma em cada extremo e a quinta perto da cabeça dela. Nessas taças verteram o conteúdo das vasilhas que havia na outra mesa. Ao ver os úteros, sentiu que a bÍlis lhe amargurava na garganta.

Distinguiu Marcus vestido como se fosse um dos coroinhas, com uma túnica escura. Se ele estava livre, sinal que Temple tinha um plano. Payen e Violeta deviam estar em alguma parte, esperando para atacar.

—Agora os amuletos —ordenou Villiers.

Cinco homens deram um passo à frente e arrancaram os medalhões que Temple, Reign, Saint, Bishop e Chapel levavam no pescoço. Por que os teriam posto? Sem todos os elementos do ritual, Rupert não podia seguir adiante com aquela loucura. Mas bastou ver a cara de Temple para saber que aquilo também formava parte de seu plano. Os homens

encapuzados levaram os amuletos até o altar e os colocaram em suas respectivas taças. Villiers sorriu, com os olhos resplandecentes por causa da demência, que era aterradora, pois ele acreditava estar lúcido. Só importava o poder.

—E agora o sangue.

Dessa vez, quatro guardas mais se uniram aos outros cinco. Cada um ia armado com uma longa e curvada adaga de prata.

—Não! —gritou Vivian. Esticando as costas, girou a cabeça para Villiers e suplicou ao homem que tinha sido como um pai para ela—: Por favor, não o faça.

Rupert lhe colocou a mão na testa.

—Tudo isto é por nós, Vivian. Quando terminar, agradecerá isso.

Quando tudo aquilo terminasse, ela já não seria a mesma. Talvez fosse uma bênção. A dor de perder Temple não seria tão aguda se outro ser se apoderava de seu corpo e de sua mente.

—Agora! —gritou Villiers.

Os homens elevaram as adagas, que resplandeceram à luz das velas. E o sangue começou a escorrer do pescoço dos vampiros. Ao fazer os cortes com folhas de prata, as feridas não cicatrizariam tão rápido.

Uma estranha calma se apoderou de Vivian. Um vampiro não podia morrer sangrando, isso sabia. Os cortes terminariam por fechar, e Temple e os outros alcançariam seu estado mais selvagem, o que permitiria romper as algemas, e arremeter contra tudo o que se interpunha em seu caminho. Isso no caso que Rupert os fizesse perder muito sangue. Mas se este o fazia bem, só os debilitaria. E Vivian estava convencida que o bastardo estava fazendo precisamente isso.

Mas ainda havia uma possibilidade para Temple e outros.

Os capangas de Rupert recolheram o sangue dos vampiros nas taças de prata. O líquido salpicou e lançou faíscas ao entrar em contato com o metal. Os guardas não fizeram conta, igual ignoravam a dor que

tinham causado nas suas vítimas e que se refletia em seus rostos. Os olhos de Vivian voltaram a encher-se de lágrimas, mas se negou a fechá-los ou a afastar o olhar.

Em cima dela, Rupert entoava uns cânticos em uma língua estranha. Não era latim, parecia mais gaélico. E quanto mais se concentrava Vivian em escutá-la, mais sentido adquiriam as palavras. Era a língua de Lilith... e ela a entendia.

Rupert suplicava à deusa que despertasse de seu sono, que aceitasse seu sacrifício e voltasse de novo para a vida, ao seu lado. Os guardas se aproximaram, levando as taças até o altar. Rupert afundou um dedo na primeira, o sangue de Temple, e desenhou uma linha na testa de Vivian. Com o sangue de outra taça atravessou outra linha desenhando algo que ela não podia distinguir, mas cada risco o fazia com o sangue de um vampiro distinto. Enquanto não deixava de cantar, de suplicar a Lilith que aparecesse.

Vivian entendeu mais palavras; estava dizendo à deusa sobre os «órgãos nobres», e que oferecia uma mulher de sua estirpe para que utilizasse seu corpo. Oferecia Vivian para que tomasse posse dela, e a seguir esvaziou as taças em umas terrinas que a rodeavam.

Na estadia se fez o silêncio, como se de repente a tivessem despojado de todos os sons. O altar tremeu debaixo de Vivian e ela não pôde evitar gritar assustada. Estava funcionando. OH, Deus, fosse o que fosse o que estava fazendo Rupert estava dando resultado.

Desviou os olhos para Temple, que lutava contra as algemas enlouquecido. A ferida do pescoço ainda sangrava, e estava pálido e empapado de suor. O metal que segurava os pulsos se rompeu. Estava a ponto de soltar-se.

Das terrinas que havia junto aos pés de Vivian começou a surgir uma névoa. O mesmo no que tinha junto às mãos, e supôs que o mesmo fenômeno estava se produzindo no que estava perto de sua cabeça. A névoa se converteu em uma fumaça de doce aroma que alagou os

pulmões da jovem e se aferrou a seu coração.

Aquilo era o final. Lilith ia possuí-la. Não importava o quanto resistisse, ou que Temple conseguisse saltar-se. Em poucos segundos, ela deixaria de existir.

E então os dedos que apertavam seu coração se afrouxaram, e sentiu como se algo se afastasse levando uma pequena parte de seu interior consigo.

Aos pés do altar, a névoa se espessou e começou a tomar forma. As velas piscaram e de repente Vivian a viu.

Lilith. Nua e sem um pinga de vergonha. Bela e terrível. Era como ver-se em um espelho deformado. Suas feições se pareciam muitíssimo às suas, mas ao mesmo tempo era completamente diferente.

E os olhos da deusa não só tinham a cor das tormentas, mas também soltavam raios e trovões. Sua gloriosa cabeleira se esparramava sobre seus ombros, e chegava abaixo da cintura. Sua pele resplandecia com um brilho que nenhum humano poderia aspirar a reproduzir jamais.

Ficou olhando Vivian. Esta fez o mesmo, incapaz de afastar a vista, presa no poder de sua antepassada. Não estava assustada, e logo que Lilith deduziu quem era ficou furiosa. A jovem soube que não era ela quem devia temer por sua vida.

Villiers, por sua parte, parecia não compreender nada.

—Funcionou! —Sua risada retumbou por todo o porão e levantou os braços em sinal de triunfo—. O poder de Lilith é meu!

A deusa voltou a cabeça e viu os vampiros presos no muro, sangrando. Logo, voltou a olhar Vivian antes de levantar a vista e fixá-la em Rupert e nos homens que este tinha atrás.

—Como se atreve? —disse. Sua voz era como a noite, escura, profunda e cheia de estrelas —. Fez mal a meus filhos e ainda acredita que tem direito de me exigir algo?

Piscou perplexo.

—Minha senhora? —Tragou saliva —. Me ofereço para ser seu companheiro.

Ela o ameaçou com o olhar, e seu rosto empalideceu e ficou inclusive mais ameaçador.

—Como se eu fosse te aceitar.

Rupert ficou branco como papel. Seu olhar desenquadrado pousou em Vivian, que seguia algemada e indefesa sobre o altar.

—Supunha que ia entrar dentro de ti —sussurrou transtornado—. Puta, colocou tudo a perder!

Vivian sentiu uma dor dilaceradora ao mesmo tempo que uma adaga afundava em seu coração. Arqueou as costas com um grito e desabou sobre a pedra.

E já não sentiu mais nada, exceto a vida escapando.

Capítulo 20

Temple gritou ao ver Villiers apunhalar à mulher que amava. Jogou-se para frente e por fim conseguiu romper as algemas que o mantinham preso. Marcus correu para ajudar os outros a soltar-se enquanto os guardas fugiam para salvar suas vidas, escapando da morte. Reign foi o primeiro a ficar livre, e logo seguiu o resto, mas Temple não se uniu ao calculado ataque de seus amigos, que rasgavam os guardas como se fossem figurinhas de papel, mas correu para o altar e para a mulher que estava sangrando em cima dele.

—Vivian! —gritou chegando junto dela. Mas era muito tarde. Soube com apenas um olhar. Estava quieta e pálida; a adaga de Villiers tinha atravessado seu coração.

Temple desabou sobre o altar, débil e a meio caminho da loucura.

Lágrimas de sangue correram por seu rosto enquanto acariciava o corpo de sua amada. Não podia salvá-la. Estava já morta quando a balançou entre seus braços.

Então ouviu um grito nos pés do altar, tão cheio de dor como o seu, e levantou a vista para a mulher que o soltou. A mãe de todos os vampiros afastou o olhar do corpo sem vida de Vivian e o cravou furiosa em Villiers.

Nesse preciso instante, este pareceu dar-se conta do perigo que corria. E fugiu.

E Temple, louco de dor e desenquadrado pela perda de sangue, deixou o corpo de Vivian de novo sobre o altar e correu atrás do homem que a tinha matado.

—O detenham! —Gritou Villiers ao passar junto dos guardas—.Salvem-me, idiotas!

Os muito idiotas fizeram conta. Dois deles trataram de interceptar Temple. Não eram nenhuma ameaça para o vampiro, mas conseguiram dar um pouco de margem a Villiers. Bastardo. Que classe de líder se preocupava mais consigo mesmo que com seus homens?

Temple nem se incomodou em utilizar as presas. Limitou-se a agarrar ambos os guardas pela nuca e golpear a cabeça de um contra o outro. Caíram a seus pés, em um silêncio estranho, tendo em conta os gritos que os rodeavam. Não sabia se os tinha matado, e não se importava.

Esquivou-os de um salto e perseguiu Villiers. Um após o outro, os membros da Palma de Prata tentaram interceptá-lo, mas ele os destroçou como se fossem meras cascas de ovo. Pela extremidade do olho viu Bishop e a Marika descer sobre um dos homens bem vestidos, mostrando as presas. Pelo modo que Marika o olhava, soube que era algo pessoal, e Temple supôs que seria um dos membros da Ordem que os enfrentaram na Romenia.

Com aqueles homens mortos, a Ordem da Palma de Prata

terminaria por desaparecer. Mas isso não causou a Temple a mesma satisfação que haveria sentido se Vivian estivesse viva.

Subiu correndo a escada. A ferida do pescoço estava se curando, e a raiva que sentia amortecia qualquer rastro de dor. Ao longo de sua vida tinha recebido feridas piores, mas jamais, jamais tinha tido tanta ânsia de sangue como naquele instante.

Villiers não estava muito longe. A essência do terror se grudava nele como o perfume de uma puta. Seu fedor alagou as fossas nasais do vampiro e suas presas alcançaram sua máxima extensão. Em tal estado, poderia apanhar qualquer homem, mas deixou que corresse um pouco mais. Deixou que acreditasse que ia escapar.

Sua presa chegou no exterior, e ele o seguiu. Quando saiu a plena noite, viu Villiers oscilando como um pêndulo, com os pés suspensos por cima da relva e a mão de Violeta Carr na garganta, segurando-o por cima de sua cabeça.

—Solte-o — ordenou Temple. Mostrou-lhe os dentes.

— É meu! Tentou matar Payen.

Temple não ia discutir com ela.

—Matou Vivian.

Uma expressão de dor substituiu a de sede de vingança que havia no rosto da vampira. Por trás, seu marido colocou uma suave mão no ombro. Devagar, Violeta depositou Villiers no chão, e Temple se aproximou e o pegou pelos braços.

Estava tremendo, mas mantinha sua integridade. Em qualquer outro homem, sua coragem seria algo admirável.

—Tudo saiu mal —disse Rupert olhando o vampiro—. Tudo saiu mal.

Temple o estudou por segundos. Todos tinham sofrido muito por culpa daquele homem. Por ele, seus amigos tinham enfrentado um grande perigo e tinham arriscado tudo o que tinham, embora no final tinham encontrado às mulheres às que tanto amavam.

Ele também tinha encontrado à mulher que amava. E por sua culpa a tinha perdido. Não havia um inferno bastante escuro para aquele ser malvado. Nenhuma dor suficientemente intensa.

Mas nada que Temple fizesse, nenhuma tortura que pudesse infligir conseguiria trazer Vivian de volta. Nada poderia alterar o fato que ela se foi para sempre. Matar aquele bastardo não produziria nenhuma satisfação.

Temple lançou Villiers de novo para Violeta.

—Faz devagar —disse—. E que seja muito doloroso. —E então deu meia volta e se afastou dali, com as súplicas e os gritos do homem retumbando em seus ouvidos.

Retornou ao porão, onde a luta tinha começado a diminuir. Só restavam uns poucos membros da Ordem em pé, tratando defender-se dos vampiros, de Marcus e de Lilith. Esta os sacudia como se fossem bonecos de pano.

Temple não se incomodou em juntar-se a eles, mas foi direto ao altar, onde Vivian seguia deitada. Estava pálida, inerte, e tinha perdido tanto sangue que sua camisa parecia negra. Sentou-se ao seu lado, sobre a polida pedra, e com dedos intumescidos acariciou sua bochecha; sentiu um nó na garganta que apenas o deixava respirar.

Estava destroçado. Doía tanto a alma que duvidava que pudesse superar algum dia. Era como se tivessem arrancado uma parte de si mesmo para não devolver jamais.

Uma lágrima ardente escorregou pela bochecha, seguida por outra.

O que sentia por Vivian não se devia só a seu sangue. Não sabia bem o que era... Sua força talvez. Sua lealdade. Como se sentia a seu lado. O modo em que o fazia sorrir. Ou talvez fosse que estando com ela não tinha a sensação que tivesse que ser o melhor. Não tinha que ser um líder. Não se via obrigado a ser sempre o mais forte. Simplesmente, podia ser ele mesmo.

Fosse o que fosse, tinha conseguido que a amasse. E agora se foi

sem nem sequer sabê-lo.

Seus amigos se aproximaram dele. Ao seu redor, a morte impregnava o ar, mas eles ficaram ali, lhe fazendo companhia e lamentando a perda de Vivian junto ao seu corpo sem vida.

Tocaram o ombro de Temple ou suas costas, tentando consolá-lo, mas não serviu de nada. Nada poderia consolá-lo. O mundo era um lugar vazio e escuro que já não queria seguir tomando parte.

Soltou os grilhões que ainda seguravam os pulsos e tornozelos de Vivian e a pegou em braços. Estava débil, mas não tanto que não pudesse abraçá-la. Não estava tão seco que não pudesse seguir chorando por ela até que seu coração dissesse basta.

Apenas notou que o recinto ficou em silêncio, exceto por uns quantos lamentos. Temple notou uns fortes dedos sobre sua cabeça lhe acariciando o cabelo com um gesto muito maternal. Levantou a vista e viu o compassivo olhar de Lilith fixo nele.

—Deixei alguns para você—disse com sua voz tão escura, mostrando uns quantos homens que seguiam com vida, agachados no chão—. Se alimente e recupere suas forças. Deixe a menina comigo.

Referia-se a Vivian. Temple negou com a cabeça com violência, e apertou o corpo de sua amada com força contra seu peito.

—Não. Não quero soltá-la.

A deusa sorriu serena e baixou a mão para tirar a adaga do peito de Vivian. Logo, pegou a jovem dos braços de Temple como quem tira um brinquedo de um menino pequeno.

—Vá se alimentar, filho —repetiu, antes de abrir o pulso com a mesma adaga—. Eu me encarregarei de seu amor.

O vampiro deu um passo atrás, mas foi preciso que Lilith voltasse a olhá-lo com seus olhos desumanos para que por fim se separasse de Vivian. Deixou-a ali com a deusa, que se sentou nua e salpicada de sangue sobre o altar, embalando a moça entre seus braços.

Temple não queria comer. Não importava se alimentasse ou não,

mas sentiu um pouco de satisfação ao deixar seco um dos homens que tinha presenciado a morte de Vivian, e desfrutou disso igual um lobo devorando um coelho, participando do banquete com o resto de sua manada.

—Filho —disse a voz de Lilith a suas costas.

Temple deu meia volta, e também seus amigos, que já tinham recuperado quase por completo as forças. Marcus, como era de se esperar, foi quem levou a pior, mas pelo menos não o tinham matado. Lilith estava no centro da estadia, e continuava segurando Vivian nos braços como se fosse uma recém-nascida.

Claro que, para ela, todos eram seus filhos.

—Já está pronta —disse Lilith, aproximando a jovem como se fosse um presente.

Temple deu um passo à frente. Que Lilith fosse mais alta que ele não importava. Que fosse tão forte e que emanasse tanto poder tampouco; nem que estivesse nua. O que não podia suportar era olhar seu rosto, contemplar aquelas feições tão parecidas com as da jovem, mas de uma vez também tão diferentes.

Optou por olhar Vivian e franziu o cenho. Tinha as bochechas rosadas? Estava respirando de verdade ou seus olhos estavam pregando uma peça? Agarrou-a dos braços da deusa, e quando acomodou seu peso contra seu torso sentiu através da roupa o calor que emanava do corpo de sua amada. Tremiam-lhe as pálpebras. Estava viva.

Levantou a vista para Lilith, que seguia diante dele. Sorriu e estava tão linda que até doía olhá-la.

—Dei para minha filha o presente da imortalidade —disse, enchendo o recinto de raios de luz da lua com suas palavras—. Suponho que vá querê-la ao seu lado.

Temple assentiu, e seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas dessa vez de alegria.

—Sim —respondeu.

Lilith deu umas palmadas.

—E, agora, vamos embora. —E, em seguida, apareceram línguas de fogo em todos os cantos da habitação, deixando um corredor pelo que sair. Com Vivian nos braços e junto com os outros, Temple seguiu a deusa nua para a escuridão.

As instalações de Villiers ficaram destruídas pelo fogo, e com elas o pouco que ficava da Ordem da Palma de Prata. Até no caso que algum de seus membros sobrevivesse, jamais poderiam voltar a causar tanto dano como Villiers. Agora que a deusa estava livre de sua prisão, já não tinham nenhum motivo para seguir existindo.

Lilith, que era muito mais agradável à vista sem todo aquele sangue e com um pouco de roupa, foi recebida na Academia O Jardim como a divindade que era. Duas das moças inclusive desmaiaram e agora que, por culpa da mal entendida lealdade de Kimberly já não tinham diretora, ela mesma se ofereceu para ocupar o cargo.

—Passei séculos escutando e aprendendo coisas sobre este mundo —disse aos humanos e vampiros que se reuniram ao seu redor—. Mas ainda falta muito para aprender. As mulheres da escola podem me ensinar tanto quanto eu a elas.

Certamente terminaria por cansar-se da ilha de Clare, mas no momento era o lugar perfeito para que ficasse em dia com o mundo atual. Agora que era humana, teria que aprender a proteger-se como tal, embora em realidade era quase impossível que alguém conseguisse lhe fazer mal.

—E você que é um homem inteligente —disse a Marcus—, ficará aqui e me ajudará a procurar Sammael.

O jovem arqueou as sobrancelhas, mas foi esperto o bastante para não negar-se. Além disso, ficar na escola equivalia a ficar com Shannon, e isso não incomodava o mínimo.

E restava Vivian. Quando o sol se pôs na noite seguinte a de sua «morte», estava quase recuperada. O sangue de Lilith a tinha convertido em vampiro, mas era diferente de todos os outros. Graças ao vínculo tão especial que tinha com a deusa, sua força e seus poderes podiam competir com os de Temple. E tinha algumas habilidades que ninguém podia explicar, como por exemplo «sentir» o bebê de Olivia e comunicar-se com ela até certo ponto.

—Ela? — O rosto de Reign se iluminou—. É uma menina?

Vivian assentiu.

—Estou convencida. —E dedicou aos futuros papais um sorriso—. E vai ser perfeita, não se preocupem.

Ambos a abraçaram e a beijaram nas bochechas antes de despedir-se de Temple. Agora que a aventura tinha terminado, todos decidiram continuar com suas vidas.

—Temos que voltar a nos ver logo —disse Olivia enquanto ela e o marido se preparavam também para partir—. Virá ver-me quando o bebê nascer?

Todos disseram que sim.

Payen e Violeta foram os seguintes a despedir-se, depois de pedir a Temple e a Vivian que os visitassem em sua casa de Bruxelas. A jovem tomou o convite como uma oferta de amizade e aceitou, apesar de não saber o que lhe proporcionaria o futuro em relação a Temple. No momento, conformava-se estando viva.

Mas não deixou de notar o olhar que o vampiro e Violeta trocaram. Vivian sabia que tinha sido ela que tinha matado Rupert, e se alegrava que Temple não o tivesse feito, apesar que esse final era exatamente o que merecia seu antigo mentor.

Continuando, chegou a vez de Bishop e Marika. Fizeram planos para reunir-se com Saint e Ivy em Paris em um par de semanas, e o modo que Saint abraçou sua «filha» antes de ir-se fez os olhos de Vivian se encherem de lágrimas.

Saint e Ivy tampouco demoraram muito em partir, e logo Chapel, Pru e Molyneux. Sua partida foi possivelmente a mais triste para Vivian.

—Não acredito que voltemos a ver o padre Molyneux —murmurou quando ficaram a sós. Temple a olhou preocupado. —É uma sensação ou um pressentimento?

Pegou suas mãos.

—Um pressentimento. Não ficará muito tempo neste mundo.

Não disse nada, mas se limitou a abraçá-la. Vivian adorava que a aceitasse tal como era, apesar de todas as suas mudanças.

Amava-o.

Nessa noite, Temple a levou ao povoado para que se alimentasse e ensinou como fazê-lo. Ele não tinha que preocupar-se, a moça não estava faminta nem tinha a falta de perícia própria dos vampiros jovens. Era como tivesse se convertido em um vampiro muito antigo.

Depois de comer, retornaram à escola em silêncio, conscientes que teriam que falar de todo o acontecido e do que ainda tinha que acontecer.

—De verdade está bem? —perguntou ele já na intimidade de seu quarto.

Vivian assentiu.

—Sim. —E era verdade—. Me sinto viva. Sinto-me forte e poderosa. Pela primeira vez sei o que sou, e não me envergonho disso.

Temple sorriu.

—Suponho que é normal que o sangue de uma deusa a faça se sentir assim.

Vivian lhe rodeou o pescoço com os braços, recostou-se nele e levantou a vista para aquele rosto atraente e anguloso.

—Não é o sangue de Lilith que me faz sentir assim. Me sinto deste modo desde a primeira vez que me olhou.

—Desde a minha jaula? —zombou o vampiro. Ela sorriu.

—Sim. Talvez porque estava drogado, mas senti que havia uma

conexão especial entre nós.

Temple riu e a aproximou dele. Então a abraçou com força e sua risada se desvaneceu.

—Te perdi. Quando Villiers te apunhalou acreditei que te perdia para sempre.

Vivian beijou seu pescoço.

—Jamais voltarei a te deixar... A não ser que queira que o faça.

Ele se afastou o suficiente para poder olhá-la nos olhos.

—Quero que fique ao meu lado. Não posso imaginar a vida sem você.

—Me ama. —Os olhos dela se encheram de lágrimas.

Uma doce e ardente sorriso curvou os lábios de Temple.

—Claro que sim. Não sei quando aconteceu, nem como, mas te amo. E faz tempo.

Aquilo sim era uma novidade. Vivian se voltou para trás para poder olhá-lo.

—Nunca disse nada.

—Porque era um idiota. Então não sabia o que sei agora. É a mais importante em minha vida. E me dei conta disso quando Villiers tentou te tirar do meu lado.

De certo modo, era irônico que Rupert, cravando a adaga no seu coração, tivesse tentado destruir o mesmo órgão que Temple queria que lhe entregasse. Ainda doía pensar que aquele homem queria vê-la morta. Mas não ia fazer nunca mais. E muito menos agora.

—Amo-te —disse Vivian a Temple. Sustentou seu olhar.

—Eu também te amo.

A jovem riu.

—Tendo em conta por tudo que passamos, dizer isso deve ter sido relativamente fácil para você.

Temple também riu.

—Tem razão.

E então deixaram de falar e de rir. Despiram-se um ao outro com lentidão, saboreando que por fim estavam sozinhos sem nada a se interpor entre os dois, sem planos ocultos nem desconfiança.

Quando ambos ficaram nus, Temple a levou até a cama e se ajoelhou entre suas pernas. Com olhos apaixonados olhou todo seu corpo, conseguindo fazê-la ruborizar e sentir um agradável comichão.

—Estarei eternamente grato a Lilith por ter permitido que retornasse aos meus braços —disse emocionado—. Se as coisas não tivessem terminado assim, não sei se teria sido capaz de tentar te converter em vampiro e correr o risco que acontecesse o mesmo que Lucinda.

—Eu acredito que teria feito; se de verdade fosse o que queria. — Sorriu—. Acredita que poderá me suportar toda a eternidade?

Temple sorriu por sua vez.

—Sim.

Então inclinou a cabeça e percorreu com a língua um de seus seios. Vivian gemeu.

—OH! Que sensação. —Ao converter-se em vampiro, todos os seus sentidos se aguçaram, e sentir a boca de Temple na sua pele era o prazer mais delicioso que nunca havia experimentado.

E aquilo era só o princípio.

A lambeu e mordeu até que sua pele se ruborizou. Atormentou seu outro seio com os dedos, acariciando o mamilo com ternura, apertando-o o suficiente para que Vivian se umedecesse e se arqueasse contra ele.

Então, deslizou seus quentes e ásperos dedos por seus lados, por seu ventre até o vale entre suas pernas. O corpo dela estremeceu enquanto separava os cachos com os dedos, acariciando-a com persistente doçura. Vivian segurou o cabelo de Temple, apertando os dentes para não gemer e suplicar que a tomasse ali mesmo.

Queria que aquele momento durasse tanto como fosse possível.

Continuou atormentando seu seio com a boca enquanto deslizava

um dedo entre os lábios de seu sexo, procurando e encontrando com facilidade seu centro de prazer, que tanto ansiava as carícias do vampiro. O desejo acendeu dentro dela, e a fez mover-se contra a mão de Temple.

Este afastou a cabeça da cálida e úmida pele de Vivian e observou como seus próprios dedos se deslizavam em seu interior. Olhou faminto essa parte tão delicada e exposta da jovem, que estremeceu ao ver o desejo no rosto de Temple, e deslizou uma mão para baixo para rodear com os dedos a ereção dele e apertá-la com carinho, movendo seus dedos acima e abaixo.

—Deseja-me? —perguntou o vampiro, arqueando os quadris.

—Sim. Agora —confessou ela.

Temple não pôde nem sorrir de tão seca que tinha a garganta. Manteve o olhar fixo em Vivian e deslizou seu pênis até a úmida entrada de sua amada. Ela separou um pouco mais as coxas e levantou os quadris em sinal de convite.

Temple hesitou um instante e logo soltou seu membro.

—Se me deseja, pegue você. Me ponha dentro de você.

As bochechas de Vivian avermelharam, mas seus olhos brilharam de desejo à luz das velas. Sua amazona era tão linda que o deixava sem fôlego. Estava tão excitada e úmida que dava vontade de comer, algo que tinha a intenção de fazer mais tarde.

—Me ponha dentro de você, Vivian —repetiu quase suplicando. Temple não se importava que ela fosse quase uma deusa, nem que certamente era mais poderosa que ele. Em seus braços, só importava que era dele e que ele era dela, e que entre os dois não havia nenhuma guerra de poder.

Vivian levantou os olhos para os seus e com uma mão segurou sua ereção e o guiou até a úmida entrada de seu corpo, retendo-o ali ao mesmo tempo que movia os quadris para deslizá-lo para seu interior.

Era condenadamente perfeita.

—Agora é com você —sussurrou no mesmo tom que ele tinha utilizado—. Tome.

Fez. Devagar, empurrou seu membro no interior de Vivian, que estava ansiosa por recebê-lo e que o envolveu como uma luva de seda. A jovem gemeu de prazer e levantou as pernas para que pudesse penetrá-la por completo.

Cada investida era mais profunda, mais insistente que a anterior. Temple se aferrou a ela enquanto Vivian o rodeava com as pernas. Estava tão apertada. Era tão doce. Seu corpo era flexível e ofegante sob o do vampiro.

—Quero te morder —gemeu ele.

Ela estremeceu e Temple sentiu o comichão como se fosse dele.

—E eu a você.

Dessa vez foi ele quem tremeu. Já o tinham mordido antes, mas a antecipação nunca o tinha afetado desse modo. O desejo foi maior que seus medos e inclinou seu corpo para Vivian, passando um braço pelas costas para poder erguer seus ombros e conseguir que seus pescoços ficassem na altura de seus respectivos lábios.

As presas dele se estenderam, depois de sentir um comichão nas gengivas de tanta vontade que tinha de afundar-se em Vivian. Perfurou em segundos a pele antes que ela fizesse o mesmo e o êxtase foi tão inesperado que Temple alcançou o orgasmo sem aviso prévio. Enquanto o doce calor dela deslizava por entre seus lábios e ao redor de sua ereção, sentiu-se transportado às estrelas. Vivian gritou, presa em seu pescoço, e seu corpo estremeceu de prazer ao alcançar também o orgasmo.

Ambos caíram sem força, e ficaram deitados em silêncio, incapazes de pensar em nada durante uns minutos.

—Se não tivesse te amado antes —zombou Temple—, agora com certeza o faria.

Vivian riu.

—O mesmo digo eu. —Voltou a cabeça para ele e lhe deu de presente esse sorriso que só têm as mulheres ao recuperar-se antes de seus amantes—. O que quer fazer agora?

Temple riu e a pegou entre seus braços, estreitando-a contra seu peito. Poderia passar a eternidade abraçando-a desse modo.

—Eu gostaria de te levar a Paris —disse—. E talvez a Rússia. Gostaria?

Ela se fez de tonta.

—Esta noite?

Temple sorriu.

—Não, mas logo. Esta noite terá sorte se conseguir me mover, assim viajar está fora de questão.

Vivian se aconchegou contra ele.

—Eu adoraria ir a França e a Rússia. Nunca estive em nenhum desses países.

—Temos toda a eternidade —recordou ele em voz baixa, deleitando-se como soava bem essa frase—. Podemos ir onde quiser e fazer tudo o que gostar.

—Tudo? —provocou-o ela.

—Dentro de determinados limites. Cair em um buraco no meio do bosque pode ser eliminado, é uma estupidez.

Rindo, Vivian se colocou por cima dele, com os olhos resplandecendo com tanto amor que Temple sentiu um nó na garganta.

—Estou tão contente de ter te capturado —murmurou.

Temple sorriu e afastou o cabelo da rosto.

—E eu me alegro de ter deixado que me apanhasse.

E então ela o beijou e ele se deu conta que de todas as decisões que tinha tomado, de todas as conseqüências que havia assumido, amar Vivian era a melhor de todas.

Epilogo

Nova Iorque, 2009

—Setecentos anos. —Temple negou com a cabeça e sorriu ao levantar a taça—. E às vezes sinto todos e cada um deles no corpo.

No outro extremo da mesa daquele restaurante francês tão exclusivo, Reign também levantou a taça.

—Por outros setecentos anos. Feliz aniversário, meu amigo.

Estavam todos reunidos, os dez, pela primeira vez desde o Natal do ano anterior. Depois de derrotar à Ordem da Palma de Prata, um século atrás, os vampiros se esforçaram para reunir-se freqüentemente, pois reconheceram que, se tivessem se mantido mais em contato, talvez a ordem não teria conseguido surpreendê-los como o fez.

Depois de uma ronda de felicitações, todos esvaziaram suas taças. Que estranho, pensou Temple, estar sentado ali, naquele lugar tão moderno, eles com ternos e suas esposas vestindo caros vestidos e penteados na última moda. Todos tinham o mesmo aspecto de um século atrás, mas tinham mudado, adaptando-se à moda da época. Inclusive Vivian, que continuava gostando de calças, levava um elegante vestido negro que deixava descoberta sua branca pele e destacava a indescritível cor vermelha de sua cabeleira.

No restaurante havia duas mulheres também ruivas, mas nenhuma delas era natural. E também havia outras tão altas como Vivian. De fato, naquela cidade, sua altura, seus lábios carnudos e seus olhos cor de bruma não eram considerados um defeito, a não ser algo fascinante. A

encantava viver naquela época, e Temple viu como se convertia em uma mulher incrivelmente segura de si mesma.

Se isso fosse possível, diria que a amava inclusive mais que no dia que Lilith a devolveu dos mortos.

Falando da deusa...

—Sabem algo sobre Lilith? —perguntou, bebendo um pouco mais de champanhe.

—O último que soube foi que estava na Grécia —respondeu Saint, acariciando as costas de sua mulher por trás da cadeira—. Acredito que alguém disse que tinham visto ali Sammael.

Bishop negou com a cabeça.

—Tenho pena dele... se chegar a encontrá-lo. —Estava sentado do mesmo lado da mesa que Saint, com Marika entre os dois. Apesar que esta sentia muito carinho pelo Saint, pelo modo que sorria para seu marido era óbvio que seu coração pertencia a Bishop. E se isso não fosse prova suficiente, bastaria ver a curva de seu ventre. Estavam esperando seu primeiro filho; tinham decidido arriscar-se e tomar o trem que Reign e Olivia tinham posto em marcha um século antes.

A filha deles, Dreux, batizada assim em honra ao amigo que havia se suicidado seis séculos atrás, estava na Inglaterra, onde frequentava à universidade noturna pela quinta vez consecutiva nos últimos cinquenta anos. Temple não tinha nem idéia do que estava estudando agora, nem entendia por que Olivia e Reign continuavam consentindo, quando era óbvio que era o suficientemente grande para ser independente. Tinha um apartamento alugado junto com James, o sobrinho de Olivia, e se entendiam bastante bem, apesar que todo mundo acreditava que Dreux era a irmã mais velha do jovem, quando, em realidade, este era vinte anos mais velho. James tinha se convertido em vampiro aos vinte anos, e o corpo de Dreux deixou de envelhecer ao alcançar os vinte e poucos, quando seus gens vampíricos alcançaram a maturidade.

Vê-la a distância era fascinante, mas com as histórias que Reign

contava, Temple ia pensar duas vezes antes de converter-se em pai.

Ao que parecia Saint tinha as mesmas reservas que ele, pois ele e Ivy ainda não tinham filhos. Chapel e Pru em compensação tinham dois. Uma menina chamada Francis, em honra a seu amigo, padre Molyneux, e um menino de nome Marcus. Ambos estavam também em alguma parte, abrindo caminho no mundo com seus noventa e setenta e cinco anos respectivamente.

Temple elevou a taça.

—Proponho um brinde. A Molyneux e Grei, dois dos melhores homens que jamais conheci.

Todos sorriram com tristeza e levantaram as taças para brindar. O sacerdote faleceu por causa de uma enfermidade pouco tempo depois de derrotar à Palma de Prata. Teve o tempo necessário para retornar a sua amada França e morrer em sua própria cama, com toda a paz que qualquer homem desejaria.

Marcus Grei morreu um ano depois que sua esposa Shannon, em 1970, aos noventa e oito anos de idade. Estava em uma escavação arqueológica no norte da Inglaterra, procurando restos normandos, quando o coração falhou. Enterraram-no junto com Shannon, na ilha de Clare. Seus cinco filhos continuavam vivos, igual todos seus netos, e um monte de bisnetos. E todos tinham sido abençoados com a longevidade de seus pais.

—Pela vida —disse Chapel—. Que possamos medi-la sempre com lembranças e não com anos.

—Pela vida —repetiu Temple com todos os outros. Pegou a mão de Vivian na sua ao levantar a taça—. E pelo amor, a única experiência que faz que todos esses anos valham a pena.

Os outros sorriram e zombaram dele por ser sentimental, mas quando Vivian se aproximou para beijá-lo, não se importou que o fizessem. Sentia-se feliz por ter junto dele à mulher que amava e todos seus amigos, e pensou em todas as aventuras que tinham vivido juntos

Tiamat - World

<http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

ao longo dos anos.

E em todas as que ainda iam viver.

Fim

Sobre Kathryn Smith



Meu marido diz que eu tenho o melhor trabalho no mundo. A única coisa que poderia superar ser paga para fazer o que amo é se os Livros da Avon decidissem que todos seus autores seriam alimentados de chocolate pelo Hugh Jackman ou John Cusack. Mas meu marido provavelmente não pensaria tanto em meu trabalho, então em troca eu lhe permito me alimentar com chocolate e sigo para sempre agradecida que tenho o marido — e o trabalho — melhores do mundo.

www.kathryn-smith.com

